Cornelia Funke

O SENHOR DOS LADRÕES

O SENHOR DOS LADRÕES

CORNELIA FUNKE

O SENHOR DOS LADRÕES

Ilustrações
Cornelia Funke

Tradução
Sonali Bertuol

2ª reimpressão

CIA. DAS LETRAS

Título original
Herr der Diebe

Ilustração da capa
Cornelia Funke

Mapa
Lothar Meier

Preparação
Rafael Mantovani

Revisão
Olga Cafalcchio Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Funke, Cornelia, 1958-
O senhor dos ladrões / Cornelia Funke; ilustrações da autora; tradução Sonali Bertuol. — São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
Título original: Herr der Diebe. ISBN 85-359-0530-8
1. Ficção — Literatura infanto-juvenil I. Título.
04-4444 CDD-02. 85
índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura infanto-juvenil 028. 5
2. Ficção: Literatura juvenil 028. 5

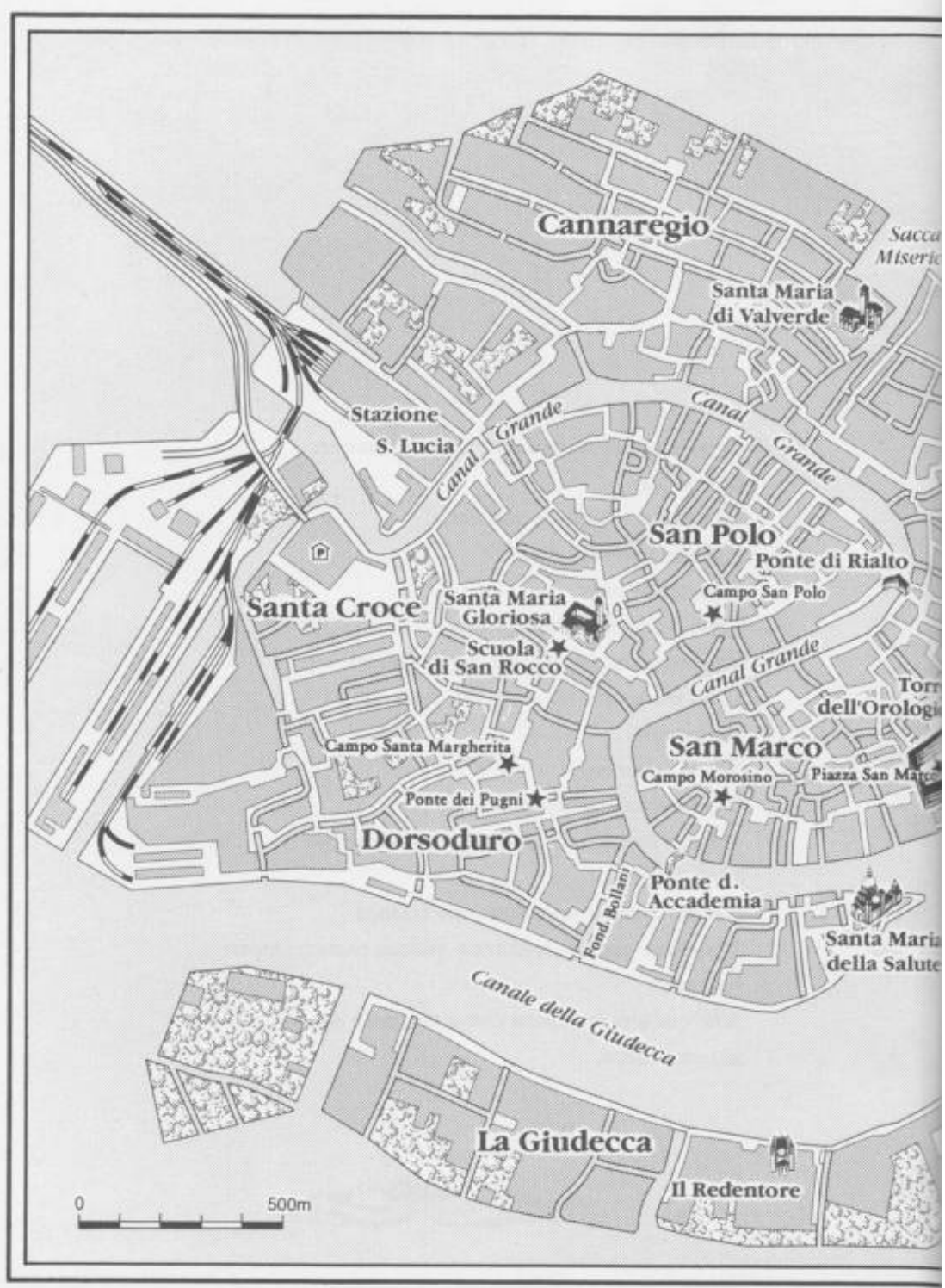
Algumas explicações

Accademia: Academia; nome no museu de arte mais importante de Veneza. A ponte da Accademia, de madeira, é uma das duas pontes sobre o canal Grande.
angelo: anjo
arriverderci: até logo, até mais ver
arrivederLa: até logo, até mais vê-la
avanti: em frente, entre!
basta: já chega!
Bricola: postes de sinalização para a navegação na laguna de Veneza; plural: *bricole*
buon giorno: bom dia!
buon ritorno: bom retorno!
buona notte: boa noite!
buona sera: boa tarde, boa noite!
calle: rua, viela, em Veneza também os canais
canal Grande: o principal canal de Veneza
canale: canal
cara: querida
carabiniere: policial; plural: *carabinieri:* polícia em geral
castello: bairro de Veneza
chiuso: fechado
conte, contessa: conde, Condessa
Palácio dos Doges: a sede do governo da República de Veneza
Dorsoduro: bairro de Veneza
dottore: doutor; antes do nome, diz-se *dottor*
Fondamenta: rua na margem de um canal
gondoliere: gondoleiro; plural: *gondolieri*
grazie: obrigado

isola: ilha
"la bella luna": "a bela lua"
lira: moeda italiana
leão: o símbolo da soberania da República de Veneza é um leão alado, que pode ser encontrado em muitos pontos da cidade e da região do Veneto. O leão de São Marcos segura uma tabuleta nas patas dianteiras. A inscrição *"paz tibi marce evanvelista meus"* significa "Esteja em paz, Marcos, meu evangelhista"
palazzo: palácio; plural: *palazzi*
pasticceria: confeitaria
pazzienza: paciência
piazza: praça; a praça São Marcos é a maior e mais bela praça de Veneza
piombi: os famosos calabouços de chumbo de Veneza
ponte: ponte; plural: *ponti*
ponte dei Pugni: "Ponte dos Punhos"
pronto: saudação ao telefone, pronto
Rialto: a margem esquerda do canal Grande no bairro San Polo; a ponte do Rialto é um dos símbolos de Veneza
riccio: ouriço (pronúncia: *ritchio);* diz-se também de quem tem cabelo encaracolado
"Ricordi de Venezia": lembranças de Veneza; suvenires
rosticceria: rotisseria
sacca: grande baía no interior da cidade
salotto: sala de estar
salve: cumprimento usado na Itália
san, santa, santo: são, santa, santo
San Marco: também: bairro de Veneza
San Polo: aqui: bairro de Veneza
scusi: desculpe!
sì: sim
Signor, signora: senhor, senhora, seguidos do nome
signore: senhor, quando não seguido do nome
Torre do Relógio: Torre dell'Orologio; construção do século XV na praça São Marcos. Um dos mais belos

leões de São Marcos está estampado em sua parede, num fundo azul com estrelas douradas. A torre é coroada com os dois “mouros”, que a cada hora cheia batem num grande sino com seus martelos.
“un vero angelo”: um verdadeiro anjo
va bene: está bem, ok
vaporetto: ônibus aquático; o meio de transporte usual em Veneza; plural: *vaporetti*
“Va tutto bene, signore: “Está tudo bem, senhor
Soltanto uma revisione”: É só uma verificação”
vietato l’ingresso: proibida a entrada

Para Rolf —
e Bob Hoskins,
que é igualzinho a Victor.

Os adultos não se lembram mais de como era ser criança.
Mesmo quando dizem que sim...
Eles não lembram. Acredite.
Esqueceram tudo.
Como o mundo parecia grande.
Que podia ser difícil subir numa cadeira.
Como era sempre ter que olhar para cima?
Esqueceram.
Não se lembram.
Você também vai esquecer.
Às vezes, os adultos falam sobre como era boa a sua infância.
Eles até sonham em voltar a ser criança.
Mas com o que eles sonhavam quando eram crianças?
Você sabe?
Acho que eles sonhavam com o momento em que finalmente seriam adultos.

VENEZA
San Michele
SS. Giovanni e Paolo
Calle del Paradiso
San Marco
Palazzo
Ducale
Riva degli Schiavoni
Arsenale
Castello
Canale di S. Marco
San Giorgio
Maggiore

1

Era outono na cidade da lua quando Victor ouviu falar de Próspero e Bo pela primeira vez. O sol refletia-se nos canais e revestia de dourado as velhas paredes das casas, mas o vento que vinha do mar soprava gelado, como se quisesse lembrar as pessoas de que o inverno estava chegando. Nas ruas, de repente, o ar tinha cheiro de neve, e o sol do outono aquecia somente as asas de pedra dos anjos e dos dragões em cima dos telhados.

O apartamento onde Victor morava e trabalhava ficava perto de um canal, tão perto que a água batia na parede lá embaixo. Às vezes, à noite, Victor sonhava que a casa afundava nas ondas junto com toda a cidade. Que o mar arrastava o dique, pelo qual Veneza se ligava ao continente como uma caixinha de ouro na ponta de um fino cordão, e engolia tudo: as casas e as pontes, as igrejas e os palácios que os homens tiveram a ousadia de construir tão perto da água.

Mas tudo ainda estava firme em suas pernas de pau. Victor, encostado na janela, olhava para fora através da vidraça empoeirada. Nenhuma outra cidade do mundo podia se orgulhar tanto de sua beleza como

Veneza. Os arcos e as ogivas, as cúpulas e as torres pareciam competir para ver qual deles brilhava mais à luz do sol. Assobiando, Victor virou de costas para a janela e se pôs na frente do espelho. “O clima perfeito para experimentar o novo bigode”, ele pensou, enquanto o sol aquecia o seu pescoço troncudo. Ele havia comprado aquela jóia no dia anterior: um imenso bigode, tão escuro e espesso que faria inveja a uma morsa. Ele o colou cuidadosamente debaixo do nariz, ergueu-se nas pontas dos pés para parecer um pouco mais alto, virou-se para a esquerda, para a direita... e estava tão absorto na sua imagem no espelho que só ouviu os passos na escada quando eles pararam à sua porta. Clientes. Droga! Tinham que vir incomodá-lo justo agora?

Com um suspiro, ele se sentou na poltrona da escrivaninha. Atrás da porta, alguém sussurrava. “Devem estar admirando a minha placa”, pensou Victor. Era uma placa preta e brilhante, com o seu nome escrito em letras douradas: VICTOR GETZ, DETETIVE. INVESTIGAÇÕES DE TODOS OS TIPOS. Ele mandara gravar os dizeres em três línguas, afinal muitas vezes era procurado por clientes de outros países. A aldrava ao lado da placa, uma cabeça de leão com um anel de latão na boca para bater, tinha sido polida por Victor naquela manhã.

“Mas o que estão esperando?”, ele pensou, e começou a tamborilar com os dedos no braço na poltrona.

— *Avanti!* — ele exclamou impaciente.

A porta se abriu, e um homem e uma mulher entraram no escritório de Victor, que era ao mesmo tempo a sua sala de estar. Eles olharam desconfiados para todos os lados, examinaram os seus cactos, a sua coleção de barbas e bigodes postiços, o cabideiro com os bonés, chapéus e perucas, o enorme mapa da cidade na

parede e o leão alado que servia como peso de papéis em cima da escrivaninha.

— O senhor fala inglês? — perguntou a mulher, embora o seu italiano não soasse mal.

— Mas é claro! — respondeu Victor, e apontou para as cadeiras que havia na frente da sua escrivaninha. — O inglês é a minha língua materna. Em que posso ajudá-los?

Hesitantes, os dois se sentaram. O homem cruzou os braços com uma cara mal-humorada, e a mulher ficou olhando para o bigode de morsa de Victor.

— Oh, é só um novo disfarce! — ele explicou, tirando o bigode. — Na minha profissão, isso é imprescindível. Em que posso ajudá-los? Alguma coisa perdida, roubada, extraviada?

Sem dizer uma palavra, a mulher pôs a mão dentro da sua bolsa. Tinha cabelos loiros acinzentados e um nariz pontudo, e sua boca não parecia ser utilizada com muita freqüência para sorrir. O homem era um gigante, pelo menos duas cabeças mais alto do que Victor. O seu nariz estava descascando, e os olhos eram pequenos e sem cor. "Tem jeito de quem não gosta de brincadeiras", pensou Victor, registrando os dois rostos na memória. Ele tinha dificuldade para gravar números de telefone, mas jamais se esquecia de um rosto.

— Perdemos algo — disse a mulher, estendendo uma foto por cima da escrivaninha. O seu inglês era melhor do que o seu italiano.

Na foto, dois garotos olhavam para Victor. Um deles era loiro e pequenino, com um sorriso largo no rosto; o outro era mais velho, sério, de cabelos escuros. O maior estava com o braço no ombro do pequeno, como se quisesse protegê-lo de todo o mal que existe no mundo.

— Filhos? — Victor ergueu a cabeça espantado. — Já tive que investigar o sumiço de muitas coisas: malas,

maridos, cachorros, lagartos fujões, mas vocês são os primeiros que me procuram porque perderam os filhos, senhor e senhora... — ele lançou um olhar interrogativo para os dois.

— Hartlieb — respondeu a mulher. — Esther e Max Hartlieb.

— E eles não são nossos filhos — observou o marido. A mulher nariguda olhou irritada para ele.

— Próspero e Bonifácio são filhos da minha falecida irmã — ela explicou. — Ela criou os meninos sozinha. Próspero acabou de fazer doze anos, Bo tem cinco.

— Próspero e Bonifácio — murmurou Victor. — São nomes raros. Próspero não quer dizer “o favorecido pela sorte”?

Esther Hartlieb ergueu as sobrancelhas, irritada.

— É mesmo? Bem, acho que são nomes excêntricos, para dizer o mínimo. Minha irmã tinha uma predileção por tudo o que fosse excêntrico. Quando ela morreu de forma repentina, há três meses, meu marido e eu pedimos de imediato a guarda de Bo, pois infelizmente não temos filhos. Não temos condições de adotar também o irmão mais velho. Qualquer pessoa sensata entende isso, mas Próspero ficou terrivelmente nervoso. Ele se portou como um louco! Disse que estávamos roubando o irmão! Mas ele poderia visitá-lo uma vez por mês!

O rosto da mulher ficou ainda mais pálido do que já era.

— Há pouco mais de oito semanas, eles fugiram — prosseguiu Max Hartlieb. — Da casa do avô em Hamburgo, onde estavam hospedados temporariamente. Próspero consegue convencer o seu irmãozinho de qualquer idiotice e, ao que tudo indica, arrastou Bo consigo aqui para Veneza.

Victor se espantou.

— De Hamburgo até Veneza? É uma longa distância para duas crianças. Vocês já falaram com a polícia local?

— É claro — Esther Hartlieb deu um suspiro de indignação. — Eles não foram nem um pouco prestativos. Não descobriram nada, mas não pode ser tão difícil assim encontrar duas crianças sozinhas nesse mundo...

— ...infelizmente preciso voltar para casa com urgência, por motivos de trabalho — o marido a interrompeu. — Por isso, gostaríamos de contratá-lo para continuar a busca dos garotos, senhor Getz. O porteiro do nosso hotel nos recomendou os seus serviços.

— Muito gentil da parte dele — murmurou Victor, e começou a brincar com o bigode falso. Do jeito que estava ali, ao lado do telefone, o adereço parecia um rato morto. — Mas como é que vocês têm tanta certeza de que os dois vieram para Veneza? Para passear de gôndola é que não deve ter sido...

— A culpa é da mãe deles — Esther Hartlieb apertou os lábios e lançou um olhar pela janela empoeirada de Victor. Lá fora, pousada na grade da sacada, havia uma pomba com o peito estufado e as penas desgrenhadas pelo vento. — Minha irmã vivia falando desta cidade para os meninos. Que aqui havia leões com asas e uma igreja de ouro, que havia anjos e dragões nos telhados e que as escadas nos canais davam a impressão de que à noite as criaturas que habitavam as águas subiriam por elas para dar um passeio em terra firme. — Ela balançou a cabeça, indignada. — Minha irmã era capaz de falar sobre isso de um jeito tal que até eu podia acreditar. Veneza, Veneza, Veneza! Bo não parava de desenhar leões alados, e Próspero levou tudo o que a mãe disse ao pé da letra. Provavelmente pensou que encontraria um mundo encantado quando chegasse aqui com Bo! Meu Deus.

Ela torceu o nariz e olhou com desprezo para as velhas casas lá fora, cujo reboco estava desmoronando.

O marido ajeitou a gravata.

— Gastamos muito dinheiro para seguir as pistas dos dois garotos até aqui, senhor Getz — ele disse. — E os dois estão aqui, posso lhe garantir, em algum lugar...

— ...nesta baderna — Esther Hartlieb concluiu a frase.

— Bem, pelo menos aqui não há automóveis que poderiam atropelá-los — murmurou Victor, olhando para o mapa da cidade e observando o labirinto de vielas e canais. Então ele se virou outra vez e, com o corta-papel, começou a rabiscar distraidamente figuras de homenzinhos no tampo da escrivaninha. Até que Max Hartlieb pigarreou.

— Senhor Getz, o senhor aceita a incumbência?

Victor examinou a foto novamente, os dois rostos tão diferentes, a expressão séria do mais velho e o sorriso despreocupado do mais novo — e inclinou a cabeça para a frente.

— Sim, eu aceito — ele disse. — Vou encontrar os dois. De fato, eles parecem ainda muito pequenos para se virarem sozinhos. Vocês fugiram de casa alguma vez quando eram crianças?

— Oh, meu Deus, é claro que não! — Esther Hartlieb olhou para ele assombrada.

O marido apenas balançou a cabeça com desdém.

— Eu sim. — disse Victor, e prendeu a foto dos dois garotos sob o leão alado. — Mas sozinho. Infelizmente, eu não tinha irmão.

Nem mais velho, nem mais novo. Por favor, deixem seu endereço e telefone, e vamos tratar dos meus honorários.

Enquanto os Hartlieb se aventuravam pela estreita escada de volta para a rua, Victor foi para a sacada. O vento gelado batia no seu rosto e tinha um gosto salgado, do mar ali perto. Tiritando de frio, Victor apoiou-se no gradil enferrujado e ficou observando como os Hartlieb atravessavam a ponte que se estendia sobre o canal a duas casas dali. Era uma bela ponte, mas eles não repararam. Simplesmente passaram apressados e carrancudos para a outra margem, sem lançar um único olhar para o cão de pêlo desgrenhado que latia para eles de dentro de um barco. Obviamente, também não cuspiram por cima do parapeito, como Victor sempre fazia.

— Pois é, mas quem disse que temos que gostar dos nossos clientes? — ele murmurou e abaixou-se para ver as suas duas tartarugas, que esticavam o pescoço enrugado para fora da caixa de papelão. — Ter pais como esses é sempre melhor do que não ter nenhum. Ou não? O que vocês acham? E tartarugas por acaso têm pais?

Absorto em pensamentos, Victor olhou para o canal e para as casas ao longo da margem, cujos pés de pedras eram banhados pela água dia e noite. Já fazia mais de quinze anos que ele vivia em Veneza, mas ainda não conhecia todos os recantos ocultos da cidade. Ninguém conhecia. Não seria fácil encontrar os dois garotos se eles não quisessem ser encontrados. Tantas vielas, tantos becos, ruazinhas estreitas com nomes que ninguém conseguia gravar. Algumas nem mesmo tinham nome. Igrejas fechadas, casas vazias. Tudo isso era praticamente um convite para um jogo de esconde-esconde.

“E daí? Sempre gostei de brincar de esconde-esconde”, pensou Victor, “e até agora sempre encontrei todo mundo.” Fazia oito semanas que os dois estavam se virando sozinhos. Meu Deus do céu! Quando ele fugira

de casa, só conseguira suportar a liberdade por uma tarde. Ao cair da noite voltara arrependido, com o coração em pandarecos.

As tartarugas começaram a comer a folha de alface que ele ofereceu.

— Acho que esta noite preciso levá-las para dentro de casa — disse Victor. — Esse vento está me cheirando a inverno.

Lando e Paula olharam para ele com seus olhos sem pestanas. Às vezes, ele confundia uma com a outra, mas isso não parecia incomodá-las. Ele as encontrara no mercado de peixes, uma vez em que estivera ali à procura de uma gata persa. Victor havia fisgado a distinta fêmea numa tina cheia de sardinhas malcheirosas e, quando finalmente conseguiu enfiá-la numa caixa à prova de arranhões, ele viu ás duas tartarugas arrastando-se imperturbáveis entre os pés da multidão. Somente quando Victor as recolheu, elas se esconderam apavoradas nos seus cascos.

“Por onde vou começar a procurar os garotos?”, pensou Victor. “Nos orfanatos? Hospitais? Tristes lugares. Mas acho que posso me poupar essas visitas. Isso com certeza os Hartlieb já fizeram.” Ele se inclinou um pouco mais sobre a grade e deu uma cusparada no canal escuro.

Bo e Próspero. “Belos nomes”, ele pensou, “mesmo que sejam excêntricos.”

2

Os Hartlieb tinham razão. Próspero e Bo realmente haviam conseguido chegar até Veneza. Foi um caminho longo, muito longo, dias e noites enfiados em trens sacolejantes, escondendo-se de cobradores e de velhinhas curiosas. Eles se trancaram em banheiros fétidos e dormiram em cantos escuros, agarrados um ao outro, cansados e com fome, gelados até os ossos. Mas haviam conseguido, e ainda estavam juntos.

No exato momento em que a tia Esther se sentava na cadeira diante da escrivaninha de Victor, os dois estavam encostados na porta de uma casa, a poucos passos da ponte do Rialto. O vento frio também soprava em seus ouvidos, sussurrando-lhes que os dias quentes haviam terminado. Porém numa coisa Esther se enganava: Próspero e Bo não estavam sozinhos. Junto com eles havia uma menina miúda, de cabelos castanhos, que ela usava presos numa trança fina que lhe chegava até a cintura, como o ferrão de um inseto. A essa trança ela devia o seu nome: Vespa. E não queria trocar por nenhum outro.

Com a testa franzida, ela examinava uma folha de papel amassada, enquanto as pessoas passavam

apressadas e esbarravam nas suas costas com bolsas e sacolas cheias de compras.

— Acho que já temos tudo — ela disse com a sua voz levemente rouca, da qual Próspero havia gostado logo de cara, mesmo sem entender uma palavra da língua estrangeira que fluía com tanta rapidez e facilidade dos seus lábios. — Só faltam as pilhas para o Mosca. Onde podíamos arranjar, hein?

Próspero afastou o cabelo da testa.

— Ali atrás, numa travessa, tinha uma loja de eletrodomésticos — ele disse, e levantou a gola do casaco do seu irmãozinho, quando viu que Bo estava tremendo de frio, com a cabeça encolhida entre os ombros.

Então eles se misturaram novamente à multidão. Havia feira no Rialto, e nas estreitas vielas ao redor o movimento era ainda maior do que nos outros dias. Velhos e jovens, homens, mulheres e crianças se acotovelavam entre as barracas com suas bolsas e sacolas. Velhas senhoras que nunca haviam saído da cidade e viajantes que estavam ali apenas por um dia para admirá-la. O ar tinha cheiro de peixe, flores de outono e cogumelos secos.

— Vespa?! — Bo segurou a sua mão e endereçou-lhe seu sorriso mais encantador. — Compra um daqueles bolinhos para mim?

Vespa beliscou carinhosamente a sua bochecha, mas negou.

— Não — ela disse decidida, e o empurrou para a frente.

A loja de eletrodomésticos que Próspero havia descoberto era pequena. Na vitrine, entre máquinas de café e torradeiras, havia também alguns brinquedos, diante dos quais Bo parou fascinado.

— Mas eu estou com fome! — ele resmungou, e encostou as mãos no vidro.

— Você está sempre com fome — observou Próspero. Ele abriu a porta e ficou na entrada com Bo, enquanto Vespa foi até o balcão.

— *Scusi* — ela disse para a velha senhora que estava de costas espanando os rádios. — Preciso de pilhas. Duas, para um radinho.

A mulher embalou as pilhas num saquinho e pôs um punhado de balas em cima do balcão.

— Mas que garotinho adorável — ela disse, e deu uma piscada para Bo. — Loiro como um anjinho. É seu irmão?

— Não — Vespa balançou a cabeça. — São meus primos. Estão aqui só de visita.

Próspero puxou Bo e tentou segurá-lo atrás de si, mas o pequeno escapuliu por baixo do seu braço e pegou as balas de cima do balcão.

— *Grazie!* — ele sorriu para a velha senhora e voltou saltitando até Próspero.

— *Un vero angelo!* — disse a vendedora, enquanto guardava o dinheiro de Vespa na caixa registradora. — Mas a mãe dele deveria remendar as suas calças e começar a agasalhá-lo melhor daqui para a frente. O inverno está chegando. Vocês não ouviram o vento nas chaminés hoje?

— Vamos falar para ela — disse Vespa, e enfiou as pilhas na sua sacola de compras abarrotada. — Tenha um bom dia, *signora.*

— *Angelo!* — Próspero balançou a cabeça com um ar zombeteiro, já na rua, abrindo caminho no meio da multidão. — Por que todo mundo se deixa enganar pelos seus cabelos loiros e pela sua cara redonda, hein, Bo?

Mas seu irmãozinho lhe mostrou a língua, pôs uma bala na boca e saiu pulando. Tão depressa que os dois maiores tinham que se esforçar para acompanhá-lo. Lépido como um peixe, ele deslizava naquele mar de barrigas e pernas.

— Bo, mais devagar! — gritou Próspero irritado, mas Vespa deu uma risada.

— Ah, deixe! — ela disse. — Não vamos perdê-lo. Está vendo? Ele está ali na frente.

Bo fez uma careta para os dois e tentou pular com uma perna só por cima de uma laranja que rolava pela rua, mas acabou tropeçando e caiu de maduro no meio de um grupo de turistas japoneses. Ele se levantou assustado — e abriu um sorriso largo quando duas mulheres sacaram as suas máquinas fotográficas. Antes que elas pudessem apertar o disparador, Próspero já havia puxado o irmão pela gola, arrastando-o.

— Quantas vezes vou ter que repetir que não é para deixar ninguém tirar fotos de você? — ele o repreendeu.

— Já sei, já sei — Bo se soltou da sua mão e pulou por cima de um maço de cigarros vazio. — Mas eram chineses. A tia Esther não fica olhando fotos de chineses, fica? Além disso, ela já tem um outro filho. Você mesmo me disse.

Próspero confirmou com a cabeça.

— Certo, certo, é verdade — ele murmurou, e olhou ao redor como se suspeitasse que a tia estivesse escondida em algum lugar entre a multidão, apenas esperando uma oportunidade para agarrar Bo.

Vespa notou o olhar de Próspero.

— Pensando de novo na sua tia, não é? — ela disse baixinho, embora Bo já estivesse fora do alcance da sua voz. — Esqueça a sua tia, ela não está mais procurando vocês. E se estiver, não vai procurar aqui.

Próspero deu de ombros e olhou desconfiado para as mulheres que passavam por eles.

— Provavelmente não — ele murmurou.

— Com certeza não — insistiu Vespa em voz baixa. — Pare de se preocupar com isso de uma vez por todas.

Próspero concordou com a cabeça. Embora soubesse que não conseguiria. Bo dormia tranqüilo como

um gatinho, mas Próspero sonhava com Esther quase todas as noites. A rabugenta e histérica Esther, com seus cabelos grudentos de laquê.

— Ei, Prop! — De repente, Bo estava novamente na frente de Próspero e balançava uma gorda carteira diante do seu nariz. — Olha o que eu achei.

Apavorado, Próspero tirou a carteira da mão de Bo e o arrastou para uma arcada escura onde quase não havia ninguém. Ele parou atrás de uma pilha de caixas de frutas vazias, entre as quais ciscavam algumas pombas.

— Onde você conseguiu isso, Bo?

Bo fez um beiço e apoiou a cabeça no braço de Vespa.

— Eu achei! Já disse. Caiu do bolso da calça de um homem careca. Ele não reparou, e eu achei.

Próspero suspirou.

Desde que haviam começado a se virar sozinhos, ele tivera que aprender a roubar, no começo alguma coisa para comer, depois também dinheiro. Próspero odiava isso. Ele sempre sentia tanto medo que os seus dedos tremiam. Bo, ao contrário, parecia se divertir, como num jogo emocionante. Mas Próspero o proibira de roubar e o repreendia severamente quando o apanhava. Afinal de contas, ele não queria que Esther pudesse dizer que ele, Próspero, havia transformado seu irmãozinho num ladrão.

— Venha, não fique nervoso, Prop — disse Vespa, e abraçou Bo. — Ele disse que não roubou. E o dono já está longe. Pelo menos dê uma olhada no que tem dentro.

Próspero hesitou um instante e abriu a carteira. Os muitos estrangeiros que vinham à cidade da lua para admirar as suas igrejas e palácios sempre perdiam alguma coisa. A maior parte das vezes eram somente leques de plástico ou máscaras de carnaval baratas, que

podiam ser comprados em qualquer esquina. Mas, de vez em quando, a alça de uma câmera fotográfica arrebentava, alguém deixava cair alguns trocados do bolso do casaco ou mesmo um tesouro como aquele. Com dedos impacientes, Próspero vasculhou os compartimentos da carteira. Mas entre os muitos tíquetes de caixa amassados, contas de restaurante e bilhetes de *vaporetto,* havia apenas umas poucas notas de mil liras.

— Ah, que pena! — Vespa não conseguiu esconder a sua decepção quando Próspero jogou a carteira numa lata de lixo. — Nossa caixa está quase vazia, tomara que o Senhor dos Ladrões possa enchê-la de novo esta noite.

— É claro que ele pode! — Bo olhou para Vespa como se ela tivesse posto em dúvida que a Terra era redonda. — E um dia eu vou roubar junto com ele! Um dia eu também vou ser um grande ladrão! Scipio vai me ensinar!

— Só por cima do meu cadáver! — resmungou Próspero, e puxou Bo bruscamente de volta para a rua.

— Ah, deixe ele falar! — Vespa sussurrou para Próspero, enquanto Bo ia na frente, arrastando os pés com uma cara ofendida. — Ou você está realmente com medo de que Scipio possa levar Bo para os roubos?

Próspero fez que não com a cabeça, mas a expressão preocupada do seu rosto não se desfez. Era tão difícil cuidar de Bo. Desde aquela noite em que haviam fugido da casa do avô, Próspero se perguntava pelo menos três vezes por dia se havia agido corretamente ao levar o irmãozinho consigo. Como Bo se arrastara ao seu lado naquela noite, cansado e com sono! Ele não largara a mão de Próspero uma só vez durante todo o longo trajeto até a estação. Chegar a Veneza havia sido mais fácil do que Próspero esperara. Mas quando desembarcaram na cidade já era outono, e o ar não estava quente e ameno como havia imaginado.

Um vento úmido fustigou-os quando desceram a escadaria da estação, lado a lado, com suas roupas finas demais, sem nada além de uma mochila e uma pequena sacola. A mesada de Próspero acabara rapidamente e, já na segunda noite nas vielas úmidas, Bo começou a tossir — tão terrivelmente que Próspero o pegou pela mão e se pôs em busca do policial mais próximo. *“Scusi”,* ele pretendia dizer, com o seu precário italiano de então, “nós fugimos de casa, mas o meu irmão está doente. O senhor poderia telefonar para a minha tia vir buscá-lo?”

Como estava desesperado! Mas então apareceu Vespa.

Ela levou Bo e Próspero para o esconderijo onde morava com Riccio e Mosca, e lhes deu roupas secas e algo quente para comer. Então disse a Próspero que dali em diante não haveria mais fome nem roubos, porque Scipio, o Senhor dos Ladrões, cuidaria deles. Assim como cuidava de Vespa e dos seus amigos, Riccio e Mosca.

— Os outros já devem estar esperando.

A voz de Vespa o arrancou tão repentinamente dos seus pensamentos que por um momento Próspero não sabia mais onde estava. Das casas pelas quais passavam vinha cheiro de café, de bolo saindo do forno e de cocô de rato. Na sua casa, os cheiros eram bem diferentes.

— É mesmo. E a gente ainda precisa fazer a limpeza — disse Bo. — Scipio não gosta quando está tudo sujo.

— Olha só quem está falando! — zombou Próspero. — Quem foi que derrubou um balde cheio de água do canal no esconderijo ontem?

— E ele deixa queijo escondido para os ratos. — Vespa riu quando Bo lhe deu uma cotovelada, zangado. — E não tem nada que o Senhor dos Ladrões deteste mais do que cocô de rato. Infelizmente, o maravilhoso esconderijo que ele nos arranjou está cheio de cocô de

rato, além de não ser nada fácil de aquecer. Talvez um esconderijo um pouco menos grandioso fosse mais prático, mas Scipio não quer nem ouvir falar.

— Esconderijo das estrelas — corrigiu Bo, correndo atrás dos dois, quando viraram numa viela menos movimentada. — Scipio disse que ele se chama “esconderijo das estrelas”.

Vespa girou os olhos.

— Tome cuidado, daqui a pouco Bo só vai escutar Scipio, e não o que você diz — ela sussurrou para Próspero.

— E daí? O que você quer que eu faça? — retrucou Próspero. Bo sabia muito bem que era somente graças a Scipio que eles não precisavam mais dormir nas ruas, agora que, à noite, a névoa flutuava sobre os canais e avançava pelas vielas, tornando-as úmidas e cinzentas. Com os seus roubos, Scipio enchera a carteira com o dinheiro que haviam usado para pagar o macarrão e as frutas naquele dia. Fora Scipio quem conseguira os sapatos que aqueciam os pés frios de Bo, mesmo que fossem um pouco grandes demais. Scipio cuidava para que pudessem comer sem ter que roubar, e era também graças a ele que agora tinham um lar novamente, sem Esther. Mas Scipio era um ladrão.

As vielas pelas quais passavam foram ficando cada vez mais estreitas. Entre as casas, os ruídos começavam a se acalmar, e não demorou muito para chegarem ao coração oculto da cidade, onde era muito raro aparecer algum estrangeiro. Os gatos escapuliam ao ouvir os passos das crianças. As pombas arrumavam em cima dos telhados, e a água batia debaixo de centenas de pontes, lambendo os barcos e os postes de madeira, e em seu espelho negro mostrando às casas os seus rostos envelhecidos. As crianças se enfronharam cada vez mais no labirinto de ruelas, passaram no meio de casas tão próximas umas das outras que pareciam se inclinar

sobre os garotos como criaturas de pedra com inveja dos seus pés.

O esconderijo deles, num edifício baixo e sem adornos, destoava das outras casas, de frontões altos, parecia uma criança no meio de adultos. As janelas que davam para a viela estavam vedadas. Nas paredes havia cartazes desbotados de filmes, e uma porta corrediça larga e enferrujada fechava a entrada. No alto, um pouco inclinado, via-se um letreiro luminoso: STELLA. Porém o nome do cinema abandonado, que em italiano significa "estrela", já não brilhava havia muito tempo. Mas, para aqueles que ele agora abrigava, isso vinha bem a calhar.

Vespa lançou um olhar vigilante para a esquerda e para a direita, Próspero assegurou-se de que ninguém os observava das janelas no alto, e então eles desapareceram, um atrás do outro, numa pequena passagem entre as casas, a apenas poucos passos da entrada principal do cinema.

Estavam em casa novamente.

3

Um rato escapuliu assustado quando as crianças se esgueiravam pela estreita passagem. O caminho ia dar num canal, como muitas vielas e travessas da cidade, mas Vespa, Próspero e Bo seguiram apenas até uma porta de metal, que ficava do lado direito da parede sem janelas. Alguém havia escrito ali com letras tortas: VIETATO L'INGRESSO (entrada proibida). Antigamente, aquela era uma das saídas de emergência do cinema. Agora, atrás daquela porta, ocultava-se um esconderijo do qual apenas seis crianças sabiam.

Próspero deu dois fortes puxões na corda que havia ao lado da porta, esperou um momento e então puxou mais uma vez. Era o sinal combinado, mas demorou um bom tempo até que alguém viesse abrir. Bo pulava impaciente de um pé para o outro, quando finalmente eles ouviram o trinco correr do lado de dentro. Apenas uma pequena fresta se abriu.

— Senha? — perguntou uma voz desconfiada.

— Vai, Riccio, você sabe que nunca conseguimos decorar a senha — resmungou Próspero, irritado.

Vespa se aproximou da fresta e sussurrou:

— Está vendo essas sacolas aqui na minha mão, ouricinho? Que eu vim carregando da feira do Rialto até aqui? Meus braços já estão quase tão compridos como os de um macaco, portanto abra duma vez!

— Está bem, está bem. Mas vocês vão ver se Bo contar de novo para Scipio como da última vez!

Com uma cara preocupada, Riccio abriu a porta. Ele era magro e bem mais baixo do que Próspero, embora não fosse muito mais novo. Pelo menos, era o que ele dizia. Os seus cabelos castanhos estavam sempre tão arrepiados que lhe renderam o seu apelido: Riccio — ouriço.

— Nenhum de nós consegue decorar as senhas de Scipio! — reclamou Vespa ao passar por Riccio. — O sinal da campainha já é suficiente.

— Mas Scipio acha que não. — Riccio fechou novamente o trinco com cuidado.

— Então ele tem que inventar senhas mais fáceis de gravar. Por acaso *você* ainda se lembra da última?

Riccio coçou a sua cabeleira desgrenhada.

— Espera aí... *Catago... dideldum... est...* Ou algo assim.

Bo deu uma risadinha, e Vespa girou os olhos.

— Já começamos a fazer a limpeza — contou Riccio enquanto iluminava o escuro corredor com a lanterna. — Mas ainda não adiantamos muito. Mosca só quer saber de montar seu rádio. E até uma hora atrás, ficamos rondando o Palácio Pisani. Para mim, é um mistério que Scipio tenha escolhido justamente o palácio para o seu próximo roubo. Quase todas as noites acontece alguma coisa por lá, festas, recepções, parece que é o ponto de encontro das famílias ricas da cidade. Como é que Scipio pretende entrar lá sem ninguém perceber?

Próspero deu de ombros. Até então, o Senhor dos Ladrões nunca enviara Próspero nem Bo para sondar os locais visados, embora Bo pedisse insistentemente para

ser escalado. A maior parte das vezes, quando era preciso sondar os palácios aos quais Scipio pretendia fazer uma visita, Riccio e Mosca eram os escolhidos. Os dois eram os seus olhos, como Scipio os chamava, enquanto Vespa cuidava para que o dinheiro obtido com a venda dos objetos roubados não fosse gasto muito rapidamente. Próspero e Bo, como os mais novos protegidos do Senhor dos Ladrões, somente tinham permissão para acompanhá-los na venda dos objetos ou quando era preciso fazer compras, como naquele dia. Próspero estava totalmente de acordo com isso. Mas Bo adoraria entrar com Scipio nas casas luxuosas da cidade para roubar as maravilhas que o Senhor dos Ladrões trazia de suas incursões noturnas.

— Scipio entra em qualquer lugar — proclamou Bo, enquanto saltitava ao lado de Riccio. Dois pulos com o pé esquerdo, dois saltos com o direito. Bo raramente se deslocava sem pular ou correr. — Ele roubou uma coisa do Palácio dos Doges sem ninguém ver. É porque ele é o Senhor dos Ladrões.

— É mesmo, o roubo do Palácio dos Doges. Como poderíamos esquecer! — Vespa lançou um olhar zombeteiro para Próspero. — Até mesmo vocês dois já devem ter ouvido essa história mais de cem vezes, não é?

Próspero apenas sorriu.

— Bem, eu poderia ouvir essa história mil vezes — disse Riccio, e abriu uma cortina escura que tinha cheiro de mofo.

A sala de cinema que ficava atrás dessa cortina não era muito antiga, porém estava em pior estado do que algumas casas da cidade que já estavam ali havia séculos. Nos pontos de onde antigamente pendiam grandes lustres de cristal, despontavam apenas cabos empoeirados. As crianças haviam espalhado alguns lampiões que iluminavam precariamente a sala, mas

mesmo com a luz escassa era possível notar que o reboco estava se soltando do teto. Dava para ver que as fileiras de assentos haviam sido desmontadas e retiradas dali. Restavam apenas as três primeiras, e em todas elas faltavam algumas poltronas. Os ratos haviam feito seus ninhos no macio estofado vermelho, e a cortina com estrelas bordadas que cobria a tela estava sendo devorada pelas traças. Apesar disso, ela ainda mantinha o seu antigo esplendor. O fio dourado sobre o tecido azul pálido brilhava de maneira tão sugestiva que, pelo menos uma vez por dia, Bo ia até lá passar a mão nas estrelas bordadas.

Sentado no chão na frente da cortina, um menino parafusava um velho rádio. Ele estava tão absorto em seu trabalho que não percebeu que Bo se aproximava de mansinho. Quando ele pulou nas suas costas, Mosca levou um tremendo susto.

— Caramba, Bo! — ele gritou. — Quase furei a mão com a chave de fenda.

Mas Bo saiu pulando e rindo. Ágil como um esquilo, ele escapuliu por cima das poltronas.

— Espere aí, seu rato-d'água! Você vai ver só — gritou Mosca enquanto tentava cortar o caminho de Bo. — Desta vez vou fazer cócegas até você explodir.

— Prop, me ajude! — gritou Bo, mas Próspero ficou rindo e não mexeu um dedo, enquanto Mosca segurava seu irmãozinho debaixo do braço como se fosse um pacote.

Mosca era o mais alto e o mais forte de todos. E, por mais que esperneasse e se debatesse, Bo não conseguiu se soltar. Com a maior calma do mundo, Mosca o carregou até onde estavam os outros.

— O que vocês acham, devo fazer cócegas ou deixar que ele morra de fome aqui mesmo? — ele perguntou.

— Me larga, seu cara-de-carvão — gritou Bo.

A pele de Mosca era tão escura que Riccio sempre dizia que bastava ele se esconder na sombra para que ninguém o encontrasse.

— Está bem, desta vez vou perdoá-lo, seu anão! — disse Mosca quando Bo começou a se debater cada vez mais desesperadamente para se libertar. — Vocês trouxeram a tinta para o meu barco?

— Não. Só vamos comprar a tinta quando Scipio trouxer novas mercadorias — respondeu Vespa, deixando as sacolas em cima de uma poltrona. — Por enquanto não dá para comprar tinta nenhuma.

— Mas ainda temos bastante dinheiro na caixa de reserva! — Mosca pôs Bo no chão novamente e cruzou os braços zangado. — O que você quer fazer com todo aquele dinheiro?

— Quantas vezes vou ter que explicar? Esse dinheiro é para tempos difíceis. — Vespa puxou Bo para junto de si. — Será que você consegue levar as compras até o *freezer* para mim?

Bo fez que sim e disparou dali, tão depressa que quase caiu de cara no chão. Ele levou uma sacola de cada vez até a grande porta dupla, através da qual antigamente os espectadores entravam no cinema. No saguão que ficava atrás dessa porta havia um *freezer* para gelo e bebidas. Já fazia tempo que não funcionava mais, mas para guardar os alimentos ainda servia.

Enquanto Bo carregava as pesadas sacolas, Mosca, decepcionado, voltou a ajoelhar-se na frente do seu rádio.

— Não dá para comprar! — ele protestou. — Se demorarmos mais um pouco para fazer a pintura, meu barco vai apodrecer. Mas para vocês tanto faz, vocês são todos uns marinheiros de água doce que morrem de medo de água. Para os livros de Vespa, sim, sempre tem dinheiro.

Vespa não respondeu. Em silêncio, ela começou a recolher papéis e lixo do chão, enquanto Próspero juntava o cocô de rato com a vassoura. Vespa realmente tinha muitos livros. E de vez em quando ela comprava um, era verdade, mas a maioria dos livros que possuía eram livros de bolso baratos que os turistas jogavam fora. Vespa pescava-os nas latas e cestos de lixo, encontrava-os debaixo dos bancos dos *vaporetti* ou da estação. Quase não dava para ver o seu colchão, de tão altas que eram as pilhas de livros que havia na frente dele.

Todos eles dormiam no fundo do cinema, um do lado do outro. Pois à noite, quando apagavam as luzes e assopravam a última vela, a grande sala sem janelas se enchia de um negrume tão grande que eles se sentiam perdidos e desprotegidos. A única coisa que ajudava contra essa sensação era o calor dos outros.

O colchão de Riccio estava sempre coberto de gibis velhos, e dentro do seu saco de dormir havia tantos bichos de pelúcia que ele mal cabia lá dentro. A cama de Mosca podia ser identificada pela caixa de ferramentas e pelas varas de pescar, entre as quais ele dormia. Além disso, debaixo do seu travesseiro ficava guardado o seu maior tesouro, o seu amuleto da sorte: um cavalo-marinho de cobre, exatamente igual àqueles que enfeitavam a maioria das gôndolas. Mosca jurava de pés juntos que não o roubara de nenhuma gôndola, e sim que o pescara no canal atrás do cinema. “Amuletos roubados”, ele dizia, “só atraem desgraças. Todo mundo sabe disso.”

Bo e Próspero dividiam um colchão, onde dormiam colados um ao outro. Ao lado da cabeceira, cuidadosamente enfileirada, ficava a coleção de leques de plástico de Bo: seis peças, todas em bom estado. O seu preferido ainda era o leque que Próspero encontrara na estação no dia em que haviam chegado a Veneza.

O Senhor dos Ladrões nunca dormia com os seus protegidos no esconderijo das estrelas. Nenhum deles sabia onde Scipio passava as noites, e ele também nunca falava sobre isso. De vez em quando ele fazia referências misteriosas a uma igreja abandonada, mas uma vez em que Riccio o seguiu furtivamente, Scipio o apanhou e ficou tão furioso que desde então ninguém ousava sequer segui-lo com o olhar quando ia embora. Eles já haviam se acostumado: o chefe ia e vinha quando bem entendia. Às vezes ele vinha por três dias seguidos, depois eles ficavam novamente quase uma semana sem vê-lo.

Mas naquele dia Scipio havia dito que viria. Ele prometera. E o Senhor dos Ladrões costumava cumprir sua palavra. Só que ninguém sabia quando. Bo estava quase dormindo no colo de Próspero e os ponteiros do despertador de Riccio já mostravam as onze horas, quando eles se enfiaram debaixo das cobertas e Vespa começou a ler em voz alta. Normalmente, ela fazia isso para que adormecessem e para espantar o medo dos sonhos que os esperavam na escuridão. Mas nessa noite Vespa leu para mantê-los acordados, até que Scipio finalmente chegasse. Ela escolheu a história mais emocionante das suas pilhas de livros, enquanto os outros acendiam as velas que ficavam entre os colchões, em garrafas vazias ou cinzeiros. Riccio colocou cinco velas novas, finas e compridas, de cera branca, no único candelabro que possuíam.

— Riccio? — Vespa perguntou quando já estavam todos à sua volta esperando ansiosos pela história. — Onde você arranjou essas velas?

Encabulado, Riccio escondeu o rosto no meio dos seus bichos de pelúcia.

— Na igreja de la Salute — ele murmurou. — Tem pelo menos cem, ou mil velas lá, espalhadas por todos os cantos, e não tem mal nenhum se eu pegar algumas de

vez em quando. Por que iríamos gastar nosso lindo dinheirinho com elas? Palavra de honra — ele sorriu para Vespa — que, para cada uma que eu pego, eu mando um beijo com a mão para a Virgem Maria.

Vespa cobriu o rosto com as mãos e suspirou.

— Ah, vai, comece a ler! — disse Mosca impaciente. — Nenhum *carabiniere* vai prender Riccio por roubar umas velas, vai?

— Por que não? — murmurou Bo, e se aconchegou ao lado de Próspero, que tentava remendar os buracos das calças do seu irmãozinho. — O anjo da guarda não pode proteger Riccio nessa hora. Quando ele está roubando velas da igreja, estou dizendo. Não, isso com certeza ele não pode.

— Ah, que bobagem! Anjo da guarda! — Riccio fez uma careta de desprezo, mas a sua voz soou um pouco preocupada.

Vespa leu durante quase uma hora — lá fora a noite ficava cada vez mais escura, e todos os que haviam enchido a cidade de ruídos durante o dia já estavam deitados nas suas camas. Mas, em algum momento, o livro escorregou das suas mãos, e os seus olhos também se fecharam. Assim, quando Scipio chegou, todos dormiam a sono solto.

4

Próspero não sabia o que o havia despertado, se os murmúrios de Riccio durante o sono ou os passos leves de Scipio. Quando se ergueu sobressaltado, a figura esguia despontou na escuridão como se estivesse saindo de um sonho ruim. O queixo e a boca brilhavam sob a máscara negra que escondia os seus olhos. O nariz longo e curvo o fazia parecer um pássaro fantasmagórico. Máscaras como aquela haviam sido usadas pelos médicos de Veneza quando a peste devastara a cidade, mais de trezentos anos antes. Pássaros da morte. Sorrindo, o Senhor dos Ladrões tirou do rosto o sinistro adereço.

— Olá, Prop — ele disse, e iluminou com a sua lanterna os rostos dos outros que ainda dormiam. — Desculpe ter chegado tão tarde.

Próspero afastou cuidadosamente o braço de Bo do seu peito e se sentou.

— Qualquer dia você vai matar alguém de susto com essa máscara — ele disse em voz baixa. — Como é que você conseguiu entrar aqui de novo? Desta vez, nós realmente trancamos tudo.

Scipio deu de ombros e acariciou com os dedos finos os seus cabelos pretos como o breu. Eles eram tão compridos que ele costumava prendê-los numa trança.

— Você sabe: eu sempre entro onde quero entrar.

Scipio, o Senhor dos Ladrões.

Ele era um pouco mais velho do que Próspero, embora gostasse de representar o papel de adulto, e um bom tanto mais baixo do que Mosca, mesmo com as botas de salto alto que sempre usava. Elas eram grandes demais para ele, mas estavam sempre limpas e polidas. Botas de couro, pretas, como o estranho casaco longo com abas que iam até a altura dos joelhos, sem o qual jamais era visto.

— Acorde os outros! — ordenou Scipio no tom arrogante que Vespa tanto odiava. Próspero simplesmente não lhe deu ouvidos.

— A mim vocês já acordaram! — resmungou Mosca atrás deles, e sentou-se com um bocejo entre as suas varas de pescar. — Você nunca dorme, Senhor dos Ladrões?

Scipio não respondeu. Ele ficou andando feito um galo pela sala de cinema, enquanto Mosca e Próspero despertavam os outros.

— Estou vendo que vocês fizeram uma faxina! — ele exclamou. — Bom. Da última vez, isto aqui parecia um chiqueiro.

— Oi, Scip! — Bo saiu engatinhando tão depressa do seu saco de dormir que quase tropeçou nas próprias mãos. Sem calçar os sapatos, ele correu até Scipio. Bo era o único que podia chamar o Senhor dos Ladrões de Scip sem receber um olhar fulminante de volta.

— O que você roubou desta vez? — ele perguntou agitado, e começou a pular ao redor de Scipio como um cachorrinho.

Com um sorriso, o Senhor dos Ladrões tirou um saco preto dos ombros.

— Dessa vez controlamos tudo direitinho? — perguntou Riccio saindo do meio dos seus bichos de pelúcia. — Diga logo.

— Qualquer dia desses, ele ainda vai beijar as botas de Scipio — murmurou Vespa, tão baixinho que somente Próspero pôde ouvi-la. — Mas eu por mim ficaria feliz se o distinto cavalheiro não aparecesse com tanta freqüência no meio da noite.

Ela lançou um olhar não muito amistoso para Scipio, enquanto enfiava seus pés fininhos dentro das botas.

— Precisei alterar os meus planos na última hora! — declarou Scipio, assim que todos se puseram ao seu redor, e jogou um jornal dobrado para Riccio. — Leia em voz alta. Página quatro. Bem no alto.

Riccio se ajoelhou no chão e começou a folhear as páginas enormes cheio de curiosidade. Mosca e Próspero inclinaram-se sobre os seus ombros, mas Vespa ficou de pé um pouco afastada, brincando com sua trança.

— "Roubo espetacular no Palácio Contarini" — Riccio leu de forma entrecortada. — "Jóia valiosa e diversos objetos de arte furtados. Nenhuma pista dos autores do crime!"

Espantado, ele ergueu a cabeça.

— Contarini? Mas nós sondamos o Palácio Pisani.

Scipio deu de ombros.

— Acabei mudando de idéia. O Palácio Pisani fica para depois. Ele não vai sair do lugar, vai? No Palácio Contarini... — ele balançou o saco que havia trazido diante de Riccio — …também tinha alguma coisa para pegar.

Ele se deliciou por um instante com os rostos curiosos ao seu redor, então se sentou na frente da cortina de estrelas com as pernas cruzadas e despejou o conteúdo do saco no chão.

— A jóia eu já vendi — ele declarou, enquanto os outros se aproximavam impressionados. — Eu tinha algumas dívidas para saldar, e também precisava de ferramentas novas, mas isto aqui é para vocês.

Sobre o chão recém-varrido brilhavam colheres de prata, um medalhão, uma lupa, em cujo cabo enrolava-se uma serpente com escamas de prata e uma pinça de ouro incrustada de minúsculas pedrinhas preciosas, com o cabo em forma de rosa.

Com os olhos arregalados, Bo debruçou-se sobre o butim de Scipio. Com todo o cuidado, como se aquelas preciosidades pudessem se quebrar entre os seus dedos, ele pegou, uma a uma, as peças reluzentes, apalpou-as e colocou-as novamente junto com as outras.

— É tudo de verdade, não é? — ele perguntou e olhou para Scipio.

Scipio apenas fez que sim com um ar zombeteiro, abriu os braços satisfeito consigo mesmo e com o mundo, e deitou-se de lado no chão.

— Bem, o que vocês me dizem? Sou ou não sou o Senhor dos Ladrões?

Riccio confirmou com a cabeça, fascinado, e a própria Vespa não conseguiu esconder que estava impressionada.

— Meu amigo, um dia você ainda vai ser apanhado com a boca na botija — murmurou Mosca enquanto admirava a lupa com a serpente.

— Ah, que nada! — Scipio deitou-se de costas e olhou para o teto. — Admito que desta vez foi por pouco. O sistema de alarme não era tão antigo como eu esperava, e a dona da casa acordou bem na hora em que eu estava pegando o medalhão do criado-mudo. Mas antes que a mulher pudesse sair da cama, eu já estava no telhado da casa vizinha.

Ele piscou para Bo, que se ajoelhou no chão, maravilhado.

— Para que serve isto aqui? — perguntou Vespa, e ergueu a pinça com cabo de rosa. — É para tirar os pêlos do nariz?

— Deus do céu, não! — Scipio se ergueu e tirou bruscamente a pinça da sua mão. — Isto é uma pinça de açúcar.

— Como é que você sabe tudo isso? — Riccio olhou para Scipio com uma mistura de admiração e inveja. — Você foi criado no orfanato que nem eu, mas as freiras nunca contaram nada para a gente sobre pinças de açúcar ou coisa parecida.

— Bem, já faz um bom tempo que eu me mandei do orfanato — respondeu Scipio, sacudindo o pó do seu casaco preto. — Além disso, não sou como você, que passa o dia inteiro com a cara enfiada nos gibis...

Riccio olhou para o chão, envergonhado.

— Bom, mas eu não leio só gibis! — disse Vespa, pondo o braço no ombro de Riccio. — Apesar disso, nunca ouvi falar de uma pinça de açúcar e, mesmo se tivesse ouvido, não seria tão boba a ponto de me achar a tal por causa disso!

Scipio pigarreou e evitou o olhar de Vespa. Então ele murmurou:

— Não falei por mal, Riccio. Você pode muito bem passar a vida sem saber o que é uma pinça de açúcar. Mas agora escutem: esta coisinha aqui vale algum dinheiro. Por isso, dessa vez vejam se conseguem fazer o Barbarossa dar um preço melhor pelos objetos, certo?

— E como? — Mosca trocou um olhar desconcertado com os outros. — Da última vez, nos esforçamos para valer, mas o gordão é simplesmente esperto demais para nós.

Eles se sentiam em falta com Scipio. Desde que passara a ser o seu chefe e provedor, ele havia se encarregado dos roubos, e os outros ficaram com a tarefa de transformar seus butins em dinheiro. Embora

Scipio tivesse lhes indicado um receptador, a execução dos negócios ficara por conta deles. A única pessoa da cidade que negociava com um bando de crianças era Ernesto Barbarossa, um homem gordo de barba ruiva que vendia objetos baratos de mau gosto para os turistas em seu antiquário e paralelamente, com toda a discrição, comercializava também objetos mais valiosos, em geral roubados.

— Não sabemos fazer tudo isso! — continuou Mosca. — Negociar e pechinchar e coisas do tipo. E o barba-ruiva se aproveita disso descaradamente, se querem saber minha opinião.

Scipio franziu a testa pensativo e começou a brincar com o cordão do seu saco vazio.

— Prop sabe pechinchar bem — disse Bo de repente. — Muito bem até. Um dia que a gente vendeu um negócio no mercado das pulgas, ele fez uma cara tão dura que...

— Fique quieto, Bo! — Próspero interrompeu o irmão. Suas orelhas ficaram vermelhas como um pimentão, de tão envergonha do que ficou. — Vender um brinquedo velho é muito diferente de vender uma coisa dessas...

Nervoso, Próspero tirou o pequeno medalhão da mão de Bo.

— Por que é diferente? — Scipio o encarou como se pudesse ler no seu rosto se Bo tinha razão ou não.

— Bem, eu ficaria felicíssimo se você fizesse essa parte, Prop — disse Mosca.

— Eu também — disse Vespa agitada. — Sinto uma coisa esquisita quando o barba-ruiva olha para mim com aqueles seus olhos de fuinha. Sempre penso que ele fica rindo da gente pelas costas ou vai chamar a polícia ou então fazer alguma coisa desleal. Toda vez que vamos na loja, não vejo a hora de ir logo embora.

Próspero coçou atrás da orelha, encabulado.

— Bem, se vocês acham — ele murmurou. — Regatear realmente eu sei muito bem. Mas esse Barbarossa é um sujeito ganancioso. Eu estava lá da última vez, quando o Mosca lhe vendeu...

— Tente. — Sem dizer mais uma palavra, Scipio se levantou com um salto e pôs o saco vazio no ombro novamente. — Preciso ir. Ainda tenho um compromisso esta noite. Mas venho de novo amanhã, em algum momento no fim da tarde. Afinal, quero saber quanto o barba-ruiva vai pagar pelas peças. Se for menos do que... — ele vestiu a máscara e olhou pensativo para o seu butim — ...bem, se ele oferecer menos de duzentas mil liras, podem trazer tudo de volta.

— Duzentas mil? — Riccio ficou boquiaberto.

— As peças com certeza valem muito mais — murmurou Próspero.

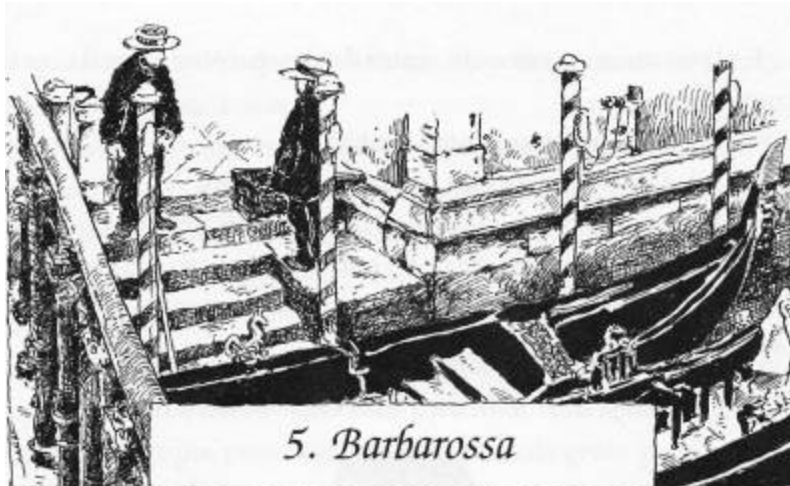
Scipio se virou.

— É provável — ele disse por cima dos ombros. O longo nariz de pássaro lhe dava um aspecto sinistro. Na parede do cinema, os lampiões projetavam uma sombra gigantesca da sua figura. — Até mais.

E ele se virou novamente, antes de desaparecer atrás da cortina mofada:

— Precisamos de uma nova senha?

— Não! — responderam todos em uníssono.

— Certo. Ah, Bo... — Scipio virou-se mais uma vez. — Aqui atrás da cortina tem uma caixa de papelão. Dentro dela tem dois gatinhos para você. Alguém queria afogá-los no canal. Cuide deles, está bem? Boa noite para todos.

5

A loja na qual muitos butins do Senhor dos Ladrões já haviam sido convertidos em dinheiro vivo ficava numa viela perto da Basílica de São Marcos, bem ao lado de uma *pasticceria,* cuja vitrine estava sempre repleta de deliciosos bolos e doces de todas as formas e tamanhos.

— Vamos logo! — disse Próspero impaciente, quando Riccio grudou o nariz na vitrine. Riccio se deixou arrastar contrariado, o nariz tomado pelo aroma de amêndoas.

Na loja de Barbarossa, o cheiro não tinha nada de bom. Por fora, ela não era muito diferente das outras lojas de antigüidades que havia na cidade da lua. Na vitrine estava escrito, com letras floreadas: *Ernesto Barbarossa, Ricordi di Venezia.* Lá dentro, sobre pedestais cobertos por veludo gasto, repousavam imponentes vasos e candelabros, rodeados por gôndolas e insetos de vidro. Peças de finíssima porcelana disputavam lugar com pilhas de livros antigos, quadros com molduras de prata envelhecida descansavam ao lado de máscaras de papel. Na loja de Barbarossa, todos encontravam o que desejavam, e o que não havia nas

suas prateleiras o barba-ruiva providenciava. Se necessário, por caminhos tortuosos.

Quando Próspero abriu a porta da loja, dezenas de sininhos de vidro repicaram sobre a sua cabeça. Alguns turistas se apertavam entre as prateleiras atulhadas. Eles cochichavam uns com os outros, tão baixinho e tão compenetrados como se estivessem numa igreja. Talvez isso se devesse aos lustres, que pendiam do teto escuro da loja e tilintavam com suas flores de vidro colorido, ou então a todas aquelas velas acesas em pesados candelabros, embora lá fora fosse dia claro. Próspero e Riccio abriram caminho entre os estrangeiros sem erguer a cabeça. Um deles segurava uma estatueta que Mosca vendera ao barba-ruiva duas semanas antes. Quando viu o preço na etiqueta colada sob o pedestal, Próspero quase esbarrou na grande estátua de gesso que estava no meio da loja.

— Sabe quanto Barbarossa pagou para a gente por aquela estatueta ali? — ele perguntou para Riccio.

— Não. Você sabe que eu não consigo guardar números.

— Pois agora tem dois zeros a mais no número — sussurrou Próspero. — Um baita negócio para o barba-ruiva, não acha?

Ele andou até o balcão e tocou a campainha que havia ao lado da caixa, enquanto Riccio fazia caretas para a dama mascarada que sorria para eles de um quadro que havia na parede em frente. Ele sempre fazia essa brincadeira, pois na máscara negra da dama havia um buraco disfarçado, através do qual Barbarossa, da outra sala, vigiava os clientes.

Passaram-se alguns segundos, a cortina de contas tilintou no canto da loja, e Ernesto Barbarossa apareceu pessoalmente. O barba-ruiva era tão gordo que Próspero sempre se admirava de ver a agilidade com que ele se movimentava dentro da loja abarrotada.

— Espero que desta vez tenham algo melhor para mim! — ele sussurrou para os dois, mas Próspero e Riccio notaram que olhou com cobiça para a bolsa que Próspero segurava, como um gato faminto à espreita de um camundongo.

— Acho que o senhor vai ficar satisfeito — respondeu Próspero.

Riccio não disse nada e ficou olhando para a barba ruiva de Barbarossa como se esperasse que a qualquer momento alguma coisa rastejante fosse sair de dentro dela.

— O que está vendo na minha barba, seu xereta? — resmungou o barba-ruiva.

— Ah, eu, eu... — Riccio começou a gaguejar — ...só estava pensando se ela é de verdade. Ruiva de verdade, quero dizer.

— Mas é claro! Por acaso está querendo dizer que eu tinjo? — ralhou Barbarossa. — Vocês, anões, têm cada idéia ridícula...

Ele passou os dedos gordos cheios de anéis pela barba e apontou discretamente com a cabeça para os turistas, que continuavam a sussurrar entre as estantes.

— Vou despachá-los o mais depressa possível — ele cochichou. — Enquanto isso, entrem no escritório, mas não toquem em nada, entendido?

Próspero e Riccio fizeram que sim e desapareceram atrás da cortina de contas.

O escritório de Barbarossa era bem diferente da sua loja. Ali não havia lustres, velas acesas ou besouros de vidro. A luz da sala sem janelas vinha de uma lâmpada fosforescente e, além de uma grande escrivaninha e uma poltrona de couro enorme, havia apenas duas cadeiras, algumas estantes altas cheias de caixas cuidadosamente etiquetadas e um pôster do museu da Accademia, pendurado na parede branca atrás da poltrona.

Debaixo do orifício através do qual Barbarossa vigiava os clientes, havia um banco estofado. Riccio subiu em cima dele para espiar a loja.

— Você precisa ver isso, Prop! — ele sussurrou. — O barba-ruiva está ronronando em volta dos turistas feito um gato gordo! Acho que ninguém vai sair desta loja sem comprar alguma coisa.

— É, e com certeza uma coisa muito cara.

Próspero colocou o saco com o butim de Scipio numa cadeira e olhou ao seu redor.

— Deve ser tingida — murmurou Riccio sem tirar o olho do buraco na parede. — Apostei três gibis com Vespa que ele tinge.

A cabeça de Barbarossa era calva como uma bola de bilhar, mas a sua barba era espessa e encaracolada. E ruiva como o pêlo de uma raposa.

— Acho que atrás daquela porta tem um banheiro. Você não quer ver se ali tem alguma tintura de cabelo?

— Se não tem outro jeito — Próspero foi até a estreita porta, na qual havia um quadro de uma *madonna* sorridente, e enfiou a cabeça dentro. — Nossa, aqui tem quase tanto mármore quanto no Palácio dos Doges. É o banheiro mais chique que já vi.

Riccio pôs um olho no buraco novamente.

— Próspero, saia logo daí — ele chamou, abafando a voz. — O barba-ruiva está levando os turistas até a porta e fechando a loja.

Mas Próspero não saiu.

— É tingida, Riccio! — ele exclamou. — O frasco está bem ao lado da sua loção de barba fedorenta. Credo, que cheiro horrível! Quer que eu tinja um pedaço de papel higiênico de vermelho como prova?

— Não! Quero que saia já daí! — Riccio pulou do banco. — Depressa, ele está voltando, caramba, venha logo.

A cortina de contas tilintou — e Próspero e Riccio estavam sentados com cara inocente nas cadeiras dobráveis que havia diante da escrivaninha de Ernesto Barbarossa.

— Hoje vou descontar o valor de um besouro de vidro — anunciou o barba-ruiva enquanto soltava o corpo na sua poltrona enorme. — O seu irmãozinho — ele lançou um olhar de reprovação para Próspero — me quebrou um da última vez.

— Ele não quebrou — protestou Próspero.

— Quebrou sim — retrucou Barbarossa sem olhar para ele, e pegou os seus óculos numa gaveta da escrivaninha. — Bem, o que vocês têm para me oferecer hoje? Espero que não seja apenas ouro de tolo e colheres de prata sem valor.

Com um ar inexpressivo, Próspero esvaziou a sua bolsa em cima da escrivaninha. Barbarossa inclinou-se para a frente e, com seus dedos grosseiros pegou a pinça de açúcar, o medalhão e depois a lupa; virou as peças várias vezes e analisou cada uma por todos os ângulos, enquanto os meninos o observavam. Sem alterar a expressão do rosto, ele afastava um pouco uma peça, depois a pegava novamente, punha de lado, examinava de novo, até que Próspero e Riccio perderam a paciência e começaram a raspar os pés no chão. Finalmente, Barbarossa recostou-se na poltrona com um suspiro, pôs os óculos em cima da escrivaninha e coçou a barba como se acariciasse o pêlo de um animal.

— Vocês dizem quanto é ou eu faço uma oferta? — ele perguntou.

Próspero e Riccio trocaram um breve olhar.

— Você propõe — disse Próspero, tentando dar a impressão de que sabia exatamente o quanto valia o butim de Scipio daquela vez.

— Eu proponho — repetiu Barbarossa. Ele encostou as pontas dos dedos das mãos e fechou os olhos por um

instante. — Muito bem, admito que desta vez tem uma, duas belas peças aí, por isso ofereço... — ele abriu os olhos novamente — ...cem mil liras. Porque são vocês.

Riccio prendeu a respiração, impressionado. Ele viu na sua frente todos os doces que dava para comprar com cem mil liras. Montanhas de doces. Mas Próspero balançou a cabeça.

— Não — ele disse e olhou firmemente nos olhos do barba-ruiva. — Quinhentas mil, ou não fechamos o negócio.

Por um momento, Barbarossa não conseguiu esconder o espanto, mas logo recuperou o controle e estampou uma expressão da mais sincera indignação na sua cara redonda.

— Você está louco, garoto? — ele ralhou. — Então eu faço uma oferta generosa, uma oferta até generosa demais, e você me vem com essa exigência absurda? Diga ao Senhor dos Ladrões que não me mande mais garotos impertinentes, se quiser continuar a fazer negócios com Barbarossa!

Riccio encolheu a cabeça entre os ombros e lançou um olhar preocupado para Próspero, mas Próspero simplesmente se levantou sem dizer uma palavra, abriu a bolsa e começou a recolher as peças roubadas, uma por uma.

Barbarossa o observava, impassível. Mas quando Próspero pegou a pinça *de açúcar, ele* segurou a sua mão tão repentinamente que o menino recuou assustado.

— Chega desse joguinho! — rosnou o barba-ruiva. — Você é um garoto esperto. Um pouco esperto demais para o meu gosto. Mas o Senhor dos Ladrões e eu até agora sempre fizemos bons negócios, por isso vou pagar quatrocentas mil liras, embora a maior parte do que vocês têm aí não passe de quinquilharias. Gostei da pinça. Diga ao Senhor dos Ladrões para me oferecer

mais vezes coisas desse tipo, e então poderemos continuar a fazer negócios, mesmo que os seus mensageiros sejam tão insolentes como você. — Ele mediu Próspero com um olhar em que se misturavam raiva e respeito. — E tem mais uma coisa. — Ele pigarreou. — Perguntem ao Senhor dos Ladrões se ele gostaria de ser contratado para um serviço...

— Um serviço?

Os dois meninos se entreolharam.

— Um cliente importante que tenho... — Barbarossa juntou alguns papéis na sua escrivaninha — ... está procurando um homem talentoso que possa, digamos, fornecer para ele uma coisa que deseja possuir de qualquer maneira. Pelo que entendi, o objeto se encontra aqui em Veneza. Na certa, uma brincadeirinha para alguém que gosta... — Barbarossa deu um sorriso sarcástico — ...de ser chamado de Senhor dos Ladrões. Não é?

Próspero não respondeu. O barba-ruiva nunca tinha visto Scipio e com certeza pensava que estava lidando com um adulto. Ele não fazia a mínima idéia de que o Senhor dos Ladrões tinha a mesma idade dos seus mensageiros.

Mas isso não parecia preocupar Riccio.

— Claro, vamos perguntar para ele — ele disse.

— Excelente.

Com um sorriso de satisfação, Barbarossa recostou-se de volta na sua poltrona. Ele estava com a pinça de açúcar na mão. Num gesto quase carinhoso, passou seus dedos gordos pela borda ligeiramente curva.

— Se aceitar o serviço, ele deve me mandar um de vocês com a resposta. Então vou arranjar um encontro com o meu cliente. A recompensa... — Barbarossa baixou a voz em tom de confidência — ...será muito generosa, conforme meu cliente me assegurou.

— Como Riccio já disse, daremos o recado — repetiu Próspero. — Mas agora gostaríamos de receber o nosso dinheiro.

Barbarossa soltou uma gargalhada, tão alta e retumbante que Riccio estremeceu.

— Claro, claro, você vai receber o seu dinheiro! — ele disse ofegante, e se levantou da poltrona. — Não se preocupe. Mas agora fora daqui. Vocês acham que eu vou abrir o meu cofre enquanto dois ladrõezinhos me observam?

— O que você acha, Scipio vai aceitar o serviço? — Riccio sussurrou para Próspero, os dois encostados no balcão da loja esperando por Barbarossa.

— Seria melhor não contarmos nada para ele — respondeu Próspero enquanto olhava para o quadro com a mulher mascarada.

— Ué, por que não? Próspero deu de ombros.

— Não sei. É só um pressentimento. Não confio no barba-ruiva.

Nesse momento, Barbarossa passou de novo pela cortina tilintante.

— Aqui está — ele disse, estendendo um grosso maço de dinheiro para eles. — Mas cuidado para não serem roubados no caminho para casa. Vocês sabem que todos esses turistas aí fora, com suas câmeras fotográficas e suas carteiras recheadas, atraem os ladrões aos montes.

Os meninos ignoraram o sorriso sarcástico do barba-ruiva. Próspero pegou o maço de dinheiro e o observou hesitante.

— Não precisa contar — disse Barbarossa, como se tivesse adivinhado os pensamentos de Próspero. — Está certo. Apenas descontei o besouro de vidro que o seu irmãozinho quebrou. Assine o recibo aqui para mim. Suponho que saiba escrever, não?

Próspero lançou um olhar irritado para ele e rabiscou o seu nome no bloco que o barba-ruiva segurava. Quando ia escrever o seu sobrenome, ele hesitou por um instante e então escreveu um nome falso.

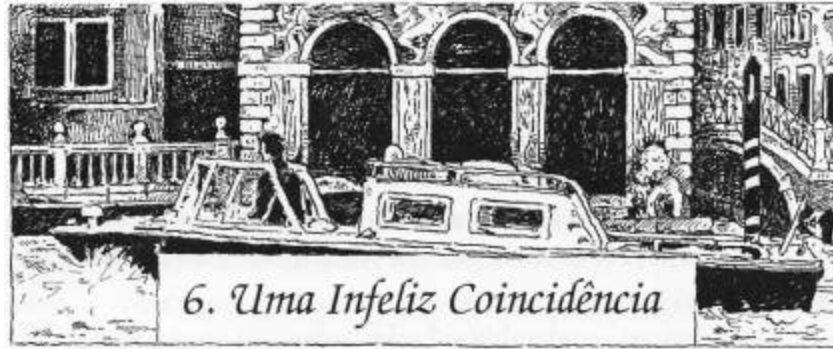
— Próspero — grunhiu o barba-ruiva. — Você não é de Veneza, é?

— Não — Próspero respondeu, pôs a bolsa vazia sobre os ombros e se dirigiu para a porta.

— Vamos, Riccio.

— Dêem notícias sobre o serviço o mais breve possível!

— Daremos — respondeu Próspero, embora estivesse firmemente decidido a não dizer uma palavra a Scipio sobre o assunto.

Então ele fechou a porta atrás de si.

6

Assim que saíram da loja de Barbarossa e antes que Próspero pudesse protestar, Riccio o arrastou para dentro da *pasticceria* cujos doces o haviam deixado com água na boca antes da visita ao barba-ruiva. E enquanto a vendedora esperava pacientemente pelo pedido, ele convenceu Próspero a trocar uma ou duas notas do dinheiro que Barbarossa lhes dera e comprar uma caixa de doces para todos, para comemorar aquele dia.

Próspero não se cansava de admirar o cuidado com que os confeiteiros em Veneza embalavam os seus doces. Eles não eram entregues aos clientes num saquinho qualquer, mas sim dentro de lindas caixinhas amarradas com uma fita.

Riccio parecia não se importar com todo aquele zelo. Mal puseram o pé na rua novamente, ele pegou o seu canivete com impaciência e cortou a fita colorida.

— O que você está fazendo? — perguntou Próspero, tirando a caixa das mãos dele. — Não íamos levar para os outros?

— Ah, vai sobrar bastante para eles. — Ansioso, Riccio espiou debaixo da tampa. — Além disso, merecemos uma recompensa. *Madonna,* até hoje nunca nenhum de nós conseguiu arrancar do barba-ruiva uma lira a mais do que ele queria pagar, mas com você ele

desembolsou quatro vezes mais! Até eu sei fazer essa conta. Scipio nunca mais vai querer mandar nenhum outro mensageiro.

— Ah, com certeza aquelas peças valiam muito mais. — Próspero pegou um doce que estava coberto por uma camada tão espessa de açúcar de confeiteiro que na primeira mordida seu casaco ficou todo salpicado de branco. Riccio já estava com glacê de chocolate na ponta do nariz.

— Mas, de qualquer forma, podemos fazer um bom uso do dinheiro — prosseguiu Próspero. — Nossa caixa vai ficar cheia de novo e ainda vai sobrar para coisas de que realmente precisamos, agora que o inverno está chegando. Bo e Vespa não têm casacos quentes e você está com sapatos que parecem ter sido pescados no canal.

Riccio lambeu o chocolate do nariz e olhou para os seus tênis puídos.

— Oh, não, eles ainda estão bons — ele disse. — Mas bem que a gente poderia comprar uma televisãozinha usada. Mosca conseguiria ligá-la em algum lugar.

— Você está maluco.

Próspero parou na frente de uma loja que vendia jornais, cartões-postais e brinquedos. Ninguém leva brinquedos quando foge de casa. Bo não tinha nem mesmo um bichinho de pelúcia, a não ser o leão todo esfarrapado que Riccio lhe dera.

— Que tal se você desse os índios de presente para Bo? — Riccio encostou o queixo melado no ombro de Próspero. — Eles vão combinar com os caubóis de rolha que Vespa fez para ele.

Próspero franziu a testa e apalpou o maço de dinheiro no bolso do seu casaco.

— Não — ele disse e, dando a caixa de doces para Riccio segurar, continuou a andar. — Precisamos do

dinheiro para outras coisas.

Com um suspiro, Riccio foi atrás dele.

— Sabe duma coisa? Se Scipio não aceitar o serviço que o barba-ruiva falou... — ele baixou a voz — ...eu mesmo vou pegar. Você ouviu o que o barba-ruiva falou sobre o pagamento. E eu não sou um ladrão nada mau, embora não tenha praticado muito ultimamente. É claro que eu dividiria com vocês, Bo ganharia os índios, Vespa teria livros novos, Mosca poderia comprar a maldita tinta para o barco, pela qual ele não pára de choramingar, eu teria a minha televisãozinha e você... — ele olhou curioso para Próspero com o canto do olho. — O que você quer ganhar?

— Não preciso de nada. — Próspero ergueu os ombros e olhou ao seu redor com uma sensação desconfortável, como se um vento gelado soprasse na sua nuca. — Agora pare de falar em roubar. Você já esqueceu que quase foi pego da última vez?

— Certo, certo — murmurou Riccio enquanto seguia com os olhos uma mulher que estava usando uns brincos de pérolas enormes. Ele realmente não queria se lembrar disso.

— E você também não vai dizer nada a Scipio sobre o serviço! — disse Próspero. — Combinado?

Riccio parou.

— Que besteira. Não entendo o que há com você! Claro que vou contar para ele! O que pode ser mais perigoso do que entrar no Palácio dos Doges? — um casalzinho que andava de mãos dadas se virou espantado para os dois, e ele baixou a voz rapidamente. — Ou o Palácio Contarini!

Próspero balançou a cabeça e continuou a andar. Ele mesmo não sabia por que não havia gostado da oferta de Barbarossa. Talvez tivesse medo de que Scipio pouco a pouco fosse perdendo a cautela. Pensativo, ele se desviou de duas mulheres que discutiam aos berros

no meio da rua e acabou dando um encontrão num homem que acabava de sair de um bar com um pedaço de pizza na mão. Era um homem baixo e atarracado, com um bigodão que parecia o de uma morsa, no qual estava grudado um pedaço de queijo. Ele se virou irritado — e olhou para Próspero como se tivesse visto um fantasma.

— *Scusi* — murmurou Próspero, e seguiu andando depressa entre a multidão, onde era sempre tão fácil desaparecer.

— Ei, que pressa é essa? — Riccio agarrou-o pelo casaco, segurando a caixa de doces quase vazia debaixo do outro braço.

Próspero olhou ao seu redor.

— Ele me encarou de um jeito tão estranho.

Inquieto, ele observava as pessoas que passavam por eles. Mas o homem com o bigode de morsa havia desaparecido.

— Encarou? — Riccio deu de ombros. — E daí? Você acha que conhece o sujeito?

Próspero negou com a cabeça. E olhou mais uma vez para todos os lados.

Algumas crianças com uniformes escolares, um velho, três mulheres com cestas abarrotadas de compras, um grupo de freiras... Ele puxou Riccio pelo braço.

— Que foi? — Riccio quase deixou cair a caixa de doces com o susto.

— O sujeito está nos seguindo.

Próspero começou a andar mais depressa, cada vez mais, sem tirar a mão do dinheiro de Barbarossa para que não caísse do seu bolso.

— Do que você está falando? — gritou Riccio atrás dele.

— Ele está nos seguindo! — exclamou Próspero. — Ele tentou se esconder, mas eu vi.

Riccio olhou ao seu redor em busca do suposto perseguidor, mas tudo o que viu foram rostos entediados olhando para as vitrinas e um grupo de crianças rindo e empurrando umas às outras.

— Prop, isso é uma besteira total! — Ele alcançou Próspero e se pôs no seu caminho. — Acalme-se, está bem? Você está vendo fantasmas.

Mas Próspero não respondeu.

— Venha! — ele sussurrou, e arrastou Riccio para uma viela tão estreita que Barbarossa teria entalado ali. O vento batia de frente, como se morasse naquele beco escuro. Riccio sabia aonde ia dar aquela passagem pouco convidativa: num pátio escondido, e dali num labirinto de vielas no qual até mesmo um veneziano poderia se perder. Um caminho nada mau para despistar um perseguidor. Mas Próspero parou novamente, encostou-se na parede e ficou observando as pessoas que passavam na outra rua.

— E agora, o que foi? — Riccio encostou-se ao seu lado tiritando de frio e puxou a manga do pulôver sobre os dedos.

— Vou mostrar quem é quando ele passar.

— E depois?

— Se ele nos descobrir, saímos correndo.

— Grande plano! — murmurou Riccio e enfiou nervoso a língua na janelinha que havia entre os seus dentes da frente. O dente que faltava ele havia perdido numa perseguição.

— Venha, vamos simplesmente dar no pé — ele sussurrou para Próspero. — Os outros já estão esperando. Mas Próspero não se mexeu.

As crianças passaram pelo esconderijo, depois vieram as freiras com os seus hábitos negros. E então apareceu um homem: baixo e troncudo, com pés grandes e um bigode de morsa. Ele olhou à sua volta como quem

procura alguma coisa, subiu nas pontas dos pés, esticou o pescoço e soltou um palavrão.

Os dois meninos quase não se atreviam a respirar. Então, finalmente, o estranho seguiu seu caminho.

Riccio se mexeu primeiro.

— Conheço esse sujeito! — ele exclamou. — Vamos dar o fora daqui antes que ele volte!

Com o coração aos pulos, Próspero saiu desabalado atrás dele, escutando os seus próprios passos, que ressoavam denunciando a sua presença. Eles correram pela estreita passagem, atravessaram uma praça rodeada de casas, uma ponte e depois entraram numa outra viela. Logo Próspero já não sabia mais onde estavam, mas Riccio ia na frente como se fosse capaz de se orientar de olhos vendados naquele labirinto de ruelas e pontes. Então, de repente, eles foram parar num lugar ensolarado e viram o canal Grande à sua frente. Uma multidão apinhava-se na margem, e as águas cintilantes estavam repletas de barcos.

Riccio arrastou Próspero para um ponto de *vaporetto,* onde os dois se esconderam entre as pessoas que esperavam o próximo barco. Os *vaporetti* eram os ônibus flutuantes de Veneza, que levavam os seus moradores para o trabalho e os turistas de um museu para outro, quando os seus pés cansados doíam demais para andar.

Próspero observava atentamente cada pessoa que passava por ali, mas o seu perseguidor não apareceu. Quando finalmente um *vaporetto* atracou, eles se deixaram arrastar pelas pessoas que estavam no ponto e, enquanto os outros passageiros corriam para conseguir lugar nos poucos bancos que ainda estavam livres na parte coberta do barco, Próspero e Riccio se encostaram na amurada e não tiraram os olhos da margem do canal.

— Não temos bilhete — sussurrou Próspero, preocupado, quando o barco lotado zarpou.

— Não faz mal — sussurrou Riccio de volta. — Vamos descer na próxima estação mesmo. Mas olha só quem está ali — ele apontou para a margem que haviam acabado de deixar para trás. — Está vendo?

Oh, sim, Próspero estava vendo muito bem. Ali estava ele, o bigode-de-morsa. Com os olhos apertados, ele acompanhava o barco que acabara de partir. Riccio acenou para ele zombeteiro.

— O que você está fazendo?

Próspero abaixou o braço de Riccio apavorado.

— O quê? Você acha que ele vai sair nadando atrás de nós? Ou que pode alcançar o barco com aquelas perninhas curtas? Não, meu amigo. Isso é o bom desta cidade. Se você está sendo perseguido, só precisa mudar para a outra margem do canal e estará fora do alcance do seu perseguidor. É claro que você precisa prestar atenção se não tem uma ponte por perto. Mas no canal Grande só tem duas pontes, isso até você já deveria saber.

Próspero não respondeu. Já não havia mais sinal do perseguidor, mas Próspero continuava a perscrutar a outra margem, como se o estranho pudesse reaparecer a qualquer momento entre as elegantes colunas dos palácios, na sacada de um hotel ou num dos barcos com os quais cruzavam.

— Ei, não fique assim, já nos livramos dele! — Riccio sacudiu o ombro de Próspero, até que ele se virou. — Uma vez escapei desse sujeito, sabia? — Ele olhou atônito ao seu redor. — Droga! Acho que nesse corre-corre perdi a caixa de doces.

— Você conhece esse sujeito? — Próspero olhou para ele espantado.

Riccio apoiou-se na amurada.

— Conheço. É um detetive. Trabalha para os turistas, procurando bolsas perdidas e carteiras desaparecidas. Uma vez ele quase me pegou com uma. — Riccio puxou a própria orelha e riu. — Ele não é lá muito rápido. Mas o que ele estava procurando desta vez... Ele olhou para Próspero, curioso.Você sabe que eu respeito a nossa regra: o que passou passou, não é da conta de ninguém. Mas... mas parecia que o sujeito estava atrás de você.Você conhece alguém que pagaria um detetive para vir atrás de você?

Próspero olhou para a outra margem. O *vaporetto* dirigia-se lentamente para a próxima parada.

— Pode ser — ele respondeu sem olhar para Riccio. Um bando de gaivotas ergueu-se da água escura guinchando, quando o barco se aproximou do ancoradouro.

— Vamos descer — disse Riccio.

Um atrás do outro, eles pularam para a terra, enquanto os próximos passageiros já começavam a subir a bordo.

— Meu Deus, os outros vão pensar que a gente deu no pé com as peças de Scipio — disse Riccio quando deram as costas para o canal Grande novamente. — O caminho de volta para o esconderijo não ficou exatamente mais curto depois desse nosso pequeno passeio de barco. Você não quer me contar quem pôs o detetive na sua cola? O que você aprontou? Roubou alguma coisa que agora o dono quer de volta?

— Não diga bobagens. Você sabe que eu não roubo. Sempre que posso evitar. — Próspero pôs a mão no bolso do casaco e tranqüilizou-se. O dinheiro de Barbarossa ainda estava lá.

— É verdade. — Riccio franziu a testa e baixou a voz. — Tem alguém tipo... tipo um traficante de crianças atrás de vocês? Tem alguém assim procurando por você e Bo?

Próspero olhou para ele horrorizado.

— Não! Credo, também não é assim. — Ele olhou para uma máscara de pedra que o observava do alto de uma arcada. — Acho que a minha tia está procurando a gente. Esther, a irmã da nossa mãe. Dinheiro para isso ela tem. Ela não tem filhos e, quando a nossa mãe morreu, ela quis ficar com Bo. E eu, bem, ela queria me mandar para um internato. Então nós fugimos. O que mais eu poderia fazer? Afinal, ele é meu irmão. Próspero parou. Você acha que ela perguntou para Bo se ele queria que ela fosse a nova mãe dele? Ele não suporta aquela mulher! Ele diz que ela tem cheiro de tinta tóxica. É que ela parece uma das bonecas de porcelana que coleciona.

Próspero abaixou-se e catou um leque de plástico que estava na soleira de uma porta. O cabo estava quebrado, mas Bo não ia se importar com isso.

— Bo acha que eu posso protegê-lo de tudo — ele disse, guardando o seu achado da sacola vazia. — Mas se Vespa não tivesse encontrado a gente...

— Vamos, não se preocupe com esse espião. — Riccio o puxou para a frente. — Ele nunca vai encontrar você e Bo. É muito simples, vamos tingir de preto os cabelos de anjo de Bo. E você, pintamos o seu rosto para ficar parecendo o irmão gêmeo de Mosca.

Próspero não segurou o riso. Riccio conseguia fazê-lo rir, mesmo quando não tinha intenção.

— As vezes você também tem vontade de ser adulto? — ele perguntou quando atravessavam uma ponte, que se refletia na água de uma maneira difusa.

Riccio balançou a cabeça espantado.

— Não, por quê? É bastante prático ser pequeno. A gente não chama tanta atenção e mata a fome mais depressa. Sabe o que Scipio sempre diz? — ele saltou da ponte. — As crianças são casulos e os adultos são

borboletas. E nenhuma borboleta se lembra mais como era ser um casulo.

— Talvez — murmurou Próspero. — Não conte nada a Bo sobre o detetive, está bem?

Riccio concordou.

7

Quando percebeu que Próspero havia escapado, Victor ficou com tanta raiva que deu um pontapé num poste de madeira que despontava da água suja do canal. Depois ele teve que voltar mancando para casa.

Ele foi xingando durante quase todo o caminho, tão alto que as pessoas se viravam para ver, mas Victor nem reparava, de tão furioso que estava.

— Como um principiante — ele exclamou. — Me deixei enganar como um principiante. Mas quem era o outro afinal? Grande demais para ser o irmão mais novo. Droga. Droga. Mil vezes droga. O garoto aparece bem na frente do meu nariz e eu o deixo escapar. Sou mesmo um idiota!

Ele chutou um maço de cigarros vazio com o pé machucado e fez uma careta de dor.

— Mas a culpa é minha — ele ralhou consigo mesmo. — Sim, senhor, a culpa é toda minha. Caçar crianças, isso não é coisa para um detetive que se preze. Eu podia muito bem pagar a comida das minhas tartarugas sem esse maldito caso.

O pé ainda doía quando Victor abriu a porta da sua casa.

— Bem, pelo menos agora sei que eles estão na cidade — ele murmurou ao subir a escada mancando. — Onde está o grande, o pequeno também está. Isso é certo.

Quando entrou no seu apartamento, ele afrouxou um pouco o sapato do pé machucado e foi andando até a sacada para alimentar as tartarugas. O seu escritório ainda estava com o cheiro do laquê de Esther Hartlieb. Diabos! Parecia que o perfume nunca ia desgrudar do seu nariz. E os garotos não saíam da sua cabeça. Ele não deveria ter pendurado a foto na parede. Os dois ficavam o tempo todo olhando para ele. Onde dormiriam à noite? Nessa época do ano, fazia um frio terrível assim que o sol desaparecia atrás das casas. No último inverno, havia chovido tanto que a cidade ficara alagada uma dezena de vezes. Bem, mas a cidade era tão intrincada como a toca de uma raposa, e certamente havia um lugar seco para duas crianças em alguma casa vazia ou numa das suas inúmeras igrejas. Afinal, nem todas estavam sempre abarrotadas de turistas.

— Vou encontrá-los — resmungou Victor. — Seria ridículo se não conseguisse.

Quando as tartarugas estavam satisfeitas, ele encheu o próprio estômago faminto com uma montanha de espaguete e salsichas fritas. Depois passou um ungüento no pé dolorido, sentou-se à escrivaninha e botou ordem nos papéis que haviam se acumulado. Afinal de contas, ele tinha outros casos além da busca daqueles dois meninos.

“Acho que nos próximos dias preciso passar mais vezes na praça São Marcos”, pensou Victor. “Sentar numa mesa, pedir um café e alimentar os pombos, até que em algum momento eles apareçam. Como diz muito bem o ditado, quem está em Veneza passa pela praça

São Marcos pelo menos uma vez por dia. Por que isso não valeria para crianças que fugiram de casa?”

8

Quando finalmente Próspero e Riccio chegaram ao esconderijo das estrelas, Bo correu impaciente ao seu encontro, e assim eles acabaram não contando nada aos outros sobre o perseguidor que os fizera demorar. De qualquer forma, o atraso foi esquecido quando Próspero tirou do bolso o dinheiro que conseguira arrancar de Barbarossa. Mudas de tanta admiração, as crianças se sentaram em círculo ao seu redor, enquanto Riccio contava em detalhes como Próspero havia enfrentado Barbarossa com sangue frio.

— E além disso — proclamou Riccio no final — o barrigudo tinge a barba sim, e você me deve três gibis novinhos em folha, Vespa. Ou já esqueceu a nossa aposta?

Cerca de duas horas depois do retorno de Próspero e Riccio, o sino na saída de emergência tocou, e o Senhor dos Ladrões estava na porta, conforme havia prometido. E, excepcionalmente, antes que a lua estivesse sobre os telhados da cidade. Como sempre, Mosca abriu sem perguntar a senha e levou uma tremenda bronca, mas quando Bo correu ao seu

encontro com o maço de dinheiro de Barbarossa, o próprio Scipio emudeceu. Como se não pudesse acreditar, ele pegou o dinheiro e contou, nota por nota.

— E então, Scip, o que você diz? Parece que viu um fantasma — zombou Mosca. — Agora você pode dizer a Vespa para ela finalmente comprar a tinta para o meu barco?

— Seu barco? Claro, claro. — Scipio balançou a cabeça com o pensamento distante e virou-se para Próspero e Riccio. — Barbarossa gostou de alguma coisa em especial?

— Gostou: da pinça de açúcar. Ele ficou louco por ela — respondeu Riccio. — Ele disse que você pode tranqüilamente oferecer coisas finas assim mais vezes.

Scipio franziu a testa.

— A pinça de açúcar. Sim, era muito valiosa — ele murmurou, e balançou a cabeça como se quisesse se livrar de pensamentos indesejáveis. — Riccio, vá comprar azeitonas e uns frios apimentados para a gente. Temos que comemorar. Não tenho muito tempo, mas dá para fazer um lanchinho.

Mais do que depressa, Riccio enfiou duas notas do dinheiro de Barbarossa no bolso da calça e disparou dali. Quando voltou, com uma sacola de plástico cheia de azeitonas, pão, salame picante e um pacote de *mandorlati* — os bombons embrulhados em papeizinhos coloridos de que Scipio tanto gostava —, os outros já haviam posto uma toalha e almofadas no chão diante da cortina. Bo e Vespa haviam juntado todas as velas que possuíam, e as suas chamas trêmulas encheram o cinema de sombras dançantes.

— A alguns meses sem preocupações! — brindou Vespa quando estavam todos sentados em círculo, e serviu suco de uva nos cálices de vidro vermelho que Scipio trouxera do seu penúltimo roubo. Então ela ergueu o seu copo e brindou a Próspero: — E a você, que

fez o Barbarossa desembolsar tanto dinheiro. Daqueles dedos gordos, é mais fácil desgrudar chiclete do que tirar dinheiro.

Riccio e Mosca também ergueram os copos. Próspero não sabia para onde olhar, mas Bo encostou-se orgulhoso no seu irmão mais velho e pôs nos joelhos um dos gatinhos que Scipio lhe dera.

— A você, Prop! — disse Scipio, e brindou por último com Próspero. — De agora em diante, você será o meu vendedor oficial. Só que... — ele passou os dedos sobre o maço de notas — estou pensando se, depois de um roubo tão lucrativo, não seria aconselhável fazer uma pausa.

Scipio ficou em silêncio por um momento, então continuou:

— Um ladrão jamais deve ser ganancioso se não quiser ser apanhado.

— Oh, não, mas justamente agora não! — Riccio fingiu não perceber o olhar de advertência de Próspero. — Justo hoje que Barbarossa falou de uma coisa interessante.

— O quê? — Scipio jogou uma azeitona na boca e cuspiu o caroço na mão.

— Um cliente dele está procurando um ladrão. Ele disse que o pagamento é muito bom e pediu para perguntarmos se você está interessado.

Scipio olhou para Riccio surpreso. E não disse nada.

— Não parece bom? — Riccio pôs uma fatia de salame na boca. O sabor apimentado fez escorrerem lágrimas dos seus olhos. Ele passou depressa o seu copo vazio para Vespa.

Scipio continuava calado. Com um ar distraído, correu a mão nos cabelos lisos e tateou até encontrar a fita da trança que os prendia. Então pigarreou.

— Interessante — ele disse. — Um serviço para um ladrão. Por que não? E o que é para roubar?

— Não tenho a mínima idéia — Riccio limpou os dedos engordurados na calça. — Pelo jeito, o barba-ruiva também não sabe muito mais. Mas parece que, na opinião dele, o Senhor dos Ladrões é o homem certo para a coisa. O barrigudo deve imaginar um homem alto, com uma meia na cabeça, que se esconde como um gato entre as colunas do Palácio dos Doges. Em todo caso, ele quer uma resposta logo.

Todos olhavam para Scipio. Ele estava sentado com a máscara na mão, e acariciava pensativo o longo nariz curvo. O silêncio era tão grande que dava para ouvir o crepitar das chamas das velas.

— Sim, é realmente interessante — ele murmurou. — Sim, por que não?

Próspero o observava apreensivo. Ele não conseguia se livrar da sensação de que algo ruim lhes aconteceria — aborrecimentos, perigo...

Scipio pareceu adivinhar os seus pensamentos.

— O que você acha, Prop? — ele perguntou.

— Absolutamente nada — respondeu Próspero. — Não confio em Barbarossa.

Como ele poderia dizer: “Não quero saber de roubos”? Afinal de contas, eram os roubos de Scipio que os sustentavam.

Scipio concordou com a cabeça. Mas então foi como se Bo apunhalasse o próprio irmão pelas costas.

— Que nada — ele disse ajoelhando-se ao lado de Scipio, com os olhos brilhando de expectativa. — Isso é uma coisinha de nada para você, não é, Scip? Não é?

Scipio teve que sorrir. Ele pegou o gatinho que Bo estava segurando, aninhou-o no colo e começou a acariciar as orelhas minúsculas do bichinho.

— E eu vou ajudar! — Bo chegou ainda mais perto de Scipio. — Certo, Scip? Eu também vou.

— Bo! Não diga uma estupidez desse tamanho — ralhou Próspero. — Você não vai a lugar nenhum, entendeu? Muito menos a um lugar que pode ser perigoso.

— Vou sim! — Bo fez uma careta para o irmão, e cruzou seus bracinhos curtos no peito com um ar de teimosia. Scipio ainda não havia dito nada.

Mosca alisava com o dedo o papel colorido e brilhante dos *mandorlati,* e Riccio, sem tirar os olhos de Scipio, passava a língua na janelinha entre seus dentes.

— Concordo com Próspero — disse Vespa quebrando o silêncio. — Não há motivo para correr mais um risco. Temos bastante dinheiro agora.

Scipio olhou para sua máscara e enfiou um dedo nos buracos dos olhos.

— Vou aceitar — ele disse. — Riccio, amanhã você vai levar a minha resposta para Barbarossa.

Riccio fez que sim. Seu rosto magro estava radiante.

— E desta vez você vai levar a gente junto, não é? — ele perguntou. — Por favor, quero finalmente ver uma dessas casas chiques por dentro.

— É verdade. Eu também gostaria. — Mosca virou-se com um olhar sonhador para a cortina, que, com a luz das velas, brilhava como se estivesse coberta por teias de aranha douradas. — Já imaginei muitas vezes como elas são por dentro. Ouvi falar que em algumas delas o chão é de ouro, e que tem diamantes de verdade nas maçanetas.

— Vá até a Scuola di San Rocco, se quiser ver maçanetas de diamante! — Vespa olhou para os outros irritada. — Scipio acabou de dizer que está pensando em dar um tempo. Afinal de contas, eles ainda devem estar procurando o ladrão do Palácio Contarini. Seria imprudente, seria uma burrice roubar novamente! — Ela se virou para Scipio — Se Barbarossa soubesse que o

Senhor dos Ladrões não tem um único fio de barba no queixo e que, mesmo de salto alto, não chega na altura dos seus ombros, ele nunca teria perguntado...

— Ah, é? — Scipio se levantou como se com isso pudesse provar a Vespa o contrário. — Você sabia que Alexandre, o Grande, era mais baixo do que eu? Ele precisava mandar colocar uma mesa na frente do trono da Pérsia para poder subir nele! Já está decidido. Digam a Barbarossa que o Senhor dos Ladrões aceita o serviço. Agora preciso ir, mas venho de novo amanhã.

Ele ia se virar, mas Vespa se pôs no seu caminho.

— Scipio — ela disse em voz baixa. — Escute.Talvez você seja realmente um ladrão melhor do que qualquer ladrão adulto desta cidade, mas quando Barbarossa vir os seus saltos altos e a sua pose de gente grande, ele vai rir na sua cara.

Os outros olharam para Scipio constrangidos. Ninguém nunca se atrevera a falar com ele daquela maneira. Scipio continuou olhando impassível para Vespa.

Então ele esticou os lábios num sorriso sarcástico.

— Mas o barba-ruiva não vai me ver! — ele disse, e cobriu os olhos com a máscara. — E se alguma vez esse balofo se atrever a rir de mim, vou cuspir naquela cara redonda e rir dele duas vezes mais alto, pois ele não passa de um velho gordo e sovina, mas eu sou o Senhor dos Ladrões.

Com um movimento brusco, ele deu as costas para Vespa e se foi.

— Até amanhã! — ele exclamou por cima dos ombros. E foi engolido pelas sombras que as velas não haviam conseguido espantar da sala de cinema.

9. Inquietude

9

De madrugada, quando todos os outros dormiam, Próspero se levantou do seu colchão. Ele puxou o cobertor sobre os pés de Bo, que sempre se descobria durante o sono, tirou a lanterna de baixo do travesseiro, vestiu-se e passou de mansinho pelos outros. Riccio se mexia para lá e para cá num sono agitado, Mosca segurava seu cavalo-marinho e, no travesseiro de Vespa, com a cabeça apoiada nos cabelos castanhos da menina, dormia um dos gatinhos de Bo.

Quando abriu a porta da saída de emergência e sentiu o ar frio da noite, Próspero começou a tremer. O céu estava limpo, e a lua se espelhava no canal atrás do cinema.

As casas na margem oposta estavam às escuras. Apenas atrás de uma janela ainda havia luz. “Mais alguém que não está conseguindo dormir”, pensou Próspero. Alguns degraus largos e gastos levavam até a água. A escada dava a impressão de conduzir até o fundo do canal, de penetrar cada vez mais nas profundezas e avançar até um outro mundo. Uma vez,

quando Próspero estava sentado na beira do canal com o irmão e Mosca, Bo dissera que achava que aquela escada havia sido construída por tritões e sereias, e Mosca lhe perguntara como eles faziam para subir os degraus escorregadios com seus rabos de peixe. Próspero sorriu com a lembrança. Ele se sentou no primeiro degrau e olhou para o canal banhado pela luz da lua. Na água, as velhas casas se refletiam de maneira distorcida. Como já se refletiam quando Próspero ainda não havia nascido, quando seus pais não haviam nascido, nem mesmo seus avós. Quando andava pela cidade, ele gostava de passar os dedos ao longo dos muros das casas. As pedras em Veneza davam uma outra sensação, tudo era diferente. Diferente do quê? Diferente de antigamente.

Próspero tentou não pensar nisso. Não que tivesse saudades de casa — já não tinha havia algum tempo. Nem mesmo à noite. Agora a sua casa era ali, a casa dele e de Bo. Como um grande bicho manso, a cidade da lua os acolhera, os escondera em suas vielas emaranhadas e os encantara com seus cheiros e ruídos peculiares. Até amigos ela arranjara para eles. Próspero não queria ir embora nunca. Nunca mais. Ele havia se acostumado a ouvir o marulhar da água lambendo a madeira e a pedra. E se tivessem de ir embora? Por causa do homem com o bigode de morsa.

Riccio e ele ainda não haviam contado nada aos outros sobre o seu perseguidor. Mas todos estavam em perigo, pois, se aquele detetive encontrasse Bo e Próspero, acabaria encontrando também o esconderijo das estrelas. E os outros: Mosca, que não queria voltar para sua família, pois ela não sentia a sua falta; Riccio, que teria de ir para o orfanato; Vespa, que nunca falava sobre o seu antigo lar, porque isso a deixava muito triste — e Scipio. Tiritando de frio, Próspero abraçou os joelhos encolhidos. E se o detetive que estava atrás dele

e de Bo também descobrisse o Senhor dos Ladrões? Seria um péssimo jeito de agradecer a Scipio por cuidar deles.

Nos degraus úmidos, havia um bilhete de *vaporetto* rasgado. Próspero o jogou no canal e observou como foi sendo levado pela correnteza.

“Não adianta, preciso contar a eles sobre o detetive”, ele pensou. Mas como faria isso sem que Bo soubesse? Bo, que se sentia tão seguro e que havia acreditado nele quando lhe dissera que Esther jamais os procuraria em Veneza.

Na casa em frente, uma sombra se moveu atrás da janela iluminada. Então a luz se apagou. Próspero se levantou. Os degraus de pedra estavam frios e úmidos, e ele congelava. “Agora, enquanto Bo está dormindo”, ele pensou. Agora mesmo ele contaria aos outros sobre o bigode-de-morsa. Talvez então Scipio tirasse da cabeça o serviço encomendado por Barbarossa. Mas talvez — Próspero não queria levar o pensamento até o fim — talvez Scipio mandasse os dois embora. E o que eles fariam então?

Com um peso no coração, Próspero voltou para o cinema abandonado.

— Vespa, acorde!

Próspero sacudiu seu ombro suavemente, mas Vespa se ergueu tão sobressaltada que o gatinho rolou como uma bola para fora do travesseiro.

— O que houve? — ela murmurou, esfregando os olhos.

— Não, nada. Preciso contar uma coisa para vocês.

— No meio da noite?

— É.

Próspero se levantou para acordar Mosca, mas Vespa o deteve.

— Espere, conte primeiro para mim antes de acordar os outros. Próspero olhou para Mosca. Ele estava tão enfiado debaixo das cobertas que só dava para ver seus cabelos crespos.

— Está bem, Riccio já sabe mesmo.

Eles se sentaram lado a lado nas poltronas do cinema, cada um com um cobertor nas costas. A calefação não funcionava, assim como a luz, e as estufas que Scipio havia arranjado apenas diminuíam precariamente o frio na grande sala.

Vespa acendeu duas velas.

— E então? — ela perguntou, olhando para Próspero cheia de expectativa.

— Quando Riccio e eu estávamos voltando da loja do Barbarossa... — Próspero enterrou o queixo no cobertor — ...dei um encontrão num homem sem querer. Primeiro, só achei estranho, porque ele me olhou de uma forma muito esquisita, mas depois percebi que ele estava me seguindo. Nós fugimos dele, corremos até o canal Grande e pegamos um *vaporetto* até a outra margem para despistá-lo. Mas Riccio o reconheceu. Disse que o homem é um detetive. E, ao que parece, está atrás de mim. Atrás de mim e de Bo.

— Um detetive de verdade? — Vespa balançou a cabeça, incrédula. — Pensei que eles só existissem em livros e filmes. Riccio tem certeza?

Próspero fez que sim.

— Bem, mas também pode ser que esteja atrás de Riccio. Você sabe que ele não consegue parar de roubar.

— Não. — Próspero suspirou e olhou para o teto, que estava coberto por nuvens de escuridão. — Era atrás de mim que ele estava. O jeito como olhou para mim... ele vai nos achar, e a minha tia com certeza já está num desses hotéis grã-finos esperando para levar Bo. E eu, eles vão me enfiar em algum internato e vou ver Bo uma

vez por mês e, depois de um tempo, provavelmente só no verão ou no Natal.

Próspero sentiu uma onda de náusea tão forte que ele se encolheu e apertou os braços firmemente contra a barriga. Ele fechou os olhos, como se assim pudesse barrar o medo, mas isso naturalmente não funcionou.

— Ah, como é que ele vai encontrar vocês dois aqui? — Vespa pôs a mão no ombro de Próspero e olhou para ele preocupada. — Vamos, não esquente a cabeça com isso.

Próspero cobriu o rosto com as mãos. No fundo da sala, Riccio murmurou alguma coisa enquanto sonhava. Seu sono era quase sempre agitado. Como se houvesse alguém sentado em seu peito.

Próspero se endireitou novamente.

— Não diga nada a Bo, está bem? Ele precisa continuar acreditando que está totalmente seguro aqui. Mas Scipio e Mosca têm de saber. Todos vocês vão ter muitos problemas se esse espião achar a gente aqui...

— Ah, que nada! Ele não vai achar. — Vespa esfregou o nariz. — Este esconderijo é muito bom. O melhor de todos. Droga. Estou ficando gripada de novo. Será que, em vez de pinças de açúcar e colheres de prata, Scipio não poderia roubar uma estufa melhor?

Próspero deu o seu lenço amarrotado para Vespa. Ela agradeceu e assoou o nariz.

— Riccio quer tingir os cabelos de Bo, e quer que eu pinte meu rosto de preto para o detetive não reconhecer a gente — disse Próspero.

Vespa riu baixinho.

— Acho que, no seu caso, basta eu cortar os seus cabelos bem curtinhos, mas tingir o cabelo de Bo é uma boa idéia. Podemos dizer para ele que as velhinhas não vão mais passar a mão na sua cabeça se ele tiver cabelos pretos. Ele odeia isso.

— Você acha que ele vai engolir essa?

— Bem, Scipio pode dizer a ele que ninguém consegue virar um ladrão famoso com cabelos loiros. Bo tentaria voar se Scipio pedisse.

— É verdade. — Próspero sorriu, embora sentisse o ciúme espetá-lo com uma ponta afiada.

— Scipio vai gostar dessa história do detetive. — Vespa esfregou os braços para se aquecer. — No máximo, vai ficar decepcionado por não ser ele quem está sendo procurado. Até que seria uma tarefa emocionante para um detetive descobrir onde dorme o Senhor dos Ladrões. Será que de manhã cedinho ele desce pelo telhado do Palácio dos Doges, depois de ter passado a noite num calabouço bem confortável? Será que ele dorme lá em cima nos *piombi,* onde antigamente os inimigos de Veneza suavam, ou lá embaixo nos *ponti,* onde eles apodreciam? Está vendo? Fiz você rir!

Vespa se levantou com uma cara de satisfação e despenteou os cabelos de Próspero.

— Amanhã de manhã, teremos um novo corte — ela disse —, e agora pare de se preocupar com esse detetive.

Próspero concordou.

— Então, você não acha... — ele perguntou hesitante — ...que vocês estão em perigo por nossa causa? Você não acha que seria melhor que Bo e eu fôssemos embora?

— Titica de pombo! — Vespa balançou a cabeça impaciente. — Como assim? A polícia já esteve tantas vezes atrás de Riccio. E por acaso o mandamos embora por causa disso? Não. E Scipio então? Ele não coloca todos nós em perigo com os roubos malucos que anda fazendo ultimamente? — Vespa puxou Próspero da sua poltrona. — Venha, vamos deitar e dormir. Meu Deus, como Mosca ronca.

Próspero trocou de roupa novamente e se enfiou debaixo do cobertor com Bo. Mas ainda demorou para

adormecer.

10

Na manhã seguinte, Riccio foi à loja de Barbarossa levar a resposta do Senhor dos Ladrões, conforme Scipio ordenara.

— Ele aceitou? Ótimo, meu cliente vai ficar muito contente — disse o barba-ruiva com um sorriso de satisfação. — Mas vocês precisam ter um pouco de paciência. Não é fácil fazer um recado chegar até ele. Esse homem nem tem telefone.

Nos dois dias seguintes, Riccio percorreu em vão o caminho até a loja. Só no terceiro dia o barba-ruiva tinha a esperada notícia.

— Meu cliente quer encontrá-los na basílica, a Basílica de São Marcos — declarou Barbarossa na frente do espelho no seu escritório, enquanto aparava a barba com uma tesourinha minúscula.

— O *conte* gosta de fazer mistério, mas nos negócios com ele nunca há problema. Ele já me vendeu algumas peças muito boas e sempre por um preço justo. Só não façam perguntas curiosas, ele não suporta isso, entendeu?

— O *conte?* — perguntou Riccio impressionado. — Quer dizer que é um conde de verdade?

— Mas é claro. Espero que o Senhor dos Ladrões saiba se comportar à altura — Barbarossa tirou um pêlo do nariz com um gesto afetado. — Quando encontrarem o *conte,* vocês verão como não pode haver dúvidas quanto à sua ascendência nobre. Até hoje ele não me revelou o seu nome, mas suponho que seja um Vallaresso.

Alguns membros dessa venerável família não foram exatamente favorecidos pela sorte. Fala-se até mesmo de uma maldição.

O barba-ruiva aproximou-se um pouco mais do espelho e arrancou um pêlo especialmente rebelde.

— Seja como for — ele continuou —, eles pertencem a essas famílias antigas, você sabe, todos esses Correr, Vendramin, Contarini, Venier, Loredan, Barbarigo ou seja lá como se chamem, que há séculos conduzem os destinos desta cidade sem que a gente saiba o que está acontecendo. Não é verdade?

Riccio concordou com a cabeça, ainda mais impressionado. Naturalmente, ele já ouvira os nomes que o barba-ruiva havia enumerado com tanta empolação, conhecia os palácios e museus que se chamavam assim, mas não sabia nada sobre as pessoas que lhes deram os nomes.

Barbarossa deu um passo para trás e observou satisfeito a sua imagem no espelho.

— Bem, como eu disse, tratem meu cliente apenas por *conte,* que ele ficará satisfeito. O Senhor dos Ladrões com certeza vai se entender com ele às mil maravilhas. Afinal de contas, o chefe de vocês também gosta de se envolver com um véu de mistério. O que me parece bastante aconselhável na sua profissão, não é verdade?

Riccio fez que sim novamente. Ele mal podia esperar que o gordo finalmente voltasse ao assunto e ele

pudesse dar aos outros a notícia que estavam esperando. Ele não conseguia ficar parado de tanta impaciência.

— Quando? Quando devemos nos encontrar com ele na basílica? — ele perguntou quando Barbarossa se aproximou novamente do espelho para aparar as sobrancelhas.

— Amanhã à tarde, às três em ponto. O *conte* vai esperá-los no primeiro confessionário do lado esquerdo. Sem atrasos, por favor! Esse homem é sempre mais do que pontual.

— Entendido — murmurou Riccio. — Três horas, confessionário, pontualmente.

Ele se virou para ir embora.

— Um momento, um momento, sem essa pressa, seu ouriço! — Barbarossa fez um sinal para Riccio voltar. — Digª ªº Senhor dos Ladrões que o *conte* deseja se encontrar com ele pessoalmente. Como acompanhante, ele pode levar quem quiser: macacos, elefantes ou vocês, anõezinhos. Mas ele também deve ir. O *conte* quer ter uma idéia de quem ele é, antes de lhe passar o serviço. Afinal de contas... — ele fez uma cara de ofendido — ...nem mesmo a mim ele revelou qualquer detalhe.

Riccio não se admirou com isso, mas o desejo do *conte* de ver Scipio fez o seu coração bater mais depressa.

— A... acho... — ele gaguejou — que Sei..., que o Senhor dos Ladrões não vai gostar nada disso.

— Bem — Barbarossa ergueu seus ombros gordos — então ele não será contratado. Tenha um bom dia, nanico.

— Igualmente — murmurou Riccio, e, mostrando a língua para as costas de Barbarossa, se pôs preocupado a caminho de casa.

11

Victor estava sentado na praça São Marcos, cercado por centenas de mesas e milhares de colunas, tomando o seu terceiro café expresso. Preto, com três cubos de açúcar. Difícil de mexer naquela xícara minúscula. E tão caro que era melhor nem pensar sobre isso. Já fazia mais de uma hora que estava sentado naquela cadeira dura e fria, observando os rostos das pessoas que passavam perto dele. Naturalmente, Victor não havia posto o bigode que estava usando quando esbarrou com Próspero na rua. Dessa vez, ele desistira totalmente de bigodes ou barbas postiças, mas havia escolhido uns óculos com lentes de vidro comum, que o faziam parecer um pouco bronco e totalmente inofensivo. Satisfeito, olhou para si mesmo. “Perfeito”, pensou, “o disfarce perfeito: Victor, o turista.” Boné, uma grande câmera fotográfica no peito. Era um dos seus disfarces favoritos. Como turista, ele podia tirar fotos tranqüilamente, sem despertar suspeitas. Ou se misturar a um desses grupos de estrangeiros, que desciam de um barco e andavam cinco horas a fio pela cidade fotografando tudo o que tivesse cara de antigo e um pouco de ouro no frontão.

“Assim sim dá gosto trabalhar!”, pensou Victor e piscou ao virar-se para o sol baixo. Seus raios se refletiam nas janelas da basílica, como se o vidro estivesse derretendo com o calor. Os anjos de asas douradas na cumeeira pareciam subir ao céu e, sobre a entrada principal, entre centenas de estrelas brilhantes, o leão alado abria suas asas.

Quase todas as pessoas que chegavam pelas estreitas vielas e pisavam na praça São Marcos pela primeira vez olhavam maravilhadas ao seu redor, como se tivessem chegado a um lugar encantado que pensavam existir apenas em sonhos. Algumas paravam como que enfeitiçadas, parecia que não queriam sair dali nunca mais. Outras recuperavam seu rosto de criança quando olhavam para o vidro reluzente e para o leão entre as estrelas. Somente muito poucas pareciam não se comover com aquela profusão de beleza, e continuavam se arrastando com seus rostos petrificados, orgulhosas de não haver mais nada nesse mundo que as espantasse. Victor nunca sabia se devia sentir pena ou medo dessas pessoas.

Enquanto mexia o seu café, com uma colher pequena demais para os seus dedos, inúmeras pessoas chegavam à praça São Marcos, e Victor as observava pacientemente, uma por uma. Mas os dois rostos que procurava não estavam lá. “Bem, posso estar confiando demais na minha sorte”, pensou Victor e, depois de assoar o nariz, que estava perigosamente frio, pediu mais um café ao garçom apressado. Pelo menos, ficar sentado ali olhando ao seu redor era melhor do que a via-sacra interminável dos últimos dias. Ele estivera com os *carabinieri,* nos orfanatos, hospitais, na estação. Falara com pilotos de barcos e condutores de *vaporetti,* mostrara-lhes a foto de Próspero e Bo, e controlara a sua raiva rangendo os dentes ao receber a centésima resposta negativa. Se Próspero não tivesse topado com

ele na rua, Victor teria começado a duvidar de que algum dia os dois irmãos tivessem estado em Veneza.

Basta. Pensando na oportunidade perdida, Victor sentiu seu estômago revolver novamente. Claro, ele devia ter estendido as mãos e, zás, agarrado o menino! Era melhor nem lembrar. Entediado, Victor pingou uma gota de café na ponta do nariz. Um homem na mesa ao lado parecia não apreciar nem um pouco esse tipo de brincadeiras, e lançou um olhar de reprovação para Victor por cima do seu jornal. Victor fez uma careta para ele e enxugou o café do nariz com a manga. Mas era bom parar com as brincadeiras. Já estava na hora de pensar de novo em ganhar algum dinheiro. Uma das tartarugas estava resfriada. A coitada espirrava o tempo inteiro, e os veterinários eram caros.

Um pombo que ciscava debaixo da mesa de Victor, um dos milhares que havia na praça, começou a bicar o cadarço do seu sapato. Quando o detetive virou do avesso o bolso do casaco e sacudiu para ele as migalhas de pão do seu café-da-manhã, o ingrato fez cocô no seu sapato. Que dia.

Victor deu um suspiro profundo e olhou para o relógio. Quase três horas. “Já está na hora de pôr alguma coisa no estômago além de café”, ele pensou, assoando novamente o nariz gelado. Foi então que de repente viu seis crianças do outro lado da praça, passando pelas mesas do café que ficava em frente. Elas chamaram a atenção de Victor porque pareciam estar com muita pressa, e porque o menino que andava na frente dos outros cinco, como se fosse o líder, usava uma máscara negra que lhe dava o aspecto de uma pequena ave de rapina. Estavam indo em direção à basílica. Entre elas havia uma menina e um menino bem pequeno, mas não era loiro. Victor ergueu o jornal e ficou observando as crianças pelas bordas, discretamente. O mais magro, de cabelos espevitados, que ia logo atrás do chefe, lhe

pareceu conhecido. Mas antes que Victor pudesse ver melhor, os seis desapareceram de repente, engolidos por um gigantesco grupo de turistas canadenses, todos com berrantes mochilas vermelhas nas costas. Daria para encher um *vaporetto* só com eles.

— Saiam da frente, suas aves migratórias! — resmungou Victor irritado, esticando seu pescoço curto.

Ali. Ali estavam eles de novo: quatro meninos e uma menina, sem contar o chefe mascarado. E ali também estava o menino magro que lhe pareceu conhecido. Mas que droga, esse cabelo espevitado como um ouriço... É claro! Victor se levantou. O seu quarto café já estava pago, um detetive sempre paga na hora. Afinal de contas, ele não pode deixar um suspeito escapar porque o garçom está demorando. Victor andou em direção à basílica e procurou uma nova mesa por ali, sem perder de vista as crianças.

“Sim, é ele!”, pensou Victor, ajeitando os óculos falsos. “É o garoto que estava com Próspero. É ele...”

— Vire-se para cá — murmurou Victor, observando pelo visor da sua câmera o menino de cabelos pretos que recuara um pouco. A forma protetora com que ele pôs o seu braço no ombro do pequeno. Sim, devia ser ele, Próspero...

— Olhe para mim! — sussurrou Victor. — Olhe para cá, por favor, Próspero!

Na mesa da direita, uma mulher se virou e olhou para ele de um jeito desconfiado. Victor sorriu envergonhado. Por que ele não conseguia perder aquela mania de falar sozinho?

Ali. Finalmente! O menino de cabelos pretos se virou.

— Diabos, é ele! — Triunfante, Victor começou a tamborilar com os dedos na mesa. — Próspero, o favorecido pela sorte. Pois é, meu amigo... logo, logo a sorte vai abandonar você e vai parar nas mãos de Victor.

Você cortou os cabelos? Sinto muito, mas isso não basta para enganar Victor. E o pequeno que você está abraçando tão fraternalmente? Os cabelos dele são tão pretos que parece que ele caiu num balde de tinta.

Tinta. É claro!

Victor começou a assobiar de felicidade, enquanto tirava uma foto atrás da outra, da basílica, do leão alado e... dos dois irmãos.

Todos que estão em Veneza vão à praça São Marcos uma vez por dia. Só é preciso ter paciência. Paciência. Perseverança. Sorte. Muita sorte. E bons olhos...

Faltava muito pouco para Victor começar a ronronar como um gato gordo e satisfeito.

12

— Bo, vamos! — Próspero chamou. — São quase três horas. Venha de uma vez.

Mas Bo ficou parado, olhando para o alto, diante do grande portal da basílica. Sempre que ia à praça São Marcos, ele parava ali, inclinava a cabeça para trás e ficava admirando os cavalos que havia lá em cima. Eram quatro cavalos, quatro enormes cavalos dourados, que relinchavam e batiam os cascos lá no alto. Bo sempre se espantava que eles ainda não tivessem pulado para baixo, de tão vivos que pareciam.

— Bo!

Impaciente, Próspero o puxou para a frente em meio ao enxame de pessoas que se apinhavam na entrada da gigantesca catedral, ansiosas por ver suas cúpulas e paredes cobertas de ouro.

— Eles estão bravos — disse Bo, que de vez em quando olhava de novo para trás.

— Quem?

— Os cavalos de ouro.

— Bravos? — Próspero franziu a testa e puxou-o mais uma vez. — Por quê?

— Porque eles foram roubados e trazidos para cá — sussurrou Bo. — Vespa me contou.

Ele segurou bem firme a mão de Próspero enquanto contornavam a basílica, para não se perder dele na multidão. Nas ruas ele não tinha medo, mas ali naquela praça enorme, sim. A “Praça do Leão” era como Bo a chamava. Ele sabia que o nome era outro, mas a batizara assim. Ali, durante o dia, cada pedra do chão pertencia às pombas e aos turistas. Mas Bo tinha certeza de que à noite, quando as pombas dormiam nos telhados e as pessoas já estavam na cama, a praça pertencia aos cavalos dourados e ao leão alado que ficava entre as estrelas.

— Faz uns mil ou cem anos que eles foram trazidos para cá — disse Bo.

— Quem? — perguntou Próspero, e puxou Bo para se desviar de um casal que estava sendo fotografado na frente da basílica.

— Os cavalos! — Bo olhou outra vez para trás, mas não conseguiu mais vê-los. — Os venezienses roubaram esses cavalos de uma cidade muito, muito longe que eles conquistaram. Vespa disse que antigamente os venezienses eram muito poderosos, e muito guerreiros. O ouro da balísica, eles compraram com os saques das guerras. Ou roubaram. Antes de colarem lá dentro no teto e nas paredes.

— “Basílica” — corrigiu Próspero. — E eles se chamam “venezianos”, e não “venezienses”.

Ele olhou para o gigantesco mostrador dourado do relógio da torre, que brilhava no lado norte da praça. Cinco para as três.

Scipio e os outros já estavam esperando por eles na fonte dos leões, em frente à entrada lateral da basílica. Scipio havia tirado a máscara e brincava com ela, impaciente.

— Ufa, até que enfim! — ele disse quando Bo se sentou ao seu lado na beirada da fonte. — Você ficou olhando para os cavalos de novo?

Bo olhou encabulado para os pés. Vespa havia comprado sapatos novos para ele. Eram um pouco grandes, mas muito bonitos. E quentes.

— Escutem! — Scipio fez um sinal para os outros se aproximarem e baixou a voz, como se receasse que alguém o estivesse espionando por ali. — Não quero ir a esse encontro com toda uma comitiva, então vamos fazer o seguinte: Próspero e Mosca entram junto comigo, e vocês três ficam esperando aqui na fonte. Desapontados, Bo e Riccio olharam um para o outro.

— Mas eu não quero ficar aqui esperando! — O lábio inferior de Bo começou a tremer de forma suspeita. Vespa passou a mão nos cabelos dele para consolá-lo, mas ele afastou a cabeça.

— Bo tem razão! — exclamou Riccio. — Por que não podemos entrar todos juntos? Por que só Mosca e Próspero?

— Porque nós três não somos bons o suficiente para a comitiva do magnífico Senhor dos Ladrões — respondeu Vespa antes que Scipio pudesse dizer alguma coisa. — Bo é muito pequeno, você não parece ter mais de oito anos, e eu sou uma menina, o que está fora de cogitação. Não, nós três apenas iríamos fazê-lo parecer ridículo, não é mesmo, Senhor dos Ladrões?

Scipio apertou os lábios, furioso. Sem dizer uma palavra, ele desceu os degraus da fonte com um ar de superioridade.

— Venham — ele disse para Mosca e Próspero, mas os dois hesitaram.

Eles só se decidiram a ir quando Vespa disse: — Vão de uma vez.

Riccio ficou onde estava, tentando conter as lágrimas de decepção, enquanto os seguia com o olhar.

Mas Bo começou a chorar, tão alto que Próspero voltou correndo. Apesar da cara feia que Scipio fez.

— Você nem gosta da basílica! — ele disse baixinho para Bo. — Você fica com medo lá dentro, portanto não faça essa cara. Fique aqui na fonte, cuide de Vespa e não saia de perto dela.

— Mas vai ser muito chato — murmurou Bo, acariciando a pata de pedra de um dos leões da fonte.

— Próspero, venha logo! — Scipio chamou irritado do portal lateral da basílica.

— Até já — disse Próspero.

E entrou na gigantesca igreja com Mosca e o Senhor dos Ladrões.

* * *

"A caverna dourada", foi assim que Bo batizou a basílica quando a visitou pela primeira vez, com Próspero. Mas os mosaicos dourados de anjos, santos e reis que enfeitavam as paredes e o teto brilhavam apenas em certas horas, quando a luz do sol entrava pelas altas janelas da catedral. Agora estava tudo escuro. E as figuras formadas por milhares de pecinhas de vidro cintilantes eram engolidas pela penumbra que preenchia a gigantesca abóbada. A claridade e o calor haviam ficado lá fora na praça, como se não existissem mais.

Hesitantes, os três garotos avançavam pelo amplo corredor central, e seus passos ecoavam no chão de pedra. Sobre suas cabeças, estendiam-se as cúpulas douradas cujo esplendor estava encoberto pela escuridão. Entre as altas colunas de mármore que as sustentavam, eles se sentiram tão pequenos e desprotegidos que acabaram andando colados uns aos outros sem querer. A penumbra estava impregnada de

quietude, de sussurros, cochichos e murmúrios, e dos ruídos das solas dos sapatos roçando a pedra fria.

— Onde ficam os confessionários? — sussurrou Mosca, olhando ao seu redor com uma sensação desconfortável. — Eu não vim aqui muitas vezes. Não gosto de igrejas. Não me sinto bem dentro delas.

— Eu sei onde eles ficam — disse Scipio, e colocou novamente a máscara.

Seguro de si, como um dos guias que mostravam as maravilhas da basílica aos grupos de turistas, ele ia na frente dos outros dois. Os confessionários ficavam um pouco afastados, na nave lateral da grande igreja. O primeiro confessionário do lado esquerdo não se diferenciava dos demais: uma caixa de madeira escura tapada com cortinas vermelhas, com uma porta no meio, através da qual o sacerdote se introduzia no seu estreito interior. Lá dentro, ele se sentava num banquinho e encostava o ouvido numa janelinha, através da qual os fiéis podiam sussurrar os seus pecados e com isso limpar a alma.

Naturalmente, ao lado do confessionário também havia uma cortina para os pecadores, que assim se protegiam de olhares curiosos. Scipio afastou essa cortina para entrar. Mas só depois de ajeitar a máscara no rosto uma última vez e pigarrear nervoso novamente. O Senhor dos Ladrões se esforçava para agir como se fosse a calma em pessoa, mas Próspero e Mosca perceberam que o coração de Scipio batia tão forte quanto o deles quando o seguiram através da cortina.

Quando descobriu o banco baixo que se ocultava no escuro, Scipio hesitou um instante, mas depois se ajoelhou. Somente assim ele ficava com os olhos na altura da janelinha, através da qual quem quer que estivesse dentro do confessionário poderia vê-lo. Próspero e Mosca se puseram atrás dele como se fossem seus guarda-costas. Scipio ficou ali ajoelhado, sem tirar

a máscara negra do rosto, esperando que alguma coisa acontecesse do outro lado da janela, cuja cortina estava fechada.

— Talvez ele ainda não tenha chegado. Vamos dar uma olhada?

— sussurrou Mosca um pouco inseguro.

Mas nesse momento alguém abriu a cortina atrás da janelinha. Na penumbra do confessionário brilharam dois olhos, claros e redondos, sem pupilas. Próspero sentiu um arrepio e, somente quando olhou pela segunda vez, percebeu que eram as lentes de óculos, nas quais se refletia a escassa luz que havia ali.

— Numa igreja, não é de bom-tom usar máscara nem chapéu

— disse uma voz rouca, que parecia ser de um homem muito velho.

— Num confessionário, não é de bom-tom falar sobre roubos — respondeu Scipio. — E é o que viemos fazer, não?

Próspero acreditou ter ouvido uma risada abafada.

— Então você é realmente o Senhor dos Ladrões — disse o estranho em voz baixa. — Está bem, fique com a máscara se não quiser mostrar o seu rosto. Mesmo assim posso ver que é muito jovem.

Scipio endireitou o corpo.

— É verdade. E o senhor é muito idoso, a julgar pela sua voz. A idade tem alguma importância no nosso negócio?

Próspero e Mosca trocaram um breve olhar. Scipio não podia mudar o fato de ter um corpo de criança, mas se expressava como um adulto com tanta facilidade que os dois sempre ficavam admirados.

— De forma alguma — respondeu o velho homem em voz baixa. — Você deve desculpar o meu espanto com a sua idade. Admito que, quando Barbarossa me contou sobre o Senhor dos Ladrões, não imaginei um menino de

doze ou treze anos. Mas não me entenda mal: concordo inteiramente com você, a sua idade não tem nenhuma importância. Eu mesmo, com oito anos, tive que começar a trabalhar como um adulto, embora meu corpo fosse pequeno e fraco. E ninguém se importava com isso.

— Na minha profissão, um corpo menor é até mesmo útil, *conte* — disse Scipio. — É assim que devo chamá-lo, não é?

— Pode me chamar assim, é claro. — O homem no confessionário pigarreou. — Como Barbarossa lhe contou, estou procurando alguém que obtenha para mim algo que procurei durante anos e que finalmente consegui encontrar. Lamentavelmente, esse objeto encontra-se em poder de um estranho.

O velho pigarreou mais uma vez. Agora os seus óculos estavam bem próximos da janelinha e Próspero pensou ter percebido o contorno de um rosto.

— Se você se denomina o "Senhor dos Ladrões", já deve ter entrado em algumas casas elegantes desta cidade sem ser apanhado, não é mesmo?

— É claro — Scipio esfregou discretamente os joelhos doloridos. — Nunca fui apanhado. Conheço pelo menos a metade das casas elegantes da cidade. Sem ter sido convidado.

— Sei, sei. — Dedos vigorosos, cobertos por manchas de velhice, ajeitaram os óculos. — Ótimo, então vamos fazer negócio. A casa que você deve visitar para mim fica no *campo* Santa Margherita, número 423 e pertence à *signora* Ida Spavento. Não é uma casa especialmente luxuosa, mas possui um pequeno jardim, o que em Veneza, como você deve saber, equivale a um tesouro. Vou deixar um envelope neste confessionário, no qual você encontrará todas as informações necessárias para realizar o seu trabalho: uma planta da Casa Spavento, algumas explicações sobre o objeto que deve roubar, assim como uma foto.

— Muito bem — Scipio balançou a cabeça para a frente. — Será muito útil e poupará trabalho a mim e aos meus ajudantes. Agora creio que devemos falar sobre o pagamento.

Mais uma vez, Próspero ouviu o velho homem rir baixinho.

— Vejo que é um homem de negócios. A sua recompensa será de cinco milhões de liras, a serem pagas na entrega do objeto.

Mosca apertou o braço de Próspero com tanta força que doeu. Por alguns instantes, Scipio não disse absolutamente nada e, quando voltou a falar, estava quase sem voz.

— Cinco milhões — ele repetiu lentamente. — Isso... me parece um preço justo.

— Não poderia pagar mais, mesmo se quisesse — respondeu o *conte.* — E você verá que aquilo que quero que roube tem valor somente para mim, pois não é de ouro nem de prata, mas apenas de madeira. Bem, estamos combinados?

Scipio respirou fundo.

— Sim — ele disse. — Estamos combinados. Quando devemos lhe entregar o objeto?

— Oh, assim que as suas habilidades de ladrão o permitirem; quanto antes, melhor. Sou um homem velho e ainda gostaria de viver o fim da minha longa busca. Não tenho outro desejo nesta vida além de ter nas mãos aquilo que você deve roubar para mim.

Como soavam melancólicas aquelas palavras! “O que será?”, pensou Próspero. “O que pode ser tão maravilhoso para alguém desejá-lo tanto assim?” Era apenas um objeto que eles deveriam roubar para aquele homem idoso. Não era nada vivo. Como alguém podia ansiar tanto por uma coisa morta?

Scipio aquiesceu e olhou pensativo através da janela escura.

— Como devo informá-lo de que obtive sucesso? — ele perguntou. — Barbarossa disse que o senhor é uma pessoa difícil de encontrar.

— É verdade — ouviu-se um pigarro na escuridão. — Mas neste confessionário você descobrirá tudo o que precisa saber, assim que eu sair. Quando eu fechar novamente a cortina, por favor contem até cinqüenta antes de pegar o que estou deixando. Também gosto de resguardar o meu segredo, mas uma máscara não me ajudaria em nada. Mandem-me notícias do seu sucesso e no dia seguinte, na loja de Barbarossa, encontrarão a minha resposta, na qual lhes direi quando trocaremos o objeto pela sua recompensa. O local, prefiro dizer agora, pois Barbarossa tem um fraco por abrir cartas alheias, e eu gostaria de concluir esse negócio sem ele. Portanto, grave bem o seguinte: nos veremos novamente na *sacca* delia Misercordia, a pequena baía no norte da cidade. O ponto exato você saberá mais tarde. Caso não conheça a *sacca,* poderá localizá-la em qualquer mapa da cidade. Eu lhe desejo boa sorte, Senhor dos Ladrões. Meu coração anseia há tanto tempo por aquilo que vai roubar para mim, que já está cansado de esperar.

O *conte* fechou repentinamente a cortina da pequena janela. Scipio se levantou e parou para escutar. Um grupo de turistas arrastava os pés diante do confessionário, enquanto um guia dava explicações com voz abafada sobre os mosaicos acima das suas cabeças.

— Quarenta e oito, quarenta e nove, cinqüenta! — disse Mosca, quando o grupo finalmente se afastou e a voz do guia apenas soava ao longe.

Scipio lançou um olhar zombeteiro para ele.

— Nossa, isso é que é contar depressa — ele disse, e abriu a cortina.

Cautelosamente, os três saíram do pequeno compartimento, um atrás do outro.

— Vá você, Próspero — sussurrou Scipio, enquanto ele e Mosca protegiam a entrada do confessionário.

Próspero abriu a porta que era destinada ao sacerdote e entrou. Sobre o estreito banco debaixo da janela, ele encontrou um envelope lacrado e uma cesta com uma tampa. Quando ergueu a cesta, Próspero ouviu alguma coisa se mexendo lá dentro. Ele quase a deixou cair de susto. Scipio e Mosca olharam com grande espanto quando o viram sair com o seu achado.

— Uma cesta? O que tem aí dentro? — sussurrou Mosca desconfiado.

— Não sei, mas é alguma coisa que chia.

Próspero começou a erguer a tampa com cuidado. Mas Mosca a empurrou novamente para baixo assustado.

— Espere! — ele disse baixinho. — Uma coisa que chia?Talvez seja uma cobra.

— Uma cobra? — zombou Scipio. — Por que o *conte* nos daria uma cobra? Essas coisas só acontecem nas histórias que a Vespa vive lendo pra vocês.

Ele colou o ouvido na tampa.

— Certo, está chiando. Mas também tem alguma coisa batendo — murmurou ele. — Vocês j á ouviram falar de cobras que batem?

Scipio franziu a testa e abriu a tampa apenas o suficiente para espiar o que havia dentro da cesta.

— Diabos! — ele disse e fechou a tampa rapidamente. — É um pombo.

13

"O que eles foram fazer na basílica?", pensou Victor quando viu Próspero e Mosca entrarem junto com Scipio pelo portal lateral. Era mais do que improvável que os três estivessem lá para ver os mosaicos. "Espero que não roubem os turistas", pensou Victor, "senão depois vou ter que ir libertar Próspero das mãos dos *carabinieri.* Se bem que para Esther Hartlieb não deve fazer diferença. Isso apenas provaria que ela estava certa em sua opinião negativa sobre o filho mais velho da sua irmã. Mas se o pequeno fosse apanhado roubando, isso sim seria um duro golpe para ela."

O pequeno... Victor olhou dissimuladamente para a fonte por cima do seu jornal. Próspero havia deixado a menina e o cabeça-de-ouriço tomando conta dele. Ele devia confiar nos dois, senão não teria deixado o seu irmãozinho com eles. A menina falava com Bo, pelo jeito tentando fazê-lo rir, mas o pequeno continuava amuado. E o ouriço também. Ele olhava tão desconsolado para a água da fonte que parecia que ia se afogar nela no instante seguinte.

"O que faço agora?", pensou Victor. Ele franziu a testa e fechou o jornal. "Eu poderia pegar o pequeno,

mas acho que, antes que conseguisse tirar a minha licença de detetive do bolso, já teria sido linchado como seqüestrador de crianças". Não, ali havia muita gente. Victor não queria admitir para si mesmo, mas havia um outro motivo, um motivo totalmente irracional para não querer pegar Bo. Era ridículo, mas ele simplesmente não queria que Próspero saísse da basílica e não encontrasse mais o seu irmão. Victor balançou a cabeça e suspirou.

"Eu não devia ter aceitado esse caso", ele pensou. "No que isso ainda vai dar?? No jogo de esconde-esconde, não se pode ter compaixão. E no de pega-pega muito menos. Chega."

"Você vai pegá-los, sim!", sussurrou uma vozinha dentro da sua cabeça. "Mas não aqui, diante de tantas testemunhas, e sim com toda a calma, num lugar tranqüilo. Discretamente. Uma coisa dessas precisa ser preparada com muito cuidado."

— Isso mesmo! — murmurou Victor. — Agora vou apenas obter algumas informações. Por exemplo, sobre esse pequeno bando com o qual os dois estão andando por aí.

Ele puxou o boné para esconder um pouco mais o rosto, certificou-se de que o filme na sua câmera ainda não havia acabado, e saiu andando pela grande praça. Não foi muito longe, apenas o suficiente para que Bo pudesse vê-lo da fonte dos leões.

Então Victor comprou um saquinho de milho de um dos vendedores ambulantes que havia por toda parte, despejou o conteúdo nos bolsos do seu casaco e se pôs no meio da praça com os braços abertos e as mãos cheias de grãos.

— Put, put-put-put! — ele começou a arrulhar e a sorrir da maneira mais inofensiva possível. — Venham, venham seus bobinhos. Mas ai de vocês se fizerem cocô no meu braço.

E eles vieram. É claro. Todo um bando de pombos levantou vôo, uma nuvem de penas cinzentas e bicos amarelos. Eles se aproximaram de Victor em revoada e pousaram nos seus ombros, nos seus braços e até na sua cabeça, onde bicavam o seu boné, curiosos. Não era nada agradável. Victor precisava admitir, ele tinha medo de tudo o que batia asas e tinha um bico pontudo. Mas que outro jeito havia para chamar a atenção de um menino de cinco anos?

Assim, Victor sorria, arrulhava, fazia put-put-put... e observava as crianças na fonte.

O ouriço estava com um bico enorme, sentado um pouco mais afastado dos outros, olhando para as pessoas que passavam. A menina estava com a cabeça enfiada num livro. E Bo estava entediado.

— Olhe para cá, pequeno! — sussurrou Victor, enquanto os pombos ciscavam na sua cabeça. — Vamos, olhe para cá, para o bobão que está se fazendo de espantalho só para você.

Bo passou a mão nos cabelos tingidos, esfregou o nariz, bocejou — e então, de repente, descobriu Victor. Victor, o poleiro de pombos. Bo lançou um rápido olhar para a menina, viu que ela estava totalmente absorta lendo seu livro, e desceu da beirada da fonte.

Até que enfim! Victor suspirou aliviado e encheu de novo com milho as mãos que os pombos já haviam esvaziado. Bo se aproximava hesitante. Ele ainda olhou algumas vezes para os outros, passou entre três meninas que espantavam alguns pombos dos seus cabelos com gritinhos e parou diante de Victor com a cabeça inclinada.

Quando um pombo que estava na cabeça de Victor curvou o pescoço e bicou as lentes dos seus óculos falsos, Bo deu uma risada.

— *Buon giorno* — disse Victor, e espantou da sua cabeça o animalzinho atrevido.

Imediatamente, um outro pombo pousou no mesmo lugar. Bo apertou os olhos e inclinou a cabeça para o outro lado.

— Dói?

— O quê?

— Isso, as garras. E quando elas bicam os seus óculos.

O italiano de Bo era quase tão bom quanto o de Victor. Talvez até melhor.

Victor sacudiu os ombros, e os pombos levantaram vôo — e pousaram novamente.

— Ah — ele exclamou. — Não é tão ruim assim. Eu gosto quando eles ficam voando ao meu redor.

Uma mentira deslavada, descabelada, desbragada. Mas Victor sempre fora bom em mentir. Desde pequeno. Quando era criança e estava em apuros, as mentiras eram as suas melhores aliadas.

— Sabe — disse Victor enquanto Bo o observava —, quando elas batem as asas ao meu redor, fico imaginado que vou levantar vôo também. Até os cavalos dourados lá em cima.

Bo virou-se e olhou para os cavalos que batiam os cascos sobre o portal da basílica.

— É. Eles são fantásticos, não é? Eu queria tanto subir lá em cima pelo menos uma vez. Vespa disse que, para trazer os cavalos para cá, eles tiveram de cortar a cabeça deles. Quando foram roubados. E depois colocaram as cabeças trocadas.

— Ah, é? — Victor espirrou, pois uma pena havia entrado no seu nariz. — Para mim, parece que eles estão em ordem. Mas, de qualquer forma, estes são cópias. Os verdadeiros estão no museu já faz tempo, para não serem corroídos pela maresia. Você gosta de pombos?

— Não muito — respondeu Bo. — Não gosto quando eles voam perto de mim. Além disso, meu irmão disse

que a gente pega vermes se tocar nelas — ele deu uma risadinha. — Ih, agora um fez cocô no seu ombro.

— Malditas pestinhas! — Victor ergueu os braços tão furioso que os pombos saíram voando. Ele continuou xingando enquanto limpava o ombro com um guardanapo amassado. — Seu irmão disse isso? Ele parece cuidar muito bem de você.

— É. Mas às vezes cuida um pouco demais.

Bo olhou para os pombos que voavam em círculos, então lançou um olhar para a fonte dos leões, onde a menina ainda estava lendo seu livro e o ouriço mexia com a mão na água suja. Tranqüilizado, ele se virou para Victor novamente.

— Posso pegar um pouco de comida?

— Claro.

Victor pôs a mão do bolso e espalhou alguns grãos na mãozinha de Bo.

Bo esticou o braço devagarzinho e encolheu a cabeça assustado quando um pombo pousou no seu braço. Mas quando a ave começou a bicar os grãos na sua mão, ele começou a rir. Tão solto que por um momento Victor esqueceu por que estava ali dando comida para os pombos. Mas o cheiro de laquê de uma mulher que passava por ali de cara amarrada e saltos altos lembrou-o novamente do seu trabalho.

— Como você se chama? — perguntou Victor, e tirou uma pena cinzenta do seu casaco.

“Talvez eu esteja enganado”, ele pensou. “Essas carinhas redondas se parecem como ovos numa caixa.Talvez esses cabelos pretos retintos sejam verdadeiros, talvez o garoto apenas esteja aqui passeando com os seus amigos e no fim da tarde volte para a casa da sua mãe. O italiano dele é realmente muito bom.”

— Eu? Eu me chamo Bo. E você?

Bo deu uma risadinha quando o pombo começou a subir pelo seu braço.

— Victor — respondeu Victor.

E quase deu uma bofetada em si mesmo. Por que, com todos os diabos e demônios, ele tinha dito o seu verdadeiro nome ao menino? Será que, com suas bicadas, os pombos tinham arrancado a pouca inteligência que ele possuía?

— Escute, Bo, você não é pequeno demais para andar sozinho no meio dessa multidão? — ele perguntou como quem não quer nada, e espalhou alguns grãos na sua mão. — Os seus pais não têm medo de que você se perca no meio de tanta gente?

— O meu irmão está aqui — respondeu Bo, e observou encantado um segundo pombo pousar no seu braço. — E os meus amigos também. De onde você é? É americano? Você fala engraçado. Em todo caso, você não é veneziense, é?

Victor passou a mão no nariz, que já estava dolorido de tantas bicadas.

— Não — ele respondeu e ajeitou o boné. — Eu sou um pouco daqui, um pouco dali. Um pouco de cada lugar. De onde você é?

Victor olhou para a fonte. A menina tinha levantado a cabeça e olhava ao redor à procura de Bo.

— De muito, muito longe. Mas agora eu moro aqui. — Ele esticara o "muito" como se com isso quisesse indicar a Victor o quão longe ficava o lugar de onde viera. — Aqui é muito mais bonito.

— ele acrescentou e sorriu para os pombos que pousaram no seu braço. — Tem leões com asas e dragões e anjos por toda parte. Próspero diz que eles cuidam de Veneza, e de nós também, mas nem tem muito o que cuidar, porque aqui não tem carros. E por isso também a gente ouve melhor. A água e os pombos. E a gente nunca precisa ter medo de ser atropelado.

— Sim, é verdade. — Victor reprimiu um sorriso. — A gente só tem que tomar um pouco de cuidado para não cair num canal.

— Ele se virou. — Aqueles ali na fonte, são os seus amigos?

Bo fez que sim.

— Acho que a menina está procurando por você — disse Victor. — Faça um sinal para ela, senão vai ficar preocupada.

— É Vespa. — Bo acenou para ela com a mão que estava sem pombos.

Tranqüilizada, Vespa sentou-se novamente na beirada da fonte. Mas fechou o livro e não tirou mais os olhos de Bo.

Victor decidiu se fazer de poleiro mais uma vez. Assim levantaria menos suspeitas.

— Eu moro num hotel que dá direto no canal Grande — ele disse, enquanto os pombos pousavam em cima dele. — E você?

— Num cinema — Bo teve um sobressalto, pois um dos pássaros queria se agarrar no seu cabelo.

— Num cinema? — Victor olhou para ele incrédulo. — Que inveja. Você pode ver filmes o dia inteiro.

— Não, isso não dá. Mosca disse que eles levaram o projetor. E quase todas as cadeiras. E a tela está tão comida de traças que não dá mais para usar.

— Mosca? É um dos seus amigos? Você mora com os seus amigos?

— Moro. Moramos todos juntos. — Bo confirmou com a cabeça, orgulhoso.

Victor olhou para ele pensativo. “Será? Talvez o baixinho esteja se fazendo de bobo!”, ele pensou. “E enquanto eu me deixo enganar por essa carinha de anjo, ele me conta as suas histórias da carochinha. Um bando de crianças que vivem sozinhas?” Isso devia existir. Mas aquelas ali não pareciam passar fome ou dormir debaixo

de pontes. Bem, os joelhos das calças de Bo estavam remendados, mas de uma forma não muito habilidosa, e ele também não estava usando exatamente o pulôver mais limpo do mundo, mas isso acontecia também com outras crianças. Em todo caso, parecia que o menino tinha alguém que penteava os seus cabelos e limpava as suas orelhas regularmente. O seu irmão?

"Talvez ele me conte um pouco mais", pensou Victor, e abaixou os braços. Os pombos se afastaram decepcionados, e Victor esfregou as mãos nos ombros doloridos.

— O que você acha, Bo? — ele perguntou como que por acaso. — Vamos até aquele café ali tomar um sorvete?

O olhar de Bo ficou desconfiado. Imediatamente.

— Não vou a lugar nenhum com estranhos — ele respondeu com desprezo, e deu um passo para trás. — Não sem o meu irmão mais velho.

— Mas é claro que não! — disse Victor rapidamente. — Muito inteligente da sua parte.

A menina da fonte havia se levantado. Ela apontava na sua direção, e então Victor viu que os outros três estavam de volta. O mascarado carregava uma cesta, e Próspero olhava para Victor com uma cara de preocupação.

"Ele não pode me reconhecer", pensou Victor. "Impossível. Eu estava com aquele bigode de morsa". Mas ele não se sentia tranqüilo.

— Tenho de ir, Bo! — ele disse com pressa, enquanto Próspero vinha na sua direção com um jeito desconfiado. — Foi bom conversar com você. Vou tirar uma foto de você rapidinho. De recordação, está bem?

Bo sorriu e fez uma pose, ainda com um pombo na mão. Próspero apressou o passo quando Victor ergueu a câmera. Ele estava quase correndo.

Victor pressionou o disparador, avançou o filme, tirou mais uma foto.

— Obrigado, pequeno. Foi um prazer conhecê-lo — ele disse, e passou a mão no cabelo negro de Bo.

Sim, era tingido, não havia dúvida.

Próspero estava a apenas poucos passos. Ele esticava o pescoço e abria caminho entre as pessoas, sem tirar os olhos de Victor.

— Adeus. E continue não aceitando convites de estranhos para tomar sorvete — Victor gritou para Bo.

Então ele deu alguns passos rápidos para trás, misturou-se ao primeiro grupo de turistas que passeava pela praça, encolheu a cabeça e se deixou levar. Já estava invisível. Sim, naquela praça qualquer um podia se tornar invisível se fosse um pouco hábil. Victor enfiou rapidamente o boné no bolso esquerdo do casaco, tirou os óculos e pescou um bigodinho e uns óculos escuros no bolso direito. Então colocou-os no rosto e voltou devagar, mas com cautela, para o local onde ainda estavam os dois meninos, cercados por um bando de pombos. Victor passou discretamente pelos dois, entalado entre cinco velhotas gordas.

“Desta vez não vão me passar para trás”, ele pensou. “Oh, não. Desta vez estou preparado”. Mas e se Próspero o reconhecesse? Bobagem. Como iria reconhecê-lo? Afinal, ele não era nenhum menino prodígio. Mas que espécie de menino era ele afinal?

A sua tia certamente não sabia. Esther Hartlieb estava interessada somente no pequeno com o rostinho de anjo. Queria separar os dois irmãos. Provavelmente, ela e o seu marido achavam que isso não era diferente de separar a gema da clara de um ovo. Através dos seus óculos escuros, Victor observou como Próspero pôs a mão no ombro do irmãozinho e lhe disse alguma coisa com insistência, como acariciou os seus cabelos aliviado e o levou consigo, sempre olhando ao redor.

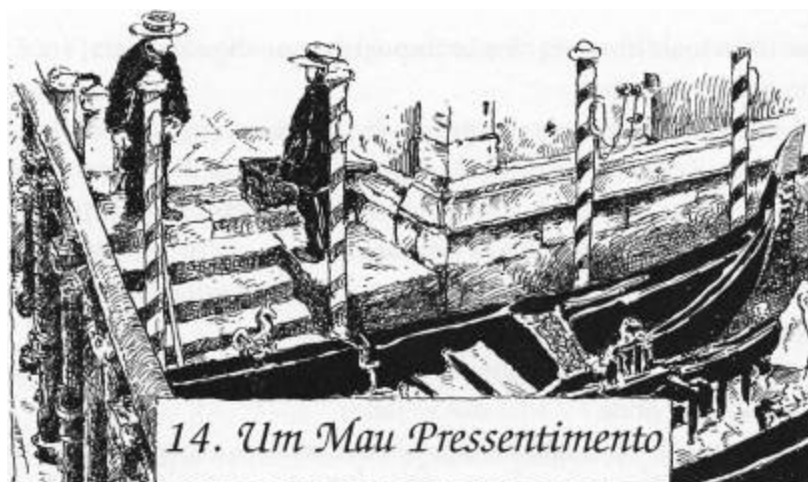
De fato, o diabinho estava desconfiado.

"Seguir alguém requer muita cautela, meu amigo", pensou Victor, enquanto seguia os dois discretamente. "Você não pode estragar tudo mais uma vez. E não importa o que diga a sua tia, você é um garoto esperto."

Escondido atrás de um grupo de japoneses que contemplava a Torre do Relógio, Victor tirou o casaco e virou-o do avesso. Agora ele era cinza, em vez de vermelho. Quando Victor saiu de trás dos japoneses, Próspero e Bo já estavam com os outros. Os seis conversaram entre si rapidamente e entraram numa das vielas que davam na praça.

— Mãos à obra, senhor detetive — murmurou Victor. — Agora vamos ver onde é a toca dos ratinhos.

O que ele faria quando descobrisse onde se escondiam? Victor preferia não decidir isso agora. "Depois", ele pensou. "Depois."

E então seguiu as crianças no labirinto de vielas.

14

— Mas que diabo, Bo, será que pelo menos uma vez você não pode fazer o que a gente diz? — ralhou Scipio quando Próspero voltou com Bo.

— Vocês estavam demorando tanto! — resmungou Bo. — Estava muito chato aqui.

Ele olhou ao redor, mas Victor, o homem dos pombos, não estava em lugar nenhum.

— Fiquei de olho nele o tempo todo, Scip — disse Vespa. — Não precisa ficar nervoso.

— O que tem na cesta? — curioso, Bo enfiou os dedos debaixo da tampa, mas Próspero puxou a mão dele de volta.

— É um pombo-correio. Não mexa aí, está bem?

— Venham, vamos para o esconderijo. — Scipio virou de costas para a grande praça e fez um sinal impaciente para que os outros o seguissem. — Hoje eu não tenho todo o tempo do mundo.

— É o serviço? — exclamou Bo e saiu pulando atrás dele. — O que é que temos de roubar?

— Bo, caramba! — Mosca tapou a boca de Bo, apavorado. — Ainda não sabemos, entendeu?

— O *conte* deu um envelope para a gente — Próspero explicou baixinho. — Mas Scipio só quer abrir quando estivermos no esconderijo.

— E quem manda aqui é Scipio — murmurou Riccio.

Com a cara fechada, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, ele andava ao lado dos outros como se tudo aquilo o interessasse menos do que as pedras do chão em que pisava.

— Como era esse *conte* afinal? — Vespa deu um puxão na trança de Scipio, embora soubesse que ele detestava que fizessem isso.

— Conte um pouco, já que a gente não pôde entrar. Como ele era? Muito medonho?

Mosca deu uma risada.

— Medonho? Sei lá. Nem vimos a cara dele. Ou você conseguiu ver alguma coisa, Scip?

Scipio apenas fez que não com a cabeça.

Próspero ia logo atrás dele, segurando firme a mão de Bo, e olhando para os lados de vez em quando.

— Scipio... — a voz de Próspero quase não saía, de tão nervoso que estava. — Você... você pode achar que estou louco, mas...

— ele olhou novamente ao seu redor — esse sujeito que estava na praça, que falou com Bo...

— Sei — Scipio se virou. — O que tem ele? Parecia um turista, se você quer saber.

— Eu sei. Mas, no caminho para a basílica, Vespa não contou para você que um detetive seguiu a gente?

Scipio franziu a testa.

— Contou sim, achei uma história bastante incrível, se você quer saber...

— Mas é verdade. Justamente esse sujeito... — Próspero procurava as palavras desesperado, enquanto Scipio olhava espantado para ele. — Acho que era ele de

novo. Ele parecia realmente um turista, mas quando saiu de lá...

— Que detetive? — Bo interrompeu o seu irmão.

Próspero lançou um olhar triste para ele. Eles pararam em cima de uma ponte, e Scipio observou friamente as pessoas que subiam os degraus atrás deles.

— Não precisa olhar com essa cara de dúvida — disse Riccio. — Victor, o espião, gosta de se disfarçar, talvez seja realmente ele, e então...

— O homem dos pombos também se chamava Victor — Bo o interrompeu, e curvou-se sobre o parapeito.

— O quê? — Próspero virou Bo de frente para ele. — O que você disse, Bo?

Lá embaixo, algumas gôndolas vazias balançavam na água do canal. Os remadores esperavam por passageiros ao pé da ponte e Bo observava como eles abordavam as pessoas que passavam.

— Ele também se chamava Victor — repetiu Bo sem desviar o olhar dos *gondolieri.* — O homem dos pombos.

Então ele se soltou de Próspero e desceu pulando os degraus da ponte para ver um *gondoliere* sair com o seu barco. Próspero ficou em cima da ponte, petrificado.

— Victor, o espião — murmurou Riccio, subindo nas pontas dos pés e espreitando preocupado a multidão que vinha em direção à ponte.

Próspero se virou, correu atrás de Bo, afastou-o tão bruscamente das gôndolas que ele quase caiu. Depois o arrastou até a próxima viela.

— Ei, Próspero, espere! — exclamou Scipio, e correu atrás dos dois.

Alguns metros à frente, ele alcançou Próspero.

— O que deu em você para sair correndo feito um louco? — Scipio o censurou e o segurou pelo braço.

Bo se soltou da mão de Próspero e se pôs ao lado de Scipio.

— Venham! — ele disse e, sem dizer mais nada, empurrou os dois para dentro da próxima loja de suvenires.

Mosca, Riccio e Vespa logo entraram atrás deles.

— Façam de conta que estão vendo alguma coisa — cochichou Scipio quando a vendedora olhou desconfiada para eles. Depois disse baixinho para Próspero: — Se o sujeito da praça São Marcos era realmente esse detetive, não vai adiantar nada sair correndo. Com tanta gente na rua, não dá para perceber se ele está atrás de vocês ou não!

Ele se agachou na frente de Bo e pôs as mãos nos ombros dele.

— Esse Victor, ele fez muitas perguntas para você? — Scipio perguntou. — Na praça, quando vocês estavam alimentando os pombos.

Bo cruzou os braços nas costas.

— Ele perguntou o meu nome...

— E você contou... ?

Bo hesitou e fez que sim.

Próspero gemeu e passou as mãos no rosto.

— O que mais você contou, Bo? — sussurrou Vespa.

A vendedora começava a olhar com mais freqüência para eles, mas por sorte entrou um grupo de turistas que a manteve ocupada.

— Não me lembro — murmurou Bo olhando para Próspero. O seu lábio inferior começou a tremer. — Foi a Esther que mandou o detetive?

Scipio levantou-se com um suspiro e olhou para Próspero.

— Como é esse detetive? Victor, o espião.

— Era ele mesmo! — Próspero baixou a voz quando notou que os turistas se viraram para ele. — Mas dessa vez estava completamente diferente! Ele estava sem bigode e de óculos, e quase não dava pra ver seus olhos porque ele estava usando um boné. Só o reconheci

porque ele saiu andando. Ele mexe os ombros de uma forma muito estranha quando anda. Como um... buldogue.

— Fíum. — Scipio tateou procurando o envelope do *conte,* que ainda estava fechado no seu bolso, e olhou pensativo para fora através da vitrine atulhada de suvenires. — Se for realmente esse detetive — ele murmurou — e se ele nos seguiu, vamos levá-lo diretamente para o nosso esconderijo se não o despistarmos.

Os outros se entreolharam apreensivos. Mosca ergueu a cesta do *conte* e espiou debaixo da tampa. Pouco a pouco, o pombo estava ficando inquieto na sua prisão.

— Está na hora de ele dar uma saidinha — sussurrou Mosca.

— Ele deve estar com fome. Vocês sabem o que um pombo come?

— Pergunte a Bo, que acabou de alimentar um monte deles

— Scipio tateou mais uma vez por cima do bolso do seu casaco.

Por um momento, Próspero pensou que ele fosse abrir o envelope, mas, para sua surpresa, Scipio tirou o seu casaco de repente, desatou a fita que prendia a sua trança e tirou o boné da cabeça de Mosca.

— Também sei fazer o que esse sujeito faz — ele disse, colocando o boné e jogando o seu casaco para Próspero. — Não é difícil mudar a aparência. Você fica aqui com Bo. Caso esse espião realmente esteja atrás de vocês, ele está em algum lugar lá fora esperando que saiam. Fiquem bem quietinhos na vitrina, de forma que ele possa vê-los pela vidraça. Mosca, você leva a cesta e o envelope para o esconderijo.

Mosca fez que sim e enfiou com cuidado o envelope do *conte* no bolso da calça.

— Riccio, Vespa. — Scipio fez um sinal chamando os dois. — Vamos dar uma olhada lá fora, talvez encontremos o cara. O que ele estava vestindo?

Próspero pensou.

— Um casaco vermelho, calças claras e um pulôver xadrez bem ridículo. Uma câmera fotográfica no pescoço. Além disso, ele usava uns óculos grossos e um boné, escrito *I love Venice* ou algo assim...

— ...e o relógio dele... — Bo roia a unha do polegar, preocupado — ...tinha uma lua no relógio.

Scipio franziu a testa.

— Ótimo. Decoraram tudo?

Vespa, Mosca e Riccio fizeram que sim.

— Então vamos.

Um após o outro, eles saíram da loja novamente, enquanto Próspero e Bo os acompanhavam aflitos através da vitrine.

— Mas ele era legal — murmurou Bo.

— Não dá para saber logo de cara se uma pessoa é legal ou não — disse Próspero. — E a aparência também não quer dizer nada. Quantas vezes vou ter que repetir?

15

Victor estava a apenas poucos metros. Para não chamar mais atenção, ele virou de costas para a loja na qual as crianças haviam entrado, mas continuou vigiando a porta através do reflexo na vitrine da loja da frente.

“Por que estão demorando tanto?”, pensou Victor, que não conseguia ficar parado de tão impaciente que estava. “Será que querem comprar leques de plástico? Ou o mascarado está querendo uma nova máscara?” De repente, Victor viu a menina sair pela porta da loja. Bo a chamara de Vespa. Ela olhou entediada ao seu redor, viu as gôndolas no ancoradouro ao lado da ponte e foi andando devagar até lá. Menos de um minuto depois, o menino negro saiu da loja. Com uma grande cesta na mão, ele tomou exatamente a direção oposta. Com mil demônios. O que estavam fazendo? Por que estavam se separando? “Ah, tudo bem, as duas personagens principais ainda estão na loja”, pensou Victor, e ajeitou seus óculos escuros. O próximo foi o ouriço. Ele foi pulando num pé só até a *pas-ticceria,* que ficava a poucos metros e exalava um aroma delicioso pela viela, e grudou o nariz na vitrine. Provavelmente, agora os outros tinham que ir para casa, fazer as suas tarefas

escolares, almoçar. A história fantástica de Bo, de que moravam juntos num cinema, não passava de um conto de fadas. Melhor assim. Eles podiam sumir tranqüilamente, um após o outro, que no final sobrariam os dois que Victor estava procurando. Afinal, eles não tinham casa.

"Eu moro num cinema. Com os meus amigos." Bah! Ele tinha que reconhecer que o pequeno realmente sabia inventar histórias. Victor riu consigo mesmo e observou seu reflexo na vidraça. "Espera aí, quem está saindo da loja? Mais um tampinha."

Quem faltava? É claro, o mascarado. Mas antes ele estava completamente diferente, ou não? Victor franziu a testa. O menino ficou parado por um momento na porta da loja, olhou ao seu redor com uma cara inexpressiva e se agachou para amarrar o sapato. Depois se levantou, piscou quando o sol bateu no seu rosto e saiu assobiando em direção aos *gondolieri,* que ainda estavam ao pé da ponte à cata de clientes. *"Gondola, gondola!",* eles ofereciam baixinho. Bem que Victor preferiria andar de gondola a ficar rondando por ali. As almofadas eram tão macias e o chacoalhar lento do barco embalava o sono maravilhosamente. Só se ouvia a água bater no casco e seu marulhar nos muros e nos postes, os murmúrios da velha cidade. Com um suspiro, Victor fechou os olhos por um instante — e abriu novamente com um susto.

— *Scusi* — disse uma voz atrás dele. Victor se virou.

O garoto que acabara de ver observando as gôndolas estava na sua frente e sorria. O seu rosto era magro e os olhos, bem escuros, quase negros. Victor tirou os óculos escuros para vê-lo melhor. Não era o mascarado que andava feito um pavão na frente dos outros na praça São Marcos?

— O senhor pode me dizer que horas são? — perguntou o garoto enquanto olhava para o pulo ver xadrez de Victor.

Com a testa franzida, Victor olhou para o seu relógio.

— Dezesseis horas e treze minutos — ele resmungou. O menino inclinou a cabeça.

— Obrigado. O senhor tem um belo relógio. Ele também mostra que horas são agora na Lua?

O ar debochado com que encarou Victor com seus olhos negros! “O que ele quer de mim?”, pensou Victor. “Está tramando alguma coisa.” Ele lançou um breve olhar para a loja de suvenires e verificou aliviado que Próspero e Bo ainda estavam atrás da vidraça e admiravam as quinquilharias da vitrine como se fossem tesouros do Palácio dos Doges.

— O senhor é inglês?

— Não, sou esquimó, não está vendo? — respondeu Victor, e ao passar a mão no bigode falso, notou que estava solto.

— Esquimó? Que interessante. Não é muito comum um deles vir parar por aqui — disse o garoto, dando-lhe as costas, e saiu andando.

Victor ficou onde estava, ajeitando o bigode.

— Droga — ele murmurou; virou-se rapidamente e arrancou aquela coisa miserável do rosto.

Foi então que viu pela vidraça a garota entrar na loja novamente. O ouriço também não estava mais com a cara grudada na vitrine da *pasticceria.* E o menino de olhos negros havia desaparecido. “Eles não podem ter me reconhecido”, pensou Victor. “Impossível”. E qual não foi a sua surpresa quando viu, através do reflexo na vitrine, os três saírem da lojinha juntos novamente. Com Próspero e Bo no meio deles. Nenhum dos cinco olhou para ele, mas eles riam e cochichavam uns com os outros, e Victor teve a desagradável sensação de que era

dele. Sem pressa, o grupo se pôs em marcha na direção do Rialto.

Victor lançou um olhar desconcertado para o seu reflexo e foi atrás deles, mantendo sempre uma distância segura, mas suficiente para não perdê-los de vista. Ele não tinha prática em seguir crianças. Era uma tarefa ingrata, como já pudera verificar. Elas eram muito pequenas e, portanto, muito mais fáceis de perder de vista, e ainda por cima muito rápidas. A viela onde haviam entrado era longa, e eles não davam mostras de que fossem virar numa outra. De vez em quando um deles olhava para trás, mas Victor estava alerta. Tudo parecia ir muito bem, até que umas senhoras gordas saíram de um café, rindo e discutindo, obstruindo de tal modo a rua com os seus traseiros enormes que era quase impossível passar. Com algumas palavras não muito gentis, Victor abriu passagem entre elas, esticou o pescoço à procura das crianças — e deu um encontrão na menina. A menina que estava na fonte, tão absorta com o seu livro. A menina que saíra da loja com uma cara tão entediada, sem se dignar a lançar um único olhar para Victor. Sim. Bo a chamara de Vespa.

Ela olhou para ele com os seus olhos cinzentos e hostis — e de repente, antes que Victor entendesse o que pretendia, foi para cima dele e começou a dar socos no seu pulôver xadrez e a gritar com voz estridente.

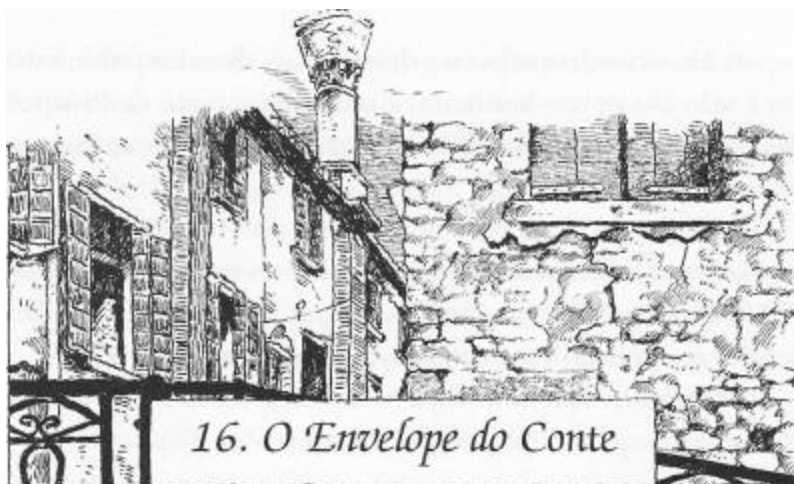
— Me solte, seu cretino! Não, eu não quero ir com o senhor! Não!

Victor surpreendeu-se tanto que, num primeiro momento, ficou parado olhando para ela, como se tivesse criado raízes. Então ele tentou afastá-la, mas ela não soltava o seu casaco e continuava a martelar o seu peito. As pessoas se viraram e pararam para olhar para ele, para ele e para a menina, que não parava de gritar.

— Eu não fiz nada! — exclamou Victor atônito. — Nada, absolutamente nada!

Então, para o seu horror, ele viu um cão se aproximar com latidos raivosos e pular em cima dele. Enquanto as outras crianças desapareciam na próxima travessa.

— Voltem! — gritou Victor. — Voltem, seus diabinhos mentirosos!

Ele tentou se desvencilhar da menina de novo, mas nesse instante alguma coisa bateu tão pesadamente na sua cabeça que ele cambaleou. E no instante seguinte Victor estava cercado pelas velhas senhoras gordas, e agora todas batiam furiosamente na sua cabeça com as suas bolsas enormes. Indignado, Victor gritou para tentar fazê-las parar e pôs os braços na cabeça para se defender, mas a menina gritava ainda mais alto, e as mulheres continuavam a bater, e o cão a rosnar e a morder o seu casaco. A multidão irada ao seu redor foi ficando cada vez mais compacta. “Eles vão me esmagar!”, pensou Victor apavorado, sentindo alguém arrancar um botão do seu casaco. “Vou ser esmagado como um piolho!” Mas justamente quando caiu de joelhos, um *carabinieri* vinha abrindo caminho entre a multidão e o ergueu. E, enquanto centenas de vozes gritavam ao mesmo tempo tentando explicar o que havia provocado toda aquela balbúrdia, Victor se deu conta de que a garota havia desaparecido. Sem deixar vestígios, exatamente como os seus quatro amigos.

16

— Agora ele viu com quantos paus se faz uma canoa! — disse Vespa quando estavam todos novamente em segurança no esconderijo.

Ela ostentava um arranhão profundo na bochecha e dois botões a menos no seu grosso casaco de tricô, mas o seu sorriso ia de orelha a orelha.

— E agora dêem uma olhada no que consegui pegar no meio da confusão. — Orgulhosa, ela tirou a carteira de Victor do seu casaco e jogou para Próspero. — Não fique nervoso, talvez com isso você consiga saber mais alguma coisa sobre esse sujeito.

— Obrigado — murmurou Próspero e, sem hesitar, começou a examinar os compartimentos da carteira: algumas contas de uma *rosticceria* em San Polo, um vale-desconto de um supermercado, um ingresso para o Palácio dos Doges.

Ele jogou tudo no chão descuidadamente. Até que encontrou a licença de detetive de Victor, e ficou olhando para ela como que petrificado.

Vespa olhou para ele por cima dos ombros.

— Então ele é mesmo um detetive — ela disse. — Um detetive de verdade.

Próspero concordou. Ele parecia tão desesperado que Vespa não sabia para onde olhar.

— Ah, deixe, esqueça esse detetive! — disse baixinho; estendeu a mão um pouco hesitante, e acariciou o rosto de Próspero. Mas ele parecia não notar. Somente quando Scipio se aproximou, ele ergueu a cabeça.

— O que você está olhando com essa cara tão preocupada? — disse o Senhor dos Ladrões e pôs o braço no ombro de Próspero. — Afinal de contas, conseguimos escapar. Venha, vamos ver finalmente o que tem no envelope do *conte,* está bem?

Próspero fez que sim. E pôs a carteira de Victor no bolso da calça.

Como não podia deixar de ser, Scipio abriu pessoalmente o envelope. Com um ar solene, cortou o papel com o canivete diante dos outros, que o observavam em silêncio e com grande expectativa, sentados nas poltronas do cinema.

— Onde está o pombo, Mosca? — perguntou Scipio, tirando uma foto e uma folha de papel dobrada de dentro do envelope.

— Ainda está na cesta, mas eu pus uns farelos de pão para ele lá dentro — respondeu Mosca. — E agora pare de fazer suspense, pelo amor de Deus. Leia de uma vez o que diz a carta.

Scipio sorriu, jogou o envelope vazio no chão e abriu a folha de papel.

— A casa que devo visitar fica no *campo* Santa Margherita — ele disse. — E aqui está a planta. Alguém está interessado?

— Me dê aqui! — disse Vespa, e Scipio lhe deu o papel. Vespa a examinou rapidamente e passou para Mosca. Enquanto isso, Scipio observava a foto que também estava no envelope. Ele parecia bastante desconcertado, como se não estivesse entendendo patavina.

— O que é? — Riccio levantou-se impaciente da sua poltrona. — Digª de uma vez, Scipio!

— Parece uma asa! — murmurou Scipio. — Ou o que vocês acham que é isso?

A foto passou de mão em mão, e todos a observavam tão perplexos como o próprio Senhor dos Ladrões.

— Sim, é uma asa — concluiu Próspero, depois de ter virado a foto de lado e de cabeça para baixo. — E parece ser de madeira, como o *conte* disse.

Scipio tirou a foto da mão de Próspero e olhou fixamente para ela.

— Cinco milhões de liras por uma asa de madeira quebrada? — Mosca balançou a cabeça incrédulo.

— Quanto? — Vespa e Riccio perguntaram quase ao mesmo tempo.

— Isso é um montão de dinheiro, não é? — perguntou Bo. Próspero concordou.

— Dê mais uma olhada no envelope, Scip — ele disse. — Talvez tenha mais alguma coisa que esclareça isso tudo.

Scipio concordou com a cabeça e pegou o envelope do chão. Ele espiou dentro dele e tirou um pequeno cartão, preenchido com letras miúdas de ambos os lados.

— “A asa na foto em anexo” — Scipio leu em voz alta — “faz par com a asa que procuro. As duas asas são idênticas. Ambas possuem cerca de setenta centímetros de comprimento e trinta de largura. A cor branca com que a madeira foi pintada está desbotada, e o ouro que

cobria as penas também deve ter desfolhado quase completamente. Na base da asa, devem se encontrar dois pinos de metal de cerca de dois centímetros de diâmetro."

Scipio ergueu a cabeça. O seu rosto não escondia a sua decepção. O Senhor dos Ladrões não esperava que o objeto que deveria roubar para o misterioso *conte* e que fizera a sua voz tremer de emoção fosse um pedaço de madeira.

— Talvez o *conte* possua um desses maravilhosos anjos de madeira entalhada — disse Vespa. — Sabem, desses que tem nas grandes igrejas. Esses anjos são muito valiosos, mas apenas com as duas asas, e ele deve ter perdido uma delas de alguma maneira.

— Bem, eu não sei. — Mosca balançou a cabeça cheio de dúvidas e se aproximou de Scipio para observar a foto mais uma vez. — O que é aquilo no fundo? Parece um cavalo de madeira, mas está bem apagado.

Scipio virou o cartão e franziu a testa.

— Esperem, ainda tem mais alguma coisa. Escutem: "Quase todos os aposentos da Casa Spavento ficam, segundo fui informado, no primeiro andar. É ali que provavelmente a asa está guardada. Não tenho conhecimento da existência de um sistema de alarme, mas pode ser que haja cães na casa. Apresse-se, meu amigo! Espero notícias suas com uma impaciência que me consome. Alimente a pomba com cereais e deixe que voe um pouco livremente em sua casa. Sofia é um ser amistoso e confiável".

Pensativo, Scipio deixou o cartão cair.

— Sofia... é um nome bonito — disse Bo, e espiou dentro da cesta.

— É, mas é bom manter os seus gatinhos longe dela — disse Mosca em tom zombeteiro. — Eles vão devorá-la mesmo que ela tenha um nome bonito.

Bo olhou para ele horrorizado. Então se agachou para ver se por acaso os seus gatos não estavam à espreita debaixo da poltrona onde estava a cesta, e pôs a mão em cima da tampa por precaução.

— Um anjo de madeira! — Riccio torceu o nariz e pôs os dedos na boca. As vezes, ele tinha dor de dente, mas naquele dia estava especialmente forte. — Ah, que nada, não é nem ao menos um anjo, só uma asa. Como é que uma coisa dessas pode valer cinco milhões de liras?

Vespa deu de ombros e se encostou na cortina de estrelas.

— Não sei por quê, mas não estou gostando nada disso — ela disse. — Todo esse mistério e, ainda por cima, Barbarossa está metido nisso.

— Não, não, Barbarossa é apenas a caixa postal. — Scipio ainda examinava a foto. — Vocês deviam ter ouvido o *contei* Ele é totalmente maluco por essa asa. Não parecia que o importante fosse o dinheiro, uma estátua ou um objeto valioso que ele quisesse vender... Não. Deve ter mais alguma coisa por trás. Você ainda está com o meu casaco, Prop?

Próspero jogou o casaco para ele. Com um suspiro, Scipio vestiu o casaco de mangas muito longas.

— Tomem, guardem com cuidado, de preferência no nosso esconderijo de dinheiro — ele disse, entregando para Vespa o cartão, a foto e a planta do *conte.* — Preciso ir. Vou ficar três dias fora da cidade. Enquanto isso, observem a casa. Precisamos saber de tudo: quem entra e quem sai, quais são os hábitos dos moradores, quantas visitas recebem, quando a casa fica vazia, qual o jeito mais discreto de entrar e se, de fato, há cães. Bem, vocês sabem, o de sempre. Verifiquem se as portas estão indicadas no lugar certo na planta. A casa deve ter um jardim, isso talvez possa ajudar. E, Próspero... — Scipio se virou mais uma vez — ...você e Bo saiam o menos possível do esconderijo nos próximos

dias. Acho que já nos livramos desse detetive, mas nunca se sabe...

Scipio pôs a máscara.

— Escute — disse Riccio, pondo-se no caminho de Scipio quando ele se virou. — Não poderíamos ajudar no serviço? Quero dizer, não só nas informações, mas no próprio roubo... Você não quer levar a gente junto desta vez para variar? Nós, nós... — Riccio mal conseguia falar de tão agitado — ...podíamos ficar vigiando ou ajudar a carregar a asa. Ela deve ser bem pesada, não é nenhuma pinça de açúcar ou um colar ou coisa parecida, que você possa simplesmente enfiar dentro do seu saco! O que... o que você acha?

Scipio o ouvira o tempo todo impassível, com o rosto coberto pela máscara. Quando Riccio terminou e ficou olhando para ele cheio de expectativa e receio, ele ainda ficou um tempo sem dizer nada. Então deu de ombros e disse:

— Tudo bem!

Riccio ficou tão surpreso que as palavras não saíam da sua boca.

— Sim, por que não? — prosseguiu Scipio. — Vamos fazer o roubo juntos! É claro que isso vale para aqueles que têm vontade de participar!

Ele olhou para Próspero, que continuava calado.

— Eu vou de qualquer jeito! Eu quero participar — exclamou Bo dando pulos de alegria ao redor de Scipio. — Eu posso passar em buracos que são pequenos demais para vocês, eu posso andar de mansinho fazendo muito menos barulho do que vocês, eu...

— Bo, chega! — a voz de Próspero soou tão cortante que Bo se virou assustado. — Eu não vou participar, Scip. Não sei fazer essas coisas. E também tenho que cuidar de Bo, você entende, não é?

Scipio fez que sim.

— Claro — ele disse, mas soou desapontado.

— E quanto a esse detetive — disse Próspero com voz sumida. — Achei um cartão de visitas da minha tia na carteira dele. Com isso, está mais do que provado que ele estava atrás de mim e de Bo. E Riccio tinha razão, ele se chama Victor Getz e mora em San Polo.

— Que nada. Ele mora no canal Grande — disse Bo, e lançou um olhar desafiador para o seu irmão. — E eu vou junto roubar a asa. Você não pode decidir tudo sempre, você não é a minha mãe.

— Ah, Bo, que bobagem! — Vespa colocou a mão no seu ombro. — Próspero tem razão. Um roubo desses é uma coisa perigosa. Eu também não sei se vou. Mas por que é que você acha que o detetive mora num hotel no canal Grande?

— Ele me contou. Sai! — Bo empurrou a mão de Vespa e respirou fundo para segurar o choro. — Vocês são todos feios, muito, muito feios!

Mosca o cutucou para fazê-lo rir, mas Bo deu um beliscão na sua mão.

— Ei, escute aqui! — Próspero se agachou na frente do seu irmão e o virou para si com uma cara preocupada. — Parece que vocês dois conversaram um bocado, hein? Você contou mais alguma coisa sobre a gente para esse detetive? Por exemplo, sobre o nosso esconderijo?

Bo mordeu o lábio inferior.

— Não — ele resmungou sem olhar para Próspero. — Eu não sou burro.

Aliviado, Próspero olhou para os outros ao seu redor.

— Venha, Bo — disse Vespa e o puxou consigo. — Me ajude a preparar o macarrão. Estou com fome.

Com uma cara amuada, Bo foi atrás dela arrastando os pés. Mas não sem antes mostrar uma língua bem comprida para os outros.

17

A cabeça de Victor ficou doendo três dias seguidos. Porém mais, muito mais do que os gaios na sua cabeça, o que doía era o seu orgulho ferido. Ludibriado por um bando de crianças! Cada vez que se lembrava, ele começava a ranger os dentes! Os *carabinieri* o haviam levado para a delegacia como um criminoso terrível. Lá o trataram como se fosse um seqüestrador de crianças, o empurraram e o insultaram, e como se não bastasse, quando ia esfregar a sua licença de detetive no nariz deles para pôr um fim a tudo aquilo, ele se deu conta de que aqueles pequenos larápios haviam roubado a sua carteira.

Chega. Chega da compaixão que havia sentido por eles. Chega.

Enquanto esfriava o galo na cabeça com gelo e aquecia a sua tartaruga resfriada com luz infravermelha, Victor concentrava todos os pensamentos em descobrir um jeito de reencontrar o bando. Ele repassou na memória cada palavra que Bo havia dito, até que uma delas bateu na sua cabeça como um sino de igreja. Cinema.

“Eu moro num cinema.”

E se fosse verdade? E se não fosse apenas invencionice de um garotinho?

Victor não havia contado à polícia sobre essa estranha referencia de Bo, embora agora, depois que ficara provado que a carteira de Victor havia sumido e que ele era realmente o detetive que afirmava ser, os *carabinieri* também estivessem procurando as crianças. Mas Victor não queria que a polícia apanhasse os pilantrinhas. “Oh, não, eu mesmo vou pegá-los”, ele pensou, enquanto acariciava a cabeça enrugada das suas tartarugas, agachado no tapete. “Eles vão ver que não sou tão idiota como pensam!”

Droga! Uma das tartarugas espirrara de um jeito realmente horrível. Se não estava enganado, tinha sido Paula. O veterinário dissera que não havia perigo de contaminar Lando. Assim, os dois ainda estavam na mesma caixa de papelão, é claro que agora não mais lá fora na sacada, onde as noites estavam cada vez mais frias, mas debaixo da escrivaninha, no seu escritório. “Ainda bem que não preciso separá-las”, pensou Victor, “elas poderiam morrer de solidão.”

Um cinema...

O que Bo havia contado mesmo? Que faltavam cadeiras e que o projetor não estava mais lá... Portanto, devia ser um cinema que não estava mais funcionando. É claro. Um cinema fechado, que o proprietário deixara vazio, enquanto não decidia o que fazer com ele. Não havia muitos cinemas cm Veneza. Victor consultou a lista telefônica, a do ano anterior também, e ligou para todos os cinemas que encontrou, inclusive os que ficavam mais afastados, no Lido ou em Burano. Em quase todos, perguntaram se ele queria reservar ingressos. Mas num deles, o Fantasia, ninguém atendeu e, num outro, não havia nenhum endereço abaixo do nome. Este se chamava Stella, e o número constava apenas da lista telefônica do ano anterior.

“Stella e Fantasia, muito bem, já temos dois candidatos!”, pensou Victor enquanto requentava o

risotto do dia anterior. Depois ele levou a tartaruga constipada ao veterinário novamente e na volta passou no Fantasia, onde não haviam atendido o telefone.

Quando Victor chegou ao cinema, ia começar a primeira sessão vespertina. Não havia propriamente gente se acotovelando na entrada, apenas duas crianças compravam seus ingressos, além de um casal de namorados, que logo desapareceu na escura sala de exibição. Victor se aproximou da bilheteria e pigarreou.

— Nas primeiras fileiras ou prefere mais no fundo? — perguntou a bilheteira e pôs um chiclete no meio dos dentes. — Onde o senhor quer se sentar?

— Em nenhum lugar — respondeu Victor. — Mas gostaria de saber se a senhorita já ouviu falar de um cinema chamado Stella.

A bilheteira fez uma bola de chiclete nos lábios pintados de vermelho e estourou-a com a língua.

— O Stella? Está fechado. Já faz alguns meses.

O coração de Victor deu um pulo, um pequeno pulo de emoção.

— Sim, já esperava por isso — ele disse, e respondeu com um sorriso de satisfação ao olhar espantado da bilheteira. — A senhorita por acaso sabe o endereço...

Victor pôs a caixa com a sua tartaruga junto ao guichê. A bilheteira estourou mais uma bola de chiclete e lançou um olhar curioso para a caixa.

— O que o senhor carrega aí dentro?

— Uma tartaruga resfriada — respondeu Victor. — Mas ela já está melhor. Então, a senhorita sabe o endereço?

— Posso dar uma olhada? — perguntou a vendedora.

Com um suspiro, Victor afastou o lenço com o qual cobrira a caixa para proteger a tartaruga do vento frio.

Paula pôs a cabeça enrugada para fora, piscou assustada e se escondeu de novo dentro do seu casco.

— Que fofa! — suspirou a vendedora, e jogou o chiclete no cesto de lixo. — Não, não sei o endereço. Mas o senhor pode perguntar ao *dottor* Massimo. Ele é o dono deste cinema, e do Stella também. Ele deve saber onde fica, não é mesmo?

— Suponho que sim. — Victor sacou o seu bloco de anotações. — Onde posso encontrar esse *dottor* Massimo?

— *Fondamenta* Bollani — respondeu a bilheteira entediada,e bocejou. — O número eu não sei, mas a maior casa que o senhor encontrar é a dele. É um homem muito rico, o nosso proprietário. Ele mantém os cinemas apenas por diversão, mas mesmo assim fechou o Stella.

— Sei, sei — murmurou Victor e estendeu novamente com cuidado o lenço sobre a caixa de Paula. — Pois bem, vou agora mesmo fazer uma visita a esse *dottor* Massimo. Ou será que por acaso a senhorita tem o telefone dele?

A bilheteira rabiscou o número num papelzinho e deu-o a Victor.

— Quando falar com ele — ela disse —, por favor, diga que os ingressos estavam quase esgotados, está bem? Senão ele vai ter a idéia de mandar fechar o Fantasia também.

Victor olhou para a entrada do cinema vazio.

— Não sei por que está dizendo isso! Pois a fila vai até a rua... — ele disse, e se pôs em busca de uma cabine telefônica.

A bateria do seu telefone celular havia acabado mais uma vez. Ele nunca deveria ter comprado aquele traste.

— *Pronto* — resmungou uma voz grave no ouvido de Victor quando ele finalmente encontrou um telefone

que funcionava.

— Estou falando com o *dottor* Massimo, o proprietário do antigo cinema Stella? — perguntou Victor.

Paula se arrastava para lá e para cá na sua caixa, como se procurasse uma saída da sua aborrecida prisão de papelão.

— Sim, ele mesmo — respondeu o *dottor* Massimo. — Está interessado no cinema? Então dê uma passada aqui. *Fondamenta* Bollani, 233. Disponho ainda de meia hora para falar com o senhor.

“Clac!”, ouviu Victor. Ele ficou olhando para o fone, surpreso. “Está aí um sujeito apressado”, pensou Victor, enquanto se encolhia para sair da cabine telefônica com a sua caixa. Meia hora, e a estação de *vaporetto* mais próxima estava longe. Restavam somente os seus pés doloridos.

A casa do *dottor* Massimo não era apenas a maior da *fondamenta* Bollani, mas também a mais bonita. As colunas que a adornavam pareciam flores que haviam se transformado em pedras, os peitoris das sacadas eram de fino mármore e, nas grades das janelas do andar térreo e do portão de entrada, entrelaçavam-se flores e folhas de ferro, como se não houvesse nada mais fácil de fundir com esse metal.

Uma criada recebeu Victor e o conduziu entre as colunas até um pátio interno onde havia uma escada magnífica que levava para o primeiro andar. A empregada subiu os largos degraus tão depressa que Victor não teve tempo para ver mais nada. Quando ele se encostou no peitoril, para dar uma olhada na fonte que havia no pátio, sua guia virou-se para ele impaciente.

— O *dottor* Massimo só tem dez minutos para falar com o senhor — ela disse secamente.

— O que o *dottore* tem para fazer de tão urgente? — Victor não conseguiu reprimir a pergunta.

A jovem olhou para ele tão incrédula como se ele tivesse perguntado qual era a cor das cuecas do *dottor* Massimo. E Victor continuou a segui-la com passos rápidos, para não perdê-la de vista no labirinto de corredores e portas pelo qual era conduzido. “Todo esse teatro por causa de um endereço”, ele pensou. “Eu devia simplesmente ter ligado de novo.”

Finalmente, quando ele já estava sem fôlego e Paula, decerto já mareada na sua caixa, a empregada parou e bateu numa porta alta o suficiente para dar passagem a um gigante.

— Sim? Entre. — exclamou a mesma voz retumbante que havia resmungado no ouvido de Victor ao telefone. O *dottor* Massimo estava sentado atrás da enorme escrivaninha do seu escritório, que era maior do que todo o apartamento de Victor, e recebeu o seu visitante com um olhar frio e desdenhoso.

Victor pigarreou. Ele se sentiu ridículo naquela sala luxuosa, com a caixa da sua tartaruga debaixo do braço e sapatos que revelavam claramente o quanto precisava andar no seu trabalho. Além disso, quando estava em aposentos que tinham um teto muito alto, ele sempre tinha a desagradável sensação de encolher.

— Bom dia, *dottore* — ele disse. — Victor Getz. Acabamos de falar ao telefone. Infelizmente, o senhor desligou tão depressa que não tive tempo de lhe explicar do que se trata. Não estou aqui para comprar o seu antigo cinema, mas...

Antes que Victor pudesse continuar, uma porta se abriu atrás dele.

— Pai — disse uma voz de menino. — Acho que a gata está doente...

— Scipio! — O *dottor* Massimo empalideceu, de tão irritado que ficou. — Não está vendo que tenho uma visita? Quantas vezes vou ter que dizer para você bater na porta antes de entrar? E se os cavalheiros de Roma já estivessem aqui? O que eles iriam pensar se o meu filho de repente interrompesse a nossa conversa por causa de uma gata doente?

Victor se virou, e o seu olhar encontrou um par de olhos negros assustados.

— Ela realmente não está bem — murmurou o filho do *dottor* Massimo, e abaixou a cabeça rapidamente, mas Victor já o reconhecera. Os seus cabelos estavam presos numa trança fina, e aqueles olhos negros não brilhavam de forma tão arrogante como no seu último encontro, mas era ele sem dúvida nenhuma: o menino que havia ajudado Próspero e Bo a fugir, que perguntara tão inocentemente as horas para Victor, antes de ludibriá-lo daquela maneira pérfida junto com os seus amigos.

O mundo estava cheio de surpresas.

— Se ela está doente, provavelmente é porque teve cria — declarou o *dottor* Massimo com voz entediada. — Não vale a pena pagar um veterinário. Se ela morrer, você ganha uma nova.

Sem dar mais atenção ao seu filho, o *dottore* virou-se novamente para Victor.

— Bem, continue, *signor...*

— Getz — repetiu Victor, enquanto Scipio continuava plantado atrás dele. — Bem, como ia lhe dizendo, não pretendo absolutamente comprar o Stella.

Pelo canto do olho, Victor viu como Scipio se sobressaltou ao ouvir o nome do cinema. Continuou:

— Estou escrevendo um artigo sobre os cinemas da cidade, e gostaria de incluir o Stella, e por isso vim lhe pedir permissão para visitá-lo.

— Interessante — disse o *dottore,* e lançou um olhar pela janela, justamente no momento em que um aquatáxi atracava na margem do canal. — Desculpe-me, mas creio que minhas visitas de Roma acabam de chegar. Obviamente, o senhor tem a minha permissão para ir até o Stella. Ele fica na *calle* dei Paradiso. Escreva que é uma vergonha para esta cidade que uma sala tão boa tenha que ser fechada. Aqui pelo jeito só tem vez o que interessa aos turistas.

— Por que o cinema foi fechado? — perguntou Victor. Scipio ainda estava ao lado da porta, e escutava aterrorizado a conversa entre Victor e o seu pai.

— Um perito do continente o declarou em perigo de desmoronamento!

O *dottor* Massimo levantou-se da sua poltrona, andou até um armário com inúmeras gavetas e abriu uma delas.

— Perigo de desmoronamento! Toda a cidade está em perigo de desmoronamento — ele observou em tom desdenhoso. — Eles exigiram que eu fizesse uma reforma. Teria me custado uma fortuna! Onde está a chave? Meu administrador a trouxe já faz alguns meses! — ele revirava a gaveta impaciente. — Scipio, venha aqui, me ajude a procurar a chave, já que está aí.

Victor teve a impressão de que Scipio havia decidido sair dali de mansinho. Ele já estava com a mão na maçaneta, mas quando o *dottore* o chamou, ele passou pela frente de Victor com o rosto pálido e andou titubeante até onde estava o seu pai.

— *Dottore!* — A empregada abriu a porta e enfiou a cabeça para dentro. — As visitas de Roma estão esperando. O senhor vai receber os cavalheiros na biblioteca ou devo trazê-los para cá?

— Vou para a biblioteca — respondeu o *dottor* Massimo rude mente. — Scipio, pegue o recibo pela entrega da chave com o senhor Getz. Isso você é capaz

de fazer, não é?Tem uma plaqueta com o nome do cinema no chaveiro.

— Eu sei — murmurou Scipio, sem olhar para o seu pai.

— Não se esqueça de me enviar uma cópia do seu artigo assim que for publicado — disse o *dottore* quando passou apressadamente por Victor.

Um silêncio mortal tomou conta da sala depois que ele saiu. Scipio estava ao lado da gaveta aberta e observava Victor como um rato quando avista um gato. Então, de repente, ele disparou em direção à porta.

— Espere, espere! — exclamou Victor, colocando-se no seu caminho. — Para onde pretende ir? Avisar os seus amigos talvez? Isso não é necessário. Não pretendo devorá-los. Nem ao menos vou entregá-los para a polícia, embora tenham roubado minha carteira. Também não estou interessado em saber por que você mantém um pequeno bando no antigo cinema do seu pai. Para mim tanto faz! Só estou interessado nos dois irmãos que estão com vocês: Próspero e Bo.

Scipio olhou para ele sem dizer uma palavra.

— Seu espião miserável — ele sussurrou com desprezo. Então se abaixou e puxou com tanta força o tapete debaixo de

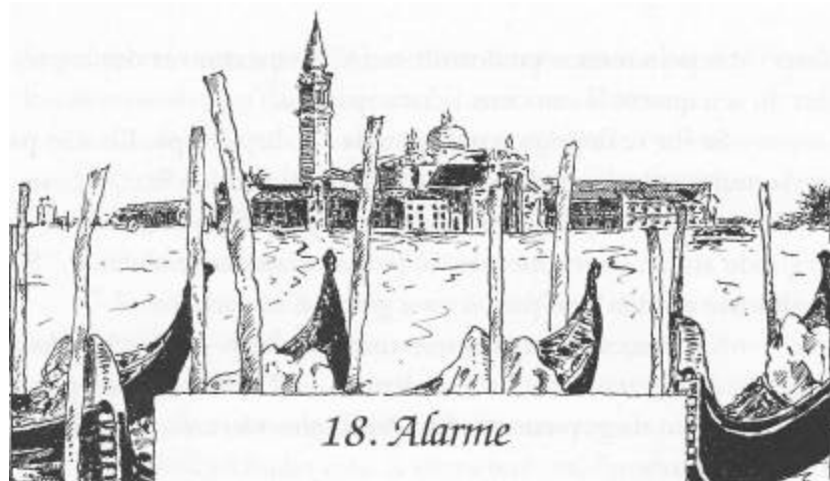
Victor que ele perdeu o equilíbrio e caiu sentado no chão. Ainda assim, o detetive conseguiu evitar que a caixa com a tartaruga escapasse das suas mãos. Rápido como uma doninha, Scipio passou por ele em direção à porta. Victor se jogou para o lado para agarrar as suas pernas, mas o garoto simplesmente pulou por cima dele e, antes que Victor se pusesse de pé novamente, ele já havia desaparecido.

Espumando de raiva, Victor disparou atrás dele, tão depressa quanto as suas curtas pernas permitiam. Mas quando, já quase sem fôlego, alcançou o peitoril da escada, Scipio já pulava os últimos degraus.

— Volte aqui, seu covarde! — gritou Victor atrás dele.

A sua voz ecoou tão alto pela casa gigantesca que duas empregadas vieram assustadas até o pátio.

— Volte aqui! — Victor se inclinou tanto sobre o peitoril que ficou tonto. — Vou encontrá-los! Você me ouviu?

Mas Scipio fez uma careta e saiu pelo portão.

18

— Bem, vamos repassar tudo novamente — murmurou Mosca, e inclinou-se sobre a planta que o *conte* lhes dera. — Até agora, vimos três pessoas entrar e sair da casa: a governanta gorda, o marido dela e a loira tingida...

— *Signora* Ida Spavento — explicou Riccio. — No começo, pensamos que a *signora* Spavento fosse a gorda, e a de cabelos loiros, sua filha. Mas o dono da banca de jornal no *campo* Santa Margherita gosta de falar. E como! Ele me contou que Ida Spavento é a mais nova e a gorda apenas cuida da casa. Essa *signora* Spavento mora sozinha e, pelo jeito, deve viajar muito. O homem da banca disse que ela é fotógrafa, ele até me mostrou uma revista com fotos de Veneza, me disse que eram dela. De qualquer forma, ela não tem horários muito certos. A governanta vai para a casa no fim da tarde, lá pelas seis ou sete horas, e o marido dela costuma chegar por volta do meio-dia e nunca fica muito tempo. Por sorte, porque ele tem cara de quem seria capaz de comer criancinhas no café-da-manhã.

— É verdade — disse Mosca, e sorriu.

— Durante o dia, quase sempre tem alguém em casa — continuou Riccio —, e à noite — ele suspirou — bem, à noite infelizmente é a mesma coisa, pois essa *signora* Spavento, pelo jeito, só gosta de sair durante o dia. A noite, parece que ela nunca tem o que fazer. Mas pelo menos vai dormir cedo. No máximo às dez horas, a luz do seu quarto lá em cima já está apagada.

— Se for realmente o quarto dela — disse Vespa. Ela não parecia muito entusiasmada com o relato de Riccio. — Se... se... se... Se a asa estiver no primeiro andar, se a *signora* Spavento dormir no segundo andar, se realmente não houver sistema de alarme... São realmente muitos “ses” para o meu gosto. E os cachorros?

— São uns cachorrinhos que só sabem latir. — Riccio tirou o chiclete do buraco entre os seus dentes. — E, além disso, é provável que sejam da governanta. Em geral, eles vão com ela para casa no fim da tarde.

— Em geral! — Vespa girou os olhos.

— Ah, e se não... — Mosca fez um gesto de desprezo com a mão — damos umas salsichas para eles.

— Pois é, você é um perito no assunto! — murmurou Vespa enquanto brincava nervosamente com a sua trança. Ela também já havia roubado algumas vezes, em lojas, nos pontos de *vaporetto,* no aperto das ruas. Mas entrar numa casa estranha era totalmente diferente e, embora Mosca e Riccio tentassem demonstrar que achavam a coisa toda uma grande aventura, Vespa sabia que os dois tinham tanto medo quanto ela.

— Alguém já deu comida para o pombo? — ela perguntou, e tirou uma pena da sua calça.

Havia penas por toda parte desde que o pássaro entrara no esconderijo. Mosca havia pendurado uma velha cesta no alto da parede como substituto para o

ninho. O pombo passava boa parte do tempo ali, observando os gatinhos de Bo.

— Eu dei comida para ele — exclamou Bo, que jogava cartas num canto com Próspero. — Ele é bem mansinho. Você estende a mão e ele já vem batendo as asas.

— Talvez a gente deva dar um pouco menos de comida — resmungou Riccio. — Ele faz cocô por todos os lados, até em cima dos meus gibis.

Mosca continuava debruçado sobre a planta. Ele passava o de do pelos corredores para se certificar de que não se perderia quando estivesse dentro da casa estranha com uma lanterna.

— Onde será que o *conte* arrumou esta planta? — ele murmurou. Vespa deu de ombros.

— Alguém pode me passar a caneca com os botões? Riccio foi buscar a caneca para ela.

— Se não lavar a sua calça — disse Vespa enquanto enfiava a linha na agulha —, da próxima vez, vai ter que pregar você mesmo os seus botões.

Riccio olhou envergonhado para as suas pernas nuas.

— Mas eu só tenho esta. A outra tem um furo.

— Desde quando você se importa com isso? — zombou Mosca, levantando-se.

— Silêncio! — ele sussurrou. — Vocês não ouviram o sino tocar?

Todos pararam para escutar. Mosca tinha razão. Alguém estava tocando o sino na saída de emergência.

— Scipio disse que só viria amanhã! — sussurrou Vespa. — Além disso, ele sempre usa a sua entrada secreta.

— Vou perguntar a senha — disse Próspero, e se levantou de um salto. — Bo, você fica aqui.

O sino tocava insistentemente enquanto Próspero andava pelo escuro corredor que conduzia até a saída de

emergência. Depois do incidente com o detetive, Mosca havia feito um buraco na porta, mas já era noite e Próspero não conseguiu ver quase nada quando espiou para fora. A chuva batia na porta e alguém martelava contra o metal.

— Não estão me ouvindo? Abram! — exclamou uma voz. — Abram de uma vez, caramba.

Próspero pensou ter ouvido um soluço.

— Scipio? — ele perguntou, incrédulo.

— Sim, pelo amor de Deus. Próspero abriu o ferrolho rapidamente.

Ensopado até os ossos, Scipio se precipitou para dentro.

— Tranque a porta, depressa! — ele exclamou. — Vamos, depressa.

Próspero obedeceu, atônito.

— Pensávamos que você só viria amanhã — ele disse. — Por que não entrou do seu jeito, como das outras vezes?

Scipio encostou-se na parede para tomar fôlego. — Vocês têm que sair daqui — ele exclamou. — Agora mesmo. Estão todos em casa? Próspero fez que sim.

— O que isso significa? — ele perguntou baixinho. — Como assim temos que sair daqui?

Mas Scipio já avançava pelo corredor escuro. Próspero correu atrás dele com o coração sobressaltado. Quando Scipio entrou na sala de projeção, os outros olharam para ele como se fosse um estranho.

— O que aconteceu com você? — perguntou Mosca estupefato. — Você caiu num canal? E que roupas chiques são essas?

— Não tenho tempo para explicações! — gritou Scipio. A sua voz saiu esganiçada de tão agitado que estava. — O espião sabe que vocês estão aqui. Peguem as coisas mais importantes e vamos embora.

Os outros olharam para ele horrorizados.

— Não me olhem assim! — gritou Scipio. Eles nunca o tinham visto tão nervoso. — Daqui a pouco, esse sujeito vai estar aí na porta da frente, entenderam? Talvez um dia possamos voltar, mas agora, por favor, temos de ir embora!

Ninguém se mexeu. Riccio olhava boquiaberto para Scipio. Mosca estava com a testa franzida, como se não pudesse acreditar no que ouvira, eVespa tinha posto o braço em volta de Bo, que estava muito assustado.

Próspero foi o primeiro a reagir.

— Pegue os seus gatos, Bo — ele disse. — E vista a capa de chuva. Está chovendo a cântaros lá fora.

Ele correu até o colchão onde dormia com Bo, e colocou o pouco que possuíam numa sacola. Então os outros também começaram a se mexer.

— Mas para onde vamos? — exclamou Riccio desesperado.

— Vocês não ouviram que está chovendo? E está muito frio. Não estou entendendo nada. Como o espião encontrou a gente?

— Riccio, fique quieto — Vespa disse rispidamente. — Preciso pensar um pouco. Ela tirou o braço do ombro de Bo e virou-se para Mosca. — Vá para a bilheteria e avise assim que você ouvir algo suspeito na entrada. A tralha que colocamos para atravancar a entrada vai segurá-lo um pouco, mas não muito, eu receio.

— Já estou indo. — Mosca enfiou depressa a planta no cós da calça e desapareceu pela grande porta dupla.

— Vou pegar o dinheiro que ainda temos — murmurou Scipio sem olhar para ninguém, e foi atrás de Mosca.

Bo colocou os gatinhos adormecidos na sua caixa sem dizer nada. Quando viu que Riccio estava sentado no seu colchão chorando de cabeça baixa, ele se aproximou encabulado e acariciou seus cabelos.

— Para onde vamos? — Riccio repetia sem parar de soluçar.

— Para onde vamos, pelo amor de Deus?

Vespa tinha de enxugar as lágrimas a toda hora, enquanto enfiava seus livros preferidos numa sacola de plástico. Mas, de repente, ela parou.

— Esperem — ela disse e se virou para os outros. — Acabei de ter uma idéia maluca. Querem ouvir ou é melhor eu ficar de boca fechada?

19

Victor não imaginava que pudesse correr tão depressa. Por sorte, ele sabia onde ficava a *calle* dei Paradiso e não teve que procurar no mapa da cidade, mas mesmo assim Scipio tinha uma vantagem considerável.

“E aposto que está ficando maior a cada metro”, pensou Victor, enquanto corria desabaladamente pelas vielas. “Meus Deus, o que eu não daria agora pelas minhas pernas rápidas de menino!” Ele tinha a sensação de ter passado no mínimo por cem pontes, quando finalmente, com os joelhos trêmulos, ele virou na viela em que ficava o cinema do *dottor* Massimo. Ali estava o grande letreiro luminoso, com um pedaço faltando num “L”, mas ainda perfeitamente legível: STELLA. Um cartaz amarelado estava exposto numa vitrine. Alguém havia desenhado um coração no vidro sujo.

Com a respiração pesada, Victor subiu os dois degraus até a porta de entrada. Ele tentou espiar pelo vidro, mas este estava tapado por dentro com papelão. “Os passarinhos já devem ter batido as asas”, pensou Victor, enquanto seu coração continuava a bater acelerado. O chefe deles certamente já os advertira.

Como era possível que o filho do rico *dottor* Massimo tivesse algo a ver com os outros? Victor poderia apostar sua coleção de bigodes que todos eles haviam fugido de casa: o magrinho de cabeça de ouriço com os seus dentes ruins, o negro alto com calças curtas demais e a menina de boca triste. Todos deviam ter fugido, como os dois irmãos que Victor estava procurando. O que eles tinham a ver com o querido rebento do *dottor* Massimo?

— Não importa! — resmungou Victor, deixando a caixa com a tartaruga ao lado da porta e tirando do bolso um molho de chaves mestras. Ele abriu rapidamente o cadeado, mas teve bastante dificuldade com a fechadura. E, para completar, quando finalmente conseguiu abri-la, Victor verificou que a porta estava bloqueada por pilhas e mais pilhas de móveis velhos e outras tranqueiras. Ele começou a praguejar tão alto, que na casa em frente uma janela se abriu e um homem velho esticou a cabeça para fora, preocupado.

— *Buona sera!* — exclamou Victor. — *Va tutto bene, signore. Sol-tanto... bum, soltanto una revisione.*

O velho grunhiu alguma coisa incompreensível e fechou de novo a janela.

“Vou levar horas para passar por tudo isso”, pensou Victor, e se jogou contra a porta com todo o seu peso. Depois de cinco tentativas, seus ombros doíam, mas a porta havia cedido o suficiente para ele passar apertado. Na luz fraca da sua lanterna, ele abriu caminho em meio à tralha que havia sido empilhada ali, pulando por cima de cadeiras viradas, caixas de frutas e painéis quebrados. No saguão do cinema estava escuro como breu, e o coração de Victor quase parou com o susto que ele tomou quando deu de cara com um homem de papelão em tamanho natural, que estava ao lado da caixa registradora empoeirada e apontava uma metralhadora para o seu nariz.

Victor xingou baixinho, empurrou o cartaz para o lado e se esgueirou até a porta dupla, atrás da qual devia estar a sala de projeção. Ele a abriu com cuidado e espreitou a escuridão. Nenhum ruído, por mais que afinasse os ouvidos. Apenas ouvia a própria respiração, ainda ofegante depois daquela maratona interminável. “Claro!”, pensou Victor. “Como eu já imaginava. Bateram as asinhas.”

Depois de hesitar um pouco, ele avançou alguns passos na sala escura. E pensou ter ouvido alguma coisa se mexer. Mas muito baixinho, um leve ciciar. “Ratos, provavelmente”, ele pensou, e sentiu um calafrio. Victor gostava de ratos, mas não no escuro, correndo ao seu redor, sem que pudesse vê-los. Lentamente, começou a passar o foco de sua lanterna pela sala. Fileiras de poltronas. Uma cortina. De fato, um cinema de verdade. Curioso, ele iluminou as paredes. De repente alguma coisa veio voando na sua direção, de uma cor cinzenta clara, asas roçaram seu rosto. Ele gritou e deixou cair a lanterna, mas tateou no escuro e conseguiu recuperá-la; então direcionou o foco para aquilo que batia asas de verdade ao seu redor... um pombo! Um maldito pombo. Victor passou a mão no rosto, como se com isso pudesse apagar o susto. O pássaro pareceu tão aliviado quanto ele, acalmou-se e pousou numa cesta que ficou balançando na outra parede.

“Mais uma surpresa como essa”, pensou Victor, “c o meu pobre coração se recusa a participar.” Ele respirou fundo mais uma vez e continuou a andar. Aquela sala enorme e escura era realmente um estranho esconderijo para um punhado de crianças sem lar. Sim, não havia outra explicação. O jovem Massimo devia tê-las alojado ali, no cinema vazio do pai. A cortina diante da tela brilhou quando Victor a iluminou. E se eles estivessem escondidos ali em algum lugar? Ele deu mais um passo e bateu com a ponta do pé num colchão. Um grande

acampamento com colchões havia sido montado atrás das poltronas: cobertores, travesseiros, livros e gibis, até mesmo um fogareiro Victor descobriu ali.

“Com mil raios. O menino não inventou nenhuma história da carochinha!”, ele pensou. “É exatamente como Bo contou: ele mora num cinema, com o irmão mais velho e os amigos. Sessão infantil. Proibida a entrada de adultos.”

A luz da lanterna passou por um ursinho de pelúcia, uma lebre de pano, varas de pescar, uma caixa de ferramentas, pilhas de livros e uma espada de plástico, que despontava para fora de um saco de dormir. Na parede e nos encostos das poltronas havia fotos e recortes de revistas e gibis. Cartazes. Estrelas fosforescentes. Adesivos. Na parede, em cima de um dos colchões, havia flores pintadas, flores grandes e coloridas, peixes, barcos, uma bandeira pirata.

Ele estava num quarto de crianças. Um imenso quarto de crianças! “Eu teria levado um puxão de orelha se tivesse pintado uma bandeira de pirata no papel de parede”, pensou Victor. Por um instante fugaz, sentiu o desejo maluco de se deitar num dos colchões, acender algumas das velas que estavam espalhadas por ali, e esquecer tudo o que havia acontecido entre seu nono aniversário e aquele dia. Então ele ouviu um ruído novamente.

Seus cabelos da nuca se arrepiaram.

Havia alguém ali. Com certeza. E era uma pessoa. A presença de uma pessoa é sentida de outra maneira, é diferente da de um rato ou de um pombo.

Victor esqueceu os colchões e foi andando de mansinho até as poltronas. Será que eles eram tão bobos a ponto de querer brincar de esconde-esconde? Será que pensavam que ele não sabia mais brincar desse jogo só porque era adulto?

— Sinto muito, mas vou ter que decepcioná-los — disse Victor em voz alta. — Sempre fui muito bom no jogo de esconde-esconde. E no de pega-pega sempre pegava todo mundo. Apesar das minhas pernas curtas. Portanto, podem desistir agora mesmo.

A sua voz ecoava de uma forma estranha na grande sala.

— O que vocês estão pensando? — ele exclamou enquanto iluminava as poltronas vermelhas. — Que isso aqui vai poder ficar assim para sempre? Como vocês sobrevivem? Roubando? Por quanto tempo isso ainda vai dar certo? Bem, esse não é assunto meu. Só estou interessado em dois de vocês. Para o maior existe um lugar à disposição no internato, para o pequeno até mesmo um lar. Um lar de verdade. Comida farta, cama, uma vida normal. Com isso, até dá para suportar um pouco de cheiro de laquê.

"Diabos, o que estou dizendo?", pensou Victor e parou. "Isso não soa muito atraente. Além disso, estou velho demais para brincar de esconde-esconde com um bando de crianças num cinema escuro como breu."

— Ei, Victor, venha me pegar! — uma voz soou de repente. Uma voz aguda. Victor a conhecia. De repente, a cortina brilhante tinha uma barriga. — É verdade que você tem um revólver?

A voz vinha de trás do tecido bordado com estrelas. E logo a cabeça de Bo, com os seus cabelos pintados de preto, apareceu para fora das pregas.

— É claro! — Victor pôs a mão debaixo do seu casaco, como se fosse sacar o revólver. — Quer dar uma olhada?

Bo saiu lentamente do seu esconderijo. Com a cabeça inclinada para o lado, ele parou e ficou olhando para Victor. Onde estava Próspero, o irmão mais velho? Victor olhou para esquerda, para a direita, por cima dos

ombros, mas de todos os lados somente a escuridão o encarava com seu rosto negro.

— Não tenho medo — disse Bo. — Deve ser só um revólver de plástico.

— Sei, sei, isso é o que você pensa. — Victor reprimiu um sorriso. — Você é mesmo muito esperto.

Ele não desgrudava os olhos do pequeno, mas infelizmente isso lhe tirou a visão da fileira de poltronas. E quando percebeu que, à sua direita e à sua esquerda, alguma coisa se movia entre as poltronas, já era tarde demais. Antes que Victor entendesse o que estava acontecendo, cinco crianças se lançaram sobre ele. Elas o puxaram pelos pés e o derrubaram no chão como um saco de farinha, depois se sentaram na sua barriga. Por mais que se debatesse e esperneasse, Victor não conseguiu se libertar. A lanterna caiu, iluminando rapidamente aqui e ali enquanto rolava pelo chão. Victor pensou ter reconhecido a garota que insuflara as mulheres a bater com as bolsas no seu pescoço. Ela prendeu seu braço direito, o menino de cabelos crespos segurava o esquerdo, e dois outros, provavelmente Próspero e o ouriço, agarravam as suas pernas. Mas sentado em cima dele, com um sorriso malicioso no rosto magro e uma expressão zombeteira nos olhos negros semicerrados, era Scipio quem estava, com os joelhos cravados nos flancos do seu prisioneiro, como se estivesse montado num cavalo selvagem.

— Seu patife miserável! — gritou Victor — Você...

Ele não pôde continuar. Scipio simplesmente enfiou um trapo em sua boca. Um trapo úmido e fétido, que cheirava a pêlo de gato.

— O que você está fazendo? Não é melhor interrogá-lo primeiro? — perguntou o garoto negro, espantado. — Afinal, não sabemos se ele está mesmo só atrás de Próspero e de Bo.

— Isso mesmo! — nervoso, o ouriço enfiou a ponta da língua entre os dentes. — Vamos perguntar como ele nos achou, Scipio.

— Ah, não vale a pena, ele só vai contar mentiras mesmo — respondeu Scipio. — É melhor amarrá-lo de uma vez.

Os outros hesitaram, mas dali a pouco já tinham nas mãos todas as cordas e cintos que conseguiram encontrar. Eles amarraram Victor de tal modo que ele ficou parecendo um bicho-da-seda. A única coisa que ainda conseguia fazer era girar os olhos furiosamente.

— Não está doendo, está? — Era Bo, que tinha se inclinado sobre o prisioneiro com uma cara preocupada. De repente, ele deu uma risada. — Você está engraçado, Victor. Você é um detetive de verdade?

— Sim, ele é, Bo. — Próspero empurrou seu irmãozinho para o lado, curvou-se e revistou os bolsos de Victor. — Um telefone. E... de fato... — ele disse erguendo o revólver de Victor com cuidado — Dêem uma olhada nisso, achei que ele só estava blefando.

— Dá aqui, vou esconder — Vespa tirou a pistola da mão de Próspero com muito cuidado, como se temesse que ela pudesse explodir entre os seus dedos.

— Vejam o que mais ele tem! — ordenou Scipio, levantando-se do peito de Victor e olhando de cima para o seu prisioneiro. Então ele disse num tom de voz baixo e ameaçador: — Pois é, senhor detetive. Nunca se meta com o Senhor dos Ladrões.

Então Scipio fez um sinal para os outros.

— Venham, vamos levá-lo para o banheiro masculino.

20

Eles haviam estendido um cobertor para Victor no chão frio. Pelo menos isso. Mas não estava exatamente confortável. Preso e amarrado! Isso nunca lhe acontecera antes. Trancafiado no banheiro de um velho cinema por um bando de crianças! E o querido filho do *dottor* Massimo enfiara tão rapidamente a mordaça na sua boca que ele não tivera chance de dizer àqueles pequenos patifes que do lado de fora do cinema, junto à porta, havia uma pobre tartaruga resfriada dentro de uma caixa, exposta à corrente de ar.

As horas se passavam, e Victor continuava pensando sempre a mesma coisa: "Eu devia ter imaginado! Eu devia ter imaginado quando aquela Esther de nariz empinado entrou no meu escritório com seu sobretudo amarelo como um marmelo". A cor amarela sempre lhe dera azar.

Ele tentou alcançar seus sapatos pela vigésima vez, pois nos saltos havia algumas ferramentas úteis para casos de emergência, quando de repente a porta atrás dele se abriu. Bem devagar, como se quem entrava ali pretendesse fazer alguma coisa em segredo. O que significava aquilo? Boa coisa não devia ser. Ansioso, Victor tentou se virar.

Uma lanterna iluminou o seu rosto e alguém se ajoelhou ao seu lado no cobertor. Próspero.

Victor suspirou aliviado. Ele mesmo não sabia por quê, pois Próspero olhava para ele de uma maneira não muito amigável. Mas pelo menos ele tirou a mordaça fedorenta de seus dentes. Victor cuspiu para se livrar do gosto repugnante.

— O chefe de olhos negros permitiu isso? — ele perguntou. — Aposto que ele queria me envenenar com esse trapo.

— Scipio não é nosso chefe — respondeu Próspero, e ajudou Victor a se sentar.

— Não? Mas se comporta como se fosse — gemendo, Victor se encostou na parede de ladrilhos. Todos os seus ossos doíam. — Ei, não vai me soltar as mãos?

— Tenho cara de idiota?

— Não. Mas provavelmente você não é tão durão como está tentando parecer — resmungou Victor. — Por isso, vá até lá fora e traga a caixa que está na frente do cinema.

Próspero olhou para ele desconfiado, mas foi buscar a caixa.

— Não fazia a menor idéia de que tartarugas faziam parte do equipamento de um detetive — ele disse quando colocou a caixa no chão ao lado de Victor.

— Muito engraçado. Ponha-a para fora! Espero que ela esteja bem, senão vocês vão se ver em maus lençóis.

— Por acaso já não estamos? — Próspero tirou cuidadosamente a tartaruga da areia que Victor havia espalhado para ela dentro da caixa. — Parece um pouco ressecada.

— Ela sempre parece — resmungou Victor. — Mas está precisando de verduras frescas, água e um pequeno passeio. Vamos, deixe-a andar um pouco em cima do cobertor.

Próspero teve vontade de rir, mas fez o que Victor pediu.

— Ela se chama Paula, e o marido dela agora está sozinho e abandonado na sua caixa, debaixo da minha escrivaninha, e deve estar muito preocupado. — Victor mexeu os polegares, que formigavam terrivelmente. — E vocês terão de cuidar dele também, se pretendem que eu fique aqui enrolado como uma múmia.

Dessa vez Próspero não conseguiu reprimir um sorriso. Ele virou o rosto, mas Victor viu mesmo assim.

— Mais alguma coisa?

— Não — Victor tentou se sentar numa posição mais confortável, mas não adiantou muito. — Vamos começar a conversa. Foi para isso que você veio, não foi?

Próspero passou a mão em seus cabelos escuros e ficou quieto um instante. Alguém roncava baixinho do outro lado da porta.

— É Mosca — disse Próspero. — Na verdade, ele deveria montar guarda, mas está dormindo como um bebê.

— Montar guarda? — Victor bocejou. — Aonde querem que eu vá enrolado como um bicho-da-seda?

Próspero deu de ombros, pôs a lanterna ao seu lado no chão e ficou olhando para as suas unhas com o rosto cansado.

— Você está atrás de mim e do meu irmão, não é? — ele perguntou sem olhar para Victor. — Minha tia o contratou.

Victor deu de ombros.

— A sua amiguinha furtou a minha carteira. Dentro dela, você certamente achou o cartão de visitas.

Próspero confirmou com a cabeça.

— Como Esther descobriu que estamos em Veneza? — Ele apoiou a testa nos joelhos encolhidos.

— Isso custou algum tempo e muito dinheiro, conforme seu tio me contou. — Victor se surpreendeu

olhando para o menino com compaixão.

— Se não tivéssemos dado aquele encontrão, você nunca teria nos achado.

— Pode ser. O esconderijo de vocês é bastante insólito. Próspero olhou ao seu redor.

— Foi Scipio quem encontrou esse lugar. Scipio também cuida para que tenhamos dinheiro para viver. Sem ele, estaríamos todos numa pior. Antigamente Riccio roubava muito; Mosca, Vespa e ele se conhecem há mais tempo. Acho que viviam muito mal antes de encontrarem Scipio. Eles não gostam de falar disso. Depois Vespa trouxe a gente para morar aqui, Bo e eu, e Scipio aceitou. — Próspero ergueu a cabeça. — Por que estou contando tudo isso? Afinal, você é um detetive e já deve ter descoberto tudo, não é? Mas Victor fez que não.

— Os seus amigos não me interessam — ele disse. — Apenas tenho de cuidar para que você e seu irmão tenham um lar novamente. Você ainda não percebeu que Bo é pequeno demais para viver sem pai e mãe? O que vai acontecer se esse Senhor dos Ladrões, como ele gosta de ser chamado, deixar de cuidar de vocês? Ou se a polícia descobri-los aqui? Você quer que Bo vá para um orfanato? E quanto a você, não seria mais fácil atazanar os professores em algum internato do que fazer de conta que é adulto aos doze anos?

O rosto de Próspero se fechou.

— Eu cuido bem de Bo — ele retrucou, irritado. — Ou ele parece infeliz? E eu também vou ganhar dinheiro para a gente viver, se me deixarem.

— Ainda é muito cedo para isso — respondeu Victor. Próspero escondeu o rosto entre os seus braços cruzados.

— Eu queria já ser adulto — ele murmurou.

Com um suspiro profundo, Victor encostou a cabeça na parede fria.

— Adulto, adulto. Deus do céu, quer que eu conte um segredo? Eu ainda me espanto quando me olho no espelho e vejo meu rosto velho. As vezes penso: “Victor, você já está bem grandinho”. Quando eu era criança, também queria ser adulto. Uma vez, fiz uma poção mágica com creme de barbear, cerveja e outras coisas com cheiro forte que meu pai gostava de beber. Mas o seu irmão, ao que me parece, se diverte bastante sendo criança, não é?

— Esther daria um jeito de tirar isso dele — respondeu Próspero. — Ela não gosta de se divertir. E o marido dela muito menos.

— Pode ser que você tenha razão — Victor suspirou. — Imagino que a mãe de vocês não era muito parecida com a irmã, não é?

Próspero balançou a cabeça.

— Ei, onde está a tartaruga? — ele perguntou preocupado, levantou-se e abriu a porta da única cabine do toalete. Iluminou o estreito compartimento com a lanterna. Victor o ouviu chamar baixinho: — Venha! Aqui não há nada para fuçar.

— Acho que deveríamos encerrar o passeio de Paula — disse Victor quando Próspero voltou com a tartaruga no braço. — Ela vai ficar com os pés frios nesse ladrilho. E isso não é bom para o resfriado.

— É verdade — murmurou Próspero, colocando Paula cuidadosamente de volta na caixa, e voltou a se sentar no cobertor ao lado de Victor. — Você também tem um irmão?

Victor negou com a cabeça.

— Não. Não tenho irmãos nem irmãs. Mas os irmãos também podem ser uma verdadeira praga, não é verdade?

— Pode ser — Próspero deu de ombros. — Bo e eu sempre nos demos bem. Bem, quase sempre. Droga. —

Ele passou a manga pelos olhos. — Agora eu também vou começar a chorar.

Victor pigarreou.

— A sua tia disse que vocês vieram para cá porque a mãe de vocês falava muito de Veneza.

Próspero assoou o nariz.

— É verdade — disse ele com a voz sumida. — Ela falava. E aqui é tudo como ela contou. Quando Bo e eu descemos do trem na estação, de repente tive medo de que ela tivesse inventado tudo, as casas sobre estacas, as ruas de água, os leões alados. Mas era tudo verdade. Ela sempre dizia que o mundo é cheio de maravilhas.

Victor fechou os olhos por um momento.

— Escute uma coisa, Próspero — ele disse, cansado. — Talvez eu ainda possa falar com a sua tia... para que ela adote vocês dois...

Próspero tapou a boca de Victor com a mão. Havia alguém na porta. E não era Mosca, pois ainda dava para ouvir nitidamente seu ronco.

— Bo! — sussurrou Próspero quando uma cabeça preta re-tinta apareceu na porta. — O que você está fazendo aqui? Volte para a cama imediatamente!

Mas Bo já havia se juntado a eles.

— O que você está fazendo aqui, Prop? — ele murmurou, sonolento. — Você quer jogar Victor no canal?

— Como pode pensar numa coisa dessas? — Próspero olhou surpreso para o seu irmão. — Vamos, Bo, volte para a cama.

Bo fechou a porta cuidadosamente atrás de si.

— Eu também podia ficar vigiando, como o Mosca! — ele disse, quase pisando na caixa da tartaruga. Assustado, ele recolheu o pé.

— Posso apresentada? — disse Victor. — Esta é Paula.

— Oi, Paula — murmurou Bo, e se sentou no cobertor entre Próspero e Victor. Com o dedo no nariz, ele olhou pensativo para Victor. — Você é um mentiroso muito bom, sabe? — ele disse. — Você quer mesmo pegar a gente pra entregar pra Esther? Mas nós não somos dela.

Victor olhou embaraçado para a ponta dos seus sapatos.

— Bem, as crianças precisam pertencer a alguém — ele murmurou.

— Você é de alguém?

— Isso é diferente.

— Porque você é adulto? — Bo espiou curioso dentro da caixa da tartaruga, mas Paula havia se escondido no seu casco. — Próspero já cuida de mim. E Vespa. E Scipio.

— Sei, sei — resmungou Victor. — Ele ainda está aqui, esse Scipio?

— Não, ele não dorme aqui. — Bo balançou a cabeça com desprezo, como se Victor já devesse saber disso. — Scipio tem muitas coisas para fazer. Ele é muuuito esperto. Por isso ele também... — Bo aproximou-se de Victor e abaixou a voz em tom de confidencia

— ...aceitou o trabalho do *conte.* Próspero não quer participar, mas eu...

— Cale a boca, Bo! — Próspero interrompeu o irmão. Ele se levantou de um salto e puxou Bo pela mão. Então disse a Victor:

— Isso não é da sua conta. Você mesmo disse que os outros não lhe interessam. Por que esse interrogatório sobre Scipio?

— Esse tal Senhor dos Ladrões... — Victor começou a dizer.

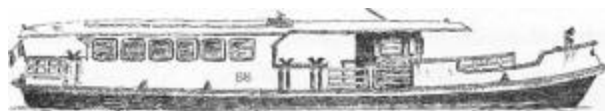
Mas Próspero lhe deu as costas.

— Venha Bo, está na hora de você dormir — ele disse, e arrastou o irmão até a porta. Mas Bo resistiu e soltou a mão.

— Espere. Tive uma idéia! — ele exclamou. — Por que a gente não solta o Victor e ele vai e diz pra Esther que infelizmente caímos de uma ponte e ela não precisa mais procurar a gente, porque estamos mortos? Com certeza ela vai dar o dinheiro para ele mesmo assim, porque ele não tem culpa se a gente é tão estúpido e caiu de uma ponte. Não é uma boa idéia, Prop?

— Pelo amor de Deus, Bo! — gemeu Próspero. Ele empurrou Bo para a porta bruscamente. — Ninguém vai jogar Victor no canal, mas também não podemos libertá-lo, nem que ele jure de pés juntos que não vai nos entregar. Nesse tipo de gente não se pode confiar.

— Nesse tipo de gente? Que amável! — exclamou Victor para os dois, mas Próspero já havia fechado a porta atrás de si. E Victor ficou novamente sozinho com a escuridão e os ladrilhos gelados nas suas costas. “Então eles não vão me jogar no canal”, ele pensou. “Quanta generosidade. Bem, pelo menos estou livre da mordaça.” Na pia que havia sobre a sua cabeça, a torneira pingava. E lá fora Mosca ainda roncava no seu turno de vigilância. “Será que Esther Hartlieb acreditaria se eu dissesse que os dois caíram de uma ponte?”, pensou Victor. “Não, claro que não.”

E então adormeceu.

21

— Bem, o que vamos fazer com o espião? — perguntou Riccio. Próspero havia comprado pão fresco para o café-da-manhã, mas ninguém conseguiu comer mais de um pedaço. Os únicos que tinham dormido bem eram Bo e Mosca, que ficara roncando placidamente no seu posto de vigilância até Riccio chegar para substituído. Vespa se serviu de uma terceira xícara de chá. A noite toda, ela tivera o mesmo pesadelo: uma matilha de cães pequenos e gordos a perseguia por uma casa estranha e, atrás de cada porta que abria, encontrava um *carabinieri* muito grande, que olhava para ela com um sorriso sarcástico e se parecia com Victor, o espião.

— Apague esse cigarro, Riccio! — ela resmungou, cansada. — Isso não é bom para Bo, quantas vezes vou ter que repetir?

Riccio apagou a bituca no chão com uma cara emburrada.

— Bem, o que vamos fazer? — ele perguntou. — Não preguei o olho a noite inteira, por causa desse sujeito lá no banheiro.

— O que mais podemos fazer? — Mosca deu de ombros. — Só vamos deixá-lo sair quando Scipio encontrar um novo esconderijo. Ele disse que, com o dinheiro do *conte,* podemos comprar uma ilha particular na laguna se quisermos.

— Mas eu não quero uma ilha! — Riccio fez uma cara de nojo. — Quero ficar aqui, na cidade, ou você acha que vou querer sair todos os dias num barco que chacoalha o tempo todo? Deus me livre!

— Diga isso a Scipio — Vespa o interrompeu impaciente e olhou para o relógio. — Vamos nos encontrar com ele daqui a duas horas, ou já se esqueceu?

— Bem, eu gostaria de ter uma ilha! — Mosca se levantou com um suspiro. — Poderíamos pescar nossos próprios peixes. E fazer uma horta...

— Peixes, bah! — Riccio torceu o nariz com desprezo. — Por mim, você pode ficar com todos. Eu não como peixes da laguna. Eles estão todos envenenados com a sujeira que as fábricas do continente jogam no mar.

— Já sei, já sei — Mosca fez um careta para Riccio e se levantou. — Vou levar um café para o nosso prisioneiro. Ou ele vai ficar só com água e pão embolorado?

— Ah, coitadinho! — exclamou Riccio. — Não sei para que tanta gentileza com esse sujeito! Por culpa dele, vamos ter que procurar um novo esconderijo! Afinal, aqui é... o nosso lar. O melhor lugar onde já moramos. E ele estragou tudo! E ainda por cima vai ganhar um café?

Os outros se calaram, aflitos. A idéia de deixar o cinema para sempre era terrível para todos eles. Riccio tinha razão, ali eles se sentiam protegidos, mesmo que à noite a sala se enchesse de sombras escuras e às vezes fizesse tanto frio que o seu hálito ficava branco no ar.

Mas era o seu esconderijo das estrelas, o seu abrigo da chuva, do frio e da noite. Seguro como uma fortaleza, pelo menos era o que eles pensavam.

— Vamos encontrar outro lugar — murmurou Mosca, enquanto servia o resto de café num copo para Victor. — Um tão bom quanto este. Talvez até melhor.

— Ah, é? — Riccio olhou com uma expressão melancólica para a cortina bordada com estrelas. — Mas eu não quero encontrar nada melhor. Por que simplesmente não jogamos esse espião no canal? Sim, essa é a melhor solução! O que é que ele tinha que vir bisbilhotar aqui?

— Riccio! — Vespa olhou para ele horrorizada.

— Mas é verdade! — disse Riccio com voz estridente de tanta raiva. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Apenas por causa desse tipinho asqueroso vamos perder o nosso esconderijo das estrelas. Nunca vamos encontrar outro igual! Scipio pode falar o quanto quiser de dinheiro e ilhas na laguna. Tudo besteira! Esse espião não pode simplesmente chegar aqui e a gente ter que pegar as nossas coisas e ir para a rua. Isso é uma loucura.

Os outros ficaram calados. Ninguém sabia o que dizer.

— Quando chegar o inverno de verdade — murmurou Mosca finalmente —, vai fazer um frio do cão aqui dentro.

— E daí? Com certeza, não tão frio como lá fora! — Riccio escondeu a cabeça entre os braços e começou a chorar.

Os outros se entreolharam desconcertados.

— Ei, Riccio, está tudo bem! — Vespa tentou consolá-lo e sentou-se ao seu lado com o braço no seu ombro. — O importante é que a gente está junto, não é?

Mas Riccio a empurrou.

— Mas Victor não vai entregar a gente! — exclamou Bo e pôs leite numa tigela para os seus gatos. — Não vai não.

— Ah, Bo! — murmurou Mosca.

Próspero ainda não havia dito nada, mas então ele pigarreou.

— Vocês não precisam jogar o espião no canal para poder ficar aqui — ele balbuciou. — Se eu e Bo formos embora, ele não vai mais ter motivos para vir bisbilhotar aqui. Nós causamos esse problema para vocês, e por isso vamos embora. Precisamos ir para longe, muito longe. Agora que a nossa tia sabe que estamos em Veneza.

Bo olhou boquiaberto para o irmão. E Vespa também se virou perplexa.

— Besteira! — ela exclamou. — Tudo uma grande besteira. Para onde você quer ir? Estamos todos no mesmo barco. Os problemas de vocês são nossos problemas.

— Isso mesmo. — Mosca balançou a cabeça para a frente. — Os problemas de vocês são nossos problemas. Não é verdade, Riccio?

Mosca cutucou Riccio com o cotovelo, mas ele não respondeu.

— Vocês ficam aqui, e o espião continua no banheiro masculino — prosseguiu Vespa. — Vamos fazer como Scipio falou. Vamos entrar na casa da *signora* Spavento, roubar a asa de madeira, entregá-la para o *conte* e, com os cinco milhões, levar uma vida boa em alguma ilha na laguna, onde ninguém vai nos encontrar. Nem mesmo esse detetive. E com o barco a gente se acostuma. Espero.

Vespa se sentia tão mal na água quanto Riccio.

— Mas então precisamos alimentar a tartaruga macho — disse Bo. — Para ela não morrer de fome, até a gente soltar Victor.

— A tartaruga macho? — Mosca quase se engasgou com o café frio.

— Ela mora debaixo da escrivaninha de Victor — murmurou Próspero, e começou a brincar pensativo com um dos leques de plástico de Bo. — A fêmea está numa caixa de papelão no banheiro com Victor. Tomem cuidado para não tropeçar nela quando entrarem.

Mosca olhou incrédulo para ele.

— Então, tenho ou não tenho razão? — exclamou Riccio nervoso. — Onde é que já se viu alguém se preocupar com os animais domésticos do prisioneiro? Vocês já viram algum filme em que os gângsteres alimentam as tartarugas ou os gatos de alguém?

— Mas nós não somos gângsteres! — Vespa o interrompeu, irritada. — E por isso não vamos deixar uma tartaruga inocente morrer de fome. Vamos, leve logo o café para ele, Mosca.

22

Quando Riccio e Vespa saíram para se encontrar com Scipio no *campo* Santa Margherita conforme haviam combinado, Próspero resolveu acompanhados.

Ele havia passado mais de dois dias sem sair do esconderijo, com medo de Victor, e sentia falta de respirar ar fresco. Mosca ficou tomando conta do prisioneiro sem reclamar, pois ainda estava com a consciência pesada por ter dormido no seu turno de vigilância. E Bo quis ficar cuidando da tartaruga solitária de qualquer jeito. Na verdade, ele não estava com vontade de andar todo o longo caminho até o *campo* Santa Margherita.

— Bom, então cuide também para que os gatinhos não tentem comer o pombo novamente — disse Vespa, antes de lhe dar um beijo estalado de despedida. — Ainda precisamos dele.

— Eu sei — resmungou Bo, e o pombo, ou melhor, a pomba Sofia, que estava pousada com o peito estufado no encosto de uma poltrona, soltou uma mancha branca no assento, como que para reforçar as palavras de Vespa.

Com um suspiro, Mosca pegou um pano e foi cuidar da limpeza.

Era realmente um longo caminho até o *campo* Santa Margherita. A praça ficava em Dorsoduro, a parte sul da cidade de Veneza, do outro lado do canal Grande. As casas ao seu redor talvez não fossem tão luxuosas e elegantes como as de outras praças da cidade, mas muitas delas tinham mais de quinhentos anos. Ali havia pequenas lojas, cafés, restaurantes, uma feira de peixes todas as manhãs e, no meio da praça, a banca de jornais cujo dono contara a Riccio tantas coisas sobre Ida Spavento. No Campanile de Santa Margherita, um dragão de pedra vigiava a praça, e Riccio dissera que aos seus pés antigamente se caçavam bois e ursos, como no *campo* San Polo, no norte da cidade.

A praça, que normalmente era bastante animada, estava quase deserta quando as três crianças chegaram. Era um dia frio e chuvoso, e as cadeiras dos cafés estavam vazias, apenas algumas mulheres passavam pelas mesas com os seus carrinhos de bebê. Nos bancos sob as árvores desfolhadas, alguns velhinhos estavam sentados e olhavam desconfiados para o céu. Parecia que alguém havia estendido um lençol cinzento sobre a cidade. Até mesmo o reboco das casas parecia sujo e sem vida, e não conseguia esconder a idade naquele dia opaco.

A casa à qual pretendiam em breve fazer a visita noturna, e cuja planta não era somente Mosca quem via durante o sono, também parecia sonhar com dias melhores. O seu aspecto não fazia pensar que, atrás das suas paredes de cor ocre, ela podia ocultar um tesouro pelo qual alguém estava disposto a pagar cinco milhões de liras. O jardim dos fundos, escondido no labirinto de casas, só podia ser encontrado por quem soubesse da sua existência. Para chegar até lá era preciso entrar numa viela estreita e escura, cuja entrada não passava

de um buraco negro entre a Casa Spavento e a casa vizinha.

Riccio já havia explorado essa viela junto com Mosca. Eles haviam até mesmo escalado o muro do jardim e espiado os canteiros desfalcados pelo inverno e os caminhos cobertos de cascalho. E agora Riccio pretendia entrar ali de novo com Scipio. Mas Scipio não chegava. O tempo passava e Riccio, Próspero e Vespa ainda esperavam na frente da banca de jornais. Cães se aproximavam para cheirá-los, gatos perseguiam os pombos roliços no meio da praça e mulheres passavam pela calçada molhada carregando pesadas sacolas, mas nenhum sinal de Scipio.

— Que estranho! — disse Vespa pulando de um pé para o outro para espantar o frio. — Ele nunca se atrasou tanto nas outras vezes que combinamos com ele em algum lugar.

— Por que é mesmo que ele queria se encontrar aqui com vocês? — perguntou Próspero. — Para ver a fechadura com a luz do dia?

— Besteira! Ultima inspeção no local do crime ou algo assim — murmurou Riccio. — Como é que vamos saber? Além disso, ali onde fica o muro é bem escuro mesmo de dia, e até agora Mosca e eu não encontramos ninguém. Scipio já contou para vocês que no Palácio Falier ele tirou o anel do dedo de uma mulher enquanto ela estava dormindo?

— Já, já contou, conhecemos todas histórias de Scipio, igualzinho a você. — Vespa suspirou e olhou ao seu redor com a testa franzida. — Nem sinal dele. O que pode ter acontecido?

— Ei, olhe ali! — Riccio segurou o braço de Vespa. — Lá vem a governanta da Spavento voltando das compras!

Uma mulher gorda atravessava a praça com passos cambaleantes, pois numa das mãos segurava as guias de

três cachorros e, na outra, duas sacolas cheias de compras. Os cachorros latiam para todos que se aproximavam dos seus focinhos, e a toda vez a mulher precisava puxá-los de volta.

— Mas que coincidência! — sussurrou Riccio, seguindo-a com um olhar curioso.

— Não gosto dessa história de cachorros — resmungou Vespa. — E se eles estiverem na casa quando entrarmos? Tão pequenininhos assim também não são!

— Ah, a gente dá um jeito neles. — Riccio colocou de volta no lugar uma revista que estava folheando, passou a mão em seu cabelo arrepiado e piscou para os dois outros. — Esperem aqui.

— O que você está pretendendo? — sussurrou Vespa preocupada. — Não vá fazer nenhuma besteira.

Mas Riccio já atravessava a praça assobiando. Ele parecia olhar em todas as direções, menos na da governanta da senhora Spavento, que visivelmente fazia um grande esforço para conter o ritmo dos seus cães.

— Saia da frente! — gritou a mulher gorda.

Mas Riccio simplesmente a ignorou. E quando ia passar ao seu lado, ele se pôs no caminho dela de maneira tão inesperada que ela não conseguiu se esquivar. Os dois trombaram, as sacolas cheias caíram no chão da praça, os cães começaram a latir e saíram correndo atrás das maçãs e dos repolhos que rolavam sobre a calçada molhada.

— Mas que diabos o ouriço está fazendo? — Vespa cochichou para Próspero.

Todo prestativo, Riccio foi correndo atrás dos repolhos, enquanto a *signora* catava as maçãs do chão e xingava.

— Você ficou louco para se meter no meu caminho dessa maneira? — eles ouviram a gorda ralhar.

— *Scusi!* — Riccio sorriu para ela de um jeito que dava para ver todos os seus dentes ruins. — É que estou

procurando o consultório do doutor Spavento, o dentista. É naquela casa ali?

— Besteira! — respondeu a gorda em tom rude. — Aqui não tem nenhum dentista. Embora você esteja precisando urgentemente de um. Esta é a casa da *signora* Ida Spavento, que é a única pessoa que mora ali. E agora saia do meu caminho, antes que eu jogue um repolho na sua cabeça.

— Sinto muito mesmo, *signora.* — Riccio fez uma cara tão arrependida que até mesmo Próspero e Vespa, que observavam tudo discretamente a alguns passos, quase acreditaram. — Quer que a ajude a levar as sacolas para casa?

— Ah, olha só, um autêntico cavalheiro! — A gorda tirou uma mecha de cabelos brancos da testa e olhou para Riccio com um pouco mais de simpatia. Mas, de repente, ela franziu a testa. — Ei, espere aí. Por acaso você está pensando em ganhar alguma coisa com esse pequeno incidente, hein, seu malandrinho? Riccio balançou a cabeça com ar ofendido.

— Imagine, *signora,* nem pensar!

— *Va bene,* então eu aceito! — A governanta da *signora* Spavento deu as sacolas para Riccio e prendeu firmemente a guia dos cães em volta do seu pulso carnudo. — Afinal de contas, nem sempre tenho a sorte de topar com um cavalheiro no meu caminho.

Vespa e Próspero seguiram os dois a uma distância segura. E viram Riccio se virar mais uma vez para eles com um sorriso triunfante antes de entrar na casa de Ida Spavento.

Riccio demorou para voltar. Como um pequeno conde, ele parou na porta de entrada, satisfeito consigo mesmo e com o mundo, lambendo o enorme sorvete que ganhara como recompensa por aquele trabalho tão

pesado. Então fechou displicentemente a porta atrás de si e correu para junto de Vespa e Próspero.

— Nenhum trinco do lado de dentro! — ele sussurrou para os dois com um ar de cumplicidade. — Nem ao menos duas fechaduras. Realmente essa *signora* Spavento parece não ter muito medo de ladrões.

— Ela também estava em casa? — perguntou Próspero, e olhou para a sacada que havia sobre a porta de entrada.

— Não que eu tenha visto. — Riccio deixou Vespa lamber o seu sorvete. — Mas a cozinha fica exatamente onde está desenhada na planta, eu levei as sacolas até lá para a gorda. Então também deve estar certo que o quarto fica no sótão. Vou dizer uma coisa: se a *signora* Ida Spavento realmente vai dormir tão cedo como parece, a coisa vai ser mais fácil do que afanar velas na igreja.

— Veremos, veremos, não cante vitória antes do tempo! — murmurou Vespa, e olhou preocupada para a janela da casa estranha, em cuja vidraça se espelhava o céu cinzento.

— Espere, ainda não contei o melhor! — sussurrou Riccio.

— Na cozinha, tem uma porta que dá para o jardim. Essa porta não estava na planta. E agora segurem-se: também não tem trinco. Essa *signora* Spavento é realmente imprudente, não?

— Você sempre esquece os cachorros — retrucou Vespa. — E se eles não forem da governanta e não gostarem das suas salsichas?

— Ah, que nada, todos os cachorros gostam de salsicha, não é, Prop?

Próspero fez que sim e olhou para o seu relógio.

— Droga. Já é quase uma hora — ele murmurou preocupado — e Scipio ainda não chegou. Tomara que não tenha acontecido nada com ele.

Eles esperaram ainda mais meia hora. Depois disso, o próprio Riccio estava convencido de que o Senhor dos Ladrões não viria. Com cara preocupada, os três se puseram a caminho da casa do seu prisioneiro para alimentar a tartaruga abandonada.

— Não entendo — disse Riccio, quando estavam na porta da casa de Victor. — O que pode ter acontecido?

— Ah, não deve ter acontecido nada — disse Vespa enquanto subiam os degraus íngremes da escada do escritório de Victor. — Afinal, quantas vezes ele já não chegou atrasado quando combinamos no esconderijo? — ela acrescentou, mas na verdade estava tão apreensiva como os outros dois.

A tartaruga macho de Victor parecia realmente triste. Quando Próspero e Vespa se debruçaram sobre a caixa, ela não se atreveu a pôr a cabeça para fora do casco. Somente quando Próspero lhe ofereceu uma folha de alface é que o bicho esticou o seu pescoço enrugado.

Riccio ignorou a tartaruga. Ele ainda achava ridículo cuidar do animal doméstico de um prisioneiro. Enquanto Próspero e Vespa tratavam disso, ele ficou experimentando os bigodes falsos de Victor na frente do espelho.

— Ei, dê uma olhada, Próspero — ele exclamou, e colou o bigode de morsa de Victor debaixo do nariz. — Ele não estava com isso na cara quando você topou com ele?

— Pode ser — respondeu Próspero, olhando para a escrivaninha de Victor. Sob o leão que servia como peso de papéis, havia uma foto das duas tartarugas e, ao lado da máquina de escrever, um monte de folhas de papel cheias de anotações, e uma maçã mordida.

— E que tal estou agora? — perguntou Riccio, alisando a barba loira com reflexos avermelhados que

tinha posto.

— Você está parecendo um gnomo da floresta — respondeu Vespa. Tirou um livro da estante de romances policiais que Victor já lera milhares de vezes e se acomodou com ele numa das cadeiras para visitas. Próspero se sentou na poltrona de Victor e começou a revistar as gavetas da escrivaninha. Não achou nada além de folhas de papel e clipes, uma caixinha com selos, uma tesoura, chaves, cartões-postais, três saquinhos com diferentes tipos de balas.

— Por acaso ele tem cigarros aí? — Riccio colocou um nariz postiço.

— Ele não fuma, ele chupa balas — respondeu Próspero e fechou novamente as gavetas. — Vocês viram pastas em algum lugar? Ele deve ter pastas sobre os seus casos.

— Ah, que nada, ele só se tornou detetive porque gosta de se disfarçar. Não deve ter pastas nem coisas do tipo.

Riccio colou umas sobrancelhas espessas sobre os olhos, enterrou um chapéu nos cabelos arrepiados e tentou dar uma expressão respeitável a seu rosto.

— O que vocês acham? Que no futuro vou ser mais ou menos assim? Só que maior, é claro.

— Ele tem que ter anotações.

Próspero acabara de descobrir um fichário no único armário de Victor quando o telefone tocou. Vespa nem ao menos ergueu a cabeça.

— Deixe tocar — ela murmurou. — Para nós é que não é. Eles deixaram tocar. Riccio experimentou todos os chapéus, barbas e perucas, e fotografou a sua imagem no espelho até acabar com o filme da câmera de Victor, enquanto Próspero continuava sentado na escrivaninha examinado o fichário com as pastas. Depois de dez minutos, o telefone tocou outra vez, justamente no momento em que Próspero encontrou uma foto dele e de

Bo numa pasta transparente. Ele olhou para ela como que enfeitiçado. Vespa ergueu o olhar do seu livro.

— O que é isso?

— É só uma foto. Foi a minha mãe quem tirou, no meu aniversário de onze anos.

O telefone tocou mais uma vez. E parou novamente. Próspero examinou de novo a foto. E fechou o punho sem perceber.

Vespa passou a mão por cima da escrivaninha e acariciou seus dedos encolhidos.

— O que esse espião escreveu sobre vocês? — ela perguntou. Próspero pôs a foto no bolso do seu casaco e passou as anotações de Victor para ela.

— Está quase indecifrável.

— Deixe-me ver — Vespa pôs o livro de lado e inclinou-se sobre a escrivaninha. — Oh, parece que ele também não acha a sua tia muito simpática. Ela deve ser quem ele chama de *“nariz pontudo”* e o seu tio, o *“armário”. “Não têm interesse pelo mais velho, pois não parece mais um ursinho de pelúcia.”*

Vespa sorriu para Próspero.

— Não, isso você não parece mesmo. Até que esse espião não é tão burro.

O telefone tocou novamente.

— Meu Deus, não pensei que esse tipo estranho pudesse ter tantos clientes. — Irritada, Vespa atendeu, disfarçando a voz. — *Pronto!* Escritório de Victor Getz. Em que posso ajudar?

Riccio tapou a boca com a mão para não desatar a rir, mas Próspero ficou ouvindo com o rosto preocupado.

— Qual era mesmo o nome? — Vespa fez um sinal para Próspero. — Hartlieb?

Próspero recuou como se tivesse levado uma bofetada. Vespa apertou um botão no aparelho, e a voz de Esther Hartlieb ressoou por todo o escritório. Ela não falava muito rápido, mas o seu italiano era bom:

— ...tentando há vários dias falar com o senhor Getz. Ele me disse que encontrou uma pista dos garotos. E até prometeu que me enviaria uma foto que fez dos dois na praça São Marcos...

Vespa olhou para Próspero apavorada.

— Não sei nada sobre isso — ela balbuciou. — Isso, hum, deve ter sido um engano. Sim, ontem ele descobriu uma nova pista. Totalmente nova. Agora o senhor Getz acredita que os meninos não se encontram mais em Veneza, eu acho. Alô?

Silêncio do outro lado da linha.

As três crianças não ousavam se mexer.

— Mas que interessante! — disse Esther com voz cortante. — Só que eu gostaria de ouvir essa informação pessoalmente do senhor Getz. Faça o favor de colocá-lo imediatamente ao aparelho...

— Ele, ele... — Vespa começou a gaguejar, e de tão agitada que estava esqueceu de disfarçar a voz — ...não está aqui. Sou apenas a sua secretária. Ele acabou de sair para tratar de um outro caso...

— Quem é você? — agora a voz de Esther parecia irritada. — Que eu saiba o senhor Getz não tem nenhuma secretária.

— Mas é claro que ele tem uma secretária — Vespa parecia sinceramente ofendida. — O que a senhora está pensando, hein? O senhor Getz vai lhe dizer exatamente a mesma coisa que eu, mas no momento ele está viajando.Tente novamente daqui a uma semana.

— Escute aqui, seja lá quem você for... — a voz de Esther ficou ainda mais cortante. — Já deixei um recado na secretária eletrônica do senhor Getz, mas não custa nada transmiti-lo mais uma vez por você. Daqui a dois dias, meu marido estará novamente em Veneza a trabalho, e eu estarei esperando o senhor Getz na terça-feira no Sandwirth. As três horas em ponto. Tenha um bom dia.

Então eles ouviram um clique.

Com o rosto aflito, Vespa desligou.

— Acho que não me saí muito bem — ela murmurou.

— Temos de ir — disse Próspero, e colocou a pasta que havia examinado de volta no lugar. Vespa lançou um olhar preocupado para ele. Então andou até a estante de Victor e pôs rapidamente alguns livros debaixo do pulôver.

— Gente, não seria legal se alguém bem simpático estivesse me procurando desesperadamente? — Riccio pôs a língua no buraco entre os dentes com um ar sonhador. — Algum tio ou avó simpático e podre de rico como nas histórias que Vespa lê para a gente?

— Esther é rica — disse Próspero.

— Mesmo? — Riccio pôs as barbas e os bigodes de Victor na mochila. O nariz falso também. — Bem, então você bem que podia perguntar se ela não quer ficar comigo no lugar de Bo. Não sou muito maior do que ele, e também não faço questão de que seja simpática comigo. Desde que não me bata muito...

— Isso ela não faz — murmurou Próspero, e revistou mais uma vez as gavetas. — De que foto ela falou? Droga, eu sabia que ele tinha fotografado Bo quando estavam dando comida para os pombos. Riccio, pegue a câmera, talvez o filme ainda esteja dentro.

Riccio pendurou a câmera em volta do pescoço e se pôs mais uma vez na frente do espelho.

— Bom dia, *signora* Esther! — ele disse, e sorriu com os lábios fechados para não mostrar o buraco entre os seus dentes. — A senhora quer ser a minha nova mãe? Ouvi dizer que a senhora não bate e que também tem muito dinheiro.

— Esqueça isso, ouricinho — disse Vespa, olhando para ele por cima dos ombros. — A tia de Próspero quer um ursinho de pelúcia bonitinho, e não um ouriço com

dentes ruins. Venha, vamos dar o fora daqui. É melhor levar a tartaruga macho, senão vamos ter que vir aqui todos os dias enquanto o espião for nosso prisioneiro.

— Talvez Scipio já tenha aparecido no esconderijo! — disse Riccio cheio de esperanças, quando fecharam a porta da casa de Victor atrás de si.

— Talvez — disse Próspero.

Mas nenhum dos três conseguia acreditar muito nisso.

23

Foi Bo quem abriu a porta quando eles voltaram para o esconderijo.

— Onde está Mosca? — perguntou Próspero. — Você sabe que não deve abrir a porta!

— Mas eu tive que vir, porque Mosca está sem tempo — respondeu Bo. — Victor está mostrando para ele como consertar o rádio.

E saiu saltitando a assobiando.

Quando Próspero, Vespa e Riccio chegaram ao saguão, encontraram a porta do banheiro masculino aberta e ouviram a risada de Mosca.

— Não posso acreditar! — exclamou Riccio, e se plantou diante da porta aberta. — Que diabos você está fazendo aí, Mosca? É isso que você chama de vigiar? Quem disse que era para soltar o prisioneiro?

Mosca se virou assustado. Ele estava ajoelhado no cobertor ao lado de Victor, e havia acabado de passar uma chave de fenda da sua caixa de ferramentas para ele.

— Calma, Riccio. Ele deu a sua palavra de honra que não vai fugir — ele disse. — Victor sabe muitas coisas sobre rádios, acho que vai conseguir consertar o meu.

— O seu rádio que se dane! — exclamou Riccio. — E que se dane a palavra dele também. Ele vai ser amarrado de novo agora mesmo.

— Escute aqui, ouricinho. — Victor se pôs de pé com as pernas duras. — A minha palavra de honra vale pra caramba, entendido? Não sei como é a sua, mas a palavra de honra de Victor Getz é cem por cento confiável.

— Isso mesmo. — Bo se pôs na frente de Victor, como se quisesse protegê-lo. — Ele é nosso amigo agora.

— Amigo? — Riccio deu um suspiro indignado. — Agora você enlouqueceu de vez, nenê? Ele é nosso prisioneiro, nosso inimigo!

— Pare com isso, Riccio! — disse Vespa. — Amarrar é besteira, ele pode ficar trancado de qualquer jeito. É, para sair pela janela do banheiro, ele é muito grande e muito gordo, não acha?

Riccio não respondeu e cruzou os braços com uma cara brava.

— Vocês vão ver o que Scipio vai dizer! — ele ameaçou. — Talvez a ele vocês escutem.

— Se alguma hora ele der as caras — disse Próspero.

— Como assim? Vocês não se encontraram com ele? — Mosca se levantou espantado.

— Esperamos mais de duas horas na frente da banca — disse Vespa. — Mas ele não foi.

— Ora, vejam só! — murmurou Victor, ajoelhando-se novamente ao lado do rádio. — Ora, vejam só. Mas espero que não tenham se esquecido da minha tartaruga.

— Não, inclusive a trouxemos para cá. — Próspero olhou para ele. — O que significa esse “ora, vejam só”?

Victor deu de ombros e apertou um parafuso.

— Vamos, diga! — gritou Riccio. — Senão vai ser a última vez que a sua tartaruga faz uma refeição!

Victor virou-se lentamente, com um ar ameaçador.

— Mas que garoto encantador — ele resmungou. — O que vocês sabem de verdade sobre o seu chefe?

Vespa abriu a boca, mas Victor ergueu a mão.

— Está bem, está bem, ele não é o chefe de vocês. Já entendi. Mas não era essa a minha pergunta. Repetindo: o que vocês sabem sobre ele?

As crianças se entreolharam.

— Como assim? O que deveríamos saber sobre ele? — Mosca se encostou na parede de ladrilhos. — Não costumamos falar muito sobre o passado. Scipio foi criado num orfanato, assim como Riccio, ele nos contou uma vez, mas fugiu quando tinha oito anos, e desde então se vira sozinho. Durante um tempo, um velho ladrão de jóias cuidou dele e lhe ensinou tudo o que é preciso para viver desse jeito. Quando ele morreu, Scipio roubou a gôndola mais bonita que encontrou no canal Grande, pôs o velho ladrão dentro e deixou a correnteza levar o barco para a laguna. E desde então ele decide o que fazer da sua vida.

— E chama a si mesmo de Senhor dos Ladrões — disse Victor. — Portanto, ele vive de roubar e vocês também.

— Ah, sim, agora vamos contar tudinho para você! — zombou Riccio. — E se fosse? Você nunca pegaria Scipio, mesmo que tentasse cem vezes. Ele é o Senhor dos Ladrões. Ninguém tem nada para ensinar para ele. Da última vez, Barbarossa pagou quatrocentas mil liras pelo que ele roubou! Não acredita?

Mosca lhe deu uma cotovelada de advertência, mas era tarde demais.

— Sei, sei... Barbarossa, a raposa velha. — Victor balançou a cabeça. — Então vocês também o conhecem. Sabem de uma coisa? Aposto as minhas tartarugas contra esse rádio aqui, que eu posso contar para vocês onde Scipio roubou as coisas.

Riccio franziu as sobrancelhas desconfiado.

— E daí? Até já saiu no jornal.

Mosca lhe deu mais uma cotovelada, mas Riccio estava furioso demais para notar.

— No jornal? — Victor ergueu as sobrancelhas. — Ah, você deve estar falando do roubo do Palácio Contarini. — Ele riu. — Que absurdo. Scipio disse para vocês que foi ele?

— O que diabos você está querendo dizer? — Riccio fechou o punho como se fosse se lançar para cima de Victor, mas Vespa o segurou.

— Estou querendo dizer — respondeu Victor calmamente — que o seu amigo Scipio é um garoto muito esperto e um mentiroso incrivelmente criativo, mas não é de jeito nenhum quem vocês estão pensando.

Riccio se soltou de Vespa com um grito. Próspero somente conseguiu segurá-lo quando ele já tinha dado um soco no nariz de Victor com o seu punho magro.

— Chega, Riccio! Vamos ouvir o que ele está dizendo — exclamou Próspero enquanto imobilizava Riccio com uma chave de braço. Depois disse em tom ríspido para Victor: — E você, pare de falar por enigmas! Senão eu vou soltar Riccio novamente.

— Que ameaça! — murmurou Victor. — Bo, me dê o seu lenço.

Bo tirou depressa o seu lenço do bolso da calça.

— Está bem, vamos pôr os pingos nos “is”— disse Victor, e assoou o seu nariz dolorido. Pelo menos não estava sangrando. — Como vocês conheceram Scipio?

Sem dar atenção aos rostos perplexos das crianças, ele recolheu alguns parafusos e os jogou na caixa de ferramentas de Mosca. Riccio ficou vermelho. — Vá, conte logo — disse Mosca.

— Eu roubei uma coisa dele — murmurou Riccio. — Quer dizer, eu tentei, mas ele me pegou. Então eu ameacei dizendo que ele ia ter problemas com o meu

bando se não me soltasse, e ele disse que me deixaria ir se eu apresentasse o bando para ele.

— Naquela época, nós morávamos no porão de uma casa abandonada — explicou Mosca. — Riccio, Vespa e eu. No bairro do Castello, lá é fácil arrumar um esconderijo, porque ninguém mais quer morar lá. O porão era muito úmido e frio, a gente estava sempre doente e também não tinha muita coisa pra comer...

— Pode dizer simplesmente que estávamos com o pé na lama — Riccio o interrompeu impaciente. — ”Vocês não podem morar numa ratoeira dessas!”, Scipio disse e nos trouxe para cá, para o esconderijo das estrelas. Ele arrombou a fechadura da saída de emergência e disse para bloquearmos a porta da frente. E desde então... estava indo tudo muito bem. Até que você apareceu.

— Sim, sim, já sei. Victor, o desmancha-prazeres. — Victor olhou para Próspero. — E quando Vespa encontrou Próspero e Bo, o Senhor dos Ladrões começou a sustentar os dois também.

— Ele até arrumou casacos e cobertores para a gente. E esses aqui também foi Scip que me deu. — Bo sentou-se ao lado de Victor e segurou um dos gatinhos na sua frente. Victor acariciou as orelhas do gatinho distraidamente, até que ele começou a ronronar e a lamber o seu dedo.

— Por que você disse que Scipio é um mentiroso? — perguntou Vespa.

— Ah, esqueçam o que eu disse. — Victor acariciou os cabelos tingidos de Bo. — Só me expliquem uma coisa. Bo me contou que em breve vocês terão muito dinheiro... ele falou de um serviço... vocês não estão pensando em fazer nenhuma besteira, não é?

— Mas que droga, Bo, você não consegue manter o bico calado? — Riccio se soltou de Próspero, que logo o pegou novamente.

— Ei, Riccio, não fale assim com o meu irmão, entendeu? — ele disse.

— Então cuide melhor dele! — exclamou Riccio irritado, e empurrou as mãos de Próspero. — Ele vai acabar contando tudo para esse sujeito!

— Bo, você não vai contar mais nada, entendido? — disse Próspero sem tirar os olhos de Riccio.

Mas Bo lançou um olhar desafiador para o irmão e cochichou no ouvido de Victor:

— Vamos entrar numa casa com Scipio. Mas só temos que roubar uma asinha de madeira.

— Bo! — gritou Vespa.

— Vocês pretendem roubar uma casa? — Victor se pôs de pé novamente. — Vocês ficaram loucos? Querem ir parar todos no orfanato?

Ele se plantou na frente de Próspero e o censurou:

— É assim que você cuida do seu irmãozinho? Ensinando-o a entrar em casas alheias?

— Que absurdo! — Próspero ficou branco ao redor do nariz. — Bo não vai participar do roubo.

— Vou sim! — exclamou Bo.

— Não vai — disse Próspero.

— Parem! — gritou Riccio, e apontou para Victor, trêmulo de tanta raiva. — Ele é o único culpado! Só ele! Tudo ia bem, tudo estava excelente. Mas então ele veio meter o seu nariz aqui e de repente estamos sempre brigando e precisamos de um novo esconderijo.

— Vocês não precisam de um novo esconderijo! — replicou Victor, irado. O sangue lhe subiu à cabeça, de tão nervoso que ficou. — Com todos os diabos, não pretendo denunciá-los! Mas a coisa muda de figura se vocês estão planejando roubar uma casa, entendido? O que vai acontecer com o pequeno se vocês forem pegos pelos *carabinieri?* Roubar uma casa! Isso é muito diferente de furtar bolsas e câmeras fotográficas!

— Scipio sabe como fazer essas coisas! O Senhor dos Ladrões não rouba bolsas! — gritou Riccio. A sua voz estava esganiçada. — Você que se atreva a vir aqui falar mal dele, seu otário metido a besta!

Victor tomou fôlego.

— Otário metido a besta? Senhor dos Ladrões? Eu vou lhe dizer uma coisa!

Ele deu um passo em direção a Riccio com um ar ameaçador. Mosca e Vespa se colocaram na frente do amigo para protegê-lo, mas Victor os empurrou para o lado.

— Vocês caíram na conversa do maior otário metido a besta que existe. Experimentem dar um pequeno passeio na *fondamenta* Bollani, 233. Lá vocês vão descobrir tudo o que querem saber sobre o Senhor dos Ladrões. Ou melhor: tudo o que não querem saber.

— *Fondamenta* Bollani? — Riccio mordeu os lábios de nervoso. — O que significa isso? Uma armadilha?

— Besteira. — Victor deu as costas para ele e se agachou de novo ao lado do rádio desmontado. — Mas não se esqueçam de trancar o prisioneiro antes de sair. Agora eu vou consertar essa coisa.

24

Nenhum deles quis ficar no cinema, nem mesmo Riccio, embora durante todo o caminho ele não tenha parado de repetir como achava vergonhoso espionar Scipio. Mosca trancara Victor antes de saírem. E agora estavam ali, diante da casa cujo endereço Victor lhes dissera — *fondamenta* Bollani, 233.

Eles não esperavam uma casa tão suntuosa. Intimidados, olharam para as altas janelas em forma de ogivas e se sentiram pequenos e insignificantes, inseguros. Com passos hesitantes, colados uns aos outros, eles se dirigiram ao portão.

— Não podemos simplesmente tocar a campainha! — sussurrou Vespa.

— Mas alguém tem que tocar! — retrucou Mosca. — Só de ficar aqui olhando, não vamos descobrir do que o espião estava falando.

Ninguém se mexeu.

— Vou repetir mais uma vez. Scipio vai espumar de raiva se souber que estamos espionando a vida dele! — sussurrou Riccio, e olhou apreensivo para a placa dourada que havia ao lado do portão com o nome "Massimo" escrito em letras floreadas.

— Então Bo podia tocar — propôs Vespa. — Bo é o menos suspeito, não é?

— Não. Eu vou!

Próspero puxou Bo para trás e, sem pensar muito, apertou o botão dourado. Duas vezes. Ele ouviu a campainha estridente soar dentro da casa. Os outros se esconderam dos dois lados do portão gradeado. Quando uma jovem com um avental branco como a neve apareceu atrás das grades de ferro, somente Próspero estava na soleira, e, atrás dele, Bo, que sorria para ela encabulado.

— *Buona sera, signora.* Esta... — Próspero olhou para o brasão de pedra — ...por acaso a senhora conhece um menino chamado Scipio?

A jovem franziu a testa.

— Mas o que é isso? Uma brincadeira boba? O que vocês querem com ele?

Com um olhar de reprovação, ela mediu Próspero da cabeça até os seus sapatos empoeirados. As suas calças não estavam tão impecáveis quanto o avental branco que ela usava. E no seu pulôver tinha uma mancha de cocô de pomba.

— Então... Então está certo? — de repente, Próspero sentiu a sua língua como algo estranho dentro da sua boca. — Ele mora aqui? Scipio?

A expressão do rosto da jovem ficou ainda menos amigável.

— Acho melhor eu chamar o *dottor* Massimo — ela disse, mas então Bo saiu de trás de Próspero.

— Mas Scipio vai querer ver a gente — ele disse. — A gente marcou um encontro com ele.

— Um encontro?

A jovem ainda estava desconfiada, mas quando Bo sorriu para ela, na sua boca também se esboçou um sorriso. Sem dizer mais nada, ela abriu o pesado portão. Próspero hesitou um instante, mas Bo atravessou a

soleira rápido como uma doninha. Antes de ir atrás dele, Próspero ainda captou um olhar preocupado de Vespa.

A jovem conduziu os dois meninos por um saguão escuro, enfeitado com colunas, até o pátio interno da casa. Bo já ia subir a escada que levava ao primeiro andar, mas a jovem o deteve, de uma maneira delicada, porém decidida.

— Esperem aqui embaixo — ela disse, e apontou para um banco de pedra que havia junto à escada. Então, sem olhar de novo para eles, subiu os degraus e desapareceu no andar de cima.

— Vai ver que é um outro Scipio! — Bo cochichou com Próspero. — Ou então ele veio para cá para depois poder roubar a casa com calma.

— Pode ser — murmurou Próspero, e olhou ao seu redor com uma sensação desconfortável, enquanto Bo corria para a fonte que havia no meio do pátio.

Dez minutos podem ser muito tempo para alguém que espera, com o coração batendo acelerado, por algo que não entende, algo que na verdade não quer saber. Bo não parecia se afligir com tudo aquilo, ele estava feliz por tocar as cabeças dos leões na fonte e enfiar as mãos na água fria. Mas Próspero sentia-se miserável. Enganado, traído. O que Scipio fazia naquela casa? Quem era ele?

Quando finalmente Scipio apareceu no peitoril da escada, Próspero olhou para ele como se estivesse vendo um fantasma. E Scipio olhou de volta com uma expressão estranha no rosto pálido. Então ele desceu a escada com passos pesados, como se os seus pés fossem de chumbo. Bo correu ao seu encontro.

— E aí, Scip? — ele disse, e parou no pé da escada.

Mas Scipio não respondeu. No último degrau, ele hesitou e olhou novamente para Próspero. Sem dizer nada, Próspero devolveu o olhar, até que Scipio abaixou a cabeça. Quando ele ergueu o olhar novamente para

dizer alguma coisa, no topo da escada apareceu um homem, alto e magro, com os mesmos olhos negros de Scipio.

— O que está fazendo aqui? — ele exclamou com uma voz entediada. — Você não tem aula particular hoje?

Ele lançou um olhar breve e irritado para Próspero e Bo.

— Só daqui a uma hora — respondeu Scipio sem olhar para o pai.

A sua voz soou diferente do que de costume, como se não estivesse seguro de encontrar as palavras. Ele também pareceu menor a Próspero, mas talvez fosse por causa daquela casa imensa ou então porque não estava usando as suas botas de salto alto. Scipio estava vestido como os meninos ricos que eles viam de vez em quando através das janelas dos restaurantes finos, sentados à mesa duros como bonecos, comendo com o garfo e a faca sem se lambuzar. Bo sempre ficava muito admirado de ver como conseguiam.

— O que estão fazendo aí? — o pai de Scipio fez um gesto impaciente com a mão, como se os três meninos fossem pássaros indesejáveis que estavam sujando o piso do seu pátio. — Vá para o seu quarto com os seus amigos. Você sabe muito bem que o pátio não é um parquinho de diversões.

— Eles... eles já vão embora — respondeu Scipio com voz sumida. — Eles só vieram... me deixar uma coisa.

Mas o pai já havia se virado. Em silêncio, os meninos o observaram desaparecer atrás de uma porta.

— Você tem pai, Scip? — sussurrou Bo incrédulo. — Você também tem mãe?

Scipio parecia não saber para onde olhar. Inquieto, ele passava os dedos no seu colete de seda. Então confirmou com a cabeça.

— Tenho, mas ela quase nunca está em casa. — Ele olhou para o rosto de Próspero e desviou o olhar novamente. — Não me olhe assim. Posso explicar tudo. Eu ia mesmo contar para vocês.

— Você pode explicar agora para todos — respondeu Próspero, segurando o braço de Scipio. — Venha, os outros estão esperando lá fora. E devem estar congelando.

Ele começou a puxar o Senhor dos Ladrões para a porta, mas Scipio se soltou e ficou no pé da escada.

— Então aquele maldito espião me entregou, não foi?

— Se você não tivesse enganado a gente, ele não teria nada para entregar — respondeu Próspero. — Venha, vamos.

— Tenho aula agora, você ouviu! — a voz de Scipio soou arrogante. — Depois eu explico para vocês. Hoje à noite. Hoje à noite vou poder sair. Meu pai vai viajar. É sobre o roubo... — ele baixou a voz — ...continua tudo como combinamos. Já podemos ir amanhã à noite. Vocês observaram a casa como eu falei?

— Pare com isso, Scip — disse Próspero rispidamente. — Aposto que você nunca roubou nada na sua vida. — Ele viu como Scipio olhou para cima apavorado. — Na certa, todos os objetos que você roubou vieram desta casa, não é? — perguntou Próspero abafando a voz. — Como pôde aceitar o serviço do conte? Você nunca roubou lugar nenhum! Quando você entrava misteriosamente no esconderijo, era abrindo com a chave alguma porta que a gente não conhece? O Senhor dos Ladrões! Meus Deus, como fomos idiotas!

Próspero fez uma careta de desprezo, mas estava tonto de tanta tristeza e decepção. Bo agarrou-se à sua mão, enquanto Scipio não sabia para onde olhar.

— Venha agora — disse Próspero mais uma vez. — Vamos lá para fora com os outros.

Ele se virou, mas Scipio ficou parado onde estava, como se tivesse criado raízes.

— Não — ele disse. — Depois eu explico tudo para vocês. Agora não tenho tempo.

Então ele se virou e subiu a escada, tão depressa que quase tropeçou. Mas não olhou para trás.

Mosca, Riccio e Vespa ainda esperavam ao lado do portão quando Próspero e Bo saíram. Eles estavam encostados no muro com cara aflita e tremendo de frio.

— Estão vendo? — exclamou Riccio, quando Próspero e Bo saíram sozinhos da casa. — Não era o nosso Scipio!

Ele mal podia esconder o seu alívio. Mas de repente fez uma cara assustada:

— Droga, precisamos voltar depressa para o esconderijo! Vocês não estão entendendo? Foi um truque do espião para tirar a gente de lá e poder fugir!

— Fique quieto, Riccio — disse Vespa, e olhou para Próspero. — E então?

— Victor não enganou ninguém — disse Próspero. — Vamos embora.

E antes que os outros pudessem dizer uma palavra, ele se pôs a andar em direção à próxima ponte.

— Ei, espere! — exclamou Mosca. Mas Próspero andava tão depressa que os outros somente o alcançaram na outra margem do canal. Ele parou ao lado da porta de um restaurante e se encostou na parede.

— O que aconteceu? — perguntou Vespa preocupada. — Você está parecendo a morte em pessoa!

Próspero fechou os olhos para que os outros não vissem as suas lágrimas. Ele sentiu Bo acariciar a sua mão, suavemente, com os seus dedinhos finos.

— Vocês não estão entendendo? Eu disse que o espião não mentiu! — ele exclamou. — O único que mentiu foi Scipio. Ele mora naquele palacete, Bo e eu

vimos o pai dele. Eles têm uma empregada e um pátio com uma fonte. O Senhor dos Ladrões! Fugido do orfanato. Todos os segredinhos dele, toda a conversa dele de que “eu me viro sozinho”, “eu não preciso de nenhum adulto”, era tudo mentira! Mentiras e nada mais! Ele realmente se divertiu com a gente. “Ei, vamos brincar um pouco de crianças órfãs, é divertido.” E como nós o admirávamos.

Próspero esfregou a manga do casaco no rosto.

— Mas os objetos roubados... — quase não se ouvia a voz de Mosca.

— Ah, os objetos roubados. — Próspero riu com desprezo. — Provavelmente roubados dos pais. O Senhor dos Ladrões! O Senhor dos Mentirosos, isso sim.

Riccio ficou parado ali, como alguém que acabou de levar uma surra.

— Ele estava lá? Você viu Scipio? — ele perguntou.
Próspero fez que sim.

— Sim, ele estava lá. Mas não teve coragem de sair.
Bo enfiou a cabeça debaixo do braço de Vespa.

Os outros não disseram nada. Vespa olhou para a Casa Massimo e depois para o seu reflexo na água do canal. Atrás de algumas janelas havia luzes acesas, embora estivesse ainda no começo da tarde. Era uma dia sombrio, cinzento.

— Não é tão ruim assim, Prop — disse Bo, e olhou preocupado para o seu irmão. — Não é tão ruim assim.

— Vamos para casa — murmurou Vespa.

E foi o que fizeram.

Durante todo o caminho de volta, ninguém disse uma palavra.

25

Victor não teve dificuldade para arrombar a fechadura da sua prisão. Mosca havia levado a sua caixa de ferramentas, mas Victor sempre tinha um pouco de arame e outras miudezas úteis em casos de emergência na sola de sapato dupla. Ele já estava no saguão, com a caixa das tartarugas debaixo do braço, quando decidiu que não iria sem algumas palavras de despedida. Como não encontrou papel, ele escreveu seu bilhete com um pincel atômico na parede caiada de branco.

Atenção, esta é a palavra de honra de Victor, e como já disse a vocês, a palavra de honra de Victor nunca será quebrada: os Hartlieb não saberão de nada por mim — a não ser que nos próximos tempos eu tenha notícias sobre certos roubos estranhos. Ainda nos veremos. Com certeza.
Victor

Quando terminou, Victor deu um passo para trás e observou o que havia escrito. “Devo ter enlouquecido”, ele pensou, depois de ler mais uma vez as próprias palavras. Então pensou se não deveria procurar o revólver que Próspero tirara dele, ou a sua carteira

roubada. Mas procurar onde? Na bagunça dos colchões? No meio da barricada do saguão? Talvez o bando o surpreendesse, e então começaria tudo de novo.

“Ah, deixa para lá, vou para casa”, pensou Victor. Os seus ossos ainda doíam depois da noite passada no chão duro. Cansado, ele abriu um caminho até a porta da frente, que as crianças haviam bloqueado novamente, e saiu para a rua.

Três casas adiante, algumas mulheres conversavam diante de uma porta aberta. Quando viram Victor sair do cinema abandonado, elas se calaram espantadas, mas ele as cumprimentou como se não houvesse o menor motivo para espanto, fechou atrás de si a porta vedada com papelão e se pôs a caminho de casa com as suas tartarugas.

26

— Vocês não acreditam nisso, não é? — exclamou Riccio quando descobriram o bilhete de Victor na parede e o banheiro vazio. — Precisamos recapturar imediatamente esse espião intrometido.

— Ah, é? E como? — perguntou Mosca e espiou pela porta arrombada. Em cima do cobertor que haviam colocado no piso de ladrilhos para o seu prisioneiro, estava o seu rádio. Montado. Nenhuma peça solta. Mosca entrou e começou a girar os botões, enquanto os outros continuavam no saguão diante do bilhete de Victor.

— Não temos outra opção a não ser acreditar no que está escrito aí — disse Vespa. — Ou você quer sair procurando um novo esconderijo, Riccio?

— E o roubo? O trato com o *conte,* você quer esquecer tudo, só porque esse espião está dizendo?

— Não, não quero. Mas ele só vai saber do roubo depois que a coisa toda já tiver acontecido. E aí já teremos fugido com o dinheiro. Para algum lugar.

— Para algum lugar — Riccio olhou durante um tempo para o bilhete de Victor. Então ele se virou de repente e desapareceu pela porta que dava na sala de cinema.

Vespa quis ir atrás dele, mas Próspero a deteve.

— Espere — ele disse. — Vocês ainda querem fazer o roubo? Será que não entenderam nada? Scipio nunca roubou uma casa!

— E quem está falando de Scipio? — Vespa cruzou os braços. — Vamos fazer a coisa sem Scipio. Agora mais do que nunca. Do que vamos viver, sem os roubos do Senhor dos Ladrões? E isso agora acabou, não é? O *conte* não vai se importar se outra pessoa lhe arranjar a asa. E quando estivermos com os cinco milhões, não precisaremos de mais ninguém, de nenhum adulto e muito menos de nenhum Senhor dos Ladrões.Talvez... — Vespa olhou mais uma vez para o bilhete de despedida de Victor — ...talvez devêssemos já resolver isso amanhã à noite. Quanto antes melhor. O que você acha? Não quer mesmo participar?

— E Bo como fica? — Próspero olhou para ela e balançou a cabeça. — Não. Se vocês querem arriscar o seu pescoço, tudo bem. Desejo boa sorte. Mas eu não vou. Daqui a dois dias, minha tia estará em Veneza. Até lá, Bo e eu teremos deixado a cidade. Vou tentar entrar clandestinamente em algum barco. Ou num avião... Qualquer coisa que nos leve para longe daqui. Outras pessoas já conseguiram. Saiu uma notícia no jornal faz alguns dias.

— Sei, e estou arrependida de ter lido para você. Será que você não entende? — a voz de Vespa parecia furiosa, mas os seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Isso é uma loucura ainda maior do que entrar numa casa estranha! Estamos todos no mesmo barco, você e Bo, Riccio e Mosca... e eu. Agora somos como uma família, por isso...

— Ei, pessoal, venham aqui! — chamou Mosca do banheiro masculino. — Acho que esse espião consertou o rádio de verdade! Até o toca-fitas está funcionando de novo.

Mas Vespa e Próspero não lhe deram atenção.

— Pense mais um pouco! — disse Vespa, e a sua voz soou tão suplicante, que Próspero sentiu pena. — Por favor.

Então ela se virou e foi atrás de Riccio.

O jantar não aconteceu. Ninguém estava com fome. Somente Bo devorou duas tigelas de cereais açucarados, enquanto seus gatinhos ronronavam ao seu redor e lambiam avidamente o que ele deixava cair no chão. Mosca nem mesmo apareceu. Ele pegou uma vara de pescar e o rádio, e foi para o canal onde estava seu barco, que continuava precisando urgentemente de uma demão de tinta. Riccio se enfiou de tal maneira no seu saco de dormir que nem mesmo os cabelos ficaram para fora, e Próspero tentava tirar os pensamentos aflitivos da sua cabeça limpando o cocô de pomba das poltronas e do chão. O pombo do *conte* o observava. Ele estava aninhado na cesta que eles haviam pendurado na parede e olhava para baixo com a cabeça inclinada. Vespa estava deitada em seu colchão lendo um dos romances policiais que roubara da estante de Victor, mas em algum momento notou que já havia lido a mesma página três vezes, então fechou o livro e, sem dizer nada, começou a ajudar Próspero na limpeza. Quando Bo ficou com sono, ela leu uma história para ele e a seguir adormeceu com ele nos braços. Riccio já roncava entre seus bichos de pelúcia, mas Mosca ainda não tinha aparecido, quando Próspero foi para baixo do seu cobertor. Ele ficou um tempo acordado pensando em palavras de honra e mentiras, pais e tias, amizade e um lar, e em passageiros clandestinos. Ele se virou de lado e ficou olhando para Vespa e Bo, que dormiam aconchegados um no outro, e para Riccio, que murmurava durante o sono dentro do seu saco de dormir, e se sentiu protegido, apesar de tudo o que havia acontecido naquele dia horrível. Mas quando virou de

costas para os outros, a escuridão investiu contra ele com seus dedos negros e pressionou seus olhos, até que ele se sentiu terrivelmente perdido e cobriu a cabeça com o travesseiro.

Quando por fim adormeceu, Próspero sonhou que estava de novo com Bo no trem em que haviam chegado a Veneza. Eles procuravam um lugar para sentar, mas a cada vez que abriam a porta de uma cabine, Esther estava lá. Ele corria com Bo pelo estreito corredor, abria outras portas, mas, atrás de cada uma, Esther os esperava e tentava pegar Bo. Próspero ouvia seu coração bater e Bo chamá-lo atrás de si, mas não conseguia entender o que ele dizia. Bo parecia se afastar cada vez mais, embora Próspero segurasse a sua mão. Então, de repente, Victor apareceu no corredor impedindo a sua passagem. E quando Próspero se virou desesperado e abriu a próxima porta para tentar fugir, tudo o que encontrou foi a escuridão, a escuridão gelada, negra e sem fundo e, antes que pudesse recuar, caiu dentro dela. E Bo não estava mais com ele.

Próspero acordou sobressaltado e empapado de suor. Estava escuro ao seu redor. Escuro e frio. Mas não tão frio como no seu sonho. Próspero tateou em busca da sua lanterna, que sempre deixava ao lado do seu travesseiro, e iluminou ao seu redor. O colchão de Vespa estava vazio. Nem ela nem Bo estavam mais lá. Próspero levantou-se apavorado, correu até o colchão de Riccio e abriu o saco de dormir. Nada além de bichos de pelúcia sujos. E ao lado do cobertor de Mosca, estava apenas o seu rádio.

Eles haviam saído. Todos eles. E levaram Bo.

Imediatamente, Próspero soube onde eles estavam. Mesmo assim, foi tateando no escuro até o armário onde Mosca guardara tudo o que haviam providenciado para o roubo: uma corda, a planta da casa, salsichas para os

cães, graxa de sapato para escurecer os rostos — tudo havia desaparecido.

“Mas por que levaram Bo?”, pensou Próspero desesperado enquanto se vestia. “Como Vespa pôde permitir?”

A lua estava alta sobre a cidade, quando Próspero saiu desabaladamente do cinema. As ruas estavam desertas, e uma névoa cinzenta pairava sobre os canais.

Próspero corria. Seus passos ecoavam tão alto nas pedras do calçamento que ele próprio se assustou. Ele tinha de alcançar os outros antes que escalassem o muro, antes que entrassem na casa estranha. Imagens tenebrosas passavam pela sua cabeça, imagens de policiais carregando Bo à força, levando Vespa e Mosca e agarrando Riccio pelos seus cabelos de ouriço.

Com a umidade, a ponte da Accademia estava escorregadia e, no alto, sobre o canal Grande, Próspero resvalou e caiu de joelhos.

Mas ele se ergueu rapidamente e continuou a correr, atravessando praças vazias, passando por igrejas que se erguiam contra o céu como gigantescos vultos negros. Por alguns instantes confusos, Próspero teve a sensação de que viajava no tempo. Sem as pessoas, a cidade parecia muito antiga, antiqüíssima. Quando chegou à Ponte dei Pugni, ele quase não conseguia respirar. Próspero desceu os degraus ofegando, encostou-se no parapeito e olhou para as marcas de pés no chão de pedra. Riccio havia lhe contado que ali, antigamente, todos os anos eram realizadas competições de pugilismo entre os representantes da parte leste e da parte oeste da cidade. As lutas sempre terminavam na água, e a maioria delas era muito sangrenta. As marcas serviam para mostrar aos lutadores onde eles deveriam se posicionar.

Próspero tomou fôlego e continuou a correr com as pernas bambas. Só mais uma rua, e ele já estaria no *campo* Santa Margherita. A casa de Ida Spavento ficava do lado direito, quase no fim da praça. Nenhuma das janelas estava iluminada. Próspero correu até a porta da frente e escutou atentamente. Nada. Nada, claro. Afinal, eles haviam planejado pular o muro do jardim. Próspero tentou respirar mais devagar. Se pelo menos a entrada para a viela que levava até lá não tivesse um aspecto tão sinistro: as máscaras em cima do portal em arco olhavam para Próspero com um sorriso maldoso e, quando a lua apareceu por entre as nuvens banhando tudo com a sua luz pálida, parecia que estavam vivas e faziam caretas para ele. Então Próspero simplesmente fechou os olhos e continuou a andar, passando os dedos ao longo do muro frio.

Depois de mais alguns passos naquela escuridão profunda, voltou a ficar mais claro. O muro do jardim da Casa Spavento erguia-se cinzento entre as casas estreitas, e em cima dele Próspero viu o vulto escuro de uma pessoa agachada. Ele sentiu raiva e alívio ao mesmo tempo.

Os seus joelhos tremiam, a respiração lhe doía. Seus passos ecoaram no silêncio. A figura em cima do muro olhou para ele as sustada. Era Vespa. Ele a reconheceu apesar do rosto pintado de preto.

— Onde está Bo? — exclamou Próspero, e pôs a mão no seu flanco dolorido. — Por que vocês o trouxeram? Ele tem que voltar imediatamente!

— Acalme-se! — sussurrou Vespa. — Nós não o trouxemos! Ele nos seguiu escondido. E então ameaçou acordar todo o *campo* Santa Margherita aos berros, se não o ajudássemos a pular o muro! O que você queria que fizéssemos? Você sabe como ele é cabeça-dura.

— Ele já está lá dentro? — Próspero quase sufocava de medo.

— Pegue! — Vespa jogou a corda que havia acabado de recolher. Sem pensar, Próspero enrolou a ponta em volta dos seus punhos e começou a escalar. O muro era alto e áspero, e ele feriu as mãos nas pedras. Quando finalmente chegou ao topo, Vespa recolheu a corda sem dizer nada e o ajudou a descer no jardim estranho. A sua boca estava seca de medo quando ele alcançou o pé do muro. Vespa atirou a ponta da corda para ele e também desceu.

As folhas secas crepitavam sob os seus sapatos enquanto eles se esgueiravam pelos canteiros e floreiras vazias em direção à casa. Mosca e Riccio já se ocupavam da porta da cozinha. Quase não dava para ver Mosca no escuro, e Riccio havia pintado o rosto de preto como Vespa. Quando viu Próspero, Bo se escondeu assustado atrás de Mosca.

— Eu devia era ter deixado você com Esther! — disse Próspero abafando a voz. — Mas que droga, o que deu na sua cabeça, Bo?

Bo mordeu os lábios.

— Mas eu queria vir — ele murmurou.

— Nós dois vamos dar o fora daqui — disse Próspero baixinho. — Venha.

Ele tentou puxar Bo de trás de Mosca, mas Bo escapou dos seus dedos.

— Não, vou ficar aqui! — ele gritou, tão alto que Mosca tapou a sua boca apavorado.

Riccio e Vespa olharam preocupados para as janelas do primeiro andar, mas ninguém acendeu a luz.

— Deixe, Próspero, por favor! — sussurrou Vespa. — Vai dar tudo certo.

Lentamente, Mosca tirou a mão da boca de Bo.

— Não faça isso de novo, entendeu? — ele sussurrou. — Você quase me matou de susto.

— Os cães estão aqui? — perguntou Próspero. Vespa fez que não.

— Pelo menos não ouvimos nada — ela sussurrou.

Riccio suspirou e ajoelhou-se novamente na frente da porta da cozinha. Mosca iluminou-o com a sua lanterna.

— Droga, a fechadura está tão enferrujada que emperrou! — Riccio xingou baixinho.

— Ah, é por isso que não precisam de trinco — murmurou Mosca.

Vespa aproximou-se de Próspero, que estava encostado na parede da casa estranha olhando para a lua.

— Você não precisa entrar — ela sussurrou. — Eu tomo conta de Bo.

— Se Bo entrar, eu também entro — respondeu Próspero. Riccio fez uma breve oração e empurrou a porta. Mosca e ele foram os primeiros a entrar, depois Bo, depois Vespa. Próspero hesitou por um momento, mas logo seguiu os outros.

Eles foram envolvidos pelos ruídos da casa desconhecida. Um relógio fazia tique-taque, a geladeira zunia. Com uma mistura de vergonha e inveja, eles prosseguiram.

— Feche a porta! — sussurrou Mosca.

Vespa fez o foco da sua lanterna correr pelas paredes. A cozinha de Ida Spavento não tinha nada de especial. Panelas, frigideiras, vidros de conservas, uma cafeteira, uma grande mesa, algumas cadeiras...

— Não é melhor um de nós ficar aqui vigiando? — perguntou Riccio em voz baixa.

— Para quê? — Vespa abriu a porta que dava para o corredor e espreitou. Então sussurrou para Mosca: — Vai você na frente.

Mosca fez que sim e passou pela porta.

O corredor era estreito, exatamente como estava desenhado na planta. Depois de alguns metros, eles chegaram à escada que levava ao primeiro andar. As máscaras penduradas na parede ao longo dos degraus adquiriram um aspecto sinistro com a luz das lanternas. Uma delas era parecida com a que Scipio sempre usava.

A escada terminava numa porta. Mosca abriu uma fresta, espiou e fez um sinal para os outros. Atrás da porta havia um outro corredor, um pouco mais largo do que o do andar térreo, fracamente iluminado por duas lâmpadas no teto. Em algum lugar eles ouviram a calefação borbulhar, de resto tudo estava em silêncio. Mosca pôs o dedo nos lábios em sinal de advertência quando chegaram à escada que ia dar no sótão. Eles olharam preocupados para os estreitos degraus.

— Talvez não tenha ninguém em casa — sussurrou Vespa.

A casa parecia desabitada, com todos aqueles quartos silenciosos e vazios. Atrás das duas primeiras portas, havia um banheiro e um pequeno quarto de despejo: Mosca sabia disso pela planta que o *conte* lhes dera.

— Agora é que vai ficar mais interessante — ele sussurrou quando chegaram à terceira porta. — Este deve ser o *salotto.* Talvez a *signora* Spavento tenha pendurado a asa em cima do sofá.

Justamente no momento em que ele ia pôr a mão na maçaneta, alguém abriu a porta.

Mosca recuou e tropeçou nos outros, tamanho o susto que levou. Mas quem apareceu pela porta aberta não foi Ida Spavento.

Era Scipio.

O Scipio que eles conheciam. Com a sua máscara, as botas de salto alto, o longo casaco negro e as luvas pretas de couro.

Riccio olhou para ele apenas surpreso, mas o rosto de Mosca ficou transtornado pela raiva.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou rispidamente para Scipio.

— O que vocês estão fazendo aqui? — sussurrou Scipio de volta. — Eu fui contratado.

— Ora, cale a boca! — Mosca deu um empurrão no peito de Scipio que o fez cambalear. — Seu hipócrita mentiroso! Você nos levou no bico direitinho, hein? O Senhor dos Ladrões! Para você, isso pode ser uma aventura, mas nós precisamos do dinheiro, entendeu? E, por isso, *nós* vamos roubar a asa para o *conte.* Diga logo, ela está aí dentro?

Scipio apenas deu de ombros.

Mosca o empurrou bruscamente para o lado e desapareceu no quarto escuro.

— Como é que você entrou aqui? — Riccio perguntou.

— Não foi muito difícil, senão vocês também não estariam aqui — respondeu Scipio num tom zombeteiro. — E agora ouçam mais uma vez. *Eu* vou levar a asa para o *conte.* Somente eu. Vocês vão receber a sua parte, como sempre, mas agora sumam daqui.

— Suma você — disse Mosca, aparecendo de novo atrás dele. — Senão, vamos contar para o seu pai que o seu querido filhinho costuma entrar em casas estranhas à noite!

Ele erguera tanto a voz, que Vespa se colocou entre os dois.

— Agora chega! — ela sussurrou. — Esqueceram onde a gente está?

— Você simplesmente não pode levar nada para o *conte,* Senhor dos Ladrões — disse Riccio cheio de ódio. — Você nem ao menos pode mandar um recado para ele, pois nós estamos com o pombo.

Scipio apertou os lábios. Pelo jeito, ele não tinha pensado no pombo.

— Venham — murmurou Mosca, sem olhar mais para Scipio.

— Vamos continuar a procurar. Eu vou com Próspero pela porta da esquerda, Riccio e Vespa pela da direita.

— E ai de você se tentar se atravessar no nosso caminho, Senhor dos Ladrões! — acrescentou Riccio.

Scipio não respondeu. Ele ficou imóvel onde estava e os seguiu com o olhar. Mosca, Riccio e Vespa já haviam desaparecido quando Próspero se virou mais uma vez. Scipio ainda estava no mesmo lugar.

— Vá para casa, Scip — disse Próspero baixinho. — Os outros estão muito bravos com você.

— Muito — murmurou Bo e fitou Scipio com um olhar preocupado.

— E vocês? — perguntou Scipio.

Como Próspero não respondeu logo, ele se virou de repente e começou a andar em direção à escada que levava para o sótão.

— Dêem uma olhada nisso — sussurrou Mosca quando Próspero empurrou Bo pela porta aberta. — Na planta, está escrito *laboratório,* e eu fiquei me perguntando o que seria. É um laboratório de fotografia! Com toda a parafernália.

Maravilhado, ele passou a lanterna pelo aposento.

— Scipio foi para cima — disse Próspero.

— O quê? — perguntou Mosca aterrorizado, e ainda levou um susto quando Riccio e Vespa abriram a porta.

— Na sala de jantar, a asa também não está — sussurrou Vespa. — E aqui?

— Scipio subiu — sussurrou Mosca. — Temos de ir atrás dele!

— Para cima? — Riccio passou a mão em seus cabelos desgrenhados.

Era o que todos temiam: que precisassem ir até o andar de cima, onde a dona da casa estava dormindo sem desconfiar de nada.

— A asa só pode estar lá em cima — sussurrou Mosca. — E se não formos logo, o Senhor dos Ladrões vai pegá-la antes de nós!

Eles ficaram parados um momento, indecisos, no meio do escuro laboratório.

— Mosca tem razão — murmurou Vespa. — Só espero que a escada não ranja tanto como a outra.

Então de repente a luz se acendeu. Uma luz vermelha.

Assustadas, as crianças se viraram. Havia alguém na porta, uma mulher com um grosso sobretudo e uma espingarda debaixo do braço.

— Queiram desculpar — disse Ida Spavento, e apontou a espingarda para Riccio, que era quem estava mais perto dela. — Mas por acaso os convidei?

— Por favor! Por favor, não atire! — balbuciou Riccio, erguendo os braços. Bo já havia desaparecido atrás de Vespa e de Próspero.

— Oh, não, na verdade não pretendo atirar — disse Ida Spavento. — Mas vocês não podem me levar a mal por ter pegado a minha velha espingarda quando ouvi os cochichos de vocês. Justo no dia em que resolvo dar uma saída, o que encontro ao voltar? Um bando de ladrõezinhos perambulando pela minha casa com lanternas! Vocês podem ficar felizes por eu não ter chamado os *carabinieri* imediatamente.

— Por favor! Não chame a polícia! — sussurrou Vespa. — Por favor, não.

— Bem, talvez não. Vocês não parecem muito perigosos. — Ida Spavento abaixou a espingarda, tirou um maço de cigarros do bolso e colocou um entre os

lábios. — Vocês queriam roubar meus aparelhos fotográficos? É muito mais fácil conseguir essas coisas na rua.

— Não, nós... não queríamos roubar nada de valor, *signora* — balbuciou Vespa. — Realmente não.

— Ah, não? Então o quê?

— A asa — balbuciou Riccio. — E ela é só de madeira.

Ele continuava com as mãos para cima, embora a espingarda estivesse apontada para os seus pés.

— A asa? — Ida Spavento encostou a arma na parede do corredor.

Com um suspiro de alívio, Riccio abaixou os braços, e Bo saiu hesitante de trás de Próspero.

Ida Spavento olhou para ele com a testa franzida.

— Ah, tem mais um aí — ela disse. — Que idade você tem? Cinco? Seis?

— Cinco — murmurou Bo, e olhou para ela desconfiado.

— Cinco. *Madonna!* Vocês são realmente um bando de ladrões muito jovens. — Ida Spavento encostou-se no batente da porta e olhou para eles, um de cada vez. — E agora, o que faço com vocês? Invadem a minha casa, querem me roubar... O que sabem sobre essa asa? E quem lhes contou que ela está comigo?

— Então você está com ela de verdade? — Riccio olhou para ela com olhos arregalados.

Ida Spavento não respondeu.

— O que querem com a asa? — ela repetiu, e bateu a cinza do cigarro.

— Uma pessoa nos contratou para roubá-la — murmurou Mosca.

Ida Spavento olhou para ele incrédula.

— Contratou? Quem?

— Isso não vamos dizer! — disse uma voz atrás dela.

Ida Spavento virou-se, surpresa. Mas antes que ela pudesse entender o que estava acontecendo, Scipio pegou a espingarda e apontou para ela.

— Scipio, o que você está fazendo? — exclamou Vespa horrorizada. — Largue essa arma agora mesmo!

— Estou com a asa! — disse Scipio, sem abaixar a espingarda. — Ela estava pendurada lá em cima no quarto. Venham, vamos dar o fora.

— Scipio? Quem é mais este?

Ida Spavento apagou o seu cigarro no chão e cruzou os braços.

— Esta noite minha casa está repleta de visitantes indesejados.

Você tem uma máscara interessante, meu caro, tenho uma parecida, só que não costumo usá-la para roubar. Agora largue essa arma. Scipio deu um passo para trás.

— Existem estranhas histórias sobre essa asa — disse Ida Spavento. — O cliente de vocês não lhes contou?

Scipio não lhe deu atenção.

— Se vocês não vierem agora, irei sozinho! — ele exclamou para os outros. — Com a asa. E também não vou dividir o dinheiro com vocês.

A espingarda tremia na sua mão.

— Querem vir de uma vez? — ele chamou novamente. Então Ida deu um passo na sua direção, segurou o cano da espingarda e tirou a arma da mão de Scipio com um puxão.

— Agora chega! — ela disse. — De qualquer forma, essa coisa não funciona. E agora devolva a minha asa.

Scipio havia embrulhado a asa num cobertor e escondido no banheiro quando ouvira as vozes no corredor.

— Teríamos conseguido! — ele murmurou com uma expressão triste, e pôs a trouxa com a asa aos pés de Ida. — Se esses cabeças-de-vento não tivessem ficado parados que nem mosca morta.

Ele olhou desdenhoso para os outros, que estavam apinhados na porta do laboratório fotográfico. Riccio foi o único a abaixar a cabeça, arrependido. Os outros revidaram o olhar hostil de Scipio.

— Cale a boca! Você ficou totalmente louco! — resmungou Mosca. — Pegar uma arma e sair apontando por aí.

— Mas eu não ia atirar! — gritou Scipio. — Eu só queria pegar o dinheiro. Eu ia dar tudo para vocês. Vocês mesmos disseram que precisavam.

— O dinheiro? Ah, claro. — Ida Spavento se agachou e abriu o cobertor com o qual Scipio havia embrulhado a asa. — Quanto é que o seu cliente, se é que posso perguntar, queria pagar pela minha asa?

— Muito, muito dinheiro — respondeu Vespa. Hesitante, ela se aproximou da mulher estranha. Ali estava a asa. Aos seus pés. A tinta branca estava desbotada e descascada, como na asa da foto que o *conte* lhes dera. Mas, naquela ali, ainda se podiam ver alguns resquícios de ouro.

— Digam-me o nome dele. — Ida Spavento cobriu novamente a asa e se levantou com a trouxa na mão. A ponta da asa estava para fora. — Vocês me dizem o nome do seu cliente e eu conto a vocês por que ele quer dar tanto dinheiro por um pedaço de madeira.

— Não sabemos o nome dele — respondeu Riccio.

— Ele se denomina “o *conte*” — Mosca deixou as palavras escaparem sem saber por quê, o que lhe valeu um olhar de censura de Scipio. — O que foi, Senhor dos Ladrões? — ele disse rispidamente. — Por que não deveríamos contar para ela?

— O Senhor dos Ladrões. — Ida ergueu as sobrancelhas. — Oh! Devo me sentir muito honrada por ter tentado roubar a minha casa, hein? — ela lançou um olhar zombeteiro para Scipio. — Bem, agora preciso de um café. Suponho que não há ninguém preocupado esperando por vocês em casa, não é?

Ela olhou para as crianças com ar indagador. Ninguém respondeu. Apenas Vespa balançou a cabeça.

— Não — ela disse baixinho.

— Bem, então, me façam companhia — disse Ida Spavento — e, se quiserem, vou contar uma história para vocês. Sobre uma asa perdida e um carrossel. Para você também — ela disse quando passou por Scipio. — Ou será que o Senhor dos Ladrões tem algo melhor para fazer?

27

Scipio também foi para a cozinha de Ida Spavento. Mas se manteve afastado e, quando os outros se sentaram em volta da grande mesa, ele continuou encostado na porta. Na frente deles, em cima da toalha colorida, estava a asa. Ida Spavento a desembrulhara do cobertor antes de começar a fazer o café.

— Ela é bonita — disse Vespa, e passou cuidadosamente os dedos pela madeira. — Deve ser a asa de um anjo, não é?

— De um anjo? Oh, não. — Ida Spavento tirou a cafeteira do fogo. O pequeno bule assobiava quando ela o levou para a mesa. — É a asa de um leão.

— De um leão? — Riccio olhou para ela incrédulo. Ida Spavento confirmou com a cabeça.

— Mas é claro! — Ela pôs a mão no bolso do seu sobretudo e franziu a testa. — Onde é que foram parar os meus cigarros?

— Riccio! — Mosca deu um cutucão em Riccio, que tirou o maço do seu casaco com cara de arrependimento.

Vespa ficou vermelha até no couro cabeludo.

— Desculpe — murmurou Riccio. — Foi só um reflexo, não vai acontecer de novo.

— Bem, é o que espero. — Ida Spavento guardou o maço no bolso.

Então foi buscar açúcar e uma xícara para si, suco e copos para as crianças. Ela também trouxe um para Scipio, mas ele continuou parado na soleira da porta. Apenas a máscara não estava mais no seu rosto.

— Mas então que história é essa? — perguntou Mosca e se serviu de um copo de suco.

— Já vou começar.

Ida Spavento pendurou o sobretudo no encosto da cadeira, tomou um gole de café e pegou um cigarro.

— Eu também não ganho um? — perguntou Riccio. Ida olhou para ele espantada.

— Claro que não. Este não é um hábito saudável.

— É? E você?

Ida suspirou.

— Estou tentando largar esse hábito. Mas vamos à história — ela se encostou na cadeira. — Vocês alguma vez já ouviram falar no carrossel das Irmãs de Caridade?

As crianças balançaram a cabeça.

— O orfanato para meninas na parte sul da cidade — disse Riccio — também pertence a umas tais Irmãs de Caridade.

— Exatamente. — Ida pôs mais um pouco de açúcar no seu café e mexeu. — Conta-se que há mais de cento e cinqüenta anos, um rico comerciante deu um presente muito valioso para esse orfanato. Ele mandou construir no pátio do convento um carrossel com cinco maravilhosas figuras de madeira. Até hoje há uma imagem delas sobre o portal do orfanato. Sob um bonito baldaquino de madeira, giravam um unicórnio, um cavalo-marinho, um tritão, uma sereia e um leão alado. Na época, diziam as más-línguas que aquele homem rico queria aliviar a sua consciência pesada, pois ele mesmo

teria abandonado um filho indesejado da sua filha na porta do orfanato. Mas outros contestam e dizem que na verdade era um homem de bom coração, que queria dividir a sua fortuna com as crianças pobres e órfãs. Seja lá como for, logo começou a se falar do carrossel por toda parte em Veneza, o que não deixa de ser espantoso numa cidade com tantas maravilhas. Não demorou muito e se espalhou o boato de que, com a chegada do carrossel, haviam começado a acontecer coisas misteriosas atrás dos muros do orfanato.

— Coisas misteriosas? — Riccio olhou para Ida Spavento com os olhos arregalados, do mesmo jeito que olhava para Vespa quando ela lia em voz alta para eles.

Ida confirmou com a cabeça.

— Sim, coisas misteriosas. Por toda a cidade, dizia-se que algumas voltas no carrossel das Irmãs de Caridade faziam as crianças ficarem adultos e os adultos voltarem a ser crianças.

Por alguns instantes, todos ficaram em silêncio. Então Mosca riu, incrédulo.

— E como é que isso acontecia?

Ida deu de ombros.

— Isso eu não sei. Só estou contando o que ouvi.

Scipio saiu do batente da porta onde estava encostado e sentou-se no canto da mesa, ao lado de Próspero e de Bo.

— O que a asa tem a ver com o carrossel? — ele perguntou.

— Já vou chegar lá — disse Ida, e serviu um pouco mais de suco para Bo. — A alegria das irmãs e das crianças não durou muito. Depois de algumas semanas, o carrossel foi roubado. Um dia, as irmãs saíram com as crianças para um passeio em Murano e, quando voltaram, o portão havia sido arrombado, o pátio estava vazio e o carrossel havia desaparecido. Ele nunca foi

reencontrado. Mas na sua pressa os ladrões perderam uma coisa...

— A asa do leão — sussurrou Bo.

— Exatamente. — Ida Spavento balançou a cabeça confirmando. — Ela ficou no pátio do orfanato, onde mais tarde foi encontrada por uma das irmãs. Ninguém acreditou muito quando ela afirmou que era uma parte do carrossel. Mas ela guardou a asa, que, depois da sua morte, foi parar no sótão do orfanato, onde eu a encontrei. Muitos e muitos anos depois.

— O que você estava fazendo lá? — perguntou Mosca. Ida apagou o cigarro.

— Eu costumava brincar nos pombais — ela disse. — Eram pombais muito antigos, ainda do tempo em que as pessoas mandavam cartas por pombos-correio. Em Veneza isso era muito apreciado. Quando os venezianos ricos passavam o verão no campo, era através dos pombos que mandavam notícias para a cidade. A maior parte das vezes, eu fazia de conta que tinha sido aprisionada lá em cima e que mandava as minhas aves em busca de ajuda. Numa dessas vezes, encontrei a asa no meio de toda aquela sujeira velha dos pombos. Uma das irmãs mais velhas ainda se lembrava da freira que diziam ser a dona da asa, e me falou do carrossel. Quando notou o quanto eu havia gostado da história, ela deu a asa para mim.

— Você estava brincando no orfanato? — Scipio olhou para ela desconfiado. — Mas como foi parar lá?

Ida alisou o cabelo para trás.

— Eu vivi nesse orfanato — ela respondeu. — Passei mais de dez anos lá. Não foram exatamente os anos mais felizes da minha vida, mas de vez em quando ainda vou até lá visitar algumas irmãs.

Por um momento, Vespa olhou para Ida como se estivesse vendo o seu rosto pela primeira vez. Então ela

pôs a mão no bolso do casaco, tirou de dentro a foto que o *conte* havia lhes dado e mostrou para Ida.

— Isso aqui atrás da asa, você também não acha que parece a cabeça de um unicórnio?

Ida Spavento inclinou-se sobre a foto.

— De onde veio esta foto? — ela perguntou. — Do cliente de vocês?

Vespa fez que sim.

Scipio foi para a janela. Ainda estava escuro lá fora.

— Quem anda nesse carrossel fica adulto? — ele perguntou.

— Depois de algumas voltas. Uma história estranha, não é? — Ida levou a sua xícara para a pia. — Mas com certeza o cliente de vocês pode contar tudo muito melhor. Acho que ele sabe onde foi parar o carrossel das Irmãs de Caridade. Senão por que contrataria alguém para roubar a asa? Provavelmente o carrossel não funciona sem a segunda asa do leão.

— Ele é muito velho — disse Próspero. — Já não tem mais muito tempo para fazer o carrossel funcionar.

— Sabe, *signora* — Mosca passou a mão sobre a asa. A madeira era áspera —, se essa asa realmente for do leão do carrossel, ela não serve de muita coisa aqui na sua casa. Então a senhora poderia dá-la para nós, não é?

Ida Spavento sorriu.

— É? Eu poderia? — Ela abriu a porta que dava para o jardim e deixou entrar o ar frio da noite. Por um bom tempo ficou ali, de costas para as crianças, então se virou de repente. — Que tal se fizéssemos um negócio? Eu dou a asa para vocês, para que possam levá-la para o *conte* e receber o seu pagamento, e em troca...

— Agora vem a facada — murmurou Riccio.

— Em troca — continuou Ida Spavento — nós seguiremos o *conte* quando ele for embora com a asa e assim talvez encontremos o carrossel das Irmãs de

Caridade. Estou dizendo “nós”, porque naturalmente eu iria junto, isso faz parte do trato.

Ela olhou para os seus visitantes cheia de expectativa.

— Então, o que me dizem? Não exijo nenhuma parte do pagamento. A fotografia me dá mais dinheiro do que consigo gastar sozinha. Apenas gostaria muito de ver esse carrossel. Vamos, digam que concordam.

Mas as crianças não pareciam muito entusiasmadas.

— Segui-lo? O que isso significa? — Riccio quase cortou a ponta da língua entre os dentes.

— Não sei, esse *conte* é meio sinistro — murmurou Mosca. — E se ele nos pegar? Acho que poderia ser muito desagradável.

— Mas vocês não ficaram curiosos com a foto? — Ida fechou de novo a porta do jardim e voltou para a sua cadeira. — Vocês também não gostariam de ver o carrossel? Ele deve ser belíssimo!

— O leão da praça São Marcos também é belíssimo — disse Mosca. — Não é melhor você olhar para ele?

Então Scipio se levantou. Não era fácil ignorar os olhares hostis dos outros, mas ele fez o melhor que pôde.

— Eu aceitaria a oferta — ele disse. — É justo. Nós ganhamos o nosso dinheiro, e mesmo que o *conte* perceba que o estamos seguindo, nós podemos correr mais depressa do que ele.

— Estou sempre ouvindo “nós” — resmungou Mosca. — Só que o “nós” já acabou, seu tratante mentiroso. Você não é mais um de nós, nem nunca foi, mesmo que tenha fingido ser.

— Ah, volte para a casa chique onde você mora! — exclamou Riccio. — As pobres crianças órfãs não estão com mais vontade de brincar de “Senhor dos Ladrões” com você.

Scipio ficou quieto e mordeu os lábios. Ele abriu a boca para replicar — e fechou de novo. Riccio e Mosca olhavam para ele com hostilidade, mas Vespa olhava fixamente para o tampo da mesa e Bo havia enfiado a cabeça debaixo do braço de Próspero, como se quisesse se esconder.

— Vocês podem me explicar do que estão falando? — perguntou Ida Spavento, mas, como ninguém respondeu, ela foi lavar a louça e enxaguar a cafeteira.

— Eu não vou voltar — disse Scipio de repente. A sua voz estava rouca. — Nunca, nunca mais vou voltar para casa. Acabou. Não preciso deles. E eles nunca estão lá, mesmo. E quando estão, me tratam como um bichinho de estimação inoportuno. Se esse carrossel realmente existe, vou me sentar nele ainda antes do *conte,* e só vou sair quando estiver uma cabeça mais alto do que o meu pai e tiver barba no queixo. Se vocês não quiserem fazer o trato, vou fazer sozinho, vou achar o carrossel e ninguém mais vai me tratar como um cão mal penteado ou suspirar quando digo alguma coisa. Nunca mais.

Depois do rompante de Scipio, o silêncio era tamanho que eles puderam ouvir um gato miar lá fora no jardim.

— Acho que devemos aceitar a oferta da *signora* Spavento — disse Vespa rompendo o silêncio. — E deveríamos esquecer a briga até entregar a asa para o *conte* e receber o dinheiro. Afinal de contas, no momento já temos preocupações suficientes, mesmo sem dificultar a vida um do outro, certo? — ela olhou para Próspero e para Bo. — E então alguém tem alguma coisa contra o trato?

Ninguém se mexeu.

— Então está combinado — disse Vespa. — O trato está de pé, *signora* Spavento.

28

A manhã já rompia sobre os telhados da cidade quando as crianças saíram da casa de Ida Spavento. Scipio juntou-se aos outros sem dizer nada, mas, durante todo o longo caminho de volta para o esconderijo, Riccio e Mosca não trocaram uma palavra com ele. As vezes, Riccio olhava de forma tão hostil para Scipio que Próspero resolveu se colocar entre os dois por precaução. A asa ficara na casa de ida Spavento, que a levaria no dia em que fossem se encontrar com o *conte.* “Se nenhum outro ladrão entrar na minha casa e roubá-la antes disso”, ela dissera na despedida.

Bo estava com tanto sono que Próspero teve que carregá-lo nas costas na segunda metade do caminho. Mas quando por fim chegaram ao cinema, cansados e com os pés doloridos, Bo de repente estava totalmente desperto. Então os outros o deixaram pegar o pombo do *conte.*

Feliz com a sua tarefa, Bo encheu a mão de grãos e estendeu para Sofia, como Victor havia lhe ensinado na praça São Marcos. A ave pôs a cabeça para fora e ficou olhando para ele, desconfiada, com o canto do olho, mas

então voou até a sua mão. Bo ergueu os ombros e deu uma risadinha quando ela pousou na sua manga. Com muito cuidado, ele a levou até a saída de emergência, enquanto ela bicava agitada os grãos entre os seus dedos.

— Vá até o canal com ela, Bo! — sussurrou Mosca, enquanto segurava a porta para ele passar.

Lá fora já estava dia claro, uma manhã fria. O pombo eriçou-se e piscou os olhos atônito, quando Bo foi para a rua com ele. Na estreita viela, Sofia recolheu as asas. Somente quando chegaram ao canal, com o vento batendo na sua plumagem e desgrenhando as suas penas, levantou vôo. Ele subiu bem alto no céu da manhã, que estava quase tão cinzento como suas plumas, e, voando cada vez mais rápido, desapareceu atrás das chaminés da cidade.

— Quando temos que ir buscar o recado do *conte* na loja de Barbarossa? — perguntou Próspero ao voltarem para o cinema tremendo de frio. — Já no dia seguinte, depois de mandar o pombo? Então ele não pode ter ido muito longe.

— Pombos voam centenas de quilômetros num dia — respondeu Scipio. — Até a noite, ele poderia chegar tranqüilamente a Paris ou Londres. Quando Vespa olhou para ele incrédula, acrescentou: — Li sobre isso. — E não falou no tom arrogante que antes costumava usar, mas tímido, quase se desculpando.

— Bem, não é muito provável que o *conte* more em Paris — disse Riccio com desdém. — Mas tanto faz. O pombo está a caminho, e agora é melhor você ir embora.

Scipio estremeceu. Então olhou para Próspero em busca de ajuda, mas Próspero desviou o olhar. Ele também não se esquecera da forma como Scipio havia se comportado quando os outros o esperavam na porta da casa dos seus pais. Talvez Scipio tenha adivinhado seus pensamentos, pois também olhou para o outro lado. Ele

parecia não saber de quem mais poderia esperar ajuda. Bo foi dar comida para os gatos, como se não se desse conta daquela briga silenciosa.

Vespa mantinha a cabeça abaixada, evitando olhar para Scipio.

— Riccio tem razão, Scip — ela disse olhando para as suas unhas, com a testa franzida. — Você tem que ir para a sua casa. Não podemos correr o risco de que seu pai comece a virar a cidade de cabeça para baixo porque o filho dele desapareceu. Quanto tempo você acha que ele demoraria para chegar ao velho cinema? E então no instante seguinte a metade dos policiais de Veneza estaria aqui na nossa porta. Já temos problemas suficientes.

O rosto de Scipio endureceu, e Próspero viu como ele trazia de volta o antigo Scipio, o Scipio decidido e orgulhoso, que sabia se defender contra todas as hostilidades.

— Ah, é! — ele disse cruzando os braços. — Próspero e Bo vocês não põem para fora, mesmo que tenha sido por causa deles que esse detetive veio xeretar aqui. Mas eu não posso ficar, embora tenha sido eu quem mostrou o esconderijo e arranjou dinheiro e roupas quentes para vocês! Até os colchões fui eu quem trouxe, no barco furado de Mosca. Arrumei cobertores e estufas quando começou a esfriar. Vocês acham que foi fácil roubar todas essas coisas dos meus pais?

— Foi fácil, sim, senhor. — Mosca encarou Scipio com um olhar de desprezo. — Naturalmente, eles suspeitaram da empregada ou do cozinheiro ou de algum outro dos seus milhares de criados.

Scipio não respondeu. Ele ficou vermelho-escarlate.

— Bingo! — disse Riccio. — Na mosca.

— Eles suspeitaram de outra pessoa? — Vespa olhou para Scipio horrorizada.

Scipio abotoou o casaco, até o pescoço.

— Da minha babá.

— E você? Pelo menos a defendeu?

— Eu? E como? — furioso, Scipio devolveu o olhar surpreso de Vespa. — Para o meu pai me mandar para um internato? Vocês acham que é melhor do que um orfanato? Vocês não conhecem o meu pai! Se soubesse que roubei uma abotoadura, ele me obrigaria a andar com uma placa no pescoço, onde estaria escrito: “Sou um ladrãozinho nojento!”.

— Ela foi presa? — Bo também ouvira, apesar do esforço que fizera para ficar alheio. — Na cadeia de verdade?

— Quem? — Scipio se virou para ele impaciente, com os braços ainda cruzados, como se dessa maneira pudesse se proteger dos olhares acusadores dos outros.

— A babá — Bo mordeu o lábio inferior.

— Imagine! — Scipio deu de ombros. — Eles não puderam provar nada. Ela foi demitida, só isso. Se eu não tivesse pegado aquela maldita pinça de açúcar, eles não teriam notado nada. A maior parte das coisas eu tirei de quartos que ninguém usa, onde elas ficavam simplesmente empoeirando. Mas quando a minha mãe deu pela falta da sua maravilhosa pinça de açúcar, ela notou que algumas outras coisas também haviam sumido. Enfim. Agora não tenho mais babá.

Os outros olhavam para Scipio como se saíssem serpentes dos seus cabelos.

— Meu Deus, Scip — murmurou Mosca.

— Fiz isso por vocês! — exclamou Scipio. — Já se esqueceram como é que se viravam antes de eu começar a cuidar de vocês?

— Suma daqui! — gritou Riccio irado, e deu um empurrão no seu peito. — Podemos nos virar sozinhos. Não queremos ter mais nada a ver com você. Não devíamos nem mesmo ter deixado você entrar aqui de novo.

— Não deviam ter me deixado entrar aqui de novo? — Scipio gritou tão alto que Bo tapou os ouvidos. — O que é que você está pensando?Tudo isso aqui pertence ao meu pai!

— É, isso mesmo! — gritou Riccio de volta. — Então nos entregue para ele, seu filhinho de papai ridículo!

Então Scipio foi para cima dele. Os dois se atracaram com tanta fúria que Vespa e Próspero só conseguiram separá-los com a ajuda de Mosca.

Quando viu o sangue escorrendo do nariz de Riccio e o rosto de Scipio todo arranhado, Bo começou a chorar tão alto que os outros se viraram assustados para ele.

Vespa chegou ao seu lado antes de Próspero. Ela o abraçou e acariciou os seus cabelos, que já estavam loiros novamente perto do couro cabeludo.

— Vá para casa, Scip — ela disse impaciente. — Daremos notícias assim que soubermos quando vamos nos encontrar com o conte. Talvez amanhã à tarde já tenhamos recebido um recado, um de nós vai falar com o Barbarossa logo depois do café-da-manhã.

— O quê? — Riccio empurrou Mosca, que queria limpar o sangue do nariz. — Por que você quer dar notícias para ele?

— Chega, Riccio! — disse Próspero irritado. — Eu vi o pai de Scipio. Você não teria coragem de roubar uma colher de prata dele. E muito menos de confessar alguma coisa para ele.

Riccio apenas fungou e passou as costas da mão no nariz.

— Obrigado, Prop. Até amanhã! — murmurou Scipio. As suas bochechas estavam listradas como o pêlo de uma zebra das marcas das unhas de Riccio. Ele começou a andar com passos hesitantes, mas então se virou mais uma vez. — Vocês realmente vão me avisar, não é?

Próspero fez que sim.

Mas Scipio não se decidia a ir.

— O detetive... — ele disse.

— Ele escapou — disse Mosca.

— O quê?

— Ah, mas não faz mal. Ele deu a sua palavra de honra que não vai entregar a gente — disse Bo, e se libertou do abraço de Vespa. — Agora ele é nosso amigo.

Scipio olhou para Bo tão perplexo que Vespa deu uma risada.

— Bem, amigo é um pouco de exagero — ela disse. — Você sabe que Bo se amarrou no cara. Mas realmente acho que ele não vai nos entregar.

— Bem, se vocês acham... — Scipio deu de ombros. — Até amanhã então.

Ele passou lentamente pelas fileiras de poltronas vermelhas, correu os dedos sobre os encostos e se deteve olhando para a cortina bordada com estrelas. Ele ia bem devagar, como se ainda esperasse que os outros o chamassem de volta. Mas ninguém chamou, nem mesmo Bo, que acariciava os seus gatinhos.

“Ele está com medo”, pensou Próspero enquanto seguia Scipio com olhar, “medo de voltar para casa.” Ele se lembrou do pai de Scipio, de como o vira no alto da escada. E sentiu pena de Scipio.

29. Mais uma Visita

29

A loja de Barbarossa estava vazia quando Próspero abriu a porta. Os sininhos da entrada repicaram, e Bo ficou na soleira olhando para cima fascinado, até que Vespa o puxou para dentro. Durante a noite, fizera um frio terrível. O vento não vinha mais do mar, mas das montanhas. Era um vento seco e cortante que soprava nas pontes e nas praças. O inverno não mandava mais mensageiros, ele próprio estava na cidade da lua e tocava o seu velho rosto com dedos duros e gelados.

— *Signor* Barbarossa? — chamou Vespa, e olhou para o quadro pendurado na parede atrás do balcão.

Naturalmente, ela também sabia que ali havia um buraco através do qual o barba-ruiva vigiava os seus clientes.

— *Si, si, pazzienza!* — eles o ouviram resmungar.

A cabeça de Barbarossa apareceu pela cortina da entrada do escritório. Seus olhos estavam vermelhos. Ele espirrou e assoou o nariz num lenço enorme.

— Ah, o pequeno está aí.Tomem cuidado para que ele não me quebre alguma coisa de novo. O que vocês

fizeram com os cabelos de anjo dele? Diga bom-dia, anãozinho.

— *Buon giorno* — murmurou Bo, e fez uma careta para Barbarossa atrás de Próspero.

— Ah! *Buon giorno.* O seu italiano está melhorando pouco a pouco. Entrem! — Impaciente, Barbarossa fez um sinal para as crianças entrarem no seu escritório.

— O inverno, que diabos o inverno já está fazendo aqui? O mundo inteiro ficou maluco? — ele reclamou enquanto se arrastava de volta para a sua escrivaninha. — Esta cidade já é difícil de agüentar no verão, mas o inverno aqui é capaz de levar o homem mais sadio para a cova. Mas para quem estou contando isso? Crianças não sabem nada dessas coisas. Crianças não sentem frio, crianças pulam dentro das poças e não dão nem um espirro. Ficam com um gorro de neve na cabeça e nem se incomodam, enquanto para nós cada floco de neve é um passo em direção à morte.

Ofegando como se fosse um moribundo, Barbarossa se sentou na sua poltrona.

— Dor de garganta, dor de cabeça e esse nariz que não pára de escorrer! — ele gemeu. — Que horror! Estou parecendo um galo-d'água. — Ele ajeitou melhor o cachecol em volta do pescoço gordo e olhou para os visitantes por cima do lenço. — Nenhuma bolsa? Nenhum saco? Desta vez o butim do Senhor dos Ladrões cabe nos bolsos das suas calças?

Bo estendeu a mão e tocou num pequeno tambor de lata que estava em cima da escrivaninha de Barbarossa.

— Tire os seus dedinhos daí, isto é muito valioso — o barba-ruiva fungou, e deu uma pastilha contra tosse para Bo.

— Não queremos vender nada — disse Vespa. — O *conte* disse que deixaria uma carta para nós com o senhor.

Bo desembrulhou a pastilha e cheirou desconfiado.

— Ah, sim, a carta do *conte.* — Barbarossa assou o nariz ruidosamente e guardou o lenço no bolso do colete bordado com pequenas gôndolas douradas. — A irmã dele, a *contessa,* deixou um envelope aqui para vocês ontem. O *conte* vem muito raramente para a cidade.

Barbarossa pôs uma pastilha na boca e abriu a primeira gaveta da sua escrivaninha com um suspiro profundo.

— Aqui está!

Com uma expressão de tédio, ele estendeu um pequeno envelope para Vespa. Não havia nada escrito, nem destinatário nem remetente. Mas quando Vespa ia pegá-lo, Barbarossa o puxou de volta.

— Agora, cá entre nós — ele grunhiu, e baixou a voz em tom de confidencia —, por que não me contam o que roubaram para o *conte?* Ao que parece, o Senhor dos Ladrões executou a tarefa conforme o combinado, não é verdade?

— Pode ser — respondeu Próspero evasivamente e tirou o envelope da mão de Barbarossa.

— Ei, ei, ei! — Irritado, o barba-ruiva fincou os punhos na escrivaninha. Bo quase engoliu a pastilha, de susto. Barbarossa ralhou com Próspero: — Você é realmente um tipinho arrogante, sabia? Ninguém o ensinou a se comportar com respeito perante os adultos?

Ele caiu pesadamente para trás na poltrona, acometido por um forte ataque de espirros.

Próspero não respondeu. Sem dizer nada, ele guardou o envelope no bolso interno do seu casaco. Mas Bo cuspiu a pastilha na sua mão e colocou-a com força em cima da escrivaninha.

— Tome, pode ficar com ela. Porque você gritou com o meu irmão.

Espantado, Barbarossa olhou para a pastilha pegajosa. Vespa se inclinou sobre a escrivaninha com o seu sorriso mais amável.

— E você, *signor* Barbarossa? Ninguém o ensinou a se comportar perante as crianças? — ela perguntou.

O barba-ruiva começou a tossir com tanta força que o seu rosto ficou mais vermelho do que o seu nariz.

— Já chega. Pelo leão de São Marcos, como vocês se ofendem facilmente! — ele grunhiu atrás do seu lenço. — Não entendo para que todo esse mistério! Sabem de uma coisa? Vamos fazer um jogo de adivinhação, já que não querem responder diretamente! Eu começo. — Ele se debruçou sobre a escrivaninha. — Essa coisa que o *conte* tanto deseja é... de ouro?

— Não! — respondeu Bo, e balançou a cabeça com um sorriso largo. — De jeito nenhum.

— De jeito nenhum? — Barbarossa franziu a testa. — Deixe-me adivinhar. É de prata?

— Totalmente errado — Bo pulava de um pé para o outro. — Tente adivinhar de novo.

Mas antes que o barba-ruiva pudesse fazer a próxima pergunta, Próspero puxou seu irmãozinho através da cortina de contas. Vespa seguiu-os.

— É de cobre? — exclamou Barbarossa atrás deles. — Não, esperem, é um quadro. Uma estátua!

Próspero abriu a porta da loja.

— Para fora, Bo — ele disse, mas Bo continuou onde estava.

— Tudo errado! — o menino gritou para dentro da loja. — É de diamantes, enooormes. E pérolas.

— Não diga! — Barbarossa debatia-se com a cortina. — Descreva em detalhes para mim, pequenino!

— Prepare uma bolsa de água quente e deite-se na cama, *signor* Barbarossa! — disse Vespa, puxando Bo para fora e parando espantada ao lado de Próspero.

Flocos de neve rodopiavam no ar, tantos que o céu estava todo salpicado de branco e Bo teve que fechar os olhos quando olhou para cima. De repente, tudo estava cinza e branco, como se, enquanto estavam dentro da

loja de Barbarossa, alguém tivesse passado uma borracha nas cores da cidade.

— Então é um colar? Ou um anel? — agitado, Barbarossa pôs a cabeça para fora da porta da loja. — Por que não conversamos mais um pouquinho? Eu os convido para comer um pedaço de torta, ali na *pasticceria.* O que acham?

Mas as crianças saíram sem lhe dar atenção.

Elas só tinham olhos para a neve. Os flocos gelados pousavam no seu rosto e nos seus cabelos. Extasiado, Bo lambeu um floco do seu nariz e estendeu as mãos no ar como se quisesse segurar a neve, enquanto Vespa olhava assombrada para as nuvens. Fazia anos que não nevava em Veneza. As pessoas com as quais cruzavam pareciam tão encantadas quanto eles. Até mesmo as vendedoras saíam das lojas para ver o céu.

Próspero, Vespa e Bo pararam numa próxima ponte, inclinaram-se sobre o parapeito de pedra e ficaram observando como a água prateada engolia os flocos. Pouco a pouco, a neve cobria as casas, os telhados cor de ferrugem, as grades negras das sacadas e as folhas verdes das flores de outono que cresciam atrás das grades em baldes de plástico e em panelas.

Próspero sentia a neve fria e úmida nos seus cabelos. E de repente ele se lembrou de um outro país, quase esquecido, muito distante, e de uma mão que sacudia a neve da sua cabeça. E ali estava ele, entre Vespa e Bo, olhando para as casas espelhadas na água, e arriscou desfrutar das lembranças por alguns momentos. Espantado, ele se deu conta de que elas já não doíam tanto. Talvez fosse porque tinha Vespa e Bo ao seu lado, tão próximos e tão amigos. Até mesmo o parapeito de pedra onde se apoiava parecia familiar e o protegia da dor.

— Prop? — Vespa pôs a mão no seu ombro e olhou para ele preocupada, enquanto Bo tentava apanhar os

flocos de neve com a língua. — Está tudo bem?

Próspero sacudiu a neve da cabeça e fez que sim.

— Abra o envelope — disse Vespa. — Quero saber quando é que eu finalmente vou ver a cara desse *conte.*

— Como você sabe que ele virá em pessoa? — Próspero tirou o envelope do bolso. Estava lacrado, como o envelope do confessionário, mas o lacre parecia estranho. Como se alguém o tivesse retocado com tinta vermelha.

Vespa pegou o envelope da mão de Próspero.

— Alguém abriu! — ela olhou preocupada para Próspero. — Barbarossa!

— Não faz mal — disse Próspero. — Por isso, o *conte já* disse no confessionário qual seria o local de encontro. Ele sabia que o barba-ruiva abriria a carta. Pelo jeito, ele o conhece muito bem.

Vespa abriu o envelope cuidadosamente com o seu canivete. Bo espiava por cima dos ombros. A mensagem do *conte* estava novamente num pequeno cartão, mas dessa vez eram poucas palavras.

— Barbarossa deve ter mordido a sua escrivaninha de tanta decepção quando abriu o envelope — disse Próspero, e leu em voz alta:

no ponto de encontro combinado na água
procurem uma lanterna vermelha
na noite de terça para quarta-feira, à 1 hora

— Já é amanhã à noite! — Próspero balançou a cabeça. — À uma hora. Bem tarde.

Ele guardou o envelope com o bilhete no bolso novamente e despenteou os cabelos pintados de Bo.

— A idéia dos diamantes enormes foi muito boa, Bo. Vocês viram o olhar curioso de Barbarossa?

Bo deu uma risada e lambeu um floco de neve da mão. Mas Vespa olhava apreensiva para o canal.

— Na água? — ela murmurou. — O que ele quis dizer com isso? Será que a entrega vai acontecer num barco?

— Isso não será um problema — respondeu Próspero. — O barco de Mosca é grande o suficiente para nós todos.

— É verdade — disse Vespa. — Mas assim mesmo não gosto da idéia. Não sei nadar direito, e Riccio passa mal só de olhar para um barco.

Preocupada, ela olhou para baixo, onde a água continuava a devorar os flocos de neve. Uma gôndola deslizou na sombra da ponte. Tiritando de frio, três turistas se encolhiam nas almofadas cobertas de neve. Vespa os acompanhou com um olhar melancólico, até que o barco desapareceu sob a ponte.

— Você não gosta de barcos? — disse Próspero num tom zombeteiro, e deu um puxão na trança fina de Vespa. — Mas você nasceu aqui, pensei que todos os venezianos gostassem de barcos.

— Pensou errado — respondeu Vespa rispidamente, dando as costas para a água. — Vamos, os outros já devem estar esperando.

A neve deixava a cidade ainda mais silenciosa do que antes. Vespa e Próspero andavam calados um ao lado do outro, mas Bo pulava como uma pulga na sua frente e assobiava uma canção, esquecido de si mesmo e do mundo.

— Não quero que Bo vá na entrega! — Próspero sussurrou para Vespa.

— Entendo — ela sussurrou de volta. — Mas como você pretende explicar isso para ele sem que ele estoure os nossos tímpanos?

— Não faço a menor idéia — murmurou Próspero desconcertado. — Ele é teimoso como uma mula, especialmente quando sou eu quem lhe diz as coisas. Você não quer falar com ele?

— Falar? — Vespa balançou a cabeça. — Falar não adianta. Tenho uma idéia melhor. Assim posso escapar do barco. Só que vou ficar sem ver o *conte* também dessa vez...

30

Victor estava deitado na cama, com a cabeça debaixo do cobertor.

Fazia dois dias que estava ali assim. Ele só se levantava para ir ao banheiro, alimentar as tartarugas ou comprar doces na *pasticceria.* Nem a neve na sacada era capaz de animado.

— Gripado — ele murmurou quando a confeiteira perguntou preocupada pelo seu estado de saúde. — Peguei a gripe das minhas tartarugas.

Então se deitava de novo na cama com os doces. Não atendia o telefone, nem abria a porta quando a campainha tocava. Ele via televisão, observava os flocos de neve que rodopiavam na frente da janela e dizia a si mesmo que estava doente e que, portanto, era impossível ir se encontrar com os Hartlieb no Hotel Sandwirth.

Impossível. Não havia como. Simplesmente impossível. De qualquer forma, o recado de Esther Hartlieb na secretária eletrônica ele já havia apagado.

Victor vasculhou os jornais em busca de notícias sobre roubos, mas tudo o que encontrou foi uma matéria sobre um ascensorista que furtava os passageiros, num

hotel perto da estação ferroviária. Isso o deixou estranhamente aliviado.

Tudo acontecia de forma estranha desde que havia voltado de sua prisão no cinema abandonado. Que diabos, Victor não sabia o estava acontecendo com ele. Por que tinha que ficar pensando naquelas crianças a toda hora? O silêncio em sua casa de repente o aborrecia. Às vezes, ele se surpreendia prestando atenção nos ruídos lá fora, como se esperasse ouvir alguma coisa. Mas o quê? Por acaso achava que o bando iria visitá-lo?

Com um suspiro, ele pôs as pernas para fora da cama e se arrastou até o escritório. “Qualquer hora dessas vou dar uma passada no esconderijo desses pequenos gatunos”, ele pensou, “afinal, eles roubaram os meus disfarces.” Victor se sentou atrás da escrivaninha e tirou um álbum de fotografias da última gaveta. Com a testa franzida e os dedos lambuzados de açúcar, começou a folheá-lo. Ali estavam eles. Seus pais. Ele nunca sabia o que se passava na cabeça deles. Agora ele próprio era adulto e continuava sem saber. Aquele ali, o bebê no carrinho, com os pais ao seu lado naquela pose tão rígida, era ele, no seu primeiro aniversário. Pelo menos lhe haviam dito que era ele. Victor não conseguia se lembrar de alguma vez ter sido daquele jeito, tão roliço e rosado, com uma penugem espessa e escura na cabeça. Ele continuou a folhear. Da cara que fizera diante da câmera com seis anos de idade, ele já se lembrava. E também do rosto de doze anos, que muitas vezes examinara durante horas na frente do espelho à procura de cravos. Mas mesmo assim aquele rosto lhe parecia estranho, estranho como o rosto de outras pessoas.

Victor deixou o álbum aberto sobre a escrivaninha e foi andando só de meias até o espelho. O nariz não havia mudado muito. Ou havia? E os olhos? Ele chegou

tão perto do espelho, que viu a própria imagem refletida nas pupilas. Os olhos ainda eram os mesmos? Era o mesmo Victor que olhava pelos olhos do bebê de um ano ou do menino que acabava de entrar na escola? Quem estava naquele corpo que se alterava constantemente? Como podia ter esquecido quem ele havia sido, como se sentia aos dois, aos cinco, aos treze anos?

Victor olhou para o relógio na parede ao lado da porta do quarto. Dez horas. Que dia era? Sim, como ele temia. Era terça-feira, o dia em que deveria se encontrar com os Hartlieb. Ele não havia conseguido passar o dia dormindo. Com um suspiro, Victor voltou para o quarto, ficou de pé um minuto, indeciso entre o armário e a cama quente e macia... e abriu o armário. O que iria dizer para aquela Esther nariguda e para o seu marido? O que ele *queria* contar?

“Não faço a menor idéia”, pensou Victor enquanto se vestia. “Em hipótese alguma, a verdade.”

31

Victor se atrasou. Já eram quinze para as quatro quando ele entrou no elegante saguão do Gabrielle Sandwirth. Fazia menos de um mês que estivera ali pela última vez. Ele estava seguindo alguém que se hospedara naquele hotel. Victor conhecera muitos hotéis da cidade dessa maneira. No Sandwirth, se a sua memória não falhava, o seu disfarce havia sido uma barba negra com uns óculos horríveis. Ele quase não se reconhecera no espelho, o que era um sinal seguro de um disfarce bem-sucedido. Agora Victor estava usando o seu próprio rosto, o que estranhamente sempre lhe dava a sensação de ser um pouco mais baixo.

— *Buona sera* — ele disse, quando chegou ao balcão da recepção. Atrás de um imenso buquê de flores, apareceu a cabeça da recepcionista.

— *Buona sera.* Em que posso ajudá-lo?

— Meu nome é Victor Getz. Tenho um encontro com Esther e Max Hartlieb... — Victor sorriu, se desculpando — ...para o qual infelizmente me atrasei um pouco. A senhora poderia averiguar se o casal ainda se encontra em seus aposentos?

— Mas é claro. — A mulher ajeitou os cabelos negros atrás das orelhas com um sorriso. — O que senhor está achando da neve? — ela perguntou enquanto pegava o fone. — O senhor consegue se lembrar da última vez que nevou em Veneza?

A palavra “neve” se desmanchou nos seus lábios como um bom-bom. Victor conseguia imaginar nitidamente o rosto daquela mulher quando criança, como se ela tivesse lhe mostrado uma velha foto sua. Ele sorriu ao observar como seu olhar sempre se voltava de novo para fora, atraído pelos flocos que flutuavam lentamente diante das grandes janelas, como se de repente o mundo tivesse começado a girar em câmera lenta.

— Alô, *signora* Hartlieb — ela disse ao telefone. — Está aqui um *signor* Getz, que deseja lhe falar.

Os Hartlieb não tinham olhos para a neve. Diante das suas janelas, a igreja de San Giorgio Maggiore flutuava na laguna como se acabasse de emergir das águas. A visão era tão bela que Victor sentiu uma pontada no coração, mas Esther e o marido estavam de costas para a janela, lado a lado, e tinham olhos apenas para ele. Olhos hostis. Victor cruzou os dedos nas costas, incomodado.

“Por que é que não pus pelo menos um bigode?”, ele pensou. Isso teria facilitado substancialmente a mentira. Mas as crianças haviam roubado toda a sua maravilhosa coleção. Portanto, elas também eram culpadas se aquela Esther de nariz pontudo e olhos sagazes o apanhasse mentindo.

— Estou feliz de que tenha recebido meu recado — começou Esther Hartlieb com o seu inglês impecável. Ela sempre falava com Victor na língua materna dele. — Depois da conversa telefônica com a sua secretária mal-

educada, cheguei até mesmo a duvidar que o senhor se encontrasse na cidade.

— Quase nunca saio da cidade — respondeu Victor. — Sinto muita falta de Veneza quando não estou aqui.

— Posso imaginar! — Esther ergueu quase um centímetro as sobrancelhas finas e depiladas.

“Incrível”, pensou Victor, “não consigo fazer isso.”

— Bem, por favor, *signor* Getz. — O senhor Hartlieb continuava grande como um armário e quase tão branco como os flocos de neve que caíam lá fora. — Relate-nos sobre as suas investigações.

— Minhas investigações, é verdade. — Victor balançava os pés nervoso. — O resultado das minhas investigações infelizmente é bastante claro. O pequeno não se encontra mais na cidade, tampouco o irmão mais velho.

Os Hartlieb trocaram um rápido olhar.

— A sua secretária insinuou algo nesse sentido — disse Max Hartlieb. — Mas...

— Minha secretária? — Victor o interrompeu, mas se lembrou a tempo de que Vespa, Próspero e Riccio haviam estado no seu escritório para alimentar a tartaruga. — Ah, sim, claro, minha secretária.

Ele ergueu os ombros como quem lamenta muito.

— Como sabem, estive realmente muito perto de Bo e do seu irmão. A foto que lhes enviei é uma prova disso. Infelizmente, não me foi possível apanhá-los na ocasião. Toda aquela gente na rua, creio que entendem... Mas descobri que seus sobrinhos se envolveram com um bando de jovens ladrões. Infelizmente, um deles me reconheceu, pois o apanhei roubando uma carteira uma vez, tempos atrás. Bem, esse pequeno mão-leve convenceu seus sobrinhos de que Veneza não era mais um local seguro. Lamentavelmente, minhas investigações levaram à conclusão de que... — ele pigarreou. Por que sentia um bolo na garganta quando

mentia? — ...hum, minhas investigações revelaram que, há dois ou três dias, os dois entraram clandestinamente num grande navio que atraca aqui com regularidade. Da sua janela, os senhores têm uma boa visão do ancoradouro.

Perplexos, os Hartlieb viraram-se e olharam para o cais, onde havia um barco apinhado de turistas quase congelados.

— Mas... — Esther Hartlieb parecia tão decepcionada que Victor quase sentiu pena — ...para onde foi esse navio, pelo amor de Deus?

— Corfu, na Grécia — respondeu Victor.

O sangue-frio com que dissera essas palavras, com bolo na garganta e tudo! "O que estou fazendo?", ele pensou. "Enganando meus próprios clientes! Se eu fosse Pinóquio, meu nariz já teria atravessado a janela, e todos os pombos da cidade poderiam pousar nele..."

— Corfu! — exclamou Esther e olhou para o marido, como se ele tivesse que salvá-la imediatamente de morrer afogada.

— O senhor tem certeza absoluta? — perguntou Max Hartlieb desconfiado.

Victor retribuiu o olhar com a cara mais inocente que conseguiu fazer. Só que teve de pigarrear novamente. Sorte que Max não fazia a mínima idéia do que isso significava.

— Bem, certeza absoluta eu não posso ter, é evidente — ele disse. — Afinal, quando alguém entra clandestinamente num navio, não costuma constar da lista de passageiros. Mas, quando o barco ancorou de novo hoje ao meio-dia, eu mostrei a foto dos meninos para alguns marinheiros, e dois deles os reconheceram de forma inequívoca. Eles somente não estavam de acordo quanto ao dia em que os seus sobrinhos estiveram a bordo.

Consolador, Max Hartlieb pôs o braço no ombro da esposa e a apertou contra si. Dura como um manequim, ela se deixou abraçar, enquanto olhava para Victor. Por um instante, ele teve a sensação desagradável de que a verdade estava escrita na sua testa em letras vermelhas.

— Não pode ser! — disse Esther Hartlieb, soltando-se do marido. — Pois eu já lhe disse que Próspero não veio para Veneza por acaso. Esta cidade o faz lembrar da mãe. Não acredito que ele partiria novamente. E para onde, pelo amor de Deus?

— Talvez ele tenha embarcado no navio porque se deu conta de que aqui não é tão paradisíaco como nas histórias da mãe dele — disse o marido.

— ...e que ela não está aqui, mesmo que aqui realmente pareça o paraíso — murmurou Victor, e olhou pela janela.

— Não. Não. Não. — Esther Hartlieb agitou a cabeça energicamente. — Não faz sentido. Ainda tenho a sensação de que ele está aqui, e se Próspero está aqui, Bo também está.

Victor olhou para os sapatos. Eles ainda estavam um pouco sujos de neve derretida. O que ele poderia dizer?

— Mandei fazer cópias da fotografia que o senhor nos enviou dos meninos — prosseguiu Esther Hartlieb. — Ela chegou até nós pouco depois de eu ter falado com a sua secretária, e mandei imprimir cartazes com ela. A recompensa que oferecemos é considerável. Sei que uma vez o senhor já me desaconselhou a procurar os meninos dessa maneira, e admito que uma recompensa também atrai os vigaristas, mas mesmo assim vou mandar pendurar os cartazes em todos os canais, em todos os bares, em todos os cafés e museus. Inclusive esse serviço já está contratado. Encontrarei Bo antes que ele morra de pneumonia ou de tuberculose nesta

cidade miserável. Tenho que protegê-lo daquele egoísta do seu irmão!

Victor balançou a cabeça cansado.

— A senhora ainda não compreendeu? — ele disse impaciente. — Os dois fugiram apenas porque a senhora quer separar Bo do irmão dele.

— Como se atreve a falar nesse tom? — exclamou Esther Hartlieb, assombrada. — Agora de repente somos nós os culpados?

— Os dois dependem um do outro! — exclamou Victor. — A senhora não entende isso?

— Vamos dar um cachorrinho para Bo — respondeu Max Hartlieb, impassível. — O senhor vai ver como ele vai esquecer o irmão rapidamente.

Victor olhou para ele como se aquele homem enorme tivesse acabado de desabotoar a camisa e de lhe mostrar, com um sorriso nos lábios, que não tinha um coração no peito.

— Respondam-me uma pergunta — disse Victor. — Vocês realmente gostam de crianças?

Max Hartlieb franziu a testa. Lá fora, a neve colocava gorros brancos nos anjos de San Giorgio.

— Crianças em geral? Não, não necessariamente. Elas são irrequietas, barulhentas e quase sempre estão sujas...

Victor olhou novamente para o seu sapato.

— ...e além disso — prosseguiu Max Hartlieb — não têm a mínima idéia do que é importante.

Victor balançou a cabeça para a frente.

— Pois é... — disse ele lentamente — ...é estranho que seres tão inúteis possam vir a ser pessoas tão excelentes e sensatas como o senhor, não é verdade?

Então ele se levantou e saiu. Deixou a sala com a vista mais bonita que conhecia e atravessou o longo corredor do hotel. Quando passou pelo elevador, o coração de Victor parecia querer sair pela boca, sem que

ele soubesse por quê. A mulher na recepção sorriu para ele quando cruzou o saguão. Então olhou de novo para fora, onde ainda nevava e pouco a pouco ia escurecendo.

O cais na frente do hotel estava abandonado, como se tivesse sido varrido pelo vento gélido. Apenas duas pessoas agasalhadas esperavam junto à água pelo próximo *vaporetto.* Victor pensou em comprar um bilhete, mas depois decidiu ir a pé. Ele precisava de tempo para pensar, e um passeio acalmaria o seu coração revoltado. Pelo menos, era o que esperava. Cansado, ele se pôs a andar e firmou o corpo contra o vento. Quando passava pelo Palácio dos Doges, viu as lanternas cor-de-rosa se acenderem, então seguiu com passos pesados pela praça São Marcos, quase deserta ao crepúsculo. Apenas as pombas ainda ciscavam entre as mesas vazias dos cafés em busca de migalhas. “Preciso avisar os garotos”, pensou Victor, enquanto o vento soprava agulhas de gelo no seu rosto. “Preciso contar para eles o que vai acontecer: que em breve encontrarão um cartaz com a sua foto em cada esquina.” E depois? Mas que pergunta impertinente. Como podia saber? Ele não sabia de mais nada. Somente que estava um frio de rachar. “Não tenho nem mesmo um chapéu”, pensou Victor, “e o caminho até esse cinema é longo.

Irei amanhã de manhã. Na luz do dia, as más notícias não parecem tão ruins.”

Cansado, Victor se pôs a caminho de casa. Quando ia abrir a porta, lembrou que ainda tinha de vigiar alguém naquela noite. Ele suspirou e subiu a escada. Ainda dava tempo para tomar uma xícara de café bem quente.

32

A *sacca* delia Misericórdia avança no labirinto de casas de Veneza, como se o mar tivesse arrancado e engolido um pedaço da cidade.

Eram quinze para a uma quando Mosca parou o seu barco na última ponte antes da baía. Riccio pulou para a margem e o amarrou num dos postes de madeira que despontavam da água. Havia sido um caminho longo e interminável, por canais que Próspero nunca tinha visto antes. Ele só estivera uma vez na parte norte da cidade. Embora fossem igualmente antigas, as casas ali não eram tão suntuosas como as do coração de Veneza. Como que enfeitiçadas, elas se espelhavam nas ondas calmas e escuras.

Estavam só os três: Mosca, Riccio e ele.

Vespa havia preparado leite quente com mel para Bo na hora do jantar, e o menino tomara dois copos sem desconfiar de nada. Depois ela se ajeitara confortavelmente com ele no seu colchão, aninhando-o em seu braço, e começara a ler em voz alta o seu livro predileto: *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa,* das *Crônicas de Narnia.* Já no terceiro capítulo, Bo começara a roncar, com a cabeça deitada no peito de Vespa. Então Próspero saíra de mansinho com Riccio e

Mosca. Vespa tentara não parecer muito preocupada ao acenar para eles na despedida.

— Estão ouvindo alguma coisa? — Riccio olhou ansioso para a noite.

Algumas janelas ainda estavam iluminadas, e a luz se refletia na água. Sob o brilho da lua, a neve tinha um aspecto estranho, como um açúcar muito fino sobre uma cidade de papel. Próspero olhou para o canal. Ele pensou ter ouvido um barco, mas talvez fosse a sua impaciência que o enganava. Eles estavam esperando Ida Spavento chegar com Scipio em seu próprio barco.

— Acho que estou ouvindo alguma coisa!

Riccio voltou para o barco por precaução. Mosca apoiou um remo no poste de madeira para que o barco não sacudisse demais.

— Já está na hora de aparecerem! — sussurrou Próspero, e olhou para o relógio. — Sabe lá quanto tempo o *conte* vai esperar se nos atrasarmos!

Mas então o barulho de um motor ecoou claramente no silêncio da noite. Um barco deslizava na sua direção, muito mais largo e pesado do que o de Mosca, preto e envernizado como uma gôndola. Um homem corpulento estava no timão e, sentada atrás dele, quase irreconhecível com um xale enrolado em volta da cabeça, estava Ida Spavento, junto com Scipio.

— Até que enfim! — exclamou Mosca baixinho quando o barco chegou pelo lado. — Riccio, solte a corda.

Riccio lançou um olhar hostil na direção de Scipio e pulou mais uma vez para a margem.

— Desculpem, Giaco se perdeu — disse Ida. — E o Senhor dos Ladrões não foi muito pontual.

Ela se levantou e, com muito cuidado, estendeu para Próspero uma pesada trouxa, onde estava a asa do leão, enrolada num cobertor e amarrada com uma tira de couro.

— Meu pai teve visitas de negócios — defendeu-se Scipio. — Foi muito difícil sair de casa sem que me vissem.

— Não faria nenhuma falta se você não tivesse conseguido! — murmurou Riccio.

Próspero sentou-se com a asa na popa do barco e a segurou firme.

— É melhor esperar com o seu barco ali onde o canal desemboca na baía! — Mosca recomendou a Ida. — Se vocês forem mais adiante, o *conte* poderá vê-los e desistir da troca. — Ida aquiesceu. Seu rosto estava pálido de emoção, e ela disse com voz abafada: — Sim, sim, claro! Infelizmente, tive de deixar minha câmera em casa, porque o *flash* nos denunciaria, mas... — ela tirou um binóculo de debaixo do sobretudo — ...isto aqui certamente vai ser muito útil. E ainda gostaria de fazer uma proposta. — Ela olhou para o velho barco de madeira de Mosca. — Depois da entrega, quando o *conte* for para a laguna, seria melhor que o seguíssemos com o meu barco.

— Para a laguna? — Scipio esqueceu de fechar a boca de tão espantado que ficou.

— Mas é claro! — murmurou Ida. — Aqui na cidade, ele não poderia manter o carrossel em segredo. Mas, na laguna, existem inúmeras ilhas aonde ninguém nunca vai.

Próspero e Riccio trocaram um olhar. Navegar na laguna no meio da noite — a idéia não agradava a nenhum dos dois.

Mosca, porém, deu de ombros. Ele se sentia bem na água, especialmente no escuro, quando tudo estava quieto. E vazio.

— Bem, combinado — ele disse. — O meu barco é bom para a pesca, mas não para uma perseguição. E sabe lá que tipo de barco o *conte* tem. Assim que ele

sair da baía, remamos de volta o mais depressa possível, e então vamos atrás dele com o barco a motor.

— Isso mesmo. — Ida assoprou as suas mãos frias e suspirou: — Ah, que maravilha, fazia tempo que eu não fazia uma coisa tão maluca. Uma verdadeira aventura! Bem que poderia não estar tão frio — ela disse e se aconchegou no seu grosso sobretudo.

— E esse aí? — Riccio apontou discretamente com a cabeça para o piloto do barco de Ida. — Por acaso ele também vai junto?

Mosca e ele o haviam reconhecido imediatamente: era o marido da governanta de Ida Spavento. Ele estava com a sua cara mal-humorada de sempre e ainda não havia dito uma palavra.

— Giaco? — Ida ergueu as sobrancelhas. — Ele tem de ir. Ele sabe manejar o barco muito melhor do que eu. Além disso, é muito discreto.

— Bem, se você está dizendo — murmurou Riccio. Giaco piscou para ele e cuspiu no canal.

— Agora chega de conversa! — Mosca pegou os remos. — Temos de ir.

— Scipio precisa vir também — disse Próspero. — Afinal de contas, foi com ele que o *conte* fez o trato, e ficaria estranho se ele não estivesse com a gente.

Riccio apertou os lábios, mas não protestou quando Scipio subiu no barco. O campanário da igreja de Santa Maria di Valverde deu uma badalada quando eles começaram a remar em direção à *sacca* delia Misericórdia. Apenas poucas luzes se refletiam na água. O barco de Ida ficou atrás deles como uma sombra, pouco mais do que uma mancha negra na silhueta escura da margem.

33

O *conte* já os esperava.

O seu barco estava ancorado perto da margem oeste da baía. Era um veleiro. As luzes de posição brilhavam acima da linha da água, e a lanterna vermelha que estava pendurada na popa podia ser vista nitidamente de longe.

— Um veleiro! — sussurrou Mosca quando remavam na sua direção. — Ida estava certa. Ele veio de uma das ilhas.

— Com certeza. — Scipio pôs a sua máscara. — Mas o vento está a favor. Não vai ser difícil seguido com o barco a motor.

— Na laguna — Riccio suspirou. — Mas que droga. Droga, droga, droga.

Próspero não disse nada. Sem tirar os olhos da lanterna vermelha, ele segurava firmemente a trouxa com a asa. O vento frio acalmara, e o barco de Mosca deslizava tranqüilamente sobre a superfície lisa. Apesar disso, Riccio continuava agarrado à borda do barco e mantinha o olhar fixo em seus sapatos, como se temesse que o barco pudesse virar, caso lançasse um único olhar para as águas escuras.

O *conte* estava de pé na popa do seu barco, com um longo sobretudo cinza. Ele não parecia tão velho e frágil como Próspero o imaginara depois do encontro no confessionário. Os seus cabelos eram brancos, mas ele mantinha o corpo tão aprumado, que dava a impressão de ainda ser um homem forte. Atrás do *conte* havia mais alguém, mais baixo e mais magro do que ele, vestido de preto da cabeça aos pés, com o rosto escondido dentro de um capuz. Quando Mosca encostou ao lado do veleiro, o segundo homem jogou para Próspero uma corda com um gancho, para que os barcos não se separassem.

— *Salve!* — exclamou o *conte* com voz rouca. — Suponho que estejam com tanto frio quanto eu, portanto vamos logo ao nosso negócio. O inverno chegou cedo este ano.

— Está bem. Aqui está a asa. — Próspero entregou a trouxa para Scipio, que a estendeu cuidadosamente para o *conte.*

O pequeno barco sacolejou sob os pés de Scipio, e ele quase tropeçou, mas o *conte* inclinou-se rapidamente sobre a borda do seu barco, como se temesse que de repente aquilo que havia desejado durante tanto tempo pudesse se perder num segundo. Quando pegou a trouxa, seu rosto enrugado pareceu se transformar no de um menininho que segurava nos braços um presente ardentemente cobiçado.

Impaciente, ele abriu o cobertor.

— É ela! — Próspero o ouviu sussurrar.

O velho homem acariciou quase com veneração o objeto de madeira pintada.

— Morosina, venha vê-la — ele fez um gesto impaciente para seu acompanhante.

O vulto ficara o tempo todo encostado no mastro da embarcação. Somente quando o *conte* o chamou, ele se aproximou e tirou o capuz. Os meninos ficaram

surpresos ao ver que era uma mulher, não muito mais jovem do que o *conte,* com os cabelos brancos presos num coque.

— Sim, é ela — Próspero a ouvir dizer. — Vamos dar a eles a sua recompensa.

— Cuide você disso — disse o *conte,* e embrulhou novamente a asa com o cobertor.

Sem dizer uma palavra, a mulher estendeu para Scipio uma velha sacola.

— Aqui está, tome! — ela disse. — E use o dinheiro para escolher outra profissão. Quantos anos você tem? Onze, doze?

— Agora, com este dinheiro, eu sou adulto — respondeu Scipio, e pegou a pesada bolsa, que colocou no barco entre ele e Mosca.

— Você ouviu, Renzo? — A mulher apoiou-se na borda do barco e olhou para Scipio com um sorriso zombeteiro. — Ele quer ser adulto. Como são diferentes os desejos de cada um!

— Logo a natureza vai se encarregar de realizar o seu desejo — respondeu o *conte,* envolvendo a asa com uma lona que havia trazido. — Nosso caso é bem diferente. Quer contar o dinheiro, Senhor dos Ladrões?

Scipio pôs a sacola no colo de Mosca e abriu.

— Santo Pantaleão! — sussurrou Mosca, e tirou para fora algumas notas, começando a contá-las como se não acreditasse no que via. Curioso, Próspero inclinou-se sobre seu ombro. O próprio Riccio esqueceu do medo da água e se levantou. Quando o barco começou a sacolejar, depressa ele tornou a se sentar.

— Minha Nossa Senhora, vocês já viram tanto dinheiro alguma vez? — ele sussurrou.

Scipio examinou uma nota na luz da sua lanterna, contou os maços dentro da bolsa e fez um sinal com a cabeça para Mosca.

— Parece que está tudo aqui — ele disse em voz alta para o *conte* e sua acompanhante. — No nosso esconderijo, contaremos mais uma vez.

A mulher de cabelos brancos acenou com a cabeça.

— *Buon ritorno!* — ela disse.

O *conte* se pôs ao seu lado. Próspero jogou a corda com a qual estavam presos ao barco maior, e o *conte* a apanhou.

— *Buon ritorno* e boa sorte — ele disse. E lhes deu as costas.

A um sinal de Scipio, Próspero e Mosca pegaram os remos e começaram a se afastar do barco do *conte. A* embocadura do canal, onde Ida os esperava, parecia estar muito longe, infinitamente longe. E atrás deles, apesar da escuridão, Próspero pôde ver nitidamente o *conte* apontar a proa do seu barco na direção em que a *sacca* delia Misericórdia se abria para a laguna.

Scipio tinha razão, o vento estava a favor. Ele apenas encrespava suavemente a água e, quando chegaram ao barco de Ida, ainda podiam ver o veleiro do *conte.* Eles amarraram rapidamente o barco de Mosca sob a ponte e passaram para o barco maior.

— Agora contem, foi tudo bem? — perguntou Ida impaciente quando os quatro subiram a bordo. — Só pude ver que ele tem um veleiro, nada mais, vocês estavam muito longe.

— Tudo certo, estamos com o dinheiro, ele está com a asa — disse Scipio, e pôs a sacola com o pagamento entre as pernas. — Havia também uma mulher junto com ele. E você tinha razão, eles estão indo para a laguna.

— Como eu pensava — Ida fez um sinal para Giaco, que já havia ligado o motor e rumou para a baía.

— Infelizmente, ele desligou a lanterna vermelha — Mosca gritou para que Giaco pudesse ouvi-lo em meio ao pipocar do motor. — Mas por sorte dá para ver bem o barco.

Giaco resmungou algo incompreensível e manteve o rumo, como se não houvesse nada mais fácil do que perseguir um barco estranho sob a luz do luar.

— Vocês contaram o dinheiro? — perguntou Ida.

— Mais ou menos — disse Scipio. — De qualquer forma, é um montão de dinheiro.

— Posso dar uma olhada com o binóculo? — perguntou Mosca. Ida deu o binóculo para ele e ajeitou melhor o xale em volta da cabeça.

— Está conseguindo ver? — ela perguntou.

— Estou — respondeu Mosca. — Estão indo bem devagar, mas quase já saíram da baía.

— Não se aproxime demais, Giaco! — Ida gritou na direção da proa.

Giaco balançou a cabeça.

— Não se preocupe, *signora* — ele resmungou.

A cidade havia ficado para trás. A cada vez que Próspero se virava, ela parecia um tesouro perdido brilhando na escuridão. Mas em algum momento o brilho desapareceu e não havia nada ao redor a não ser a noite e o mar. O pipocar do motor rompia o silêncio de forma denunciadora, mas de vez em quando também se ouviam ruídos de motores vindos de outras direções. Eles não eram os únicos na laguna, embora sentissem assim. Aqui e ali despontavam luzes na escuridão, vermelhas, verdes e brancas, luzes de posição, como as que também havia no barco de Ida.

Mas, mesmo se o *conte* tivesse notado o barco, como poderia suspeitar que estava sendo perseguido? Afinal de contas, ele pagara o Senhor dos Ladrões.

Próspero olhou apreensivo para a água, um mar de tinta que em algum ponto, quase imperceptível, fundia-

se com a escuridão do céu. Bo e ele nunca haviam estado em mar aberto, embora os outros já tivessem contado muitas coisas sobre a laguna, sobre todas aquelas ilhas na água rasa, pequenas manchas de terra cercadas por juncais, com suas ruínas de aldeias e fortalezas de muito tempo atrás. Com pomares e hortas para o abastecimento da cidade. E também conventos e sanatórios, para onde os doentes eram levados antigamente, afastados de tudo e de todos pelas águas negras.

O silencioso Giaco conduzia o barco com cuidado através dos *bricole,* os postes de madeira que despontavam da água por toda parte e cujas marcas brancas mostravam o caminho navegável entre os bancos de areia. Às vezes era bastante difícil distingui-las sob a luz do luar.

— Ali na frente fica San Michel — sussurrou Mosca em algum momento.

Lentamente, eles passaram diante dos muros da ilha na qual desde muitos séculos eram enterrados os mortos de Veneza. Quando a ilha-cemitério desapareceu novamente na escuridão, o barco do *conte* tomou o rumo nordeste. Murano, a ilha do vidro, ficou para trás e eles avançaram mais e mais no labirinto de ilhas e ilhotas cobertas de relva.

— Já passamos a ilha para onde antigamente eram levados os doentes de peste? — perguntou Riccio preocupado, enquanto o vulto de uma casa em ruínas deslizava ao seu lado.

Em Veneza, Riccio sabia se orientar melhor do que todos os outros, mas ali, no meio das ilhas, ele era um forasteiro como Próspero.

— Mas isso já faz muito tempo, Riccio — murmurou Próspero, e pensou que o barco na frente deles continuaria a velejar para sempre, eternamente. Ele desejou que Bo ainda estivesse dormindo quando

voltassem, caso contrário Vespa teria uma péssima noite. Bo faria um escândalo terrível se descobrisse que os outros haviam saído para se encontrar com o *conte* sem ele, e que Vespa o havia embalado com leite quente e uma história.

— Você está se referindo a San Lazzaro. — Ida Spavento jogou o seu cigarro aceso na água. — Não, essa ilha fica do outro lado da cidade, mas não é tão tenebrosa como se conta. *Madonna,* se todas as histórias de assombração sobre a laguna fossem verdadeiras...

— Histórias de assombração? — Riccio assoprou as suas mãos frias. — Quais?

Mosca riu, mas a risada não foi muito convincente. Todos conheciam aquelas histórias, Vespa já havia contado dezenas delas. No seu esconderijo, enrolados em cobertores quentinhos, era até divertido se assustar um pouco. Mas ali fora, no mar aberto, no meio da noite, era bem diferente.

— Deixe-me ver, Mosca. — Riccio pegou o binóculo para pensar em outra coisa. — Até onde esse homem pretende ir? Se continuar assim, logo estaremos em Murano, duros e congelados como um frango no supermercado.

Mas eles avançaram mais e mais na escuridão. Todos já estavam com sono, apesar do frio. Então, de repente, Riccio assobiou baixinho e se ajoelhou para ver melhor.

— Acho que estão virando — ele sussurrou agitado. — Ali, estão indo para aquela ilha! Não tenho idéia de que ilha pode ser. Você sabe, Ida?

Ida Spavento pegou o binóculo. Próspero inclinou-se por cima dos seus ombros. Mesmo sem binóculo, ele avistou duas luzes na margem, um muro alto e, ao fundo, atrás dos galhos negros, o contorno de uma casa.

— *Madonna,* acho que sei que ilha é essa! — A voz de Ida parecia um pouco assustada. — Giaco, não se aproxime mais! Desligue o motor. E apague as luzes de posição.

Quando o motor emudeceu, o silêncio os envolveu tão repentinamente, que pareceu a Próspero um animal invisível que os espreitava na escuridão. Ele ouvia a água da laguna bater no casco do barco, a respiração de Mosca ao seu lado e, ao longe, vozes ressoando sobre a água.

— Sim, é ela — sussurrou Ida. — A *Isola Segreta,* a Ilha Secreta. Existem histórias realmente arrepiantes sobre ela. Antigamente, os Vallaresso, uma das famílias mais antigas da cidade, tinham uma propriedade aqui, mas já faz muito tempo. Pensei que eles tivessem ido embora e a casa já estivesse em ruínas. Mas parece que me enganei.

— *Isola Segreta?* — Mosca olhou para as luzes ao longe. — Mas é a ilha para onde ninguém vai.

— È verdade, não é fácil arranjar um barqueiro que se disponha a vir para cá — respondeu Ida sem tirar os olhos do binóculo. — Dizem que a ilha é enfeitiçada, que nela aconteceram coisas terríveis... Será que o carrossel está lá? O carrossel das Irmãs de Caridade?

— Escutem! — disse Próspero bem baixinho. Latidos ecoavam sobre a água, fortes e ameaçadores.

— Devem ser vários cães! — sussurrou Mosca. — E grandes ainda por cima.

— Já não basta, *signora?* — disse Riccio com a voz estridente de tanto medo. — Já seguimos o *conte* até esta ilha amaldiçoada. Não combinamos nada além isso, então diga ao seu amigo mudo para nos levar para casa.

Mas Ida não respondeu. Ela continuou observando a ilha com o binóculo.

— Estão desembarcando — ela disse em voz baixa. — Ahá, então esse é o *conte* de vocês. Pelo que

descreveram, eu o imaginava mais velho. E ao lado dele — ela baixou ainda mais a voz — deve ser a mulher da qual Scipio falou. Quem é que podem ser esses dois? Será que ainda há Vallaresso morando na ilha?

Mosca, Próspero e Scipio olhavam para a ilha tão curiosos quanto Ida. Somente Riccio estava sentado, aflito, ao lado da sacola de dinheiro, e olhava para as costas largas de Giaco, como se elas pudessem diminuir o seu medo.

— Tem um ancoradouro ali — sussurrou Scipio — e uma escada de pedra que sobe pela margem até o portão.

— Quem está ali no muro? — Mosca agarrou-se no braço de Próspero, apavorado. — Tem duas figuras de branco ali!

— São estátuas — Ida o tranqüilizou. — Anjos de pedra. Agora estão abrindo o portão. Oh, os cães são realmente grandes.

Os meninos podiam vê-los mesmo sem binóculo: dois dogues brancos enormes, grandes como bezerros. De repente, como se tivessem farejado algo estranho, eles viraram os focinhos para a água e começaram a latir, tão alto e com tanta fúria que Ida levou um susto e deixou os binóculos caírem. Próspero ainda conseguiu pegá-los, mas eles escorregaram dos seus dedos e caíram na água com um baque sonoro.

O barulho cortou o silêncio como um tiro.

Riccio tapou os ouvidos horrorizado, como se dessa maneira pudesse desfazer o que havia acontecido, enquanto os outros se abaixaram assustados. Apenas Giaco parecia não se abalar com tudo aquilo e continuava impassível atrás do timão.

— Eles nos ouviram, *signora!* — ele disse calmamente. — Estão olhando para cá!

— É verdade! — sussurrou Scipio e espiou pela borda do barco. — Mas que maldito azar!

— Sinto muito — sussurrou Ida. — Oh, meu Deus! Abaixem a cabeça, você também, Giaco! Acho que a mulher está com uma espingarda!

— Era só o que faltava! — Mosca gemeu, cobrindo a cabeça com o casaco.

— Para que isso? Eles não conseguem enxergar você! — resmungou Riccio, e se agachou com a sacola de dinheiro. — Mas nós brilhamos no escuro como a lua cheia! Eu disse que isso tudo era uma idéia de girino! Eu disse para voltarmos!

— Riccio, feche a matraca! — ralhou Scipio.

Os dogues na ilha latiam cada vez mais furiosos. Em meio aos latidos, misturou-se uma voz de mulher, alta e irada, e então... houve um disparo. Próspero abaixou-se e puxou Scipio consigo quando viu o fogo. Riccio começou a chorar.

— Giaco! — A voz de Ida saiu esganiçada. — Dê meia-volta! Depressa!

Sem dizer uma palavra, Giaco ligou o motor.

— É o carrossel? — Scipio queria se levantar, mas Próspero o puxou de novo para baixo.

— O carrossel não pode ressuscitar os mortos! — exclamou Ida. — Acelere, Giaco! E você, Senhor dos Ladrões, abaixe a cabeça!

O motor estrondeava nos seus ouvidos, e a água espirrava enquanto Giaco deixava a *Isola Segreta* para trás. Ela foi diminuindo, até ser engolida pela noite.

Ida e os meninos estavam juntos uns dos outros. Nos seus rostos estampavam-se a decepção e o medo, mas também o alívio por terem escapado ilesos.

— Essa foi por pouco! — disse Ida, cobrindo as orelhas com o xale que havia caído. — Sinto muito por tê-los convencido a fazer esta besteira. Giaco! — ela chamou furiosa. — Por que você não tirou essa idéia estúpida da minha cabeça?

— É impossível tirar uma idéia da sua cabeça, *signora!* — respondeu Giaco sem se virar.

— Ah, agora não importa mais — disse Mosca. — O principal é que estamos com o dinheiro.

— Isso mesmo — murmurou Riccio, embora ainda parecesse muito assustado.

Scipio, porém, olhava com uma expressão melancólica para o rastro de espuma que o barco deixava.

— Vamos, esqueça isso! — disse Próspero. — Eu também queria ter visto o carrossel.

— Ele está lá! — disse Scipio olhando para Próspero. — Tenho certeza.

— Por mim, tanto faz — disse Riccio. — Mas agora deveríamos contar o nosso dinheiro.

Como Scipio e Próspero não se mexeram, ele e Mosca resolveram começar, enquanto Ida continuava sentada ao seu lado pensativa, e jogava uma bituca atrás da outra na laguna. Quando as primeiras luzes da cidade já se espelhavam na água, Riccio e Mosca ainda estavam contando o dinheiro.

Somente quando Giaco entrou novamente na *sacca* delia Misericórdia, eles fecharam a sacola.

— Parece que está certo — disse Mosca. — Pelo menos por alto. A gente se perde o tempo inteiro com tantas notas.

Ida fez que sim, e olhou preocupada para a bolsa. — Vocês têm um lugar para guardar isso? É realmente um monte de dinheiro.

Mosca olhou inseguro para Scipio, que deu de ombros.

— Escondam no mesmo lugar onde guardamos o dinheiro de Barbarossa. Ali é seguro.

— Bom. — Ida suspirou. — Então vou deixados no barco de vocês. Suponho que tenham um lugar quente

para dormir. Mandem lembranças para o pequeno e para a menina. Eu...

Ela ia dizer mais alguma coisa, mas Riccio a interrompeu, precipitadamente, como se as palavras estivessem queimando a sua boca.

— Scipio não vai com a gente. Talvez você possa levá-lo para casa.

Próspero abaixou a cabeça, Mosca começou a brincar com as fivelas da sacola de dinheiro, evitando olhar na direção de Scipio.

— Ah, sim, claro. — Ida virou-se para Scipio. — A trégua acabou. Quer ficar na ponte da Accademia, onde o apanhei, Senhor dos Ladrões?

Scipio balançou a cabeça.

— *Fondamenta* Bollani — ele disse baixinho. — Pode ser? “Nunca mais vai ser como antes”, pensou Próspero. Ele tentou se lembrar da raiva e da decepção que sentira ao descobrir que Scipio os havia enganado. Mas agora o que via era o rosto pálido e tenso de Scipio, e os seus lábios apertados, com os quais parecia tentar conter as lágrimas. Scipio estava ali totalmente imóvel, os ombros tensos, como se temesse desabar se desse um único suspiro. Ou se olhasse para seus amigos.

A própria Ida parecia notar o seu esforço para se controlar.

— Bem, Giaco, primeiro para o barco e depois para a *fondamenta* Bollani — ela disse rapidamente.

Quando entraram no canal onde estava o barco de Mosca, voltou a nevar, suavemente apenas, flocos minúsculos flutuavam sobre a água. Um deles entrou no olho de Ida, e ela piscou.

— Agora a minha asa se foi — ela disse, observando as casas na margem do canal. — Acho que vou passar a noite inteira na cama olhando para o teto e me perguntando se ela agora realmente está nas costas de um leão. Ou quem eram esse *conte* misterioso e a

mulher de cabelos brancos. — Ela fechou melhor o seu casaco para se aquecer. — Numa cama quentinha, é possível pensar nisso sem correr perigo.

O barco de Mosca sacolejava pacificamente onde o haviam deixado. Um gato se acomodara no banco do remador e pulou assustado para a margem quando o barco a motor se aproximou.

— *Buona notte!* — disse Ida, antes que Próspero, Riccio e Mosca subissem novamente no barco. — Venham me visitar, mas não esperem até ficarem adultos e irreconhecíveis. E se alguma vez precisarem de ajuda... sei que agora vocês estão ricos, mas nunca se sabe... pensem em mim.

Os meninos se entreolharam encabulados.

— Obrigado — murmurou Mosca, e pôs a sacola do *conte* debaixo do braço. — É realmente muito gentil. Realmente...

— E garanto que nunca mais roubaremos a Casa Spavento. Não mesmo — acrescentou Riccio, o que lhe valeu uma cotovelada de Mosca.

Os dois já desciam do barco, quando Próspero se virou mais uma vez para Scipio. O Senhor dos Ladrões estava de pé, olhando para as casas escuras na margem alta.

— Vá buscar a sua parte quando quiser, Scip — disse Próspero.

Por um instante, ele pensou que Scipio não fosse responder. Mas então ele se virou.

— Eu vou — ele disse, olhando para Próspero. — Mande lembranças a Vespa e Bo.

E virou de costas novamente.

34

— Brr, que frio! — sussurrou Riccio quando finalmente chegaram à saída de emergência do cinema. Ele tateou em busca do cordão que havia ao lado da porta e parou espantado. — Ei, vejam, a porta não está trancada.

Cautelosamente, ele a empurrou com o pé.

— Provavelmente Vespa ficou com medo de não acordar com a campainha — disse Mosca.

Os outros dois concordaram com a cabeça, mas não estavam tranqüilos quando entraram no corredor escuro.

Na sala do cinema, estava tão silencioso que eles ouviram os gatinhos de Bo se esgueirarem na escuridão.

— O que é isso? — sussurrou Mosca quando passavam pelas poltronas. — Vespa se esqueceu de apagar as velas. Lembram como ela ficou brava uma vez que eu também esqueci?

— Vai ver ela não teve coragem de se levantar, porque Bo faria um escândalo se acordasse — sussurrou Riccio.

Abafando o riso, ele se aproximou de mansinho do canto onde Vespa dormia. O colchão dela ficava do lado

esquerdo da parede, cercado por pilhas de livros lidos e relidos, como um castelo por seus muros. Riccio espiou cautelosamente por cima dos livros — e se virou apavorado.

— Não estão aqui.

— Como assim? — Próspero sentiu o coração disparar.

Ele pulou por cima dos livros de Vespa até o colchão que ela dividia com Bo: nada além de travesseiros e cobertores amassados. Nada de Bo. Nos colchões de Mosca e de Riccio, ele também não estava.

— Eles estão querendo brincar de esconde-esconde! — disse Mosca. — Ei, Vespa, Bo! — ele chamou. — Vamos, saiam. Não estamos com nenhuma vontade de brincar. Vocês não imaginam o frio que estava lá fora! Agora queremos ir para baixo das cobertas.

— Isso mesmo! — exclamou Riccio. — Mas antes vocês podem dar uma olhada na montanha de dinheiro que trouxemos. Que tal?

Nenhuma resposta. Nenhuma risada ou ruído. Nem mesmo os gatos se mexeram. Próspero se lembrou da porta destrancada. Ele tinha a sensação de que alguém apertava sua garganta.

De repente, Riccio se ajoelhou sobre o colchão de Vespa.

— Tem um bilhete aqui. É a letra de Vespa.

Próspero arrancou o papel da sua mão.

Mosca olhou por cima dos ombros dele, apreensivo.

— Leia. O que diz?

— Está difícil de decifrar! Ela deve ter escrito com muita pressa. Próspero balançou a cabeça desesperado. Ele via as letras embaralhadas.

— *Tem alguém na entrada principal* — ele leu de forma entrecortada. — *Talvez a polícia.Vamos tentar*

fugir.Vão para o ponto de encontro de emergência. Vespa.

— Isso não está me cheirando bem! — sussurrou Mosca. Próspero não tirava os olhos do bilhete.

— Droga! Eu sabia! Por que vocês não me ouviram? — Riccio chutou as pilhas de livros, uma por uma. — Como puderam confiar nesse espião intrometido? Sua palavra de honra! Ele nos traiu. Agora vocês estão vendo o que ele entende por palavra de honra!

Próspero ergueu a cabeça. Ele não podia acreditar, mas não havia outra explicação. Riccio estava certo. Somente Victor poderia ter denunciado o esconderijo. Sem dizer nada, Próspero enfiou o bilhete de Vespa no bolso da calça e começou a mexer furiosamente nos travesseiros.

— O que você está procurando? — perguntou Mosca. Próspero não respondeu. Mas quando se levantou, tinha uma pistola na mão, a pistola que ele mesmo havia tirado do bolso de Victor.

— Largue isso, Prop! — Mosca se pôs na sua frente. — O que você pretende fazer? Matar o detetive? Nem sabemos se foi ele que nos entregou.

— Quem mais poderia ser? — Próspero guardou a pistola no casaco e afastou Mosca. — Vou até a casa dele. Quando eu enfiar a sua própria pistola no seu nariz, ele vai me dizer se foi ele.

— Não diga uma besteira dessas! — Mosca tentou detê-lo. — Vamos primeiro para o ponto de encontro.

— Onde é? — Próspero tremia, tinha a sensação de que as suas pernas falhariam no próximo instante.

— Ah é, você e Bo não sabem. Foi Vespa quem escolheu: é o *Cagalibii,* o caga-livros, no *campo* Morosini.

Próspero fez que sim. — Então vamos! O que estão esperando?

— E o que fazemos com o dinheiro? — Riccio olhou para os dois como um coelhinho assustado. — E as nossas coisas? Agora não estão mais seguras aqui.

— Vamos levar o dinheiro — respondeu Mosca impaciente. — O resto a gente pode vir pegar depois. Também não tem nada assim tão valioso. E talvez tenha sido só um alarme falso.

Mosca guardou no casaco o dinheiro que ainda restava do último negócio com Barbarossa, e Riccio pegou a sacola do *conte.* Eles olharam mais uma vez ao redor, como se não tivessem certeza de que voltariam. Então apagaram as velas e saíram.

Eles correram durante quase todo o caminho até o *campo* Morosini. Nas ruas, as primeiras lojas já começavam a abrir, embora o céu ainda estivesse escuro. Barcos de carga deslizavam sob as pontes trazendo alimentos para a cidade, barcos de lixo recolhiam os dejetos do dia anterior. A cidade acordava, mas os três meninos mal se davam conta disso. Enquanto percorriam as ruas escuras, imaginavam milhares de coisas que poderiam ter acontecido com Vespa e Bo e, quanto mais se aproximavam do *campo* Morosini, mais terríveis eram seus pensamentos. Com a respiração pesada, eles chegaram ao ponto de encontro: o monumento de um homem com uma pilha de livros atrás de si. Niccolo Tommaseo era o seu nome, mas na cidade todos o chamavam de *Cagalibri,* o caga-livros.

Vespa não estava lá e Bo também não. Nada podia mudar esse fato, por mais atentamente que olhassem ao seu redor.

Sem dizer uma palavra, Próspero se virou e começou a correr.

— Prop! — Mosca o chamou enquanto Riccio punha a mão no seu flanco dolorido. — A casa do espião é longe. Por acaso você pretende ir correndo?

Mas Próspero nem se virou.

— Vamos! — disse Mosca e puxou Riccio, que ainda ofegava. — Temos de ir atrás dele, senão ele vai fazer uma besteira.

35

Scipio pediu a Ida que o deixasse a duas pontes da casa do seu pai, pois queria caminhar um pouco na neve ao longo do canal e sentir no rosto o ar frio, que lhe dava a sensação de ser livre e forte. Ele só não podia pensar nos outros. Ou na sua grande casa, que logo o faria se sentir dócil e insignificante. Scipio traçou figuras geométricas sobre a fina camada de neve com os saltos das botas, depois se agachou e desenhou uma asa com o dedo na beira do canal. Quando ergueu a cabeça, ele viu o barco da polícia, a poucos metros da casa de seus pais.

Scipio se levantou assustado. Seus pensamentos se atropelavam. Aquilo poderia ter alguma coisa a ver com o *contei* Ainda bem que ele não estava com a sacola de dinheiro.

— Ah, não, impossível! — ele murmurou, e quase não conseguiu enfiar a chave na fechadura de tão nervoso. — Eles devem estar na casa do *signor* Veronese. Lá, basta um pombo fazer cocô no telhado para disparar o alarme.

Ele abriu o portão tentando fazer o mínimo de ruído, contente por seu pai não ter fechado o trinco. Como sempre, havia uma luz acesa entre as colunas. No pátio, nada se mexia. Scipio prendeu a respiração e se

esgueirou até a escada. Ele era mestre nisso. Mas dessa vez seus esforços foram em vão.

Ele já estava com um pé no primeiro degrau, quando ouviu vozes no andar de cima. Apreensivo, Scipio ergueu a cabeça e parou como que petrificado: dois *carabinieri* desciam a escada com Vespa.

Ela parecia magra e pequenina entre aqueles dois homens com uniformes azuis, que estavam rindo de alguma piada que seu pai devia ter acabado de contar. Seu pai.

Ele estava lá em cima no parapeito. Quando viu Scipio, ele franziu a testa. O sorriso de satisfação consigo mesmo desapareceu de seus lábios e deu lugar à expressão que o seu rosto costumava adquirir quando olhava para Scipio: de impaciência, de decepção, de espanto e aborrecimento.

— Senhores! — ele exclamou com a voz que Scipio gostava de imitar, pois o timbre do pai era muito mais imponente do que o seu próprio. — Como vêem, o problema está resolvido. Meu filho decidiu voltar para casa, ainda que num horário muito pouco adequado. Muito obrigado pelo seu empenho. Mas isso prova que ele não tem nada a ver com essas crianças que se refugiaram no Stella.

Scipio mordeu os lábios e olhou para Vespa. Ela diminuiu o passo quando o viu.

— Você conhece esse menino? — perguntou um dos policiais, que tinha um bigodinho estreito e escuro. — Vamos, responda.

Mas Vespa apenas balançou a cabeça.

— Para onde vão levá-la? — perguntou Scipio, e se assustou com a sua própria voz, de tão alta e estridente que soou.

O policial com o bigodinho riu, enquanto o outro pegava Vespa pelo braço.

— Oh, você acha que precisa protegê-la? É um pequeno cavalheiro, não é? Não se preocupe, não a roubamos de ninguém. É uma insolente que não quer nos dizer o seu nome. Apenas a trouxemos aqui porque pensamos que através dela seu pai poderia descobrir alguma coisa sobre o seu desaparecimento.

— Nossa empregada mandou me chamar, ela estava totalmente histérica! — exclamou o *dottor* Massimo de lá de cima, olhando para Scipio. — Porque não o encontrou na sua cama, por volta de meia-noite. Assim que voltei, a polícia ligou para me informar que o Stella, o cinema que mandei fechar, tinha sido invadido por um bando de crianças órfãs. Eu logo expliquei aos senhores que o seu desaparecimento não podia ter nenhuma relação com esse fato. Que capricho infantil o fez sair de casa no meio da noite? Você foi atrás de algum gato sem dono?

Scipio não respondeu. Ele tentava desesperadamente não olhar o tempo todo para Vespa. Ela parecia tão triste, tão perdida. Não parecia de forma alguma a Vespa com a qual ele se irritava tantas vezes.

— Eu só fui ver a neve — ele murmurou.

— Ah, sim, a neve, a neve deixa as crianças malucas! — disse o *carabinieri* de bigodinho, e piscou para Scipio, enquanto o outro policial arrastava Vespa para baixo.

— Me solte, sei andar sozinha! — disse Vespa rispidamente. Ela pulou o último degrau e passou bem perto de Scipio com a cabeça abaixada.

— Bo está com a tia dele! — ela sussurrou para ele.

— Ei, ei, não tão depressa! — ralhou o policial de quem ela havia se soltado, segurando-a pela nuca.

— Buona notte, dottor Massimo! — exclamaram os *carabinieri* antes de desaparecer entre as colunas.

Vespa não olhou para trás.

Scipio subiu a escada hesitante. Ele ouviu o portão de entrada bater.

Seu pai olhava para ele sem dizer nada.

"Quem denunciou o esconderijo?", pensou Scipio. "O que aconteceu com os outros? Onde estão Próspero, Mosca e Riccio? Por que Bo está com a tia?"

— Agora me diga de onde está vindo de verdade. — Seu pai o mediu com os olhos, da cabeça aos pés.

Scipio tinha a sensação de que podia ouvir os pensamentos do pai. Na certa, ele se perguntava mais uma vez o que tinha a ver com aquele ser estranho que chamava de filho e que não era tão grande quanto ele, nem tão inteligente, interessante e empreendedor, e muito menos tão controlado, previsível e sensato, enfim nem um pouco parecido com ele.

— Já disse — respondeu Scipio. — Estava vendo a neve. Além disso, fui atrás de um gato. A minha gata felizmente melhorou, já está comendo de novo.

— Está vendo? Ainda bem que não chamei o veterinário. — O *dottor* Massimo franziu a testa. A sua voz soava totalmente tranqüila. Ele nunca gritava, mesmo quando estava furioso. — Não pense que essa sua saída no meio da noite vai ficar impune. A empregada vai trancar sua porta nas próximas noites. Pelo menos, enquanto essa neve estúpida fizer você se comportar de maneira mais infantil do que o habitual. Entendido?

Scipio não respondeu.

— Meu Deus, como odeio essa sua cara de teimosia. Se você soubesse como consegue parecer idiota. — O pai de Scipio se virou bruscamente. — Preciso pensar em alguma coisa para fazer com esse cinema — ele disse e começou a andar. — Crianças indolentes, incrível, provavelmente uns ladrõezinhos, como supõe a polícia. Por que esse jornalista não me

contou, esse que esteve aqui há pouco tempo, como é mesmo o seu nome? Getz ou algo parecido.

— Como assim, indolentes? — Scipio engoliu a saliva. — A menina parecia ser simpática. E se as crianças não tiverem casa, por que não podem morar no cinema? Ele está vazio mesmo.

— Meu Deus, cada absurdo que as crianças são capazes de dizer. Está vazio, e daí? Você acha que por causa disso vou querer que todos os vagabundos da cidade se escondam lá?

— Mas o que vai ser deles agora? — Scipio sentiu o sangue ferver. E depois sentiu frio. Muito frio. — Mas você viu a menina. O que vai acontecer com ela? Você não pensa nisso?

— Não. — Seu pai olhou para ele surpreso. Como era grande. — Por que você se importa com o destino dessa garota? Tanta compaixão assim só vi você demonstrar por gatos. Por acaso você a conhece?

— Não — Scipio notou como levantava a voz. Ele não conseguia evitar. — Não, mas que droga! Preciso conhecê-la para ter pena dela? Você não pode ajudá-la de alguma maneira? Você é uma pessoa muito importante aqui na cidade, não é?

— Vá para a cama, Scipio — respondeu o pai, e escondeu um bocejo atrás da sua mão delgada. — Meu Deus, que noite!

— Por favor! — balbuciou Scipio. As lágrimas escorriam dos seus olhos e, por mais que ele as enxugasse com raiva, sempre vinham outras. — Por favor, pai, talvez você conheça alguém que possa adotar essa menina, ela não fez nada, só está sozinha...

— Vá para a cama, Scipio — o pai o interrompeu. — Deus do céu, acho que você ficou olhando muito para a lua lá fora. Agora só falta você começar a viver de acordo com seu horóscopo, como sua mãe.

— Isso não tem nada a ver com a lua! — gritou Scipio. — Você é que nunca me escuta. Você não sabe quem eu sou! Não faz a menor idéia!

Mas nesse momento o pai há havia fechado a porta do quarto. E Scipio ficou onde estava, chorando.

36

Victor tivera uma noite horrível. O homem que tinha de seguir ficara andando de bar em bar até as duas da madrugada. Depois ele entrara numa casa, na frente da qual Victor ficara plantado até o amanhecer. E não parará de nevar um só instante. Victor tinha a sensação de que era feito de gelo dos pés até os joelhos, e que o gelo rangia e estalava como se fosse rachar.

— Mal posso esperar para me deitar na banheira — ele murmurou ao atravessar a ponte que ficava perto da sua casa. — Com água tão quente que daria para fazer um chá.

Bocejando, ele procurou a chave no bolso do sobretudo.Talvez devesse mudar de profissão. Os garçons dos cafés na praça São Marcos corriam para lá e para cá tanto quanto ele, mas o mais tardar à meia-noite podiam ir para casa. Ou então vigia de museu, por que ele não se tornava vigia de museu? Esses saíam mais cedo ainda. Victor bocejou de novo. Ele simplesmente não conseguia mais parar de bocejar. Estava com tanto sono que só percebeu os três pequenos vultos na porta da sua casa quando eles vieram na sua

direção. Os três meninos pareciam muito assustados, embora um deles tivesse encostado uma pistola no nariz de Victor, a sua própria pistola, como ele não pôde deixar de notar.

— Ei, ei, o que é isso? — ele disse em tom apaziguador, enquanto os três o arrastavam para a porta.

— Abra, Victor! — ordenou Próspero sem largar a pistola. Mas Victor simplesmente afastou o cano para o lado antes de tirar a chave do bolso.

— Vocês poderiam fazer a gentileza de me explicar o que significa essa palhaçada? — ele resmungou enquanto abria a porta. — Se for uma nova brincadeira, fiquem sabendo que já estou velho demais para achar graça.

— Bo e Vespa desapareceram — disse Mosca. — E Prop acha que você denunciou o nosso esconderijo para a polícia. Riccio também acha.

— Para a polícia ou para a minha tia — disse Próspero.

Ele estava pálido de tanta raiva, mas os seus olhos pareciam suplicar a Victor que tudo aquilo não fosse verdade, que ele não tivesse delatado Bo e Vespa, que não tivesse mentido e enganado a todos.

— Dei a minha palavra de honra para vocês, já se esqueceram? — disse Victor indignado. Então ele perdeu a paciência e arrancou a pistola da mão fria de Próspero. — Por mim ninguém soube de nada, está claro? Será que vocês não percebem em quem podem confiar? Entrem, senão daqui a pouco vamos virar uma atração turística.

Arrependidos, os três subiram a escada atrás de Victor.

— Eu sabia que não podia ter sido você — disse Mosca quando Victor os empurrou para dentro do apartamento. — Mas Próspero…

— Próspero não está conseguindo pensar direito — Victor terminou a frase. — O que é compreensível, se o irmão dele realmente desapareceu. Mas agora me contem como isso pode ter acontecido. Os dois estavam sozinhos?

Eles se sentaram na diminuta cozinha do detetive. Victor fez um café e serviu azeitonas, enquanto os meninos contavam tudo o que acontecera desde que ele havia saído da sua prisão no esconderijo. A *grappa,* que Victor ofereceu para se aquecerem, foi recusada gentilmente depois que eles sentiram o cheiro.

— Vocês realmente têm sorte — disse Victor quando as crianças terminaram o relato. — Se eu já não os conhecesse, não acreditaria numa só palavra dessa história maluca. Primeiro vocês entram escondido numa casa estranha e fazem um acordo com a pessoa que estão roubando, depois vendem o objeto roubado com o consentimento dela e saem navegando pela laguna atrás de um carrossel em plena madrugada. Meu Deus do céu, ainda bem que vocês não precisam explicar tudo isso para os *carabinieri.* Ah, como eu gostaria de dizer à doida dessa *signora* Spavento o que acho dela! Insuflar um bando de moleques a ir com ela no meio da noite para a *Isola Segreta.*

— Não sabíamos que o *conte* morava justamente nessa ilha amaldiçoada — murmurou Mosca encabulado.

— O que dá na mesma — Victor franziu a testa e esfregou os olhos pesados de sono. — O que tem nessa bolsa? A sua recompensa como ladrões?

Mosca fez que sim.

— Mostre o dinheiro para ele — disse Próspero. — Ele não vai querer roubar.

Mosca hesitou um instante e colocou a bolsa em cima da mesa da cozinha. Quando ele abriu, Victor assobiou baixinho.

— Vocês ficaram andando com isso pela cidade? — ele murmurou, e tirou um maço de notas de dentro da sacola. — Vocês realmente têm bons nervos.

Ele tirou uma nota do maço, observou-a mais de perto e depois a segurou contra a luz.

— Um momento! — ele disse. — Vocês foram enganados. Este dinheiro é falso.

Os meninos se entreolharam estupefatos.

— Falso? — Riccio arrancou a nota da mão de Victor e a examinou preocupado. — Não estou vendo nada. Ela... parece bem autêntica.

— Não parece, não — Victor respondeu, pôs de novo a mão na sacola e examinou mais um maço. — Todas falsas — ele concluiu. — E nem estão muito bem-feitas. Parece que foram tiradas numa copiadora colorida. Sinto muito por vocês.

Com um suspiro, ele colocou o dinheiro de volta na bolsa. Os três meninos olharam um para o outro estarrecidos.

— Tudo isso por nada — murmurou Riccio. — Entrar na casa, andar de barco pela laguna. Quase levamos um tiro! E para quê? Por um monte de dinheiro falso. Droga!

Furioso, ele empurrou a sacola de cima da mesa. Os maços de dinheiro voaram para fora e se esparramaram no chão da cozinha de Victor.

— E Vespa e Bo desapareceram! — Mosca cobriu o rosto com as mãos.

— Exatamente. — Victor recolheu o dinheiro do chão e o enfiou de novo na sacola. — É nisso que deveríamos pensar primeiro. Onde eles podem estar?

Ele se levantou com um suspiro e foi até o seu escritório. Os três meninos foram atrás dele, pálidos como fantasmas.

— A sua secretária eletrônica está piscando — observou Mosca quando se aproximaram da

escrivaninha.

— Qualquer dia vou jogá-la pela sacada — resmungou Victor, e apertou o botão para ouvir as mensagens.

Próspero reconheceu imediatamente a voz que saía do pequeno alto-falante. Ele teria reconhecido a voz de Esther em qualquer lugar, mesmo se de repente ela começasse a anunciar os horários dos trens na estação de Veneza.

— *Signor* Getz, aqui fala Esther Hartlieb. O serviço para o qual o contratamos foi resolvido esta noite. Graças às indicações de uma velha senhora que viu o nosso cartaz, finalmente conseguimos encontrar o meu sobrinho. Ao que tudo indica, ele estava escondido há várias semanas num cinema em ruínas, junto com uma menina que não quer revelar o nome. A polícia está cuidando dela. Quanto a Bo, naturalmente ainda está um pouco transtornado, e um tanto mais magro. Até agora, não quis dizer nada sobre o paradeiro do irmão. Quem sabe, talvez ele esteja tão furioso com ele quanto eu.

Podemos tratar da questão dos seus honorários nos próximos dias, pois estaremos no Sandwirth até o começo da semana que vem. Por favor, queira anunciar a sua visita. Até mais.

Próspero ficou onde estava, imóvel, como se tivesse se transformado em pedra.

Victor não sabia o que dizer. Ele gostaria muito de dizer alguma coisa, alguma coisa que fizesse os meninos voltarem a parecer um pouco mais vivos. Mas não lhe ocorria nada. Nenhuma palavra.

— Mas que velha senhora? — perguntou Riccio com voz de choro. — Titica de pomba, quem é que pode ser?

— Ontem, a tia de Próspero mandou pendurar cartazes na cidade inteira, com uma foto dos sobrinhos. — Victor resolveu não contar quem havia tirado a foto,

por precaução. — Parece que oferecia uma recompensa considerável. Vocês não viram nenhum?

Os meninos negaram com a cabeça, atônitos.

— Pelo jeito, a velhinha viu — disse Victor. — Talvez ela more perto do cinema e os tenha visto entrar e sair algumas vezes. Talvez ela até tenha pensado que estava fazendo alguma coisa boa avisando a tia dos pobres meninos.

Próspero não se mexia e olhava para fora da sacada. Já havia amanhecido, mas o céu estava cinzento e coberto de nuvens.

— Esther nunca mais vai largar Bo. Nunca mais. — murmurou Próspero. Ele olhou para Victor totalmente desesperado. — Onde fica o Sandwirth?

Victor não tinha certeza se deveria lhe dizer, mas Mosca tomou a decisão.

— Na *riva* degli Schiavoni — ele respondeu. — Mas o que você vai fazer lá? É melhor voltar com a gente para o esconderijo. Precisamos pegar as nossas coisas antes que a polícia apareça por lá novamente. Enquanto isso, Victor poderia tentar descobrir para onde os *carabinieri* levaram Vespa, não é? — ele olhou para Victor esperando a resposta.

Victor fez que sim.

— Claro, bastam alguns telefonemas. Apenas me digam o seu nome verdadeiro.

— Em alguns dos seus livros tem um nome — disse Próspero com voz apagada. — Caterina Grimani. Mas de que serve isso? Na certa, levaram Vespa para um orfanato, e de lá não dá para tirada. Ela se foi, que nem Bo.

— Próspero... — Victor se levantou e se apoiou na escrivaninha. — Venha, não é o fim do mundo...

— É sim — disse Próspero, abrindo a porta. — Agora preciso ficar sozinho.

— Espere! — disse Riccio aflito, e deu um passo na sua direção. — Poderíamos levar nossas coisas para a casa de Ida Spavento. Ela nos ofereceu ajuda, lembra? Bem, provavelmente ela não esperava que já aparecêssemos hoje, mas podemos tentar.

— Tentem — disse Próspero. — Para mim, tanto faz. Então ele fechou atrás de si a porta do apartamento de Victor. Mosca e Riccio se viraram para Victor em busca de ajuda.

— E agora? — perguntou Riccio.

Mas Victor apenas balançou a cabeça e ficou olhando para a secretária eletrônica.

37

A governanta de Ida Spavento abriu a porta quando Riccio tocou a campainha. Quase não dava para ver a sua cabeleira desgrenhada atrás da grande caixa de papelão que ele carregava.

— Já não o conheço? — grunhiu a gorda governanta, e ergueu os óculos desconfiada.

— Sim. — Riccio sorriu para ela com o seu sorriso mais radiante. — Só que agora eu não queria falar com a senhora, mas com Ida Spavento.

— Ah é? — A governanta cruzou os braços na frente do seu peito enorme. — Você deve dizer *"signora* Spavento", seu malcriado. E posso saber o que quer com ela?

— Bem, agora quem está curioso sou eu — murmurou Victor, que estava atrás de Riccio com uma caixa ainda maior.

Todos os pertences das crianças cabiam em três caixas de papelão. A terceira estava com Mosca. Eles realmente deviam formar um trio estranho. Victor admirou-se de que a mulher de avental florido não tivesse batido a porta na sua cara. E, nos bolsos do

sobretudo de Victor, os gatinhos de Bo espiavam para fora.

— Diga que Riccio e Mosca estão aqui, que ela vai saber do que se trata — disse Riccio.

— Riccio e Mosca são dois. — A gorda mulher mediu Victor com o olhar. — E esse aí, é o seu pai?

— Ele? Imagine! — Riccio riu. — Ele é...

— ...o tio — Victor terminou a frase. — E agora, por favor, poderia avisar a *signora* Spavento antes que essa caixa caia nos meus pés? Digamos que ela não está muito leve.

A governanta olhou para ele tão severa que Victor se sentiu como um menininho. Mas depois ela foi. Quando voltou, abriu a porta sem dizer uma palavra e fez um sinal com a cabeça para os três entrarem.

Victor estava muito curioso para conhecer Ida Spavento.

— Ela é um pouco maluca — Riccio lhe contara. — Fuma como uma chaminé e não quis me dar nenhum cigarro. Apesar disso, ela é legal.

Victor não estava tão certo disso. Levar três crianças no meio da noite para a laguna e perseguir um homem misterioso que enviou três pequenos ladrões à sua casa, isso não parecia legal para Victor. Maluco, sim. Mas legal? Não.

Mas quando viu Ida, ajoelhada daquele jeito no tapete da sala, com um pulôver vários números maior do que o seu, ele gostou dela. Embora não quisesse.

Ida estava debruçada sobre uma série de fotos que havia espalhado no chão. Ela puxava uma para cá, outra para lá, trocava duas de lugar, punha outras de lado.

— Mas que surpresa! — ela disse quando os meninos entraram com Victor. — Não esperava a visita de vocês tão cedo. O que tem nessas caixas, e como vocês arrumaram um tio de repente?

Ela juntou as fotos e se levantou.

“Oh, céus”, pensou Victor, “ela usa brincos de gôndolas.”

— Estamos em apuros, Ida — disse Mosca, e pôs a sua caixa no chão.

Com um suspiro, Riccio o imitou.

— Os cachorros da gorda estão aí? — ele perguntou. — É que Victor está com os gatinhos de Bo no bolso.

— Você está se referindo aos cães de Lúcia? Não, eles estão trancados no jardim, porque comeram os meus bombons. — Ida franziu a testa e olhou para as crianças preocupada. — Que apuros são esses? O que aconteceu?

— Alguém denunciou nosso esconderijo para a polícia! — disse Mosca.

O lábio inferior de Riccio começou a tremer.

— E os *carabinieri* levaram Vespa e Bo! — prosseguiu Mosca. — Próspero está totalmente desesperado, porque...

— Um momento. — Ida pôs as fotos em cima de uma mesinha. — Ainda não estou muito bem acordada. Deixe-me ver se entendi direito: você tinham um esconderijo, e a polícia o descobriu. Vocês estavam sendo procurados por causa dos seus roubos?

— Não! — exclamou Mosca. — Apenas por causa de Bo. Porque a sua tia estava atrás dele. Mas Bo queria ficar com Próspero. Por isso eles fugiram. Então nós escondemos os dois com a gente. Até ontem à noite estava tudo bem, mas agora alguém denunciou o esconderijo, e a tia deles levou Bo, e Próspero está totalmente desesperado, e Vespa foi levada para o orfanato das Irmãs de Caridade, e...

— ...e o dinheiro que o *conte* nos deu é falso — disse Riccio. Ele pôs a mão no bolso do casaco e mostrou um maço para Ida. — Veja, tudo falso.

Ida se deixou cair na poltrona mais próxima.

— Meu Deus do céu! — ela murmurou.

Nesse momento, Victor não conseguiu mais se conter.

— Essas crianças realmente já têm problemas suficientes, *signora* Spavento — ele desabafou. — E ainda por cima a senhora deu um jeito de lhes arranjar mais alguns! Claro, a senhora tinha que convencê-los de qualquer jeito a participar dessa aventura arrepiante! Uma excursão noturna até a *Isola Segreta...*

— Victor, fique quieto... — murmurou Mosca. Ida ficou vermelha debaixo dos seus cabelos tingidos de loiro. — Vocês contaram tudo para o seu tio? — ela perguntou com voz rouca. — Pensei que fôssemos amigos...

— Ele não é nosso tio coisa nenhuma! — Riccio deixou escapar. — Victor é um detetive, e quis vir junto com a gente de qualquer jeito. Além disso, ele ajudou a salvar as nossas coisas e descobriu que os *carabinieri* levaram Vespa para o orfanato.

— Vespa. É a menina que estava com vocês, certo? — Ida começou a brincar com seus brincos. — Sabem, não entendi bem a história de Bo e da tia dele, talvez seja melhor vocês me explicarem quando eu estiver um pouco mais acordada. Mas quanto a Vespa, deve haver alguma coisa que possamos fazer.

Ida se levantou, tirou um dos gatinhos de Bo do bolso de Victor e colocou-o no seu ombro com cuidado.

— Estou com uma sensação ruim desde que fomos para essa ilha — ela disse. — Não preguei o olho a noite toda. E onde está Scipio?

— Ele ainda não sabe de nada — respondeu Mosca.

— Bem, no momento isso também não serviria de muita coisa. — Ida voltou-se para Victor. — Bem. O que nós vamos fazer?

Ela ficou olhando para ele como quem espera uma resposta. Perplexo, ele retribuiu o olhar.

— *Nós* o quê? — ele balbuciou. — Não podemos fazer absolutamente nada. No máximo, impedir que Próspero se jogue na laguna. Afinal de contas, as coisas não podem ir muito bem quando um bando de crianças pretende se arranjar por conta própria.

— Nos orfanatos, elas também não costumam se arranjar muito bem! — Ida franziu a testa, impaciente. — Mas é claro que essas crianças precisam de ajuda, ou o senhor acha que toda essa confusão vai se resolver sozinha, *signor...?*

— ...Victor — disse Riccio. — Mas também pode chamá-lo de *signor* Getz.

Victor olhou para ele irritado.

— Eu não devia tê-los deixado ir quando apareceram aqui no meio da noite! — disse Ida para os meninos. O gatinho de Bo brincava com os brincos de gôndola. — Mas pensei que vocês estavam se virando bem sozinhos. Ah, mas que idiotice, eu e a minha mania de acreditar em contos de fada! Vou tentar reparar isso! Lúcia vai dar alguma coisa para vocês comerem e depois vocês podem levar as suas coisas lá para cima. Há um quarto vazio no sótão. Mas o que faremos quanto a Próspero e o pequeno? Há alguma coisa que possamos fazer?

— Não conseguiremos nem chegar perto de Bo — respondeu Victor friamente. — Sem chances. A tia dele tem a guarda. E deveríamos manter Próspero sob nossa vista, ele estava bastante desesperado da última vez que o vimos. Riccio, você acha que seria capaz de achar Próspero, mesmo que ele não esteja na frente do Gabrielli Sandwirth?

Riccio fez que sim.

— Pode deixar — ele disse. — Vou achar Próspero e voltar aqui com ele.

— Bom. — Ida balançou a cabeça para a frente. — Isso já é alguma coisa. Mosca, não sei que briga é essa

que vocês tiveram com Scipio, mas acho que você deveria telefonar para ele e contar o que aconteceu esta noite. E que agora estão refugiados aqui. Você faz isso?

Mosca fez que sim, embora não muito entusiasmado.

— Devo contar para ele sobre o dinheiro falso? — ele perguntou.

Ida deu de ombros.

— Uma hora ele vai ter que saber, não vai? Agora, quanto a nós — ela bateu com o dedo no peito de Victor —, que tal se agora nós dois fôssemos buscar a pobre menina no orfanato, Victor? Ou *signor* Getz, como preferir.

— Victor basta — resmungou ele. — Mas por que acha que isso vai ser tão fácil?

Ida pôs o gatinho no chão e sorriu para ele.

— Oh, tenho os meus contatos — ela disse. — E não precisa me acompanhar se não quiser. Embora nessas ocasiões, dois adultos sempre causem melhor impressão do que um só.

Victor olhou incomodado para seus sapatos. Os tapetes de Ida não eram tão gastos como os seus, e mais bonitos, muito mais bonitos.

— Uma vez, eu tive problemas com as Irmãs de Caridade — ele murmurou. — Estava procurando um assaltante que gostava de se disfarçar de freira, e infelizmente ataquei uma freira de verdade por engano. Até hoje elas evitam falar comigo. Embora há dois anos eu tenha conseguido recuperar a sua mais bela estátua da Virgem Maria.

Mosca e Riccio se cutucaram e sorriram, mas Ida apenas olhou para Victor com a cabeça inclinada.

— Podemos nos disfarçar — ela propôs. — Agora você está com cara de detetive, mas podemos dar um jeito nisso facilmente. Tenho um armário com roupas que uso como figurinos para as minhas fotos.

Naturalmente também tenho ternos, inclusive alguns do século XIX.

— Eu preferiria um do século XX — murmurou Victor. Ida sorriu.

— Também tenho barbas e bigodes postiços — ela disse. — Toda uma coleção.

— Verdade? — Victor lançou um olhar para Riccio. — Os meus foram roubados, mas por sorte os reencontrei hoje.

Riccio ficou vermelho e olhou para a janela.

Victor seguiu Ida até um quartinho no andar térreo, onde não havia nada além de dois grandes armários. “É realmente espantoso”, ele pensou enquanto procurava um terno. “Ela tem bigodes postiços.”

38

Vespa estava sentada na cama que lhe haviam destinado, olhando para as paredes brancas e nuas ao seu redor, e pela centésima vez fechou os olhos para ver um outro lugar: uma cortina cheia de estrelas, um colchão cercado por pilhas de livros que à noite sussurravam histórias ao seu ouvido. Ela evocou as vozes na memória, a voz de Mosca, a de Riccio, sempre um pouco agitada, de Scipio, Próspero — e a voz de Bo, mais aguda do que a sua própria. Vespa pegou a colcha branca e fria e imaginou que segurava a mão pequena e roliça de Bo, tão quentinha...

Não que ali no orfanato fosse mais frio do que no cinema abandonado. Provavelmente era bem mais quente, mas Vespa sentia frio. Até nos ossos, até no coração. Será que Bo estava melhor junto com a tia? E o que teria acontecido com os outros?

Vespa sentiu o estômago roncar. Ela não comera nada desde que os *carabinieri* a haviam levado para lá. Nem o café-da-manhã que as irmãs lhe ofereceram, nem o almoço. Ali se almoçava muito cedo. As outras crianças já estavam lá embaixo no refeitório. O cheiro da comida

subia até o dormitório. O espaguete que Mosca fazia tinha um cheiro muito melhor, mesmo quando ele punha sal demais na água, como sempre, ou deixava o molho queimar, como a maior parte das vezes.

Vespa se levantou e foi até a janela, de onde podia ver o pátio. Alguns pombos ciscavam nas pedras. Elas podiam simplesmente sair voando. Vespa viu dois adultos entrando pelo grande portão: uma mulher com um chapéu preto e um homem de barba. A freira que falava alto conduziu os dois para o edifício principal. Teriam vindo para adotar uma criança? Com certeza queriam uma criança pequena, se possível um bebê. Somente os pequenos tinham uma chance de ter novos pais. Os outros apenas podiam esperar até ficarem adultos, ano após ano. Dias, semanas, meses. Como as pessoas demoravam para crescer. Em uma semana os gatos de Bo tinham crescido mais do que Vespa no ano passado. Anos, meses, semanas, dias.

Vespa encostou o rosto no vidro frio e olhou para a outra ala do orfanato, onde, atrás de uma janela, uma outra criança também achatava o nariz contra a vidraça. Ela não havia dito seu nome, embora as irmãs tivessem perguntado inúmeras vezes. Ela não queria ficar ali, mas também não queria ir para casa. Quem não tinha mais pais, como Riccio, podia imaginar como teriam sido maravilhosos. Mas e quando alguém tinha pais e eles não eram maravilhosos? Não, ela não diria seu nome. Nunca.

A porta se abriu. Vespa se virou assustada. Ela havia fechado a porta quando as outras crianças desceram. A freira que falava alto pôs a cabeça para dentro.

— Caterina?

Vespa teve um sobressalto. Como ela sabia seu nome?

— Ahá, parece que este é realmente o seu nome. Bem, venha comigo, por favor, há alguém aqui que deseja vê-la!

— Quem? — perguntou Vespa. Ela não sabia se devia sentir alegria ou medo.

— Por que não nos contou quem é a sua madrinha? — a freira a repreendeu enquanto apressava Vespa pelos corredores vazios. — Uma senhora tão famosa. Você deve saber o quanto ela já fez pelo orfanato.

Famosa? Madrinha? Vespa não estava entendendo mais nada. Desde quando tinha uma madrinha? A irmã parecia estar emocionada e a toda hora mexia nos seus óculos. Eram óculos com lentes grossas, atrás das quais seus olhos pareciam estranhamente grandes.

— Vamos, Caterina, venha! — A freira puxou Vespa, impaciente. — Quer deixá-la esperando ainda mais?

“Quem?”, Vespa queria gritar. “O que está acontecendo aqui?” Mas, quando viu Ida, ela engoliu as palavras. Quase não a reconheceu com aquele chapéu. E quem era o homem ao seu lado?

— Acho que tem razão, *signora* Spavento! — exclamou a irmã já de longe. — Nossa menina sem nome se chama mesmo Caterina. É ela a sua afilhada, não é?

De repente, Vespa se sentiu leve como o ar. Ela queria correr até Ida, pular no seu pescoço, esconder-se debaixo do seu largo sobretudo e não sair nunca mais. Mas ficou com medo de estragar tudo. Então apenas esboçou um sorriso e se aproximou timidamente de Ida e do acompanhante desconhecido.

— Sim, é ela. *Cara!* — Ida abriu os braços e apertou Vespa tão forte, que ela logo se sentiu aquecida.

— Oi, Vespa — sussurrou o desconhecido ao lado de Ida. Espantada, Vespa olhou para o seu rosto e o reconheceu: Victor, o espião, com uma barba nova. Victor, o amigo de Bo. E seu também.

— Este é o meu advogado, *cara* — explicou Ida depois de soltá-la.

— *Buon giorno* — murmurou Vespa, e sorriu para Victor.

— Por que você leva sempre tão a sério as brigas dos seus pais, *cara?* — perguntou Ida, e deu um suspiro profundo, como se já estivesse cansada de falar com Vespa sobre as bobagens que os seus pais faziam. — Ela já fugiu três vezes por causa das eternas discussões em sua casa — ela explicou para a freira, que observava os três comovida. — A mãe dela, uma prima minha, infelizmente se casou com um homem insuportável, mas eles já estão se separando. Até que tudo termine, a menina vai ficar comigo, senão pode ser que ela fuja novamente e então sabe lá onde a polícia vai encontrá-la. A última vez ela se escondeu em Burano, imagine só!

Vespa ouvia encantada as mentiras de Ida e segurava a sua mão como se nunca mais fosse soltá-la. Tudo soava tão verdadeiro que, por um momento, a própria Vespa quase acreditou que eram seus aqueles pais que brigavam o tempo todo, enquanto os filhos tapavam os ouvidos com as mãos.

A freira que falava alto estava com lágrimas nos olhos. As lentes dos seus óculos embaçaram e, quando ela os tirou para limpá-las, Vespa viu que os seus olhos eram pequenos e cheios de rugas ao redor, bem diferentes do que pareciam através das grossas lentes.

— Posso levar Caterina comigo agora? — perguntou Ida, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Mas é claro, *signora* Spavento — respondeu a irmã, e pôs rapidamente os óculos no rosto. — Estamos tão felizes por poder ajudá-la novamente, depois de todas as generosas doações que fez para o nosso orfanato. E as fotos que a senhora fez das crianças... Saiba que todas elas guardam essas fotos como se fossem um tesouro.

— Ah, que bom. — Encabulada, Ida evitou o olhar curioso de Vespa. — Por favor, mande lembranças à irmã Angela e à irmã Lúcia, agradeça à madre superiora e mande para minha casa os papéis que preciso assinar.

— Naturalmente! — A irmã correu para abrir a porta. — Tenha um bom dia também, senhor advogado.

— Obrigado! — murmurou Victor ao passar pela porta com passos solenes.

O coração de Vespa batia acelerado enquanto atravessavam o pátio. Inúmeras janelas olhavam para o calçamento cinzento, janelas nuas, sem enfeites. Somente no andar térreo já havia estrelas de Natal coladas nas vidraças. Lá em cima, uma garota estava com o rosto encostado no vidro, exatamente como Vespa fizera.

— Tantas janelas — murmurou Victor ao seu lado. — Tantas janelas e tantas crianças.

— E ninguém que as abrace e se alegre com elas todos os dias — disse Ida. — Que desperdício.

— *ArrivederLa, signora* Spavento — exclamou a irmã que saíra da guarita para abrir o grande portão.

— Meus Deus! — murmurou Victor ao passar. — Elas a tratam como se você tivesse uma auréola! Por que esse portão é tão alto? Até se poderia pensar que foi construído para uma manada de elefantes, e não para crianças.

Vespa soltou-se da sua mão. De repente, ela estava com muita pressa. Então correu para a beira do canal, em cuja margem ficava o orfanato, cuspiu na água escura, olhou para os barcos que se dirigiam ao canal Grande e respirou fundo. Por um instante, ela ficou ali com os pulmões cheios do ar fresco e úmido.

Depois expirou lentamente o ar, e com ele todo o medo e o desespero que sentira desde que os *carabinieri* a haviam trazido para ali. Mas de repente se lembrou de Bo.

Preocupada, ela se virou para Ida e Victor.

— O que aconteceu com Bo? — ela perguntou. — E os outros?

Victor tirou a barba postiça do queixo.

— Mosca e Riccio estão na casa de Ida — ele disse. — Mas Bo está com a tia dele.

Vespa abaixou a cabeça e chutou uma ponta de cigarro no canal.

— E Próspero? — ela perguntou.

— Riccio está procurando por ele — respondeu Victor. — Vamos, não faça essa cara. Ele vai encontrá-lo.

39

Riccio encontrou Próspero na frente do Gabrielle Sandwirth. Ele parecia estar congelado, do jeito que estava ali, parado no meio da ampla calçada, sem prestar atenção nas pessoas que passavam por ele. Na *riva* degli Schiavoni sempre havia bastante gente, mesmo em dias de muito frio e neve como aquele, pois era onde ficavam alguns dos hotéis mais bonitos da cidade. Inúmeros barcos atracavam nos embarcadouros, era um ir-e-vir incessante. Próspero ouvia o vento arrastar os barcos contra o cais, o ruído surdo que faziam ao se chocarem contra a madeira, ouvia as pessoas passarem ao seu lado rindo e falando, em muitas línguas diferentes, mas ele estava ali parado, com a gola do casaco levantada para se proteger do frio cortante, olhando para as janelas do Sandwirth. Quando Riccio pôs a mão no seu ombro, ele se virou assustado.

— Ei, Prop, finalmente! — disse Riccio aliviado. — Procurei por você o dia inteiro. Já vim aqui várias vezes, mas você não estava.

— Sinto muito — murmurou Próspero, e se virou novamente. — Andei o dia inteiro atrás deles sem que me vissem. Uma vez Bo quase me descobriu, mas eu me abaixei depressa. Fiquei com medo de que ele fizesse um

escândalo quando me visse. Meu tio não suporta essas coisas. — Próspero tirou o cabelo da testa. — Fui atrás deles em todos os lugares. Eles compraram roupas novas para Bo, Esther até mesmo quis pôr uma gravata nele, mas Bo a jogou num cesto de lixo quando não estavam olhando. Você não o reconheceria. Ele ficava muito diferente com os pulôveres folgados de Scipio. Até mesmo ao cabeleireiro eles foram, não ficou nem sombra do cabelo preto que a gente pintou. Depois eles ficaram andando de um café para o outro, mas Bo não tocou em nada do que pediram para ele. Ele simplesmente ficava olhando para longe, como se eles não estivessem ali. Acho que uma vez ele me viu pela janela e quis sair correndo, mas meu tio o agarrou como se ele fosse um cachorrinho e o pôs de volta na cadeira. Na frente de um sorvete enorme, que ele não quis nem provar.

— Por que não? — Riccio não conseguia imaginar nada nem ninguém que pudesse estragar seu apetite diante de uma taça de sorvete.

Próspero sorriu. Mas seu rosto voltou a ficar sério imediatamente.

— Agora eles estão lá dentro — ele disse, e apontou para as janelas iluminadas. — Uma hora criei coragem e entrei para perguntar ao porteiro em que quarto Esther está hospedada. Mas ele apenas disse que os Hartlieb não querem ser incomodados. Por ninguém.

Durante alguns instantes, os dois meninos ficaram lado a lado, olhando para as janelas. Eram janelas bonitas, iluminadas, com cortinas reluzentes. Atrás de qual delas estaria Bo?

— Agora vamos — disse Riccio por fim, enquanto seu olhar seguia um homem distraído, que balançava imprudentemente a sua câmera fotográfica. — Você não pode ficar aqui até de noite. Não quer saber onde estamos agora? Victor ajudou a empacotar as nossas coisas, e depois levamos tudo para o *campo* Santa

Margherita. Mosca foi me criticando o caminho inteiro, que era uma idéia de girino e que não ia dar certo, mas quer saber? Ida recebeu a gente sem pestanejar! Temos até mesmo um quarto particular, no sótão. Não deu para levar os colchões, é claro, mas Ida tinha duas camas antigas, que a gente juntou. É um pouco estreito para todos, mas é muito melhor do que dormir na rua. Diga alguma coisa! Não é fantástico? Vamos, já está quase na hora do jantar. Você não imagina como a governanta gorda cozinha bem!

Ele pegou o braço de Próspero, mas Próspero balançou a cabeça.

— Não! — ele disse e se soltou. — Vou ficar aqui.

Riccio deu um suspiro profundo e olhou para o céu como se pedisse ajuda.

— Prop! — ele disse, suplicante. — O que você acha que o porteiro vai fazer quando notar que você está rondando o hotel no meio da noite? Ele vai chamar os *carabinieri.* E o que você vai contar para eles? Que a sua tia raptou o seu irmão?

Próspero não respondeu.

— Vá embora, Riccio — ele disse sem tirar os olhos das janelas do hotel. — Está tudo acabado. Não temos mais esconderijo, Vespa desapareceu e Bo está com Esther.

— Vespa não desapareceu! — exclamou Riccio tão alto que as pessoas atrás dele se viraram. Ele baixou rapidamente a voz. — Ela não desapareceu! — ele sussurrou. — Ida e o espião foram buscá-la no orfanato para onde tinha sido levada!

— Ida e Victor? — Próspero olhou para ele, espantado.

— É, e sabe o que mais? Eles se divertiram muito. Você tinha que ver como os dois saíram, de braços dados, como se fossem um velho casal. — Riccio deu uma risadinha. — O espião está se comportando como

um cavalheiro, ajuda Ida a vestir o casaco, abre a porta para ela. Ele só não acende o cigarro para ela e reclama que ela fuma.

— Mas como eles conseguiram?

Riccio ficou contente ao ver que Próspero havia esquecido o hotel por alguns instantes.

— Vespa tinha sido levada para o orfanato das Irmãs de Caridade, o mesmo em que Ida também morou — ele contou em voz baixa. — Bem, parece que ela dá dinheiro para o orfanato, arrecada brinquedos, essas coisas... Victor disse que as freiras a trataram como se ela fosse a Virgem Maria e acreditaram em tudo o que ela disse. Ele só precisou ficar do lado dela, fazendo ar de importante.

— Esta é realmente uma boa notícia. — O olhar de Próspero voltou para as janelas. — Mande lembranças para a Vespa. Ela está bem?

— Não, não está! — Riccio se pôs na frente de Próspero. — Porque ela está muito preocupada com você. E com Bo também, mas Bo provavelmente não vai se atirar na laguna.

— Por acaso ela acha que eu vou? — ele empurrou Riccio, irritado. — Que besteira. Eu tenho medo da água.

— Bem, maravilha, então conte você mesmo a ela, por favor! — Riccio juntou as mãos diante de Próspero, suplicante. — Estive com Vespa só por um instante, quando passei por lá para comer alguma coisa.Toda essa busca atrás de você dá muita fome, sabia? Mas Vespa quase não me deixou comer. “Vá logo, Riccio!”— ele a imitou, falseando a voz. — ”Você tem que ir agora, Riccio. Vá procurar Próspero, por favor! Talvez ele tenha se jogado num canal!” Ela até queria vir junto, mas Ida disse que era melhor ela ficar em casa por uns dias, para não ir parar de novo no orfanato. Por mim foi até melhor, porque aquela falação estava me deixando maluco. Além disso, eu sabia que uma hora você ia aparecer por aqui.

Riccio descobriu um sorriso no rosto de Próspero. Bem pequeno, mas estava lá.

— Bom — ele disse. — Já falei bastante. Amanhã cedo pode vir para cá de novo, mas agora você vem comigo.

Próspero não respondeu, mas se deixou puxar por Riccio. Eles passaram pelas barracas de suvenires que havia ao longo da *riva* degli Schiavoni. Muitos comerciantes começavam a desmontar as suas tendas naquela hora, mas em algumas delas ainda se podia comprar alguma coisa: os leques de plástico de que Bo tanto gostava, de renda negra e com um desenho da ponte do Rialto, colares de coral, gôndolas de plástico dourado, guias da cidade, cavalos-marinhos secos.

Próspero seguia Riccio pela multidão, mas de vez em quando parava e se virava para o Gabrielle Sandwirth. Quando percebeu isso, Riccio pôs o braço em seu ombro para consolado. Ele teve que se esticar bastante para fazer isso, afinal ele era bem mais baixo do que Próspero.

— Venha. Se Ida e Victor conseguiram trazer Vespa de volta — ele disse —, também vão conseguir trazer Bo, você vai ver!

— Eles vão para casa no começo da semana que vem — disse Próspero. — E então?

— Ainda tem muito tempo — respondeu Riccio, e levantou a gola para se proteger do frio. — Além disso, Bo não está na prisão, nem no orfanato. Ele está no Sandwirth, meu amigo. É um hotel pra lá de chique.

Próspero apenas balançou a cabeça. Ele se sentia tão vazio... Vazio como as grandes conchas que estavam expostas nas cestas das barracas. Elas pareciam belíssimas, apenas um buraquinho muito pequeno no seu casco brilhante às vezes denunciava que alguém havia arrancado a vida de dentro delas.

— Espere aí, Prop. — Riccio parou.

Sobre a laguna, o céu começava a mudar de cor. Já escurecia, embora fossem apenas quatro horas. Alguns turistas estavam no cais como que enfeitiçados, observando o sol se pôr e cobrir as águas sujas de dourado.

— Mas que ocasião! — sussurrou Riccio para Próspero. — Estão tão distraídos que nem notariam se alguém roubasse seus sapatos. Só preciso de alguns segundos. Fique olhando as conchas até eu voltar.

Ele se virou, e já tinha feito a sua cara de quem diz “sou apenas um menininho magro que não é capaz de fazer mal a uma mosca”, quando Próspero o puxou pela gola.

— Deixe isso, Riccio — ele disse zangado. — Ou você acha que Ida Spavento vai deixado dormir na sua casa se os *carabinieri* o pegarem roubando?

— Você não entende! — Riccio tentou se livrar com um ar ofendido. — Não quero perder a prática.

Mas Próspero não o largou. Com um suspiro profundo, Riccio continuou a andar, enquanto os turistas contemplavam o pôr-do-sol sem ter que pagar com as suas carteiras pelo encantamento.

40

Naquela noite, houve uma festa na casa de Ida. Lúcia, a governanta, passou a tarde inteira cozinhando, fritando e assando, batendo creme e desenformando bolinhos, fechando raviólis e misturando molhos. A toda hora, um novo cheiro atraía Victor para a cozinha, mas sempre que ele tentava beliscar alguma coisa, recebia uma colherada na mão com a colher de pau. Próspero e Vespa puseram a mesa da sala de jantar, enquanto Mosca e Riccio corriam de um andar para o outro, seguidos pelos cães ladradores de Lúcia.

Os dois estavam tão alegres e satisfeitos, que pareciam não se importar mais por terem sido enganados pelo *conte.*

— Podemos gastar assim mesmo — disse Riccio, quando Victor perguntou o que pretendiam fazer com todas aquelas notas de dinheiro falso.

Victor respondeu com uma tremenda bronca e exigiu que Riccio lhe desse a sacola imediatamente. Mas Riccio sorriu, fez que não com a cabeça e disse que ele e Mosca já haviam escondido a sacola. Num lugar seguro, segundo suas palavras. Nem mesmo Vespa e Próspero

sabiam que lugar era esse, mas os dois também não pareciam muito interessados.

Então Victor decidiu também não se preocupar mais com o dinheiro falso, sentou-se no sofá do *salotto* de Ida e, entre um bom-bom e outro, tentou se convencer a ir para casa. Para alimentar as tartarugas e ganhar algum dinheiro. Mas toda vez que se levantava com um suspiro e ia se despedir, Ida lhe trazia um copo de *grappa* ou um *caffe,* ou então pedia que pusesse palitos na mesa de jantar. E Victor foi ficando.

Enquanto lá fora escurecia e a lua tomava posse da cidade novamente, Ida iluminou sua velha casa como se quisesse competir com a pálida luz do luar. Era impossível contar todas as velas que havia acendido. No lustre sobre a mesa de jantar, ela deixou acesa apenas a metade das lâmpadas, mas o cristal brilhava de uma maneira tão maravilhosa que Vespa não conseguia tirar os olhos dele.

— Me belisca — ela disse para Próspero depois que haviam posto os pratos, ajeitado cuidadosamente os talheres e distribuído copos para todos na grande mesa escura. — Isso tudo não pode ser verdade.

Próspero obedeceu. Ele a beliscou suavemente no braço.

— É verdade! — exclamou Vespa, e começou a rir e a dançar ao seu redor.

Mas nem mesmo a sua alegria foi capaz de espantar a tristeza do rosto de Próspero. Todos eles haviam tentado, cada um à sua maneira: Riccio com piadas e Mosca mostrando para ele todas as raridades que se escondiam atrás das portas escuras da casa. Nada adiantou, nem os bombons de Ida, nem a promessa de Victor de que ainda teria alguma idéia de como recuperar Bo. Bo não estava lá. E Próspero sentia a sua falta, como se lhe faltasse um braço ou uma perna. Ele lamentava estar estragando a alegria dos outros com sua

tristeza, e notou que Riccio começava a evitá-lo e Mosca saía de perto quando o via. Somente Vespa ficou ao seu lado. Mas quando ela sentia pena dele e tentava abraçá-lo, ele se afastava rapidamente e começava a arrumar os garfos na mesa ou então sentava perto de uma janela e ficava olhando para fora.

Durante o jantar, Riccio e Mosca fizeram tantas estripulias que em algum momento Victor disse que um bando de macacos certamente faria menos barulho à mesa. Mas Próspero ficou calado.

Quando os outros começaram a jogar cartas com Victor e Ida, ele foi para cima. Ida havia colocado mais dois colchões de ar no quarto para que eles não ficassem tão apertados nas duas camas que Riccio juntara. Vespa pegou um deles, arrastou-o até a parede e empilhou todos os seus livros ao redor. Mosca e Riccio não tinham se atrevido a abandonar um único livro no cinema. Próspero levou o segundo colchão para baixo da janela, da qual se podia ver o canal atrás do jardim de Ida. A roupa de cama do roupeiro de Lúcia cheirava a lavanda. Próspero deitou-se debaixo das cobertas, mas mesmo assim não conseguiu dormir.

Às onze horas, quando os outros foram para a cama e Victor, com as pernas um pouco bambas, se pôs a caminho de casa, pois estava com a consciência pesada por causa das suas tartarugas famintas, Próspero ainda não havia pegado no sono. Mas ele não deixou que os outros percebessem e, com o rosto virado para a parede, esperou que todos adormecessem.

Quando Riccio começou a rir baixinho no meio do sono, Mosca já estava roncando debaixo do seu cobertor e Vespa dormia entre os seus livros com um sorriso nos lábios, Próspero se levantou. As velhas tábuas do assoalho rangeram sob seus pés, mas os outros não acordaram. Eles nunca haviam se sentido tão seguros em toda a sua vida como na casa de Ida. Próspero quase

tropeçou de cansaço ao descer a escada, mas como conseguiria dormir novamente alguma vez? Estava tudo perdido. Os bons tempos haviam acabado. Mais uma vez. Esse pensamento sempre voltava, por mais que tentasse afastá-lo. Ele desceu de mansinho a escada para o andar térreo. As máscaras o encaravam na escuridão, mas dessa vez não lhe deram medo.

Lúcia havia passado a trancar a porta da cozinha depois que Ida lhe contara como as crianças tinham entrado na sua casa no meio da noite. Ela havia lubrificado e polido a fechadura enferrujada. As dobradiças da porta chiaram baixinho quando Próspero saiu para o escuro jardim.

A geada cobria tudo de branco. A noite, cada pedra da cidade pertencia ao inverno. Parecia que o frio chegava até as estrelas. No final do terreno de Ida, junto ao canal, havia um muro com um portão, poucos palmos acima da água. Próspero ouviu a água do canal bater contra o muro quando abriu o portão. O barco de Ida sacolejava, bem amarrado entre dois postes de madeira pintada, como os que havia por todos os canais na cidade da lua. O desenho e as cores nas suas pontas indicavam a quem pertencia o ancoradouro. Próspero subiu no barco com cuidado, sentou-se no banco frio e olhou para a lua.

“O que faço agora?”, ele pensou. “Diga. O que eu faço?”

Mas a lua não respondeu.

Em quase todas as histórias que a mãe de Próspero contava, ela aparecia. A lua era uma aliada poderosa, que podia transformar sonhos em realidade e abrir portas quando alguém queria escapar para um outro mundo. Ali, na sua própria cidade, ela era uma dama, *la bella luna.* Bo gostara muito disso. Mas nem assim ela podia trazer irmãos pequenos de volta.

Próspero estava sentado no barco de Ida e as lágrimas escorriam no seu rosto. Ele havia acreditado que aquela seria a sua cidade, apenas sua e de Bo. Que, fugindo para aquele lugar, tão diferente de todos os outros, eles estariam seguros contra Esther. Ela não fazia parte daquele mundo. Esther detestava Veneza, era uma intrusa. Por que os pombos não partiam para cima dela com seus bicos? Por que os dragões de mármore não mordiam a sua nuca, por que os leões alados não rugiam para afugentá-la? Eles não podiam protegê-lo como havia acreditado.

Como os leões lhe pareceram maravilhosos quando os vira pela primeira vez — de verdade, não através dos olhos da sua mãe, mas dos seus próprios. Ele olhara para eles lá no alto sobre as colunas e entre as estrelas, passara a mão sobre a pedra fria e imaginara como eles protegiam as maravilhas de Veneza. E a ele. Quando subiu com Bo a Escadaria dos Gigantes, no pátio do Palácio dos Doges, e ficou lá em cima entre as imponentes figuras, ele se sentiu seguro como um rei diante dos seus domínios, protegido por leões e dragões e pela água que o rodeava. Esther odiava água, ela tinha medo até de subir num barco. Mas mesmo assim ela viera e levara Bo embora. E agora Próspero não era mais nenhum rei, agora ele era somente um joão-ninguém, pequeno demais, fraco demais, um mendigo em sua cidade, expulso de seu palácio e separado de seu irmão.

Próspero enxugou as lágrimas com a manga. Quando ouviu um barco a motor se aproximar pelo canal, ele se abaixou e esperou que passasse. Mas o barco não passou. O barulho do motor cessou, Próspero ouviu alguém praguejar baixinho e então alguma coisa bateu contra o barco de Ida. Apavorado, ele espiou pela borda.

Scipio ergueu a máscara escura e sorriu tão aliviado que por um momento Próspero esqueceu por

que os seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Olha só quem está aqui — disse o Senhor dos Ladrões. — Mas que sorte! Sabia que vim aqui para buscá-lo?

— Me buscar? Para ir aonde? — Próspero se levantou espantado. — Onde você arrumou esse barco?

Era um barco bonito, de madeira escura, com ornamentos dourados.

— É do meu pai — respondeu Scipio batendo na madeira, como se desse um tapinha no flanco de um cavalo garboso. — É o orgulho dele. Peguei emprestado e acabei de dar o primeiro arranhão.

— Como soube que estamos aqui? — perguntou Próspero, e se curvou preocupado sobre o casco do barco de Ida, mas não conseguiu ver nenhum arranhão.

— Mosca telefonou para mim. — Scipio olhou para a lua. — Ele me contou que o *conte* nos enganou. E que Bo está com a sua tia. É verdade?

Próspero fez que sim e passou as costas das mãos nos olhos. Ele não queria que Scipio notasse que havia chorado.

— Sinto muito — disse Scipio com a voz comovida. — Foi uma burrice deixar Vespa e Bo sozinhos, não é?

Próspero não respondeu, embora ele próprio tivesse tido o mesmo pensamento pelo menos cem vezes.

— Prop! — Scipio pigarreou. — Vou voltar para a *Isola Segreta.* Quer vir comigo?

Próspero olhou para ele espantado.

— O *conte* nos enganou! — Scipio baixou a voz como se alguém pudesse ouvi-los. — Ele nos enganou. Agora ou ele me dá o dinheiro, e desta vez de verdade, ou me deixa andar no carrossel. Ele está na ilha, com certeza!

Próspero balançou a cabeça.

— Não vá me dizer que você acredita nessa história! Esqueça isso e esqueça o dinheiro, nós nos

deixamos enganar. Azar o nosso. O que adianta ficar desenterrando essa história? Os outros também desistiram. Riccio até está pensando em como distribuir o dinheiro falso por aí. Mas para aquela ilha maldita ninguém mais quer ir, nem mesmo por uma sacola cheia de dinheiro de verdade.

Scipio olhou para ele e ficou brincando com a tira da máscara.

— Eu iria — ele disse. — Com você. Quero andar nesse carrossel, e se o *conte* não me deixar, vou pegar a asa de volta. Venha comigo, Prop! Que tal? O que você tem a perder agora que Bo se foi?

Próspero olhou para as suas mãos. Mãos de criança. Ele se lembrou do olhar de desprezo com que o porteiro do Gabrielle Sandwirth o havia encarado, e do seu tio grande como um armário, como ele andara ao lado do seu irmãozinho, com a mão sobre o ombro pequenino de Bo como quem toma posse de algo. E de repente Próspero desejou que Scipio estivesse certo. Que naquela ilha sinistra no mar distante algo esperasse por ele, algo que transformasse o pequeno em grande e o fraco em forte. E esse desejo se espalhou no vazio que preenchia o seu coração. Sem dizer mais uma palavra, ele subiu no barco de Scipio.

41

Era uma noite escura. A lua aparecia de relance e sempre se escondia de novo atrás das nuvens. Embora Scipio tivesse roubado uma carta náutica do pai para que pudessem se orientar, eles se desviaram da rota duas vezes. Na primeira, corrigiram o curso quando viram a ilha-cemitério e mais tarde, quando Murano surgiu no meio da noite, perceberam que haviam se distanciado demais para oeste. Finalmente, quando estavam com tanto frio que quase já não sentiam mais os dedos, os muros da *Isola Segreta,* iluminados pela luz pálida de lanternas, despontaram na escuridão. Os anjos de pedra olhavam para eles como se os esperassem.

Scipio refreou o motor. O barco do *conte* chacoalhava no ancoradouro com a vela recolhida, e Próspero ouviu os cães latirem.

— E agora? — ele sussurrou para Scipio. — Como vamos passar pelos cachorros?

— Você acha que eu sou louco de querer pular o muro? — respondeu Scipio em voz baixa. — Vamos tentar entrar pela parte de trás da ilha.

Próspero não achou que fosse um plano especialmente inteligente, mas não disse nada. Se queriam entrar na ilha, não restava outra coisa a fazer.

Os latidos dos cães só pararam muito depois, quando as luzes das lanternas já haviam desaparecido novamente. Scipio mantinha o barco o mais perto possível da ilha em busca de alguma brecha por onde pudessem passar. Em alguns pontos, o muro saía diretamente da água, em outros ele se erguia dos juncais e da lama, mas parecia dar a volta em toda a ilha. Finalmente Scipio perdeu a paciência.

— Já chega, vamos ter de escalar! — ele sussurrou, desligou o motor e lançou a âncora.

— E como vamos chegar na margem? — Próspero olhou apreensivo para a escuridão. Ainda havia uns bons metros de água entre o barco e a ilha. — Por acaso você pretende nadar?

— Nada disso. Ajude-me.

Scipio puxou dois remos e um barco inflável de uma portinhola que havia sob o timão. Próspero ficou espantado ao ver como um pouco de borracha e de ar podiam pesar tanto, quando ajudou Scipio a lançar o bote no mar.

O ar se condensava em nuvenzinhas brancas diante das bocas dos garotos enquanto eles remavam em direção à ilha. Eles esconderam o bote inflável no juncal que crescia ao pé do muro. Visto de perto, parecia ainda mais alto. Próspero inclinou a cabeça para trás, olhou para cima e se perguntou se os cachorros realmente só vigiavam o portão.

Quando se sentaram lado a lado no topo do muro, os dois respiravam pesadamente e tinham as mãos feridas. Mas eles haviam conseguido. A sua frente estendia-se um jardim, um imenso jardim abandonado. Os arbustos, os canteiros, os caminhos, tudo estava branco, coberto pela geada.

— Está vendo o carrossel em algum lugar? — perguntou Scipio. Próspero balançou a cabeça. Não, ele

não estava vendo nenhum carrossel, apenas uma casa. Um grande vulto negro que se erguia entre as árvores.

Descer o muro foi quase mais difícil do que subir. Os meninos caíram num matagal cheio de espinhos, e quando finalmente conseguiram sair não sabiam que direção tomar.

— Ele deve estar atrás da casa — sussurrou Scipio — Senão o teríamos visto de cima.

— Certo — murmurou Próspero, olhando ao seu redor.

Entre os arbustos sem folhas, um galho se partiu com um estalo e alguma coisa pequena e escura deslizou pelo caminho. Próspero descobriu pegadas na fina camada de gelo que cobria o chão, pegadas de pássaros e marcas de patas. Patas muito grandes.

— Venha, vamos tentar por aquele caminho ali! — sussurrou Scipio, e foi na frente.

Entre os arbustos, havia estátuas de pedras cobertas de musgo. Algumas delas desapareciam quase totalmente no emaranhado de galhos e estendiam apenas os braços ou a cabeça para fora. Certa hora Próspero pensou ter ouvido passos atrás de si, mas, quando se virou, apenas um pássaro saiu voando de um canteiro tomado pelo mato. Não demorou muito para que se perdessem. Eles já não sabiam mais em que direção estava o barco ou a casa que tinham visto de cima do muro.

— Droga! Não quer ir na frente, Prop? — perguntou Scipio quando chegaram a uma encruzilhada e viram as próprias pegadas na neve. Mas Próspero não respondeu.

Ele ouvira alguma coisa novamente. Mas dessa vez não era um pássaro que eles haviam espantado. Soava mais como um resfolegar, breve e agudo, que foi seguido de um rosnado grave, profundo, e tão assustador que Próspero se esqueceu de respirar. Ele se virou devagar, e ali estavam eles, a menos de três passos de distância,

como se tivessem brotado do chão. Dois gigantescos dogues brancos. Próspero ouviu Scipio respirar mais rapidamente ao seu lado.

— Não se mexa, Scip! — ele sussurrou. — Se corrermos, eles nos perseguirão.

— Eles também mordem se a gente tremer? — sussurrou Scipio também.

Os cães continuavam a rosnar. Com a cabeça abaixada, eles se aproximaram, os pêlos curtos e claros da nuca arrepiados, os dentes à mostra. “Minhas pernas vão começar a correr”, pensou Próspero. “Elas simplesmente vão disparar sem que eu possa fazer nenhuma coisa para impedir.” Desesperado, ele fechou os olhos.

— Bimba! Bella! Basta! — gritou uma voz atrás deles.

Os cães pararam de rosnar de repente e passaram por Scipio e Próspero com saltos largos. Perplexos, os meninos se viraram e foram iluminados pela luz de uma lanterna. Uma menina de oito ou nove anos estava no caminho, quase invisível com o seu vestido escuro. Os dogues chegavam quase na altura dos seus ombros, ela poderia muito bem montar neles.

— Ora vejam só! — ela disse. Os cães levantaram as orelhas quando ela ergueu a voz. — Ainda bem que gosto tanto de passear ao luar. O que estão procurando aqui? Vocês não sabem o que acontece com as pessoas que entram na *Isola Segreta* sem permissão?

Scipio e Próspero olharam um para o outro.

— Queremos ver o *conte* — respondeu Scipio, como se fosse muito natural passear num jardim alheio no meio da noite. Talvez ele tenha sido tão valente porque ambos, Próspero e ele, eram maiores do que a menina. Próspero, porém, achou que aqueles cachorros compensavam com folga essa vantagem. Eles estavam

ali ao lado da dona como se fossem trucidar quem se aproximasse dela.

— O *conte.* Ora, ora. Vocês sempre fazem suas visitas após a meia-noite? — A menina iluminou o rosto de Scipio. — O *conte* não gosta de visitas inesperadas. E muito menos quando entram furtivamente na sua ilha.

Então ela virou a lanterna para Próspero. Envergonhado, ele piscou com a luz ofuscante.

— Fizemos um trato com o *contei* — exclamou Scipio. — Mas ele nos enganou. E somente o perdoaremos se nos deixar andar no carrossel. No carrossel das Irmãs de Caridade.

— Um carrossel? — A menina olhou para eles de forma ainda mais hostil. — Não sei do que está falando.

— Sabemos que ele está aqui! Mostre-o para nós! — Scipio deu um passo na sua direção, mas os dogues arreganharam os dentes imediatamente, e Scipio voltou para o lado de Próspero. — Se o *conte* nos deixar andar no carrossel, não chamaremos a polícia.

— Que generoso! — a menina olhou para ele zombeteira. — Por que você acha que ele vai deixados sair daqui? Esta é a *Isola Segreta.* Vocês conhecem as histórias. Quem entra nesta ilha não sai nunca mais. Vamos! — Ela apontou impaciente para o caminho que penetrava no matagal à sua esquerda. — Por ali. E não tentem fugir. Acreditem, os meus cães são mais rápidos que vocês.

Os dois meninos hesitaram.

— Façam o que estou dizendo — a menina gritou irritada. — Ou vão virar comida de cachorro.

— Você vai nos levar até o *contei* — perguntou Scipio. — Diga logo!

Mas a menina não respondeu e deu uma ordem aos cães em voz baixa. Sem fazer um ruído, eles saíram trotando em direção a Próspero e Scipio.

— Venha, Scip — disse Próspero pegando o braço de Scipio, que se deixou levar ainda com certa relutância.

Os cães estavam tão perto dos meninos que eles sentiam na nuca o hálito das feras. Scipio olhou para os lados algumas vezes, como se refletisse se não valeria a pena se jogar nos arbustos, mas a cada vez Próspero o segurava firme pela manga.

— Capturados por uma menina — resmungou Scipio. — Meu Deus, ainda bem que Riccio e Mosca não estão aqui.

— Se ela realmente está nos levando para o *conte* — sussurrou Próspero —, é melhor não ameaçar contar tudo à polícia. Quem sabe o que ele vai querer fazer conosco, certo?

Scipio concordou com a cabeça e olhou apreensivo para os cães.

Não demorou muito e eles viram para onde a menina os levava. Entre as árvores, surgiu a casa que Próspero tinha visto de cima do muro. Era uma casa enorme, maior do que a do pai de Scipio. Mas mesmo sob a luz da lua, que abranda todas as coisas, ela parecia desabitada e abandonada. O reboco estava desmoronando, as janelas escuras estavam despencando, e o telhado tinha tantos buracos que a luz da lua passava por ele. Uma larga escada conduzia até a porta de entrada. Havia anjos debruçados sobre a balaustrada, mas a maresia corroera os rostos de pedra até deixá-los irreconhecíveis, assim como o brasão que havia sobre o portal.

— Oh, não, não é por ali! — disse a menina quando Scipio se dirigiu para a escada. — Esta noite com certeza o *conte* não vai recebê-los. Vocês podem passar a noite no antigo estábulo. Por ali!

Ela apontou impaciente para uma construção baixa ao lado da casa, mas Scipio não saiu do lugar.

— Não! — ele disse, e cruzou os braços. — Só porque está com esses bezerros gigantes, você acha que pode ficar dando ordens? Pois eu quero falar com o *conte* agora. Imediatamente.

A menina estalou os dedos, e os dogues encostaram os focinhos na barriga de Scipio e Próspero. Os dois recuaram assustados até o último degrau da escada.

— Esta noite vocês não falarão com mais ninguém — disse a menina com voz estridente. — No máximo, com os ratos do estábulo. O *conte* está dormindo e amanhã de manhã decidirá o que faremos com vocês. E podem se dar por felizes de não irem parar agora mesmo na laguna.

Scipio mordeu os lábios de raiva, mas os cães começaram a rosnar, e Próspero o puxou rapidamente.

— Faça o que ela está dizendo, Scip! — ele sussurrou no caminho para o estábulo, que parecia tão abandonado quanto a casa principal. — Temos a noite toda para pensar em como sair daqui, mas não conseguiremos fazer nada se você virar comida de cachorro. E aí você também não vai poder andar no carrossel.

— Certo, certo — Scipio lançou um olhar enfurecido para a menina.

— Entrem, senhores — ela disse, e abriu a porta do estábulo. Lá dentro estava escuro como breu, e o mau cheiro era tão penetrante que Scipio fez uma careta de nojo.

— Aí dentro? — ele exclamou. — Quer nos matar?

— Preferem que deixe os cães para lhes fazer companhia? — perguntou a menina, pondo a mão entre os dentes dos dogues.

— Venha logo, Scip — disse Próspero, e o arrastou para dentro do estábulo escuro. Alguns ratos escapuliram correndo quando a menina os iluminou com a lanterna.

— Em algum lugar aí atrás deve haver uns sacos velhos — ela disse. — Eles devem servir como camas por uma noite. Os ratos não estão com muita fome, pois têm bastante comida aqui, portanto não os perturbarão esta noite. Não precisam se dar ao trabalho de tentar fugir. É impossível. Além disso, vou deixar os cães na frente do estábulo. *Buona notte!*

Então ela fechou a porta. Próspero a ouviu trancar o ferrolho. Estava tão escuro no estábulo que ele não conseguia ver as suas próprias mãos. Somente por uma fresta na porta, entrava a luz da lua.

— Prop! — sussurrou Scipio ao seu lado. — Você tem medo de ratos? Eu morro de medo.

— Eu me acostumei, no cinema sempre tinha alguns — sussurrou Próspero, e prestou atenção nos ruídos na escuridão.

Ele ouviu a menina falar com os cães do lado de fora, baixinho, com voz quase carinhosa.

— Muito consolador — murmurou Scipio. E levou um susto tão grande quando alguma coisa passou de raspão por ele, que quase derrubou Próspero.

Eles ouviram os passos da garota se distanciarem e os cães fungarem enquanto se acomodavam na frente da porta do estábulo. Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, começaram a procurar os sacos que a menina havia mencionado. Mas, quando um rato passou por cima do pé de Scipio, decidiram que era melhor não dormir no chão. Eles encontraram dois barris de madeira e se sentaram em cima deles com as costas apoiadas na parede.

— Ele tem que nos deixar dar uma volta! — disse Scipio rompendo o silêncio. — Tem sim, ele nos enganou.

— É... — murmurou Próspero

Ele tentou imaginar o que o *conte* poderia fazer. E, de repente, pensou em Bo. Pela primeira vez desde que subira no barco de Scipio. Ele se perguntou se alguma

vez ainda voltaria a ver o irmão. Foi um noite interminável, e os pensamentos de Próspero e Scipio eram mais tenebrosos do que a escuridão no estábulo pestilento.

42

Já era mais de meia-noite quando Victor ouviu o telefone tocar. Ele cobriu a cabeça com o travesseiro, mas o telefone continuou a estrilar e estrilar, até que Victor saiu praguejando da sua cama quentinha e foi tateando no escuro até o escritório. No caminho, deu um tropeção na caixa das suas tartarugas.

— Quem é, com os diabos? — ele resmungou no fone enquanto esfregava o dedão dolorido do pé.

— Ele fugiu de novo! — a voz de Esther estava tão esbaforida que no começo Victor quase não entendeu. — Mas uma coisa eu lhe digo, desta vez não o aceitaremos de volta. O diabinho puxou a toalha da mesa, isso no restaurante mais fino da cidade, e enquanto tentávamos limpar o macarrão do colo ele simplesmente saiu correndo! — Victor a ouviu soluçar. — Meu marido sempre disse que o menino não combinava conosco, que ele era como a minha irmã, mas ele parecia um anjinho! Fomos expulsos do hotel, porque ele gritou tanto que acharam que estávamos batendo nele. O senhor pode imaginar? Primeiro, ele não dizia nada e ficava o tempo todo quieto no seu canto, e então de repente teve um ataque, só porque tentei fazê-lo calçar meias limpas. Ele

chegou a morder o meu marido! Fez buracos nas cortinas com o canivete, jogou café da sacada... — Esther Hartlieb tomou fôlego — ...meu marido e eu voltaremos para casa na segunda-feira, conforme o planejado. Se nos próximos dias a polícia encontrar os meus sobrinhos, queira por gentileza providenciar em nosso nome para que sejam levados para um orfanato. Deve haver uma boa instituição nesta cidade. O senhor ouviu, *signor* Getz? *Signor* Getz...

Victor fazia riscos no tampo da escrivaninha com o seu corta-papel.

— Há quanto tempo o menino está andando por aí sozinho? — ele perguntou. — Quando ele fugiu?

— Há algumas horas. Naturalmente, antes tivemos que acertar os prejuízos com o restaurante. E depois encontrar um novo hotel. E tivemos de carregar toda a nossa bagagem. Todas as acomodações decentes da cidade estão ocupadas. E agora estamos num hotelzinho primitivo, perto da ponte do Rialto.

Algumas horas. Victor passou a mão pelo rosto cansado e olhou para fora. A noite fria e escura espreitava entre as casas. Como um bicho que engolia meninos pequenos.

— A senhora informou a polícia? — perguntou Victor. — Alguém está procurando Bo? O seu marido, por exemplo?

— Como assim? — disse Esther com voz estridente. — O senhor acha que um de nós vai sair andando por aí nessas vielas escuras? Depois de tudo o que esse menino nos aprontou esta noite? Não. A nossa paciência chegou ao fim, não quero nem mais ouvir o nome dele. Eu...

Victor pôs o fone no gancho. Desligou simplesmente. Há algumas horas! Tonto de sono, ele se vestiu.

Quando saiu pela porta da rua, foi recebido por um frio tão cortante que lhe saíram lágrimas dos olhos.

“Bem, pelo menos não está chovendo a cântaros”, pensou Victor. Enterrou o chapéu na testa e saiu andando com passos pesados. No último inverno, a cidade ficara inundada diversas vezes, as águas haviam subido tanto que um menino pequeno como Bo provavelmente teria sido levado. A laguna inundava Veneza com freqüência cada vez maior, enquanto antigamente isso acontecia no máximo a cada cinco anos. Mas Victor não queria pensar nisso agora. O seu estado de espírito já estava abalado o suficiente.

Os seus pés pesavam como chumbo de tanto cansaço, enquanto ele se precipitava pelas vielas pouco iluminadas, sobre pedras cobertas de geada, que brilhavam como se fossem de prata. Só havia um lugar onde Bo poderia ter se escondido. Afinal de contas, ele não sabia que Próspero e os seus amigos estavam na casa de Ida Spavento. Victor fungou e passou a manga na ponta do nariz gelado. Ele não sabia de absolutamente nada, o pobre menino.

Era um longo caminho da casa de Victor até o esconderijo das crianças. Quando finalmente chegou ao antigo cinema, estava gelado até os ossos. “Preciso comprar um sobretudo mais quente”, ele pensou enquanto procurava a chave-mestra adequada. Por sorte, o *dottor* Massimo ainda não havia mandado trocar a fechadura. O saguão também continuava atravancado com a tralha que as crianças haviam colocado ali, como se nada tivesse acontecido desde a noite em que haviam aprisionado Victor. Mas quando entrou na sala escura do cinema, ele ouviu alguém chorando baixinho.

— Bo? — ele chamou. — Bo, sou eu, Victor. Apareça. Ou vamos brincar de esconde-esconde novamente?

— Não vou voltar! — uma voz chorosa veio da escuridão. — Não acredito neles. Só quero ficar com Próspero.

— Você não precisa voltar.

Victor passou o foco da lanterna pelas poltronas até que iluminou uma cabeça loira. Bo estava agachado entre as poltronas, como se estivesse procurando alguma coisa.

— Eles sumiram — ele soluçou. — Eles sumiram.

— Quem? — Victor andou até Bo, que olhou para ele com os olhos inchados de tanto chorar. — Meus gatos. E Vespa.

— Ninguém sumiu — Victor murmurou, ergueu Bo e enxugou as lágrimas das suas bochechas. Depois se sentou numa das poltronas e pôs Bo no seu colo. — Estão todos na casa de Ida Spavento: Vespa, Próspero, Riccio, Mosca e os seus gatos. Ouvi umas coisas sobre você, meu amigo.Toalhas puxadas, gritos, correrias. Você sabia que a sua tia e o seu tio foram expulsos daquele hotel chique por sua causa?

— Verdade? — Bo fungou e apoiou o rosto no sobretudo de Victor. — Fiquei com tanta raiva. Esther não queria me dizer onde Próspero está.

— Sei, sei. — Victor pôs um lenço na mão suja de Bo. — Tome. Assoe o nariz. Próspero está bem. Ele está deitado numa cama macia sonhando com o irmãozinho dele.

— Ela queria fazer uma risca no meu cabelo — murmurou Bo, e passou a mão sobre o cabelo despenteado, como se quisesse se certificar de que os esforços de Esther tinham sido em vão. — E eu não podia pular na cama. E ela queria jogar fora o pulôver que Vespa me deu. Ela reclamou taaaanto por causa de uma manchinha assim... — Bo mostrou o tamanho com os dedos — e ficava o tempo todo limpando o meu rosto. E disse coisas ruins sobre Próspero.

— Mas que coisa! — Victor balançou a cabeça com compaixão. Bo esfregou os olhos e bocejou.

— Estou com frio — ele murmurou. — Você me leva para encontrar Próspero, Victor?

Victor fez que sim.

— Levo sim — ele disse. Já ia erguer Bo, mas o garoto se agachou novamente.

— Tem alguém aí! — ele murmurou. Victor se virou.

Na porta do saguão, havia um homem iluminando a sala do cinema com uma grande lanterna.

— O que está fazendo aí? — ele perguntou em tom rude quando a luz da lanterna atingiu Victor.

Victor se ergueu e pôs o braço no ombro de Bo.

— Ah, o gatinho dele fugiu — ele disse num tom indiferente, como se não houvesse nada de mais em entrar num cinema abandonado no meio da noite. — Ele achou que o bichinho tinha entrado aqui pela saída de emergência. Mas o cinema está vazio, não é?

— Sim, mas o *dottor* Massimo, o proprietário, me encarregou de vigiar este cinema desde que duas crianças órfãs foram apanhadas aqui. Aí atrás do senhor... — o homem balançou a lanterna — ...também tem uma criança.

— Muito bem observado! — Victor passou a mão nos cabelos úmidos de Bo. — Mas não é órfã. É meu filho. Como já disse, só estávamos procurando seu gato. Victor olhou ao seu redor. — É um belo cinema. Por que está vazio?

O homem deu de ombros.

— Depois de todos esses problemas, o *dottor* Massimo quer transformá-lo num supermercado. E agora saiam. Aqui não tem nenhum gato e, se tivesse, já estaria morto. Eu espalhei veneno de rato.

— Já estamos indo! — Victor empurrou Bo na sua frente em direção à saída de emergência, mas Bo não se mexeu. Afinal ele também tinha ouvido o que o homem dissera: o esconderijo das estrelas seria transformado num supermercado.

— A cortina — ele disse de repente. — Veja, Victor, eles arrancaram.

O pesado pano estava no chão, todo sujo e amarrotado.

— O que vocês pretendem fazer com a cortina? — Victor chamou o guarda, que já estava indo para o saguão e voltou de má vontade.

— Escute aqui, é muito tarde — ele exclamou. — Suma daqui com seu filho. E se está interessado na cortina, pode levar também.

— Ah, é? E como vamos fazer isso? — murmurou Victor. — Que idiota.

Então teve uma idéia: tirou do bolso o seu canivete e cortou um grande pedaço do tecido bordado.

— Tome. — ele disse, e pôs o pano na mão de Bo. — Uma pequena recordação.

— Scipio também está na casa de Ida? — perguntou Bo quando saíram pela porta de emergência.

— Não — Victor respondeu, enrolou Bo no cobertor que trouxera por precaução e o pegou no colo...

— Ele deve estar na casa dele. Acho que os seus amigos não querem mais falar com ele.

— Mas o pai dele é nojento — murmurou Bo, embora mal conseguisse manter os olhos abertos. — Você é muito mais simpático.

Ele pôs os braços ao redor do pescoço de Victor e encostou o rosto no seu ombro com um longo bocejo. Na ponte da Accademia, ele já dormia profundamente. E Victor o levou pelas ruas vazias e silenciosas até a casa de Ida Spavento.

43

A própria Ida abriu a porta para Victor, com um roupão vermelho berrante e os olhos turvos de cansaço. Vespa, Mosca e Riccio estavam atrás dela com cara assustada, e olharam para Victor como se estivessem esperando outra pessoa.

— O que está acontecendo aqui? — ele resmungou, e passou por eles com Bo nos braços.

— É Bo! — exclamou Vespa tão alto que Victor olhou preocupado para Bo, mas ele apenas murmurou alguma coisa incompreensível e se aconchegou ainda mais no cobertor quentinho.

— Sim, é Bo — murmurou Victor —, e ele está bem pesado, portanto, poderiam fazer a gentileza de me deixar passar para que possa colocá-lo em algum lugar?

As crianças se afastaram rapidamente, e Ida foi na frente de Victor pela escada íngreme até o quarto onde havia acomodado as crianças. Com um suspiro, Victor deitou Bo com cobertor e tudo numa das camas, depois o cobriu até o queixo com mais um cobertor e saiu de mansinho do quarto com Ida. Mosca, Riccio e Vespa

esperavam no corredor com os olhos arregalados. Só então Victor notou que faltava alguém.

— Onde está Próspero? — ele perguntou.

— É por isso que estamos todos acordados a essa hora — respondeu Ida em voz baixa. — Caterina me acordou faz uma hora porque ele não estava na cama.

Vespa confirmou com a cabeça. O seu rosto estava ainda mais pálido do que de costume.

— Já o procuramos por toda parte — ela sussurrou. — Na casa, no pátio, e até no *campo.* Ele não está por aqui.

Ela olhou esperançosa para Victor, como se ele fosse capaz de fazer Próspero aparecer num passe de mágica, o que aparentemente havia feito com Bo.

— Venham, é melhor não ficar cochichando aqui na porta — disse Ida baixinho. — O pequeno não precisa saber necessariamente agora que o irmão dele desapareceu. E Victor deve ter alguma coisa para contar.

Estava frio no *salotto.* A noite, Ida apenas aquecia um pouco os quartos, mas Victor acendeu a lareira, e todos se sentaram perto do fogo e logo se aqueceram. Os gatinhos de Bo desceram de cima do armário e começaram a ronronar em volta das pernas dele quando sentiram o calor. Então Victor contou como Esther o acordara no meio da noite e onde havia encontrado Bo. Ele quase não conseguia se concentrar na sua história, pois não parava de pensar em Próspero. Onde o menino podia ter se metido?

— O que significa que ela não o quer de volta? — a voz de Ida arrancou-o dos seus pensamentos. — Sim, o que essa Esther está pensando? Por acaso o menino é um sapato que ela pode experimentar e devolver se não servir?

Com uma cara zangada, ela procurou os seus cigarros no bolso do roupão.

— Aqui, Ida — disse Riccio, e, envergonhado, deu um maço de cigarros amassado para ela. — Só peguei um, verdade.

Ida pegou o maço da mão dele com um suspiro.

— Não sei o que essa Esther Hartlieb está pensando! — resmungou Victor esfregando os olhos. — Só sei que eu estava feliz só de imaginar a cara que Próspero ia fazer quando eu trouxesse seu irmão de volta. Mas, em vez disso, chego aqui, e Próspero desapareceu! Droga!

Ele lançou um olhar zangado para as três crianças.

— Vocês não podiam ter tomado conta dele? Não perceberam como ele estava perturbado?

— O que você está querendo dizer? — exclamou Mosca revoltado. — Que devíamos ter amarrado Próspero na cama?

Vespa começou a chorar. As lágrimas escorriam na camisola que Ida lhe dera e era grande demais para ela.

— Agora chega — disse Ida, abraçando a menina. — O que vamos fazer? Onde vamos procurar Próspero? Alguém tem alguma idéia?

— Pode ser que ele tenha voltado para o Sandwirth! — disse Mosca.

— É, sem fazer a mínima idéia de que a sua tia não está mais lá — resmungou Victor. — Vou telefonar e perguntar para o porteiro da noite se tem algum menino na frente do hotel.

Com um suspiro, ele tirou o telefone celular do bolso do sobretudo e discou o número do Gabrielle Sandwirth. O porteiro da noite já estava no fim do seu turno, mas assim mesmo fez o favor a Victor e olhou pela janela. Não havia nenhum menino na calçada deserta da *riva* degli Schiavoni. Desconsolado, Victor guardou o telefone.

— Preciso dormir um pouco — ele disse, e se levantou. — Só uma hora ou duas, para depois poder

pensar novamente. Um dos irmãos está aqui, mas o outro sumiu. — Ele passou a mão na testa com um gemido. — Que noite! Tenho a sensação de que todas as minhas noites vão ser assim. Existe alguma cama disponível nesta casa?

— Posso lhe oferecer o colchão de ar de Próspero — respondeu Ida.

Victor aceitou a oferta.

Todos estavam mortos de cansaço, mas nenhum deles conseguiu adormecer rapidamente, e os sonhos ruins já os esperavam debaixo dos travesseiros. Somente Bo dormia tranqüilo como um anjo, como se naquela noite todas as suas preocupações tivessem chegado ao fim.

44

Próspero e Scipio despertaram quando alguém abriu a porta do estábulo e a claridade bateu nos seus rostos. No primeiro momento, eles não sabiam onde estavam, mas se lembraram rapidamente quando viram a menina na porta.

— *Buon giorno,* senhores — ela disse e segurou os dogues, que queriam correr para dentro do estábulo. — Eu ainda os teria deixado aqui por mais um tempo, mas meu irmão insiste em vê-los.

— Irmão? — Scipio sussurrou para Próspero quando saíram do estábulo. Na luz do dia, a grande casa parecia ainda mais deteriorada do que à noite.

A menina fez um sinal impaciente para que subissem a escada. Eles passaram pelos anjos de rostos perdidos e pararam entre as colunas que havia diante da entrada. Um ar frio e com cheiro de mofo veio de dentro quando a menina abriu a porta. Os dogues passaram por eles abanando o rabo e desapareceram no interior da casa.

O vestíbulo era tão alto que Próspero ficou tonto quando olhou para cima. O teto era todo coberto por pinturas. Elas estavam sujas de fuligem e com as cores desbotadas, mas assim mesmo dava para ver que haviam

sido muito bonitas. Eram imagens de cavalos empinando, de anjos abrindo suas asas e voando em direção a um céu azul de verão.

— Vamos logo! — disse a menina. — Ontem vocês estavam com tanta pressa! Por ali!

Ela apontou para uma porta aberta no final do vestíbulo. Os dogues correram na frente, tão afoitos que as suas patas escorregavam no piso de pedras. Scipio e Próspero foram atrás deles com passos hesitantes, pisando em unicórnios e sereias feitos de minúsculas pedrinhas coloridas, que estavam cobertas de sujeira. Seus passos ecoavam tão alto que Próspero teve a impressão de que os anjos no teto batiam suas asas e iam embora zangados.

A sala onde os dogues haviam entrado era escura, apesar da luz que vinha das estreitas janelas. Numa lareira, que tinha a forma de uma boca de leão escancarada, ardia um fogo. Os dogues haviam se sentado na frente dela, e no chão, entre suas patas enormes, havia alguns brinquedos espalhados. Havia brinquedos por toda a sala: jogos de boliche, bolas, espadas, cavalos de balanço, toda uma tropa, bonecas de todas as formas e tamanhos, jogadas descuidada-mente no chão, com as pernas e os braços torcidos, exércitos de soldadinhos de chumbo, trens a vapor, veleiros com marinheiros esculpidos na amurada — e, no meio de toda aquela bagunça, um menino estava sentado no chão. Com uma expressão de tédio, ele fazia um soldado montar num diminuto cavalinho.

— Aqui estão eles, Renzo — disse a menina, empurrando Próspero e Scipio pela porta aberta. — Eles estão cheirando um pouco a cocô de pomba, mas, como você pode ver, não foram devorados pelos ratos.

O menino ergueu a cabeça. Ele tinha cabelos pretos bem curtos e as suas roupas eram ainda mais antiquadas do que o casaco de Scipio.

— O Senhor dos Ladrões — ele observou. — É verdade. Você tinha razão, maninha.

Ele jogou no chão o soldadinho que estava segurando, levantou-se e andou até Próspero e Scipio.

— Você também estava na basílica, não é? — ele disse para Próspero. — Desculpem por Morosina tê-los trancado no estábulo, mas não se deve invadir ilhas alheias no meio da noite. Sinto muito pelo dinheiro falso, foi idéia de Barbarossa, mas eu não teria outra maneira de pagá-los. Como já devem ter notado — ele apontou para o reboco que desmoronava das paredes —, não sou exatamente rico, embora viva neste palácio.

— Renzo! — disse Morosina impaciente. — Diga o que vamos fazer com eles.

O menino afastou uma boneca com o pé.

— Veja como me olham espantados! — ele disse para Morosina. — Por acaso estão se perguntando como sei de tudo isso? Já se esqueceram da nossa entrevista no confessionário? Ou do nosso encontro à noite na *sacca* delia Misericórdia?

Próspero recuou. Ele ouviu Scipio respirar fundo ao seu lado.

— O carrossel funciona! — sussurrou Scipio assombrado, sem tirar os olhos do menino desconhecido. — Você é o *conte.*

Renzo sorriu e fez uma mesura.

— A seu serviço, Senhor dos Ladrões — ele disse. — Obrigado pela ajuda. Sem a asa do leão, ele seria apenas um carrossel, mas agora...

— Pergunte quem lhes contou do carrossel — interrompeu-o sua irmã, que estava encostada na parede com os braços cruzados. — Digam! Foi Barbarossa? Eu sempre disse a Renzo que não podíamos confiar naquele balofo do barba-ruiva.

— Não! — Scipio trocou um olhar perplexo com Próspero. — Não, Barbarossa não tem nada a ver com o

fato de estarmos aqui. Quem nos contou sobre o carrossel foi Ida Spavento, a mulher a quem pertence a asa, mas esta é uma longa história...

— Ela sabe que vocês estão aqui? — perguntou Morosina rudemente. — Alguém sabe que vocês estão aqui?

Scipio ia responder, mas Próspero se adiantou.

— Sim — ele disse. — Nossos amigos e um detetive sabem. E se não voltarmos, eles virão nos procurar.

Morosina lançou um olhar irado para o irmão.

— Você está ouvindo? — ela disse. — O que faremos agora?

Por que está falando com eles? Como se atreve a revelar o nosso segredo? Podíamos ter contado uma mentira...

Renzo abaixou-se e pegou uma máscara que estava entre os soldados de brinquedo.

— Eles me deram a asa — ele disse. — E eu não os paguei. Por isso permitirei que andem no carrossel.

Ele olhou para Próspero e Scipio, um de cada vez.

— No começo, ele gira devagar — ele disse em voz baixa. — E você quase não sente nada. Mas depois começa a ficar cada vez mais rápido. Eu quase desci tarde demais, mas assim... — ele olhou para si mesmo — ...é exatamente como eu queria. Recuperei o que me roubaram. Cada ano. Enquanto as crianças dos Vallaresso brincavam com tudo isso aqui — ele apontou para os cavalinhos de pau e os soldados de brinquedo —, Morosina e eu tínhamos de limpar o cocô dos pombos dos poleiros. Arrancar as ervas daninhas, raspar o musgo dos rostos dos anjos no jardim, esfregar o chão, polir as maçanetas. Acordávamos antes do senhorio e, quando íamos para a cama, todos já estavam dormindo havia muito tempo. Mas os Vallaresso se foram, e Morosina e eu estamos aqui. E devo confessar que

brincar com todas essas coisas me aborrece. Loucura, não?

Ele riu, e derrubou com o pé uma locomotiva a vapor.

— Então você apenas *diz* ser o *conte* — disse Scipio. — Você não é um Vallaresso.

— Não, não é — Morosina respondeu por seu irmão. Ela mediu Scipio com um olhar de desprezo. — Mas você vem de uma família distinta, não é? Percebo pelo seu jeito de falar, pela forma como anda. Você também tem uma empregada, uma menina só um pouco mais velha do que você, que recolhe as calças sujas que você joga no chão, limpa as suas botas e arruma a sua cama? Você não tem nenhum motivo para andar no carrossel. O que quer aqui? Se for o seu dinheiro, nós não podemos dar, porque não temos!

Scipio estava de cabeça baixa. Ele seguia os desenhos do chão com a ponta das botas.

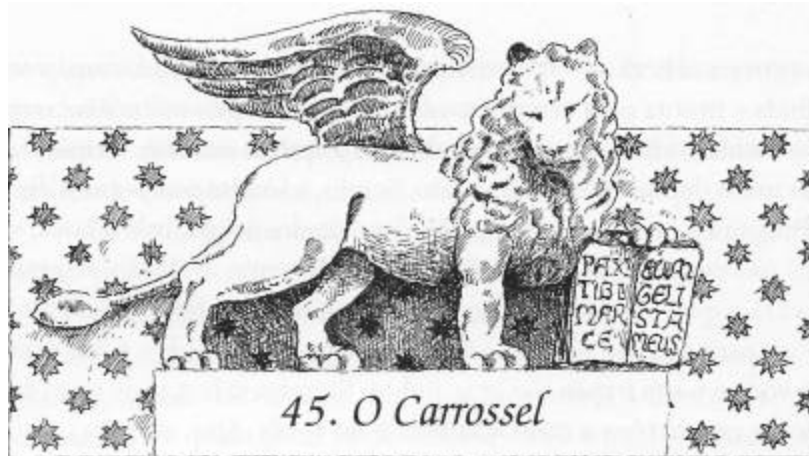
— É verdade, alguém recolhe as minhas coisas — ele disse sem erguer a cabeça. — E de manhã recebo uma muda de roupa escolhida e pronta para vestir. Eu odeio isso. Meus pais me tratam como se eu fosse idiota demais para abotoar as calças sozinho. "Scipio, lave as mãos depois que pegar o gato. Scipio, não pise nas poças d'água. Pelo amor de Deus, não seja tão desajeitado. Scipio, cale a boca, você não entende nada disso. Seu cabeça-de-vento estúpido, seu inútil sei lá o quê."— Scipio olhou para Morosina. — Na escola, eles leram para a gente a história de Peter Pan, conhece? Ele é um tonto, e você e o seu irmão são iguaizinhos. Viraram crianças de novo para levar empurrões e todo mundo rir de vocês. Sim, eu quero andar no carrossel, foi somente por isso que entrei nessa ilha, mas quero andar na outra direção. Eu quero ser adulto, adulto, adulto!

Scipio bateu o pé no chão com tanta força que esmagou um soldadinho.

— Desculpe — ele murmurou, e olhou para o brinquedo quebrado como se tivesse feito algo terrível.

Renzo se agachou e jogou os pedaços no fogo. Então olhou para Scipio pensativo. Na lareira, uma acha de lenha se partiu, as fa-gulhas se espalharam no chão e se apagaram entre os brinquedos espalhados.

— Vou lhes mostrar o carrossel — disse Renzo. — E, se quiserem, poderão andar nele.

45. O Carrossel

45

Próspero notou como Scipio estava agitado enquanto seguiam Renzo através do grande portal e se distanciavam da casa. Ele mesmo não sabia se estava nervoso. Tudo parecia estranho e irreal desde que haviam chegado à ilha. Como num sonho. E ele não saberia dizer se era um sonho bom ou ruim.

Morosina não foi com eles. Ela ficou lá em cima entre as colunas, com os cães ao seu lado, observando-os se afastar.

Renzo conduziu Próspero e Scipio até uma pérgola que havia atrás da casa e cujos suportes de madeira estavam cobertos por folhas de outono congeladas. A passagem levava até um labirinto, em cujos caminhos sinuosos certamente os Vallaresso haviam passado o seu tempo antigamente. O mato havia crescido nos canteiros entre os caminhos, e o labirinto se transformara num matagal quase impenetrável. Mesmo assim, Renzo hesitava muito pouco ao guiar Próspero e Riccio. Mas de repente ele parou para escutar.

— O que foi? — perguntou Scipio.

O repicar de um sino ressoava no ar frio, parecia que alguém tocava com muita força e impaciência.

— É o sino da entrada — disse Renzo. — Quem poderia ser? Barbarossa disse que só viria amanhã.

Ele parecia preocupado.

— Barbarossa? — Próspero olhou para ele surpreso.

Renzo confirmou com a cabeça.

— Já contei a vocês que foi dele a idéia de pagá-los com dinheiro falso. Pois ele também tratou de conseguir o dinheiro. Mas, naturalmente, o barba-ruiva cobra por esse tipo de serviço. Ele disse que viria amanhã para receber o seu pagamento. Um brinquedo antigo, no qual já estava de olho há muito tempo.

— Mas que tipinho asqueroso! — murmurou Próspero. — Então ele sabia desde o princípio que iríamos receber dinheiro falso.

— Não se importem com isso! Todo mundo cai nas tramóias de Barbarossa — disse Renzo, e aguçou os ouvidos. Mas o sino havia emudecido. Apenas os cães latiam. — Deve ter sido um barco de turistas — ele murmurou. — Morosina sempre conta histórias terríveis sobre a ilha quando vai à cidade, mesmo assim de vez um quando um barco vem parar aqui. Mas os dogues espantam até os mais curiosos.

Próspero e Scipio se entreolharam. Eles podiam imaginar.

— Já faz tempo que faço negócios com o barba-ruiva — contou Renzo enquanto abria caminho entre os canteiros abandonados. — Ele é o único antiquário que não faz muitas perguntas. E é a única pessoa que Morosina e eu já deixamos entrar na ilha. Naturalmente, ele pensa que está tratando com o *conte* Vallaresso, que ficou tão pobre que de vez em quando precisa vender algumas relíquias da família. Faz tempo que Morosina e eu vivemos do que os Vallaresso deixaram. Mas amanhã,

quando ele vier buscar o brinquedo, ninguém abrirá a porta. O *conte* terá desaparecido para sempre.

— Barbarossa sempre agiu como se não soubesse o que devíamos roubar para o *conte* — disse Próspero.

— E eu também não contei para ele — respondeu Renzo.

— Ele sabe do carrossel? — perguntou Scipio. Renzo riu.

— Não, Deus me livre, o barba-ruiva seria a última pessoa para quem eu o mostraria. Ele não hesitaria em vender ingressos para andar nele, a um milhão de liras cada um. Não, ele nunca viu o carrossel. Pois, felizmente — Renzo afastou alguns galhos cheios de espinhos —, ele está muito, muito bem escondido.

Renzo passou entre dois arbustos e desapareceu. Próspero e Scipio arranharam o rosto nos espinhos quando foram atrás dele. E de repente estavam numa clareira, cercada de arbustos e árvores, cujos galhos se entrelaçavam como se quisessem esconder o que havia sobre o musgo coberto de neve no chão à sua frente.

O carrossel era exatamente como Ida descrevera. Talvez Próspero o tivesse imaginado mais esplendoroso e colorido. A pintura da madeira estava desbotada e descascada pelo vento, pela chuva e pela maresia, mas o tempo não havia conseguido diminuir o encanto e a beleza das figuras.

As cinco estavam lá: o unicórnio, a sereia, o tritão, o cavalo-marinho e o leão, que abria suas duas asas como se nunca lhe tivesse faltado uma. Elas estavam penduradas em hastes sob um balda-quino de madeira, e assim pareciam flutuar. O tritão segurava um tridente em seu punho de madeira, a sereia olhava para longe com seus olhos verde-claros, como se sonhasse com as águas e o mar distante. E o cavalo-marinho, com seu rabo de peixe, era tão bonito que, ao vê-lo, não era difícil esquecer que também havia cavalos de quatro patas.

— Ele sempre ficou aqui? — perguntou Scipio maravilhado. Ele se aproximou lentamente do carrossel e acariciou a juba de madeira entalhada do leão.

— Desde que consigo me lembrar — respondeu Renzo. — Morosina e eu éramos bem pequenos quando nossa mãe veio conosco para a ilha, pois os Vallaresso estavam procurando uma ajudante de cozinha. Ninguém nos contou sobre o carrossel, era um segredo muito bem guardado, mas acabamos descobrindo. Já naquela época, ele ficava aqui atrás do labirinto, e às vezes eu vinha ver as crianças ricas brincarem. Morosina e eu nos escondíamos atrás dos arbustos e sonhávamos em também andar nele, mesmo que fosse uma só vez. Até que alguém nos apanhava e nos mandava de volta para o trabalho. Passaram-se os anos, a nossa infância se foi, a nossa mãe morreu, ficamos adultos, os Vallaresso perderam a fortuna e abandonaram a ilha, e Morosina e eu fomos procurar trabalho na cidade. Então um dia, num bar, eu ouvi a história do carrossel das Irmãs de Caridade. No mesmo instante, tive a certeza de que era o carrossel da ilha. De repente, entendi por que os Vallaresso queriam mantê-lo em segredo. A história nunca mais saiu da minha cabeça, e eu sonhava em achar a asa perdida do leão, despertar novamente a magia do carrossel e subir nele com a minha irmã. Morosina riu de mim, mas acabou me acompanhando quando decidi voltar para a ilha. O carrossel ainda estava aqui e então decidi iniciar a busca da asa. Não me pergunte quantos anos se passaram até que eu descobrisse onde ela estava. — Renzo subiu no carrossel, se encostou no unicórnio e acariciou as suas costas. — Valeu a pena. Vocês me trouxeram a asa, e Morosina e eu andamos no carrossel.

— Tanto faz em que figura a pessoa monta? — Scipio subiu na plataforma e montou nas costas do leão.

— Não. — Por um momento, Renzo ficou tão curvado como o velho que havia sido. — A figura certa para mim era o leão. Você e o seu amigo devem montar num dos seres aquáticos.

— Venha, Prop! — exclamou Scipio, e fez um sinal para Próspero subir também. — Escolha uma figura. Qual você quer? O cavalo-marinho, o tritão?

Próspero aproximou-se lentamente do carrossel, ao mesmo tempo que escutava os cães latirem ao longe.

Renzo também parecia ter ouvido, pois andou até a beira da plataforma e parou, com a testa franzida.

— Suba — ele disse para Scipio. — Acho que preciso voltar para casa e ver se Morosina está bem.

Scipio já havia descido das costas do leão e montado no cavalo-marinho.

— O que você está esperando, Próspero? — ele exclamou impaciente, quando viu que Próspero ainda não havia subido na plataforma.

Mas Próspero não se mexeu. Ele não podia. Simplesmente não podia. Ele se imaginou grande e adulto, entrando no Gabrielle Sandwirth, empurrando Esther e o seu tio para o lado e levando Bo pela mão. Mas mesmo assim não pôde subir no carrossel.

— Você mudou de idéia? — perguntou Renzo, e olhou curioso para ele.

Próspero não respondeu. Ele olhou para o unicórnio, depois para o tritão, com o seu rosto verde-pálido, e então para o leão, o leão alado.

— Vai você primeiro, Scip — ele disse.

A decepção caiu como uma sombra no rosto de Scipio.

— Como queira — ele disse, e se virou para Renzo. — Você ouviu. Pode girar.

— Espere, espere, meu Deus, que pressa! — Renzo tirou uma trouxa de debaixo da sua capa antiquada e jogou-a para Scipio. — Se não quiser arrebentar as suas

calças, é melhor vestir alguma coisa. São umas velhas roupas minhas, ou melhor, do *conte.*

Scipio desceu contrariado do cavalo-marinho. Próspero teve que segurar o riso quando o viu vestido com as roupas de Renzo.

— Não ria — resmungou Scipio, e jogou as suas roupas para Próspero. Então arregaçou as mangas compridas demais, puxou para cima as calças que dançavam nas suas pernas, e voltou rapidamente para o cavalo-marinho. — Os sapatos vão voar dos meus pés! — ele reclamou.

— Contanto que você não caia... — Renzo se aproximou e pôs a mão nas costas do cavalo-marinho. — Segure firme. Vai ser só um empurrão e ele vai começar a girar, cada vez mais depressa, até você saltar. Mas ainda está em tempo de mudar de idéia.

Scipio abotoou o casaco folgado.

— Saltar, mais essa! — ele disse. — Não que eu pretenda, mas é possível voltar atrás?

Renzo deu de ombros.

— Como pode ver, ainda não tentei.

Scipio fez um sinal positivo com a cabeça e olhou para Próspero, que havia recuado alguns passos. As sombras das árvores quase o engoliam.

— Venha também, Prop!

Scipio olhou para ele de forma tão suplicante que Próspero não sabia para onde olhar. Mesmo assim, ele recusou.

— Bem, você é quem sabe!

Scipio sentou-se aprumado. As mangas do casaco escorregaram e cobriram as suas mãos.

— Vamos lá! — ele exclamou. — E juro que só vou saltar quando tiver que me barbear!

Então Renzo deu um empurrão no cavalo-marinho.

Com um leve solavanco, o carrossel começou a se movimentar, fazendo ranger e estalar a velha madeira.

Renzo foi para junto de Próspero.

— Iuhu! — Próspero ouviu Scipio gritar, e viu como ele se agarrava ao pescoço do cavalo com rabo de peixe. As figuras giravam cada vez mais depressa, como se o próprio tempo as empurrasse com uma mão invisível. Próspero ficou tonto quando tentou seguir Scipio com o olhar. Ele o ouviu rir, e de repente foi tomado por uma estranha sensação de felicidade. Seu coração foi ficando leve à medida que as figuras giravam na sua frente, tão leve como Próspero não sentia havia muito tempo. Ele fechou os olhos e teve a sensação de que ele próprio era o leão alado. Que abria suas asas e voava. Para o alto. Mais alto.

A voz de Renzo o trouxe de volta a terra. — Salte! — Próspero o ouviu gritar.

Ele abriu os olhos assustado. O carrossel girava mais devagar. Primeiro ele viu o tritão, empunhando o seu tridente, depois passaram a sereia e o leão, depois o unicórnio, ainda mais lentamente — e então chegou o cavalo-marinho. O carrossel parou, e as costas do cavalo-marinho estavam vazias.

— Scipio? — gritou Próspero, e começou a correr ao redor do carrossel.

Renzo foi atrás dele.

Estava escuro no outro lado. Ali cresciam árvores altas e frondosas, que não perdiam folhas no inverno e cujos galhos avançavam na clareira e balançavam inquietos ao vento. Na sombra, algo se mexeu. Um vulto se levantou do chão, era alto e magro. Próspero parou.

— Foi por pouco — disse uma voz estranha. Próspero recuou sem querer.

— Não me olhe assim — o desconhecido riu envergonhado.

Bem, para Próspero, não era tão desconhecido assim. Ele parecia um sósia do pai de Scipio, porém mais jovem. Apenas o sorriso era diferente, bem diferente.

Scipio abriu os braços — como eram longos! — e agarrou Próspero num abraço arrebatado.

— Funcionou, Prop! — ele exclamou. — Veja. Veja só. — Ele soltou Próspero e passou a mão no queixo. — Barba! Incrível. Quer sentir?

Ele começou a rir e a rodopiar, com os longos braços estendidos. Então pegou Renzo e, sob seus protestos, o ergueu bem alto.

— Forte como Hércules! — ele exclamou, e pôs Renzo de volta no chão. Depois apalpou o rosto, passou os dedos no nariz, nas sobrancelhas. — Ah, se eu tivesse um espelho! Como estou, Prop? Muito diferente?

"Igual a seu pai", Próspero ia dizer, mas engoliu as palavras.

— Adulto — respondeu Renzo em seu lugar.

— Adulto! — murmurou Scipio, e examinou as mãos. — Sim, adulto. O que você acha, Prop, estou mais alto do que o meu pai? Um pouquinho, com certeza, não? — Ele olhou ao seu redor procurando alguma coisa. — Por aqui deve haver algum poço ou um tanque onde eu possa ver o meu reflexo.

— Na casa, há um espelho — respondeu Renzo sorrindo. — Venham. Preciso voltar.

Mas no meio da clareira ele parou. Em algum lugar entre os arbustos ouviu-se um estalo, como se um animal de grande porte abrisse caminho entre os galhos.

— Para onde está me levando, sua pequena besta? — eles ouviram uma voz reclamar. — Estou parecendo um cacto com tantos espinhos espetados.

— É este o caminho, estamos quase chegando — eles ouviram Morosina responder.

Renzo olhou assustado para Próspero e Scipio. Ele já ia começar a correr na direção de onde vinham as vozes, mas Scipio o arrastou para trás do carrossel.

— Abaixem-se! — ele sussurrou para Renzo e Próspero, e se agachou junto com eles atrás da

plataforma.

— O senhor vai se arrepender disso! — eles ouviram a voz aguda de Morosina. — O senhor não tem o direito de vir bisbilhotar aqui. Se o *conte* souber...

— Ah, que *conte* que nada! — zombou uma voz grave que pareceu familiar a Próspero. — Ele não está aqui hoje. Ele mesmo me disse. Não, você está sozinha aqui, seja lá quem você for! Por que acha que Ernesto Barbarossa veio visitar essa maldita ilha justamente hoje?

Renzo estremeceu.

— Barbarossa! — ele sussurrou.

Ele quis se levantar, mas Scipio o segurou. Os três se ergueram um pouco e espiaram pela beirada da plataforma.

— Você acha que eu escalaria esse maldito muro por nada? — eles ouviram a voz ofegante de Barbarossa. — Quero saber para que tanto mistério. E se eu não souber logo, vou ficar muito, muito zangado!

Os galhos estalaram mais uma vez, e então Barbarossa apareceu na clareira respirando pesadamente. Ele puxava Morosina pela sua longa trança, como um cão numa coleira.

— Com os diabos, o que é isso? — grunhiu o barba-ruiva quando viu o carrossel. — Está querendo me fazer de bobo? Estou procurando alguma coisa com diamantes, com diamantes enormes e pérolas. Ah, eu sabia que você estava querendo me tapear. Agora vamos voltar para a casa, e ai de você se não me mostrar o que estou procurando!

— Próspero! — sussurrou Scipio, tão baixinho que Próspero quase não ouviu. — Estou parecido com o meu pai? Diga logo.

Próspero hesitou. E fez que sim.

— Bom. Muito bom. — Scipio alisou o casaco e lambeu os lábios como um gato quando avista a sua

presa. — Esperem um pouco aqui — ele sussurrou. — Acho que agora vai ser muito, muito divertido.

Ainda agachado, ele passou por Renzo e Próspero, olhou mais uma vez ao seu redor e então se pôs de pé, endireitando-se ao máximo.

Ele era realmente alguns centímetros mais alto do que o seu pai. Scipio espichou o queixo para a frente, como o *dottor* Massimo gostava de fazer, e foi andando em direção a Barbarossa.

O barba-ruiva olhou para ele boquiaberto, sem soltar a trança de Morosina.

— *Dottore... Dottor* Massimo! — ele balbuciou assombrado.

— O que... o senhor está fazendo aqui?

— Era justamente o que eu ia lhe perguntar, *signor* Barbarossa

— respondeu Scipio. Próspero ficou admirado ao ver como ele imitava bem o tom de voz desdenhoso do pai. — E o que, em nome de Deus, o senhor está fazendo com a *contessa!*

Barbarossa soltou a trança de Morosina tão assustado como se tivesse se queimado.

— *Contessa!* Vallaresso?

— Naturalmente, a *contessa* sempre vem visitar o avô. Não é verdade, Morosina? — Scipio sorriu para ela. — Mas o que o traz até esta ilha, *signor* Barbarossa? Negócios?

— Como? Sim, sim. — Barbarossa balançou a cabeça atônito.

— Negócios.

Ele ainda estava perplexo demais para notar que Morosina estava tão espantada quanto ele.

— Muito bem. A mim, o *conte* pediu que viesse até aqui para avaliar este carrossel. — Scipio virou as costas para Barbarossa e puxou o lóbulo da orelha, como era o costume do seu pai. — Talvez a prefeitura o compre. Mas temo que esteja num estado lastimável. O senhor naturalmente o reconhece, não é?

— Se o reconheço? — Barbarossa se pôs ao lado dele desconcertado, olhou para o carrossel e arregalou os olhos.

— Mas é claro! Unicórnio, sereia, leão, tritão — ele bateu na própria testa, como se quisesse fazer a sua cabeça pensar mais depressa — e ali está o cavalo-marinho. O carrossel das Irmãs de Caridade! Incrível! — Ele baixou a voz e lançou um olhar de cumplicidade para Scipio. — E as histórias? As histórias que contam sobre ele?

Scipio deu de ombros.

— Não gostaria de fazer um teste? — ele perguntou com um sorriso que não se parecia em nada com o do *dottor* Massimo. Mas também dessa vez Barbarossa não percebeu.

— O senhor sabe como fazê-lo funcionar? — ele perguntou, e subiu na plataforma com certa dificuldade.

— Oh, eu tenho dois jovens ajudantes — disse Scipio. — Eles estão em algum lugar ali atrás, devem estar querendo se safar do trabalho. — Ele fez um sinal para Próspero e Renzo saírem de trás do carrossel. — Venham aqui, vocês dois. O *signor* Barbarossa gostaria de dar uma volta no carrossel.

Barbarossa apertou os olhos quando viu Próspero.

— O que ele está fazendo aqui? — ele grunhiu, olhando desconfiado para Próspero. — Eu conheço esse menino. Ele trabalha para...

— Agora eu trabalho para o *dottor* Massimo — Próspero o interrompeu e se pôs ao lado de Scipio.

Morosina correu para junto do seu irmão e cochichou algo no ouvido dele. Renzo empalideceu.

— Ele deu carne envenenada para os cães! — ele gritou e subiu na plataforma, mas Barbarossa o empurrou para baixo, irritado.

— E daí? Eles vão sobreviver! — ele exclamou. — Por acaso queriam que eu deixasse que esses cães endemoniados me devorassem? Esses monstros já me assustaram bastante!

— Corra e dê raiz de ipeca para eles — Renzo disse para Morosina, sem tirar os olhos de Barbarossa. — Ainda tem um pouco no estábulo.

Morosina saiu correndo. Barbarossa a seguiu com um olhar de satisfação.

— Esses monstros bem que mereciam, acredite, *dottore* — ele disse para Scipio. — O senhor sabe se faz alguma diferença sentar numa figura ou na outra?

— Sente no leão, barba-ruiva — disse Renzo, e lançou um olhar hostil para Barbarossa. — É a única figura que pode agüentar seu peso.

Barbarossa olhou para ele com desprezo, mas montou no leão. Quando soltou o seu corpo gordo, a madeira rangeu como se o leão tivesse adquirido vida.

— Fabuloso! — observou Barbarossa satisfeito, e olhou para os outros como se fosse um rei montado no seu corcel. — Por mim, o teste pode começar.

Scipio concordou com a cabeça e pôs a mão nos ombros de Renzo e Próspero.

— Vocês já sabem o que têm que fazer. Vamos dar ao senhor Barbarossa a viagem que ele merece.

— Mas primeiro só uma volta! — Barbarossa inclinou-se nervoso um pouco mais para a frente e se agarrou na haste com os seus dedos cheios de anéis. — Nunca se sabe. Talvez tenha algum fundo de verdade na história, e eu não quero me transformar num fedelho.

Ele olhou com desprezo para Renzo, sorriu e passou a mão em sua cabeça calva.

— Apenas alguns aninhos, quem não gostaria, não é, *dottore!*

Scipio respondeu com um sorriso.

— Renzo, Próspero, um empurrão bem forte para o *signor* Barbarossa — ele ordenou.

Próspero e Renzo andaram até o carrossel. Renzo pôs a mão nas costas do tritão. Próspero apoiou os braços no unicórnio.

— Segure firme, barba-ruiva — gritou Renzo. — Vai ser a cavalgada da sua vida!

O carrossel começou a girar com um solavanco tão forte que o unicórnio pareceu saltar sobre a nuca do leão. Barbarossa se agarrou na haste assustado.

— Opa, não tão forte! — ele gritou, mas o carrossel começou a girar cada vez mais depressa.

— Pare! — gritou Barbarossa. — Pare! Estou passando mal! Mas as figuras continuavam a dar voltas e mais voltas.

— Maldito carrossel dos infernos! — Barbarossa gritou, e Próspero teve a impressão de que a sua voz já estava mais fina.

— Pule, barba-ruiva! — exclamou Renzo. — Pule se tiver coragem!

Mas Barbarossa não pulou. Ele gritava, xingava, sacudia a haste e pisava no leão como se pudesse refrear sua velocidade alucinante. E de repente aconteceu.

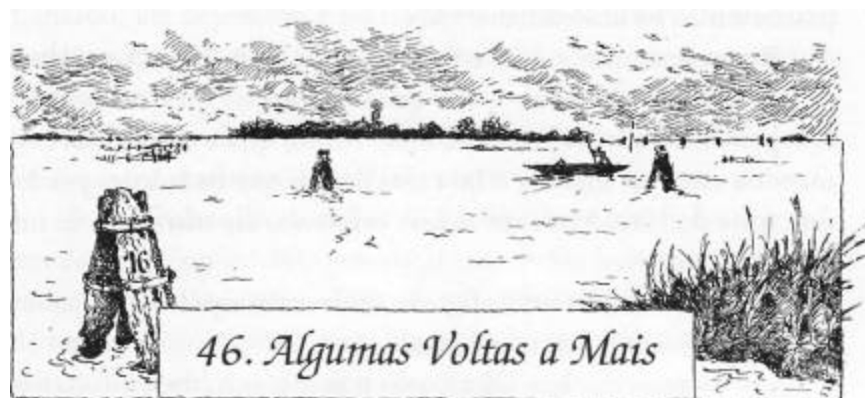
Nas suas tentativas desesperadas de parar o carrossel, Barbarossa cravou os pés nas asas do leão. Scipio, Renzo e Próspero ouviram a velha madeira rachar e se partir, com um estrépito terrível, quase como se algo vivo se despedaçasse.

— Não! — Próspero ouviu Renzo gritar, mas já não havia mais o que salvar.

A asa foi arremessada para cima, bateu no peito do tritão e quicou no tablado de madeira. Dali ela voou para baixo, bateu com tanta força no braço de Próspero que ele gritou, e então desapareceu no meio dos arbustos.

O carrossel deu uma última volta sacolejando, então as figuras pararam com um gemido. E não se moveram mais.

— *Madonna!* — Próspero ouviu uma voz se lamentar. — O que foi isso? Mas que cavalgada dos demônios!

Das costas do leão alado, com as pernas bambas, desceu um menino. Gemendo, ele cambaleou até a beira da plataforma de madeira, tropeçou nas pernas da calça — e olhou espantado para os dedos: dedinhos curtos e gordinhos, com unhas rosadas.

46

— Ele quebrou o carrossel! — exclamou Renzo.

O garoto subiu na plataforma, empurrou o pequeno Barbarossa com tanta força que quase o derrubou, e depois inclinou-se sobre o leão. A asa de Ida ainda estava firme no seu lugar, mas da asa direita restava apenas um toco. Ele olhou desesperado para Próspero e Scipio. Então, como se de repente tivesse se lembrado de quem era o responsável por aquela desgraça, ele se lançou sobre Barbarossa, que continuava a olhar incrédulo para os seus dedos.

— Seu calhorda miserável! — gritou Renzo, e deu um empurrão no peito de Barbarossa que o fez bater no cavalo-marinho. — Você invade a minha ilha, envenena meus cachorros, ameaça a minha irmã, e agora destrói aquilo a que dediquei metade da minha vida!

— O carrossel não parou — gritou Barbarossa.

Ele pôs os braços em cima da cabeça para se proteger, mas Renzo estava cego de raiva e começou a bater sem piedade, até que Próspero subiu na plataforma e o puxou de volta com uma mão. O outro braço, que a asa havia acertado, ainda estava doendo. Renzo abaixou os punhos sem resistir e olhou para o leão mutilado.

Scipio também estava perplexo. Hesitante, como se temesse pelo que poderia encontrar, ele andou até os arbustos onde a asa tinha ido parar e tirou-a do meio dos galhos.

— Vamos mandar fazer uma asa nova, Renzo! — ele disse, e passou a mão na madeira quebrada.

Renzo andou até o leão e encostou o rosto na juba de madeira.

— Não — ele disse. — Por que vocês acham que procurei pela segunda asa durante tanto tempo? Dizem que o *conte* Vallaresso mandou entalhar mais de trinta asas depois que os ladrões perderam a asa do leão. Mas sem as asas originais, ele não passa de um simples carrossel.

— Que nada, as outras figuras ainda estão aqui! — exclamou Barbarossa. — Por que essas caras?

Ele estava descalço. Os sapatos e as meias haviam voado dos seus pés durante a frenética cavalgada, e as mangas do seu sobretudo chegavam até o chão. Barbarossa estava menor do que Bo.

Como ninguém respondeu, ele tirou o sobretudo dos ombros, saiu de dentro das calças, agora enormes para ele, e andou até o tritão. Como não conseguiu subir, ele tentou o cavalo-marinho. Mas todas as figuras eram gigantescas para um menino gordinho que sempre havia sido meio desajeitado.

— Poupe-se o esforço, Barbarossa — disse Próspero, e sentou-se na beira da plataforma. — Você ouviu o que Renzo disse. Não vai funcionar nunca mais.

— Impossível! — gritou Barbarossa. — Empurrem novamente! *Dottor* Massimo!

Ele correu para a borda da plataforma e começou a pular de um pé para o outro para se aquecer.

— Por favor, *dottore!* Dê um fim a essas traquinagens! Olhe para mim. Sou um homem importante, todos na cidade me conhecem. Recebo

turistas do mundo todo na minha loja! O senhor quer que eu apareça na frente deles com essa figura ridícula?

Scipio ainda olhava para a asa partida.

— Ah, me deixe em paz, Barbarossa — ele disse sem erguer a cabeça. — Você não entende nada. O que é que você tinha que vir fazer aqui? Você destruiu tudo.

— Mas *dottore!* — gritou Barbarossa.

— Eu não sou o *dottor* Massimo — Scipio disse rispidamente. Cansado, ele depositou a asa na plataforma. — Sou o Senhor dos Ladrões. E agora também sou adulto. Mas você estragou a minha alegria. Droga, eu preciso pensar.

Barbarossa olhou para Scipio como se tivesse sido apresentado ao diabo em pessoa.

— O Senhor dos Ladrões. O Senhor dos Ladrões é o digníssimo *dottor* Massimo? Mas que surpresa. — Ele baixou a voz ameaçador, o que não surtiu muito efeito, considerando que se tratava de um menino de cinco anos. Ele fechou os punhos e disse: — Girem o carrossel. Imediatamente! Senão vou contar para a polícia quem vocês são.

Scipio deu uma gargalhada.

— Oh, faça isso — ele disse. — Conte à polícia que o *dottor* Massimo é o Senhor dos Ladrões. Pena que você não passe de um fedelho em quem ninguém vai acreditar.

Barbarossa perdeu a fala. Paralisado de raiva, ele ficou onde estava, os punhos ainda fechados, olhando para seus pés frios e descalços.

— Você ainda tem a ousadia de fazer ameaças, seu maldito cara-de-pau? — perguntou Renzo atrás dele. — Vou ver como estão os meus cães. E se tiver feito algum dano a eles como fez com o carrossel, você vai desejar nunca ter pisado na *Isola Segreta.* Entendeu?

— Você... — Barbarossa virou-se para ele estupefato. — Como se atreve me ameaçar, seu pirralho

molambento, seu...

— Eu sou o *conte,* Barbarossa — Renzo o interrompeu rudemente. — Você veio à minha ilha sem ser convidado, e agora é meu prisioneiro.

Ele desceu do carrossel e olhou para Próspero e Scipio.

— Vocês o vigiam? Preciso ir ver os cães e como Morosina está.

Próspero fez que sim. Ele continuava sem mexer o braço.

— O que foi? — Scipio perguntou preocupado, quando viu a expressão de dor no seu rosto.

Mas Próspero apenas balançou a cabeça.

— A asa bateu no meu braço, já vai passar.

— Morosina vai dar uma olhada no seu braço — disse Renzo. — Tragam o rui vinho para a casa.

Então ele desapareceu entre os arbustos. Boquiaberto, Barbarossa o seguiu com o olhar.

— Mas que empáfia — ele xingou, e apoiou os bracinhos curtos na cintura. — É o *conte.* E dai? Eu já não gostava do tipo quando era velho e grisalho. Sua ilha. Bah. Vou voltar para casa e contratar o melhor marceneiro da cidade. Ele vai fazer esse carrossel dos infernos funcionar novamente.

— Você não vai fazer nada — disse Scipio, pondo-se na frente dele. Embora Barbarossa estivesse em cima da plataforma, Scipio ainda estava um pouco mais alto do que ele. — Os seus pais ainda estão vivos?

Barbarossa deu de ombros, tiritando de frio. O seu sobretudo lhe fazia falta.

— Não. Por que diabos você quer saber? Próspero e Scipio trocaram um olhar.

— Bem, então teremos que propor a Renzo que o leve para as Irmãs de Caridade — disse Próspero.

— O quê? — Barbarossa deu um passo para trás horrorizado. — Vocês não se atreveriam! *Vocês não se*

atreveriam!

Scipio subiu no carrossel e puxou o pequeno Barbarossa, que estava entre duas figuras e tentava resistir.

— O carrossel nunca mais vai girar, barbinha-ruiva — ele disse. — Graças a você. E por causa disso, só para começar, você não vai voltar sozinho para a cidade. Sabe lá que outras desgraças poderia provocar. Você ouviu o que Renzo disse: agora você é prisioneiro dele. E, para ser sincero, eu não gostaria de estar na sua pele, porque você deu a ele e à sua irmã razões de sobra para estarem furiosos.

Barbarossa esperneou e se debateu, porém Scipio o botou nas costas como se fosse um saco, e assim o levou por todo o caminho de volta até a casa.

Eles nunca teriam conseguido sair sozinhos do labirinto, mas as pegadas de Renzo indicavam o caminho. Enquanto Barbarossa xingava e cuspia, sem parar de dar socos nas suas costas, Scipio ficou calado. De vez em quando, ele olhava para o céu e para as árvores como se fossem novos ou inéditos, como o seu novo corpo de adulto. Os gritos de Barbarossa não o perturbavam, era como se estivesse surdo. Ele simplesmente prosseguia, com passos tão longos que Próspero tinha de correr para acompanhá-lo.

Somente quando chegaram à casa, Scipio se virou para Próspero, pôs o agitado Barbarossa no chão e disse:

— Tudo encolheu, Prop. O mundo de repente ficou tão pequeno... Quase como se eu não coubesse mais nele.

Ele se agachou junto de Barbarossa.

— Para você deve ser diferente, não é, barbinha-ruiva? — ele perguntou zombeteiro. — Como estão as coisas aí embaixo?

Barbarossa não lhe deu atenção e olhou aflito ao seu redor, como um animal capturado em busca de uma oportunidade para fugir. Ele resistiu com todas as suas forças quando Próspero o arrastou escada acima.

— Solte-me! — ele gritou vermelho de raiva. — Esse menino... o *conte,* ele vai me matar! Vocês têm que me deixar fugir, afinal somos antigos parceiros de negócios! Darei dinheiro a vocês, meu barco está no portão, vocês podem dizer que escapei!

— Dinheiro? Ainda temos uma sacola cheia de dinheiro falso — respondeu Próspero. — Que também veio de você.

Barbarossa perdeu a fala por um instante.

— Que dinheiro falso? Não sei nada de dinheiro falso — ele disse, mas evitou olhar para Próspero e Scipio.

— Oh, sabe sim — disse Scipio, e começou a subir a escada. Emburrado, Barbarossa foi atrás. E de repente parou, como se tivesse criado raízes, quando viu Renzo entre as colunas no final da escada.

— Vejam como está furioso! — ele sussurrou, e se agarrou ao braço de Próspero. — Vocês têm de me proteger.

Nesse momento, os cachorros apareceram atrás de Renzo. Os seus olhos estavam turvos, mas eles estavam se agüentando de pé. Morosina estava com eles e apertou os lábios quando viu Barbarossa.

— Você teve sorte, seu envenenador miserável! — exclamou Renzo e começou a descer os degraus lentamente. — Sim, eles estão vivos. E acho que ainda agüentam mais alguns bocados de carne. Morosina propôs que, como castigo, você aposte uma corrida com eles, até o seu barco, por exemplo...

Barbarossa empalideceu.

Renzo parou dois degraus acima dele e o encarou.

— Mas eu tenho outra proposta — ele disse. — É claro que você precisa pagar pelo que fez, mas não com a sua vida, nem da forma como pagamos o Senhor dos Ladrões.

— Como então? — Barbarossa olhou para ele desconfiado.

— Por sua culpa, Morosina e eu não podemos desfazer o que começamos — disse Renzo. — Nem o Senhor dos Ladrões ou você próprio. Já lhe vendi quase tudo o que havia de valor nesta ilha, restou apenas o velho brinquedo. E Morosina e eu estamos sozinhos. Por isso, deixarei que vá, se me der o dinheiro que tem na sua loja. Não na caixa registradora, mas no seu cofre.

Barbarossa recuou tão perplexo que quase rolou escada abaixo. Próspero o apanhou a tempo pelo cós da calça, mas Barbarossa afastou a mão dele assim que estava seguro novamente.

— Você ficou louco? — ele gritou com Renzo. — E do que vou viver nos próximos tempos? Mal consigo olhar por cima do balcão da minha loja. O que posso fazer se essa asa podre se espatifou?

— Ah, o que você pode fazer? — Scipio sentou-se nos degraus frios com um suspiro e olhou zombeteiro para Barbarossa. — O que você pode fazer se invadiu esta ilha com um saco cheio de carne envenenada e arrastou Morosina pelos cabelos?

Barbarossa abriu a boca, mas Renzo não o deixou falar. — Vamos juntos para a cidade — ele disse — e você vai me dar o dinheiro. Em troca, não me vingarei de você, nem pelo carrossel, nem pelos cães, e a minha irmã também não. Poderíamos fazer isso, acredite. Poderíamos chamar a atenção dos *carabinieri* para um menino órfão, que imagina que é Ernesto Barbarossa, ou pedir para Scipio e Próspero o levarem para o orfanato da Irmãs de Caridade. Depende de você. A escolha é sua.

Barbarossa acariciou o queixo e deixou cair a mão irritado quando sentiu que não tinha mais barba.

— Chantagem — ele resmungou.

— Chame como quiser — respondeu Renzo. — Existem algumas palavras piores para o que você aprontou na minha ilha.

Barbarossa fez uma cara tão enfezada, que Próspero teve de rir.

— Eu aceitaria a oferta, barbinha-ruiva — ele disse. — Senão Morosina ainda vai dá-lo como comida para os dogues.

Barbarossa cerrou os pequenos punhos, impotente.

— Está bem, aceito — ele disse olhando para os cães, que haviam se deitado no último degrau. — Mas continua sendo chantagem.

47

Era começo de tarde quando chegaram a Veneza. Mas o céu estava coberto de nuvens tão escuras que Próspero por um momento pensou que já estava anoitecendo.

Ele havia perdido a noção de tempo. A noite em que partira com Scipio para a *Isola Segreta* parecia ter acontecido meses atrás, e ele se sentia como um viajante retornando de terras longínquas. Quando Scipio entrou no canal Grande com o barco do pai, começou a chover. O vento fustigava seus rostos com as gotas frias, e os palácios na margem pareciam chorar.

— Quanto tempo ainda vou ter que ficar nesse buraco? — Próspero ouviu Barbarossa reclamar.

Scipio o prendera na cabine para se assegurar de que não aprontaria nenhum truque durante o caminho. Renzo o seguiu com o barco de carga de Barbarossa, com o qual sem dúvida o barba-ruiva pretendia levar alguma coisa da ilha, ainda que negasse veementemente. Morosina ficara na *Isola Segreta* para cuidar dos cães. Eles estavam muito abatidos ao abanar

o rabo na despedida; Renzo subira no barco de Barbarossa com o rosto carregado de preocupação.

— Como você pretende voltar para a ilha depois? — perguntou Scipio quando amarraram os barcos no cais de um canal afastado.

— Oh, vou pegar o barco do *signor* Barbarossa emprestado por um tempo — respondeu Renzo. — Ele é muito mais prático do que o meu veleiro e, além disso, dessa maneira o barbinha-ruiva não poderá me fazer nenhuma visita inesperada nos próximos tempos.

Barbarossa murmurou alguma coisa muito indelicada e foi na frente com a cara amarrada. Scipio lhe dera a sua roupa de criança, mas também ela era grande demais para Barbarossa. Os sapatos saíam dos seus pés a cada passo, as pessoas se viravam e riam quando ele tentava revidar os olhares curiosos com um ar de dignidade.

A figura alta e esguia de Scipio também atraía olhares curiosos. Renzo lhe dera a capa negra que antes costumava usar e, com ela, Scipio parecia uma figura saída de uma pintura antiga. Próspero andava embaraçado ao lado dele, ele sentia falta do rosto de Scipio com o qual estava acostumado. Nem mesmo quando punha a máscara ele lhe parecia mais familiar. De vez em quando Scipio sorria, talvez porque notasse o constrangimento de Próspero e quisesse dissipá-lo, mas não teve muito êxito.

A chuva batia cada vez mais forte na calçada e quando finalmente chegaram à loja de Barbarossa, quase não havia vivalma nas ruas.

Barbarossa abriu a loja emburrado e acendeu a luz. Ele deixou a placa de *chiuso* pendurada atrás da vidraça e trancou a porta por precaução.

— Vocês têm de me deixar ficar com um terço — ele se queixou enquanto os conduzia para o seu escritório —

No mínimo! Senão do que eu vou viver? Querem que eu morra de fome miseravelmente?

Pequeno como era agora, era mais fácil para Barbarossa encontrar um caminho pela loja abarrotada, mas, apesar do seu novo tamanho, ele tentava passar entre as prateleiras com o mesmo andar solene e presunçoso de antes. Era tão esquisito que Scipio o imitou pelas costas.

— Qual é a graça? — perguntou Barbarossa ao ouvir as risadas de Próspero e Scipio.

Com cara de ofendido, ele desapareceu atrás da cortina de contas do seu escritório. Os três o seguiram.

— Fora daqui! — gritou Barbarossa. — Vocês receberão o dinheiro, mas a combinação do cofre não é da sua conta!

— Vamos fechar os olhos — disse Próspero, e pôs uma cadeira diante do pôster do Museu da Accademia que estava pendurado atrás da escrivaninha de Barbarossa.

— Vocês andaram me espionando! — esbravejou Barbarossa enquanto subia na cadeira com dificuldade. — Você e o seu amigo com cabelo de ouriço. Desde quando vocês sabem que o cofre fica atrás do pôster?

Próspero deu de ombros.

— Não sabíamos — ele respondeu. — Mas Riccio sempre suspeitou.

— Bando de covardes! — resmungou Barbarossa, retirando cerimoniosamente o pôster da parede. — Roubar um pobre menininho. Pragas da peste... Mas quando eu tiver um tamanho decente de novo...

— Isso ainda vai demorar muitos anos — Renzo o interrompeu impaciente. — Abra de uma vez! Ainda tenho de procurar um veterinário, acho que você sabe por quê... Cada vez que eu penso nisso, vejo como você teve sorte.

Barbarossa olhou para o cofre.

— Esqueci a combinação! — ele disse. Mas a cara feia com que Renzo olhou para ele o fez lembrar rapidamente.

— Isso é tudo? — exclamou Renzo, quando Barbarossa lhe entregou dois maços de dinheiro. — É por causa *disso* que você está reclamando? Isso mal dá para pagar o veterinário.

Sem dizer mais nada, ele se virou e voltou para a loja.

— O que ele vai fazer? — Barbarossa pulou da cadeira e correu atrás de Renzo. — Você já tem o seu dinheiro. Não toque em nada, entendido?

Renzo estava no meio da loja, debaixo do lustre com flores de vidro colorido, e olhava ao seu redor.

— O que vocês levariam? — ele perguntou. — O que me compensaria por ele ter quebrado a asa do meu leão?

Scipio abriu uma vitrine e tirou algo de dentro.

— Que tal isto aqui? — ele perguntou, e pôs na mão de Renzo a pinça de açúcar que ele próprio havia roubado da casa dos pais.

Indignado, Barbarossa respirou fundo.

— Eu paguei por ela, Senhor dos Ladrões! — ele gritou com sua voz fininha de criança. — Pergunte ao seu representante. Eu paguei por ela mais do que o suficiente.

Irritado, Scipio deu um passo em direção a Barbarossa. Ele chegava exatamente na sua cintura.

— A quantia que está na etiqueta é quase dez vezes o que você pagou para Próspero — ele disse. — Cansamos de jogar de acordo com as suas regras, barba-ruiva, agora você vai jogar um pouco com as nossas.

— Vou coisíssima nenhuma! — Barbarossa pôs os braços na cintura indignado, mas Scipio simplesmente lhe deu as costas e se pôs a examinar os objetos que ainda havia na vitrine.

Renzo enfiou os dois maços de dinheiro do cofre no bolso do casaco, deixou a pinça de açúcar deslizar para dentro do bolso da sua calça e se virou.

— Desejo-lhe sorte, Senhor dos Ladrões — ele disse abrindo a porta da loja. A chuva molhou o seu rosto. — Quando nos visitar novamente, toque o sino. Se estiver lá, abrirei.

— E eu sempre vou pensar no *conte* quando passar pela Basílica de São Marcos — disse Scipio.

Renzo fez um cumprimento com a cabeça.

— Barbarossa! — ele disse antes de pisar na rua. — É melhor manter distância da *Isola Segreta* daqui em diante. Nossos cães nunca se esquecerão do seu cheiro.

Barbarossa olhou para ele com desprezo.

— E daí? Aquelas bestas não vão viver para sempre — Próspero o ouviu murmurar, mas Renzo já tinha se virado e saído para a rua.

A chuva caía nos telhados como se o céu tivesse prometido ao mar que inundaria a cidade. Scipio aproximou-se da janela e seguiu Renzo com o olhar, até vê-lo desaparecer entre as casas.

— Prop, você vai para a casa de Ida Spavento, não é? — ele disse sem se virar. — Vou levá-lo, está bem?

— Claro. Você pode dormir no quarto com a gente, pelo menos esta noite — disse Próspero. Mas Scipio recusou com a cabeça.

— Não — ele disse olhando para a chuva. — Preciso ficar sozinho esta noite. Ainda tenho um pouco de dinheiro e vou alugar um quarto de hotel, com um grande espelho, para que eu possa me acostumar com o meu novo rosto. Talvez também pegue um pouco do dinheiro falso com Mosca. Para uma emergência. Em que hotel está a sua tia?

— No Gabrielli Sandwirth — respondeu Próspero. E pensou se não seria melhor ir para lá primeiro.

— Vamos primeiro para a casa da Ida, os outros devem estar preocupados com você — disse Scipio, como se tivesse adivinhado os pensamentos de Próspero.

— E eu? — Barbarossa se pôs no meio dos dois.

Próspero e Scipio haviam se esquecido completamente do barba-ruiva. Ele parecia minúsculo no meio de todas aquelas raridades e quinquilharias que havia colecionado. O balcão batia na altura dos seus ombros.

— Vocês podem passar a noite na minha casa — ele disse. — Ela é muito, muito grande, fica bem em cima da loja.

— Não, obrigado — respondeu Scipio vestindo a capa. — Venha Prop, vamos.

— Um momento, não tão depressa! Esperem! — Barbarossa correu na frente deles e barrou a porta. — Vou com vocês — ele anunciou. — Não vou ficar aqui, está totalmente fora de cogitação. Amanhã tudo parecerá diferente, mas agora... — Ele olhou preocupado através da vidraça molhada e continuou: — Logo vai estar escuro, quer dizer, já está terrivelmente escuro, a chuva parece que quer varrer a cidade do mapa e eu não alcanço a minha geladeira nem o meu bule de café. *Basta!* — Ele tirou a mão de Scipio da maçaneta. — Eu vou com vocês. Só até amanhã, como eu já disse.

Próspero e Scipio olharam um para o outro sem saber o que fazer. Finalmente, Próspero deu de ombros.

— Ele pode dormir na cama de Bo — ele disse. — Se for só uma noite, Ida não vai se importar.

O alívio se espalhou no rosto redondo, mas ainda imberbe de Barbarossa.

— Já volto! — ele anunciou.

E logo voltou trazendo um gigantesco guarda-chuva, debaixo do qual os três se puseram a caminho do distante *campo* Santa Margherita.

Scipio deixou o barco de seu pai onde o havia amarrado. Dois dias depois, ele chamou a atenção da polícia marítima e o *dottor* Massimo foi informado de que reaparecera o barco cujo roubo ele havia denunciado. Do filho, cujo desaparecimento o *dottore* também havia comunicado, não havia nenhuma pista.

48

Scipio tinha razão, os outros estavam preocupados com Próspero, terrivelmente preocupados.

Todos se lembravam do seu rosto desesperado na última refeição que haviam feito juntos. E de que nem mesmo Vespa conseguira consolá-lo. Na frente de Bo, eles se esforçavam para esconder o quanto estavam preocupados, e Vespa tentava convencê-lo de que era melhor ficar com Lúcia e com os gatos, em vez de sair para procurar Próspero. Mas Bo simplesmente balançava a cabeça, agarrava-se na mão de Victor e ia junto.

Primeiro eles tentaram mais uma vez no Sandwirth, depois perguntaram aos *carabinieri* e foram aos hospitais e orfanatos. Giaco percorria os canais com o barco de Ida e mostrava a foto de Próspero aos *gondolieri,* Mosca e Riccio perguntavam nos *vaporetti.* Mas quando veio a chuva e o céu ficou escuro, como se o próprio sol tivesse ido procurar um lugar seco para se proteger, eles ainda não tinham nenhuma pista de Próspero.

Ida e Vespa foram as primeiras a voltar para casa, elas simplesmente não sabiam mais onde procurar. No *campo* Santa Margherita encontraram Victor e Bo, o garoto dormindo no colo do detetive, completamente ensopado. Bastou olhar para o rosto de Victor para saberem que ele tinha tido tão pouco sucesso quanto elas.

— Onde é que esse menino pode ter se enfiado? — Ida suspirou enquanto destrancava a porta da casa. — Lúcia foi mais uma vez até o cinema, mas já deve estar chegando.

Vespa estava tão cansada, que apoiou a cabeça nas costas de Ida.

— Talvez ele tenha entrado escondido em algum navio — ela murmurou — e já esteja longe, muito longe...

Mas Victor negou com a cabeça.

— Acho que não — ele disse. — Vou pôr Bo na cama, comer alguma coisa, tomar um copo de vinho do Porto e depois passar na casa do *dottor* Massimo. Talvez Scipio saiba de alguma coisa. Já tentei ligar diversas vezes, mas ninguém atende.

Ida abriu a porta da casa.

— Sim, seria mais uma possibilidade — ela disse, e parou na soleira como se ouvisse algo.

— O que foi? — Victor perguntou.

E também ouviu. Vozes vindas da cozinha ressoavam no corredor.

— Giaco? — perguntou Victor, mas Ida fez que não.

— Ele foi para Murano.

— Posso dar uma olhada — sussurrou Vespa.

— Não, eu cuido disso! — murmurou Victor, e colocou Bo com cuidado numa poltrona ao lado da porta de entrada. — Vocês duas ficam aqui com Bo, enquanto vou dar uma espiada nos nossos visitantes. Se houver algum problema — ele deu seu telefone celular para Ida —, chamem a polícia.

Ida passou o telefone para Vespa.

— Eu também vou — ela sussurrou. — Afinal, eles estão na minha cozinha.

Victor suspirou, mas não tentou fazê-la mudar de idéia. Preocupada, Vespa seguiu os dois com o olhar, enquanto avançavam de mansinho pelo corredor escuro.

A porta da cozinha estava aberta e na grande mesa, na qual Lúcia costumava abrir a sua massa de macarrão, estavam sentados dois meninos e um homem alto. Este, para o espanto de Victor, se parecia muito com o digníssimo *dottor* Massimo, porém mais jovem. O menor dos dois meninos devia ser mais novo do que Bo, tinha cabelos encaracolados cor de ferrugem e estava em via de pegar uma garrafa de vinho do Porto meio vazia de cima da mesa. Mas o outro menino, que estava sentado de costas para a porta, tirou a garrafa da mão dele. Quando ele se virou de lado, Ida deu um suspiro de alívio tão forte que fez o menino se voltar assustado para ela.

— Próspero! Com mil diabos! — exclamou Victor. — Sabe desde quando nós estamos procurando você?

— Oi, Victor. — Próspero empurrou a sua cadeira para trás com cara de arrependimento. Seu braço direito estava apoiado numa tipóia.

Os outros dois abaixaram rapidamente os copos, como crianças que são surpreendidas fazendo algo proibido. O rapaz até mesmo tentou esconder o seu debaixo da mesa e acabou derramando vinho nas calças.

— Como entraram aqui? — Ida perguntou a Próspero sem tirar os olhos dos seus dois acompanhantes.

— Lúcia me disse onde esconde a chave de reserva — respondeu Próspero envergonhado.

— Sei, sei, e então por causa disso você resolve trazer mais gente para a casa de Ida? — Victor lançou um olhar desconfiado para o jovem. — Aposto que o seu

sobrenome é Massimo. E quem é esse nanico aí? Será que já não há crianças suficientes nesta casa?

O ruivinho se levantou de supetão, mediu Victor com o olhar, da cabeça aos sapatos gastos, e balbuciou:

— Nanico? Eu sou Ernesto Barbarossa, um homem importante nesta cidade. Mas, com todos os diabos, quem é o senhor, se me permite perguntar?

Victor abriu a boca estupefato, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, o rapaz empurrou bruscamente o garotinho de volta para a cadeira.

— Fique quieto, Barbarino — ele disse. — Se você não se comportar, já sabe onde fica a porta da rua. Esse é Victor, um amigo nosso. E essa ao lado dele é Ida Spavento. A dona desta casa e do vinho do Porto, do qual sem dúvida você bebeu demais.

Assombrados, Victor e Ida trocaram um olhar.

— Desculpe por termos trazido o barba-ruiva — balbuciou Próspero. — E por ele ter tomado o seu vinho, Ida, mas ele não quis ficar na loja dele. É só por esta noite...

— Na loja dele? — perguntou Victor. — Com mil demônios, Próspero, você pode me explicar o que está acontecendo aqui?

— Demos nossa palavra de honra de que não falaríamos sobre isso — murmurou Próspero, e ajeitou o pano sujo que sustentava seu braço.

— É verdade. Sentimos muito mesmo, Victor — disse o rapaz. Victor não conseguia se lembrar de ter visto alguma vez um sorriso tão atrevido no rosto de um adulto. — Mas talvez você tenha vontade de adivinhar quem está na sua frente. O seu palpite sobre o meu sobrenome não foi nada mau.

Victor foi poupado de dar uma resposta. Alguém o puxou pela manga e, quando ele olhou por cima dos ombros, Vespa estava atrás dele.

— O que está havendo aqui? — ela perguntou com voz baixa e lançou rapidamente um olhar para a cozinha.

Quando viu Próspero, Vespa passou correndo entre Ida e Victor, sem se dignar a olhar para o menino de cachos ruivos ou para o estranho que estava encostado na mesa de Ida. Seus olhos só viram o braço ferido de Próspero.

— Onde você estava? — ela exclamou, e na sua voz se misturavam raiva e alívio ao mesmo tempo. — Onde diabos você se meteu? Você não imagina o quanto ficamos preocupados! Sumir assim no meio da noite...

Os seus olhos se encheram de lágrimas.

Próspero abriu a boca para dizer algo, mas Vespa não o deixou falar.

— Nós o procuramos por toda a cidade, Mosca e Riccio ainda estão na rua! — ela exclamou. — Lúcia e Giaco também. E Bo não tem mais lágrimas de tanto que chorou! Nem mesmo Victor conseguiu consolá-lo...

— Bo? — Próspero tinha evitado o olhar de Vespa, envergonhado, mas então olhou para ela incrédulo, como se não tivesse ouvido bem. — Bo? Bo está com Esther.

— Não, não está — exclamou Vespa. — Mas como você queria que lhe contássemos, se simplesmente desapareceu? O que aconteceu com o seu braço?

Próspero não respondeu. Ele olhou para Victor.

— Sim, não faça essa cara. O seu irmãozinho fugiu de Esther novamente — disse Victor. — E antes de fazer isso ele se comportou tão mal que a sua tia não o considera mais um anjinho. Ela não quer mais vê-lo, nunca mais, foi exatamente o que ela disse, nem a ele nem a você. Fiquei encarregado de encontrar um bom orfanato aqui na Itália, caso vocês apareçam de novo. Mas ela não quer mais nada com vocês.

Próspero balançou a cabeça.

— Impossível! — ele sussurrou.

— Encontrei seu irmão no cinema — disse Victor. — Pensei que, quando chegasse aqui, você pularia no meu pescoço de tanta alegria. Mas você não estava.

Próspero balançou a cabeça mais uma vez, como se não pudesse acreditar no que Victor contara.

— Você ouviu, Scip? — ele murmurou.

— Esse é um bom motivo para comemorar — disse o jovem *signor* Massimo, e pôs um braço no ombro de Próspero. — Talvez devêssemos gastar um maço do nosso dinheiro falso.

— Com os diabos, Próspero, quem é ele? — grunhiu Victor.

— Scipio, é claro — respondeu Próspero. — E agora me diga onde está Bo, por favor, Victor!

Mas Victor estava sem fala. Ele abria a boca, e fechava novamente. Mas não saía nenhuma palavra. Então Ida pegou Próspero pela mão.

— Venha — ela disse, e levou-o pelo corredor.

* * *

Bo continuava dormindo na poltrona em que Victor o havia deixado. Ele havia se enrolado, como faziam seus gatinhos, debaixo do pulôver que Vespa estendera sobre ele. Seus cabelos estavam molhados da chuva e seus olhos inchados de tanto chorar. Próspero se abaixou e puxou o pulôver até o nariz do irmão.

— É, Bo deu um jeito de resolver as coisas à sua maneira — disse Ida baixinho. — Enquanto seu irmão ia para a *Isola Segreta.*

Próspero olhou para ela surpreso.

— Não posso contar nada — ele disse. — É um segredo alheio. E...

— ...a *Isola Segreta* deve guardar o seu segredo — Ida concluiu a frase por ele e se sentou no braço da poltrona. — Seja lá como for, a minha asa voltou ao seu

lugar original. Bo vai ficar contente por você não ter andado naquela coisa da qual não podemos falar.

— Sim.Também acho. — Próspero se levantou. — O que ele aprontou com Esther?

— Sua tia foi expulsa do hotel — respondeu Ida. — E eu me lembro também de algum incidente com macarrão e molho de tomate.

Próspero sorriu.

— Era muito bonito, exatamente como você contou — ele disse de repente. — Mas agora está quebrado, por culpa de Barbarossa, e acho que não vai funcionar nunca, nunca mais.

Ida ficou calada. Ela se inclinou pensativa sobre Bo, e tirou da testa dele uma mecha úmida de cabelo.

— Você deveria acordar seu irmãozinho agora — ela disse. — E depois vou dar uma olhada no seu braço.

— Ah, o braço não está tão mal — respondeu Próspero. — Mas será que você conhece um veterinário que tenha coragem de ir até a *Isola Segreta* para dar uma olhada em dois cães?

— Claro — respondeu Ida, e voltou para a cozinha. E Próspero acordou Bo.

49

Naquela noite, Vespa pôs dez pratos na mesa da sah de jantar de Ida. Quando Ida disse a Lúcia que o ruivinho e o rapaz desconhecido também ficariam para o jantar, ela balançou a cabeça mal-humorada e disse que todas aquelas bocas para alimentar acabariam levando a *signora* à falência. Mas depois se enfiou na cozinha e preparou uma quantidade enorme de macarrão. Quando ela serviu as travessas fumegantes, já estavam todos sentados à mesa. Faltavam apenas Ida e Barbarossa.

Próspero viu que Mosca, Riccio e Vespa olhavam disfarçada-mente para Scipio, que havia se sentado à cabeceira da mesa com suas longas pernas. Eles pareciam buscar algo familiar em Scipio, mas não havia muito o que encontrar. De vez em quando ele passava a mão nos cabelos como costumava fazer antigamente, e também erguia as sobrancelhas da mesma maneira, mas de resto era estranho até mesmo a Próspero. O próprio Senhor dos Ladrões também parecia sentir isso, embora sorrisse ao notar os olhares inseguros dos amigos.

— E então, *signor* Massimo, quando pretende aparecer na casa de seus pais? — perguntou Victor

depois que Lúcia, com um suspiro profundo, também se sentou à mesa. — Hoje?

— Por que deveria? — respondeu Scipio, passando os dedos nos dentes do seu garfo. — Eles não vão sentir muito a minha falta. No máximo, vou entrar em casa escondido mais uma vez para ver como estão meus gatos.

— Mas você não pode deixar seus pais totalmente sem notícias — disse Victor, servindo-se de mais uma porção de macarrão, embora Lúcia tivesse franzido a testa com um ar reprovador. — Não importa o que você acha do seu pai, você não pode deixá-lo viver preocupado para sempre, achando que seu filho caiu num canal ou foi seqüestrado.

Scipio começou a passar o garfo pela toalha e não respondeu.

— Mas se ele não quer, Victor! — disse Bo. — E além disso agora ele é adulto.

Scipio sorriu para ele.

— Adulto. E daí? — Victor ia começar a dizer o que achava de Scipio ser adulto, quando a porta se abriu e Ida entrou.

Ela segurava na mão de Barbarossa, que olhou carrancudo para o teto quando todos se viraram para ele.

— A partir de agora, nosso amigo aqui está proibido de andar pela casa desacompanhado — disse Ida zangada. — Ele foi bisbilhotar no meu laboratório, revirou as minhas gavetas e comeu os meus bombons!

Barbarossa ficou vermelho como um tomate.

— Eu estava com fome — ele disse rispidamente para Ida. — Vou lhe comprar mais e melhores bombons assim que puder dispor do meu dinheiro novamente. Quantas vezes vou ter de dizer que a minha carteira ficou naquela ilha maldita? Assim que os bancos abrirem amanhã, vou tirar dinheiro, repor os seus bombons e me

vestir decentemente. Uma vergonha para um homem como eu, andar por aí... — ele empinou o nariz e deu um puxão no pulôver que Bo lhe emprestara — ...com essas roupas ridículas.

— Muito bem, maravilha. — Ida o sentou bruscamente na única cadeira que estava vazia, entre Riccio e Bo, e puxou um banco para si ao lado de Victor.

— Que eu saiba você implorou para Próspero e Scipio o trazerem para cá, não é? — perguntou Vespa do outro lado da mesa. — Então comporte-se direitinho, entendeu?

— Esse malandrinho não rouba apenas bombons — disse Lúcia irritada. — Eu o peguei com as nossas últimas colheres de prata. E ele também enfiou uma máquina fotográfica debaixo do casaco.

Riccio deu uma risadinha, e Próspero o surpreendeu lançando um olhar de admiração para Barbarossa. Mas Bo se levantou com seu prato e se sentou no tapete de Ida, um pouco afastado da mesa.

— Não quero me sentar do lado dele — ele disse. — Depois ele ainda vai roubar o meu macarrão.

Barbarossa jogou uma azeitona em Bo, o que lhe valeu uma bofetada de Vespa.

— Agora chega! — gritou Victor. — O que está acontecendo aqui? Não se deixem enlouquecer por esse tipinho venenoso.

Lúcia se levantou com um suspiro profundo.

— *Signora,* vou para casa — ela disse, e dobrou seu guardanapo. — Talvez seja melhor trancar o pequeno no quartinho da limpeza, se vai ter de dormir aqui.

— Mais um desaforo, Barbarino — disse Scipio quando Lúcia fechou a porta atrás de si —, e você vai dormir atrás do balcão da sua loja. Vai ser muito aconchegante. Lá fora, a rua escura como breu, a chuva batendo na janela e o nosso querido Barbarino, sozinho

como um cão perdido, batendo os dentes com medo a noite inteira.

Barbarossa apertou os lábios e olhou para o seu prato. Vespa, Mosca, Riccio, Próspero, ninguém olhava amistosamente para ele. Ida cochichava com Victor e não lhe dava atenção.

— Talvez devêssemos publicar um anúncio para você, Barbarino — Scipio recostou-se na cadeira e abriu os longos braços. — “Criança insuportável, quatro, cinco anos de idade, procura mãe.” Ou você pretende se virar sozinho? Acho que Ida não está à sua disposição como mãe substituta.

— Não, não estou mesmo — disse Ida, e pôs uma azeitona na boca. — Mas não seria difícil arranjar uma cama para um homem tão importante no orfanato das Irmãs de Caridade.

— Não, obrigado — Barbarossa torceu o nariz. — Não precisa. E se de fato eu for forçado a procurar uma mãe substituta para mim, certamente não escolherei uma mulher que distribui seus talheres de prata às crianças órfãs e anda sempre despenteada.

Ida respirou fundo.

— Você parece saber muito bem o que quer, barbinha-ruiva! — resmungou Victor. — Só que atualmente você mal consegue olhar por cima do balcão da sua loja. Mas não se preocupe, as freiras no orfanato andam sempre muito bem penteadas!

Riccio começou a rir, até que Barbarossa lhe deu um pontapé tão forte na canela que lhe vieram lágrimas aos olhos.

— Eu vou me arranjar — retrucou o barba-ruiva. — Tenho dinheiro de sobra no banco.

— Ah, é? — Victor trocou um olhar brincalhão com Ida. — E você acha que o banco vai entregar o dinheiro de Ernesto Barbarossa para um menininho de cinco aninhos de idade?

Com a cara fechada, Barbarossa se serviu de um copo de vinho.

— Quando eu for grande novamente — ele murmurou, e lançou um olhar ameaçador para Próspero e Scipio —, vou me vingar de quem não me impediu de subir naquele maldito carrossel. Eu vou...

— Cale a boca, Barbarino! — Próspero o interrompeu. — Você deu a sua palavra de honra de que não voltaria a falar desse assunto! Além disso, conheço dois cães que só estão esperando que alguém faça uma nova visita à ilha deles.

— Ah, não dê bola para ele, Prop — disse Scipio, e cruzou suas pernas longas. — O que esse anãozinho fala não tem importância. Ninguém vai lhe dar ouvidos, não importa a história que ele conte.

Os outros ergueram a cabeça. Por alguns instantes, a sala de jantar ficou em silêncio, como se todos esperassem saber mais alguma coisa sobre a misteriosa experiência de Próspero e Scipio. Mas os dois trocaram um breve olhar e continuaram calados.

— Bem, Barbarino — disse Riccio, dando uma batidinha no ombro de Barbarossa. — Bem-vindo ao reino dos anões.

— Tire a mão daí — grunhiu Barbarossa. — O que está pensando? Não me venha com intimidades, seu carrapato. E você, hein? — Barbarossa olhou para Bo, que ainda estava no tapete. — Nunca me viu, cara de pavio?

Bo não respondeu. Ele estava deitado de bruços com o queixo apoiado nas mãos e olhava para Barbarossa como se ele fosse um bicho raro que havia saído de algum canal e se infiltrado na casa de Ida.

— Esther ia gostar do jeito como ele fala, não acha, Prop? — disse Bo. — Ele fala de um jeito mais elegante do que Scipio. E é menor do que eu. Só dos xingamentos acho que ela não ia gostar.

— Menor? Eu não sou menor, sua pulga de tapete — gritou Barbarossa. — Mundos nos separam, entendeu? Eu sou culto, fiz curso superior, e você nem ao menos vai ao jardim-de-infância.

Bo rolou de costas com uma cara aborrecida.

— Ele também não se lambuza para comer — ele acrescentou. — Acho que é disso que Esther mais gostaria, não acha, Prop?

Próspero abaixou o garfo e olhou para Barbarossa.

— É verdade. Ele não se lambuza nem um pouquinho. Ela ficaria impressionada. E olha só como ele escovou o cabelo direitinho. Ou foi você, Ida?

Ida fez que não.

— Você não ouviu? Eu não penteio nem mesmo os meus próprios cabelos. Será que foi você, Victor? Você escovou os cabelos do ruivinho?

— Eu sou inocente — murmurou Victor.

— Quem é essa Esther de quem esses dois tontos estão falando? — Barbarossa se virou para Riccio.

— A tia de Próspero e Bo — respondeu Riccio de boca cheia.

— Ela era maluca por Bo, mas agora não quer mais ficar com ele.

— Muito inteligente da parte dela. — Barbarossa acariciou seus cachos espessos. A sua nova cabeleira parecia consolá-lo da perda da barba.

Scipio olhou para ele pensativo.

— Sabem de uma coisa, estou tendo uma idéia maluca — ele disse lentamente. — Ainda está um pouco nebulosa, mas é quase genial...

— Genial? — Barbarossa pegou a garrafa de vinho novamente, mas Victor a tirou da mão dele e colocou junto ao seu prato.

Barbarossa olhou para ele de mau humor.

— Sabe, Senhor dos Ladrões — ele resmungou —, você não é capaz de ter idéias geniais. Porque você não

passa de uma cópia malfeita do seu pai!

Scipio se levantou de um salto, como se alguma coisa o tivesse mordido.

— Repita isso, seu paspalho insolente...

Vespa e Próspero tiveram de juntar as suas forças para impedir que ele se lançasse sobre Barbarossa.

— Não ligue para as provocações desse nanico intrigueiro, Scip! — sussurrou Vespa, enquanto Barbarossa observava as suas unhas rosadas com um sorriso de satisfação.

Scipio sentou-se de novo na cadeira.

— Está bem — ele disse sem tirar os olhos de Barbarossa. — Vou me controlar. E em algum momento vou mandar um cartão-postal para o *signor* Barbarossa no orfanato, pois é aonde ele vai parar, se antes disso não morrer miseravelmente de fome em sua loja. Sim, é isso que vai acontecer com o pobre-diabo, mas para mim tanto faz. Não vou mais desperdiçar minhas idéias com ele, muito menos uma idéia genial.

Com uma expressão de tédio, ele andou até a janela e ficou olhando para a noite lá fora.

Riccio e Mosca se cutucaram. E Próspero não conseguiu esconder um sorriso. Sim, Scipio continuava sendo Scipio, ele ainda gostava de fazer teatro.

E Barbarossa mordeu a isca.

— Está bem, está bem — ele resmungou. — Que idéia genial é essa? Desembuche de uma vez, Senhor dos Ladrões. Meu Deus, o sujeito é mais sensível do que uma florzinha de vidro.

Mas Scipio continuou dando as costas. Como se estivesse sozinho, ele ficou na janela observando o *campo* Santa Margherita à noite.

— Vamos, desembuche de uma vez! — exclamou Barbarossa enquanto os outros desatavam a rir.

Mas Scipio não se mexeu.

Barbarossa bebeu o resto de vinho do seu copo, e bateu-o com tanta força na mesa que ele quase quebrou.

— Vou ter que pedir de joelhos? — ele gritou.

— Essa tia de Próspero e Bo — disse Scipio sem se virar — deseja um menininho dócil, que tenha boas maneiras à mesa e se comporte como um adulto. E você precisa de um abrigo, um lar para os próximos anos, alguém que faça a sua comida e durma ao seu lado quando estiver escuro...

Barbarossa ergueu as sobrancelhas.

— Ela tem dinheiro? — ele perguntou, e afastou um cacho da sua testa.

— Oh, se tem — respondeu Scipio. — Não é verdade, Prop? Próspero fez que sim.

— Esta é realmente um idéia muito louca, Scip — ele disse. — Nunca vai dar certo.

50

Barbarossa se recusou a dormir no quarto com as outras crianças e se instalou no sofá do *salotto.* Ida deixou, mas resolveu trancar as portas por precaução, sem que ele percebesse. Então ela acompanhou Victor até a porta e foi dormir.

Scipio já havia ido embora. Ele pedira a Mosca um pouco do dinheiro que ainda restava dos negócios com Barbarossa, e desaparecera na noite sem dizer para onde ia.

— Como antigamente — murmurou Vespa na sacada de Ida, de onde o seguia com o olhar.

A noite engoliu Scipio, e eles ficaram com a promessa de que em breve voltaria. E com uma estranha tristeza, que os aproximou ainda mais. Cada um sabia onde estavam os pensamentos dos outros — numa cortina cheia de estrelas, numa portinha em uma estreita viela, em colchões no chão e poltronas roídas pelos ratos. E no ouro e na prata que o Senhor dos Ladrões trazia. Tudo perdido.

— Venham, vamos entrar — disse Vespa em algum momento. — Está começando a chover de novo.

Eles subiram para o quarto, em cuja parede estava pendurado o pedaço da cortina que Victor cortara. Ida havia colocado um tapete no chão frio, e as paredes estavam enfeitadas com o que haviam conseguido salvar do cinema. Mas muitas fotos, muitas figuras ainda estavam no esconderijo das estrelas, na parede sobre os colchões vazios, assim como seus desenhos e escritos, que não haviam podido trazer.

Eles estavam cansados e logo se enfiaram debaixo das cobertas. Mas nenhum deles conseguia dormir, nem mesmo Bo, que sempre caía no sono assim que encostava a cabeça no travesseiro.

— Seria o máximo se Barbarossa pudesse ficar com a sua tia — disse Mosca no escuro em algum momento. — Mas e nós, o que vamos fazer? Agora que Próspero e Bo estão aqui de novo. Alguém já tem uma idéia?

— Não — murmurou Riccio no seu travesseiro. — Nunca encontraremos algo tão bom quanto o esconderijo das estrelas. E muito menos com uma sacola cheia de dinheiro falso. E do outro dinheiro já não resta muita coisa.Talvez achemos um lugar no Castello. Lá tem várias casas vazias.

— Como assim? — Bo ergueu-se tão bruscamente que tirou o cobertor de cima de Próspero. — Não quero nenhum esconderijo novo. Quero ficar aqui. Com Ida!

— Ah, Bo! — Vespa acendeu o abajur que Ida havia posto ao lado da sua cama para que ela pudesse ler à noite.

— Ouçam o anãozinho — zombou Riccio. Ele encostou as costas na parede e enrolou o cobertor em volta do seu corpo magro. — Ida já sabe que vai ter essa honra? Bem, amanhã vou dar uma olhada no Castello. E vocês?

Mosca fez que sim.

— Claro, eu também vou — ele murmurou, e ficou olhando para a janela com o olhar perdido.

Vespa pegou um dos livros que havia tomado emprestado da estante de Ida e começou a folheá-lo, absorta em pensamentos.

— Mas eu vou ficar aqui! — repetiu Bo, e cruzou os braços com teimosia. — Vou sim.

— Agora você vai dormir — disse Próspero, e empurrou-o de volta para o travesseiro, cobrindo-o. — Amanhã falaremos disso.

— Nem que a gente fale por cem mil anos! — exclamou Bo, e esperneou até se descobrir. — Vou ficar aqui. Meus gatos também gostam daqui, porque podem brigar com os cachorros de Lúcia, e Victor vem me buscar para tomar sorvete junto com Ida e Lúcia faz o meu macarrão preferido e...

— E? — Riccio o interrompeu. — A próxima coisa que eles vão dizer é que você tem de ir para a escola, quando tem de dormir, quando tem de comer e que precisa tomar banho todos os dias. Não, obrigado, meu amigo! Eu já me viro sozinho há tanto tempo que não vou deixar que venham me dizer que sou novo demais para fumar ou que as minhas unhas estão sujas. Não, meus senhores, não com Riccio.

Os outros ficaram em silêncio por alguns instantes. Então Mosca disse com voz tranqüila:

— Nossa, esse foi um discurso e tanto, Riccio.

Vespa largou o livro, foi tateando de pés descalços até a janela e olhou para fora.

— Eu também gostaria de ficar aqui — ela disse tão baixinho que os outros quase não ouviram. — É melhor do que tudo o que já imaginei.

— Você está louca — disse Riccio, e voltou bocejando para debaixo do cobertor. — Vou perguntar para Scipio quais são os planos dele. Caso ele realmente volte. Talvez ele tenha *mais* uma idéia genial.

— O que será que ele está fazendo agora? — murmurou Mosca. — Você tem alguma idéia, Prop?

Vespa voltou para a cama e apagou a luz.

— Talvez — respondeu Próspero, e olhou para o teto escuro.

Ele tentou imaginar Scipio andando pelas vielas da cidade, vendo a sua imagem refletida nas vitrines escuras das lojas, parando sob os postes de iluminação e observando o tamanho da sua sombra. Talvez ele entrasse num daqueles bares onde os adultos ficavam até tarde da noite. E então, quando seus passos ficassem cada vez mais cansados, Scipio finalmente iria para o quarto de hotel de que havia falado, com um grande espelho, e barbearia seu novo rosto pela primeira vez.

— Você acha que ele está bem? — perguntou Bo, deitando a cabeça no peito de Próspero.

— Acho — respondeu Próspero. — Acho que ele está bem.

51

Na manhã seguinte, quando foi à Casa Spavento, Victor levou um jornal com a foto de Scipio na primeira página. Quase todos os jornais da cidade traziam essa foto naquela manhã, junto com um apelo da polícia a todos os venezianos para que ajudassem o digníssimo *dottor* Massimo na busca do filho desaparecido.

Ida estava no laboratório revelando algumas fotos que havia feito dos leões de pedra da cidade. Havia fotos por todas as paredes, de leões sentados, rugindo, caminhando, com focinhos redondos e pontudos, com e sem asas. Ida leu o apelo do *dottor* Massimo e suspirou.

— Você sabe onde está Scipio? — ela perguntou a Vespa, que estava assistindo à revelação das fotos.

Mas Vespa balançou a cabeça.

— Nenhum de nós sabe — ela disse. — Nem mesmo Próspero.

— Deveríamos mandar uma notícia para o *dottore* — resmungou Victor. — Mesmo que o Senhor dos Ladrões tenha outra opinião.

Ida concordou com a cabeça.

— Sim, eu também acho. Já volto — ela disse para Vespa, e foi com Victor até o *salotto,* onde Barbarossa

se espreguiçava entediado no sofá e folheava um livro sobre os tesouros artísticos de Veneza.

— Não toquei em nada — ele disse mal-humorado quando Ida e Victor entraram.

Já de manhãzinha ele havia acordado toda a casa aos berros, ao se dar conta de que Ida o havia trancado no *salotto.*

— E tampouco eu o aconselharia a fazer isso, cachinhos-ruivos — resmungou Victor.

Ida sentou-se na sua escrivaninha e escreveu alguma coisa num cartão. Quando acabou, ela o passou para Victor.

— "Prezado dottor Massimo!" — ele leu. — "Gostaria de comunicar que seu filho está bem. Contudo, no momento, ele não deseja voltar para casa e temo que também não pretenda fazê-lo nos próximos tempos. Ele goza de muito boa saúde, tem onde dormir e também não está passando nenhuma necessidade. Cordialmente. Uma amiga do seu filho."

— Você poderia colocar esse cartão na caixa de correio dos Massimo? — perguntou Ida. — Eu pediria a Giaco, mas desde que Próspero me contou que ele vendeu a planta da minha casa para o *conte,* não confio mais nele.

— Sem problemas — disse Victor guardando o cartão. — Posso ser útil em alguma outra coisa?

— E quanto à tia?

Barbarossa escorregou do sofá. Ele se pôs na frente de Ida, cruzou os braços e olhou para ela.

— Já são mais de dez horas. Proponho que telefone logo para que ela venha aqui e possa me ver.

Victor já tinha uma resposta pouco delicada na ponta da língua, quando Vespa pôs a cabeça pela porta.

— Pendurei as fotos para secar, Ida — ela disse. — Quer que faça mais alguma coisa?

— Sim. Você poderia avisar Próspero e Bo — respondeu Ida, e lançou um olhar zangado para Barbarossa. — Vou telefonar agora para a tia deles. Talvez eles queiram estar junto.

Próspero e Bo jogavam futebol no *campo* com Mosca e Riccio. Quando Vespa chegou e contou que Ida realmente queria testar a idéia maluca de Scipio, todos correram para a casa.

Ida já estava sentada ao lado do telefone, quando os quatro entraram na sala esbaforidos. Eles se sentaram rapidamente no tapete, Vespa e Próspero ao lado de Bo, por precaução, para manter a sua boca fechada caso ele começasse a rir. Barbarossa se acomodou na melhor poltrona de Ida, como um rei sentado em seu trono, prestes a assistir a um espetáculo representado por uma trupe de atores indignos da sua pessoa.

— Não entendo como você pode se dar a esse trabalho por causa desse tipinho asqueroso — Victor cochichou para Ida. — Olhe só o jeito dele...

— Justamente por isso: para poupar as Irmãs de Caridade — cochichou Ida também. — Além disso, pode ser bom para Próspero e Bo. Acho que Próspero ainda receia que a sua tia mude de idéia a respeito de Bo. Vamos dar... — ela sorriu para Barbarossa, que olhava desconfiado para ela e Victor — ...o barbinha-ruiva para ela.

— Bem, se você pensa assim — murmurou Victor. — Pode falar em italiano com ela.

— Melhor ainda — disse Ida, pegando o telefone e discando o número do hotel em que os Hartlieb estavam hospedados. Não havia sido difícil para Victor descobrir o nome do hotel.

— *Buon giorno!* — disse Ida com voz firme quando o porteiro atendeu do outro lado da linha. — Aqui fala a

irmã Ida, da ordem das Irmãs de Caridade. Poderia falar com a *signora* Esther Hartlieb, por favor?

Demorou um tempo até que ela ouvisse a voz de Esther.

— Ah, bom dia, *signora* Hartlieb — disse Ida. — A recepção lhe disse quem sou? Bom. Trata-se do seguinte, *signora.* Ontem à noite, a polícia trouxe dois meninos ao nosso orfanato. Uma das nossas irmãs reconheceu imediatamente os seus sobrinhos, pelos quais a senhora está procurando através dos cartazes que mandou espalhar pela cidade.

Ida fez uma pausa e escutou.

— Ah. É mesmo? Não, mas que desagradável! Sim, claro. Como? Quer dizer que a senhora não quer mais os meninos?

Ela escutou novamente. Bo roia as unhas nervoso, até que Vespa pôs o braço no seu ombro.

— Sim, então a senhora não é a tutora dos dois? — continuou Ida. — Entendo. Sim, os meninos contaram algo assim. Isso é triste, *signora,* muito triste. Naturalmente vamos cuidar de seus sobrinhos, é o nosso dever, mas neste caso temos de lhe pedir que venha até aqui para cumprir as formalidades necessárias. Sim, é imprescindível, *signora.*

Ida fez uma cara bem séria, como se Esther pudesse vê-la do outro lado da linha.

— Sim, necessariamente. Quando a senhora disse que parte? Tão cedo. Bem, vou abrir um horário para a senhora amanhã à tarde. Um momento, estou consultado a minha agenda. — Ida folheou o jornal que estava ao seu lado no sofá. — Está ouvindo, *signora?* As três horas estarei livre... Não, realmente não é possível evitar. A senhora me encontrará na nossa filial, Casa Spavento, *campo* Santa Margherita, 423. Pergunte pela irmã Ida. Sim. Muito obrigada, *signora* Hartlieb. *ArrivederLa.*

Ela desligou com um suspiro profundo.

— Fabuloso — disse Victor. — Eu não faria melhor.

— E eu não ri — disse Bo, soltando-se de Vespa.

— Ela vem mesmo? — Próspero olhou incrédulo para Ida. Ida fez que sim.

— Incrível! — Barbarossa afastou um dos gatos de Bo, que tentava se sentar no seu colo. — Tem gente que acredita em qualquer coisa.

Ida deu de ombros e pegou um cigarro.

— Eu joguei a isca — ela disse. — Agora depende de você se a *signora* Hartlieb vai mordê-la.

Barbarossa passou a mão nos seus cachos, satisfeito.

— Isso não vai ser problema.

— Não quero estar aqui quando Esther vier — murmurou Bo, e esfregou o nariz, inquieto.

Próspero se levantou e foi até a janela.

— Eu também não — ele disse.

— E não precisam estar — disse Victor, e se pôs ao seu lado. Ele apontou para fora. — Estão vendo aquele café ali? Proponho que todos vocês vão até lá amanhã tomar algumas taças de sorvete, enquanto a *signora* Hartlieb conversa com a irmã Ida. Darei o dinheiro, para não que precisem pagar com dinheiro falso.

— Espero que faça bem a sua parte, Barbarino! — resmungou Mosca. — Para finalmente ficarmos livres de você.

— Barbinha-ruiva, Barbarino, vocês estão proibidos de me chamar desses nomes idiotas! — reclamou Barbarossa, que teve certa dificuldade para descer da poltrona para o tapete. — Espero que essa tia realmente tenha tanto dinheiro quanto afirmam. Ai de vocês se for mentira, eu conto para ela na hora o teatro que vocês fizeram.

— De qualquer forma, Esther está sempre bem penteada — respondeu Próspero, zombeteiro.

— Muito engraçado! — Barbarossa fez uma cara de nojo e tirou um pêlo de gato da calça que Bo lhe emprestara. — E se ela for avarenta? O dinheiro não vai me servir para nada. Obviamente, ela também não pode me mandar para a escola. Barbarossa não se senta com um bando de pirralhos que não sabem a diferença entre um *a* e um *b.* E se essa Esther não compreender isso?

— Então — disse Vespa com um sorriso meloso —, com certeza conseguiremos uma cama para você no lar das Irmãs de Caridade.

— Vocês já podiam perguntar para elas — disse Ida. — Eu ia mesmo pedir a vocês para buscarem umas coisas com as irmãs.

— Buscar? O quê? — perguntou Barbarossa desconfiado. Mas Ida pôs o dedo nos lábios.

— Isso é segredo ainda — ela disse. — Mas você saberá quando chegar a hora, Barbarino.

52

Esther foi sozinha. Ela passou na frente do café onde Próspero estava sentado com os outros sem fazer a menor idéia de quem a observava por uma janela. Quando os ponteiros do relógio da cozinha de Ida estavam prestes a marcar três horas, Victor pôs as crianças para fora da casa. Todas, menos Barbarossa.

— O que foi? — perguntou Vespa quando notou como Próspero olhava para fora.

— Ela veio mesmo — respondeu Próspero sem tirar os olhos de Esther.

— Sua tia? — Curiosa, Vespa se apoiou nos seus ombros para espiar. — É ela?

Próspero fez que sim.

— Quem? — perguntou Bo, com a boca cheia de sorvete. Ele pedira uma taça enorme, igual à de Riccio, só que este já estava na segunda.

— Ninguém — murmurou Próspero, e observou como Esther se dirigia à casa de Ida com suas galochas de cano alto enquanto a chuva caía sobre seu guarda-chuva.

— Eu a imaginava bem diferente — Vespa cochichou com Próspero. — Mais alta, e de alguma

maneira mais séria.

— Ei, Prop, não gostou do sorvete? — perguntou Riccio, e lambeu o sorvete de chocolate da ponta do nariz. — Quer que eu coma para você?

— Deixe Próspero em paz, Riccio — disse Vespa.

Quando Esther tocou a campainha da casa de Ida, veio atender uma freira gorda e carrancuda que, sem dizer uma palavra, fez um sinal para que Esther a acompanhasse. Ida tivera de suplicar por quase uma hora para que Lúcia vestisse o hábito emprestado das Irmãs de Caridade, mas agora era impressionante como ela realmente parecia uma freira de verdade. Com passos enérgicos, ela conduziu a visitante para o aposento que normalmente servia como despensa e lavanderia. A tábua de passar de Lúcia, as garrafas d'água e os sacos de farinha haviam desaparecido. Em seu lugar havia agora uma escrivaninha que Victor havia baixado do sótão entre muitos impropérios, algumas cadeiras simples e um grande candelabro. As paredes brancas e nuas estavam enfeitadas apenas com um quadro da Virgem Maria com o menino Jesus, que antes ficava na cozinha.

— *Signora* Hartlieb, suponho — disse Ida, e se levantou do outro lado da escrivaninha, quando Lúcia fez Esther entrar.

Ao lado de Ida estava Victor, sem barba, sem disfarce, apenas o Victor que Esther conhecia. Ida, assim como Lúcia, usava o hábito negro das Irmãs de Caridade.

"Diga à *signora* Spavento que essas coisas têm de ser devolvidas sem falta antes do escurecer", havia dito a freira que entregara os trajes a Próspero através do portão do orfanato. Ela parecia se sentir tão culpada como se estivesse cometendo um crime. Mas o que não se fazia pela amável e generosa *signora* Spavento?

— Sente-se por favor, *signora* Hartlieb — disse Ida quando Esther se aproximou hesitante, e apontou para as cadeiras empoeiradas com uma expressão muito séria. — O seu marido não pôde vir?

— Não, ele tinha um compromisso de trabalho e não teve como desmarcar. Afinal de contas, partimos depois de amanhã.

Victor observou como Esther Hartlieb se sentou, puxou a saia sobre o joelho e olhou incomodada para a austera sala. Quando ela notou que estava sendo observada, ele cumprimentou-a com a cabeça.

— A senhora já conhece o *signor* Getz — disse Ida, sentando-se novamente atrás da escrivaninha. — Eu pedi a ele que viesse até aqui depois que a polícia me contou que a senhora e seu marido lhe confiaram a busca dos seus sobrinhos. Além disso, ele é um bom amigo do convento.

Esther olhou para Victor, como se não soubesse se a presença dele era boa ou ruim para ela. Depois se voltou novamente para Ida.

— Por que me pediu para vir? — ela perguntou alisando a saia.

— Bem, mas é evidente, *signora* — respondeu Ida com tranqüilidade. — Temos de cuidar de muitas crianças, e o dinheiro de que dispomos é escasso, muito escasso. Quando sabemos, como no caso dos seus sobrinhos, que existem parentes...

Esther a interrompeu em tom rude:

— Não estou mais disposta a cuidar dos dois! Eu estava disposta, mas o pequeno... — ela apertou nervosamente o lóbulo da orelha — ...certamente o *signor* Getz já lhe contou o que tivemos que passar por sua causa. Talvez Bo também a tenha enganado com seu rostinho de anjo, mas eu já estou vacinada. Ele é teimoso, temperamental e irrequieto como um cãozinho. Em poucas palavras... — ela respirou fundo — ...sinto

muito, mas não estou mais disposta a adotá-lo, nem mesmo por amor à minha falecida irmã, e em nossa família também não há mais ninguém que possa adotar um dos meninos. Portanto, se a senhora puder ficar com os dois aqui... afinal, eles queriam vir de qualquer jeito para esta cidade... certamente a família terá prazer em colocar à disposição do seu orfanato o pouco dinheiro que a mãe deles deixou.

Ida balançou a cabeça para a frente. Com um suspiro profundo, ela juntou as palmas das mãos sobre a escrivaninha.

— Tudo isso é muito lamentável, *signora* Hartlieb — ela disse, e lançou um olhar para a porta.

Victor também tinha ouvido os passos que se aproximavam pelo corredor, exatamente de acordo com o plano. Então alguém bateu na porta. Esther Hartlieb virou a cabeça.

— Sim, entre! — Ida exclamou.

A porta se abriu, e Lúcia empurrou Barbarossa para dentro da sala.

— O garoto novo teve problemas outra vez, irmã! — ela anunciou, e olhou para o ruivinho como se estivesse diante de uma aranha peluda ou algum outro animalzinho inquietante.

— Eu cuido disso — respondeu Ida, e Lúcia saiu da sala com cara de mau humor.

Barbarossa ficou na porta com um ar de desamparo. Quando percebeu o olhar curioso de Esther Hartlieb, ele deu um sorriso triste para ela.

— Desculpe, *signora* Hartlieb — disse Ida. — Mas esse menino acaba de chegar e está tendo muitos problemas com os outros. Eles perturbaram você mais uma vez, Ernesto?

Barbarossa fez que sim, e lançou um olhar furtivo na direção de Esther. Então começou a chorar, primeiro bem baixinho, depois cada vez mais forte.

— A senhora tem um lenço, irmã Ida? — ele disse soluçando. — Eles pegaram os meus livros de novo.

— Oh, não — Ida começou a procurar um lenço no seu hábito negro, mas Esther foi mais rápida e, com um sorriso tímido, estendeu um lenço rendado para Barbarossa.

— *Grazie, signora* — ele murmurou, e enxugou as lágrimas dos seus longos cílios.

Victor lançou um olhar discreto na direção de Esther e observou que ela quase não conseguia tirar os olhos do pequeno ruivinho.

— Vá falar com a irmã Caterina, Ernesto — Ida ordenou a Barbarossa —, e diga-lhe para pegar seus livros de volta com os outros e mandá-los para o quarto de castigo.

Barbarossa assoou o nariz de maneira bem-educada no lenço de Esther e concordou com a cabeça. Então andou até a porta com passos hesitantes.

— Irmã Ida? — ele balbuciou, quando já estava com a mão na maçaneta. — Poderia me dizer quando faremos o passeio ao Museu da Accademia? Eu gostaria tanto de ver novamente os quadros de Tiziano.

"Meu Deus!", pensou Victor. "Agora o barbinha-ruiva está indo longe demais!" Mas o olhar encantado de Esther o fez mudar de opinião. Pelo jeito, Barbarossa sabia exatamente o que estava fazendo.

— Tiziano? — perguntou Esther, sorrindo para o menino. — Você gosta dos quadros de Tiziano?

Barbarossa fez que sim.

— Eu também gosto muito deles — disse Esther. De repente, a sua voz soava muito suave, totalmente diferente da que Victor ouvira até então. — Tiziano é o meu pintor favorito.

— Oh, verdade, *signora!* — Barbarossa tirou os cachos ruivos do rosto. — Então a senhora já deve ter visitado o túmulo dele na igreja Frari, não é? O que eu

mais gosto é o quadro em que ele retratou a si mesmo: ele suplica à Virgem Maria que o poupe da peste, a ele e ao seu filho predileto. A senhora conhece esse quadro?

Esther negou com a cabeça.

— Mas seu filho acabou morrendo de peste — prosseguiu Barbarossa. — E Tiziano também. Sabe, a *signora* se parece um pouco com a Virgem Maria nesse quadro. Eu gostaria de lhe mostrar, um dia.

“Por todos os leões alados!”, pensou Victor. “Daqui a pouco esse pequeno bajulador vai começar a babar.” Mas, pensando bem, se a sua memória não falhava, a Virgem Maria tinha uma expressão bastante severa naquele quadro, e talvez Esther Hartlieb se parecesse um pouquinho com ela. De qualquer forma, o elogio surtiu efeito.

Esther ficou vermelha como um pimentão. Aquela mulher antipática, que andava sempre de nariz empinado, agora estava sentada na ponta da cadeira como uma menininha, olhando para as pontas dos sapatos. Então de repente ela se virou para Ida.

— Seria possível? — ela balbuciou. — Quer dizer, a senhora sabe, meu marido e eu estaremos somente até depois de amanhã na cidade, mas não seria possível que eu e o pequeno...

— Ernesto — interrompeu Ida com um sorriso frio. — Ele se chama Ernesto.

— Ernesto — Esther repetiu o nome como se saboreasse uma bala de mel. — Sei que o pedido é um pouco incomum, mas seria possível que eu convidasse Ernesto para um pequeno passeio? Ele poderia me mostrar a igreja Frari, poderíamos ir tomar um sorvete ou passear de barco, e hoje à noite eu o traria de volta.

A irmã Ida ergueu as sobrancelhas. Victor achou que o espanto dela pareceu bastante verdadeiro.

— De fato, é um pedido bastante fora do comum — disse Ida, e se virou para Barbarossa, que ainda estava

no mesmo lugar com a cara mais inocente do mundo, as mãos cruzadas nas costas, como uma criança bem-comportada. Ele mesmo havia escovado os cabelos até fazê-los brilhar. — O que você me diz do convite da *signora* Hartlieb, Ernesto? Você teria vontade de dar um passeio com a *signora* Hartlieb? Você sabe, nós só iremos passear daqui a uma semana, no mínimo.

“Diga sim de uma vez por todas, barbinha-ruiva”, pensou Victor sem tirar os olhos de Barbarossa. “Pense nas camas duras do orfanato.” Barbarossa olhou para Victor, como se tivesse lido seus pensamentos. Então se virou para Esther com um olhar inocente. Nem mesmo um cãozinho teria causado uma impressão mais confiável.

— Seria maravilhoso, *signora* — ele disse, e deu um sorriso tão meloso como o pudim de Lúcia.

— É realmente muito gentil da sua parte, *signora* Hartlieb — disse Ida, e tocou a sineta de prata que havia em cima da escrivaninha. — Ernesto está tendo muitas dificuldades aqui. Quanto aos seus sobrinhos... infelizmente tenho que dizer que eles não querem vê-la. A senhora quer que mesmo assim eu peça à irmã Lúcia para trazê-los aqui?

O sorriso no rosto de Esther desapareceu imediatamente.

— Não, não — ela apressou-se em responder. — Virei visitá-los mais tarde, alguma outra vez que vier à cidade.

— Como preferir — disse Ida, e virou-se para Lúcia, que aguardava na porta. — Por favor, ajude Ernesto a se aprontar para sair, irmã. A *signora* Hartlieb o convidou para um passeio.

— Que amável — murmurou Lúcia enquanto pegava a mão de Barbarossa. — Então vamos dar uma lavada no pescoço e nas orelhas do anjinho, não é?

— Eles já estão limpos — disse Barbarossa, e por um momento a sua voz não pareceu amável nem tímida.

Mas Esther não notou nada. Ela estava totalmente absorta em seus pensamentos, sentada na cadeira dura diante da escrivaninha, olhando para o quadro da Virgem Maria. Victor teria dado três barbas postiças para ler os pensamentos dela.

— O menino ainda tem pais? — perguntou Esther depois que Lúcia saiu com Barbarossa.

Ida balançou a cabeça com um suspiro profundo.

— Não, Ernesto é filho de um abastado comerciante de antigüidades que desapareceu em circunstâncias misteriosas na semana passada. A polícia suspeita que tenha havido um acidente de barco na laguna, talvez durante uma caçada noturna. Desde então o menino está conosco. Sua mãe deixou o pai já faz muitos anos e não está disposta a cuidar do menino. Incrível, não é? É um menino tão encantador.

— Sem dúvida. — Esther olhou para a porta, como se Barbarossa ainda estivesse lá. — Ele é tão diferente... dos meus sobrinhos.

— Parentesco não é garantia de amor — observou Victor. — Embora gostemos de acreditar nisso.

— É verdade, é verdade! — Esther deu uma risadinha sem alegria. — Sabem, eu gostaria de ter um filho, mas... ainda não encontrei uma criança que gostaria de me ter como mãe. Vocês viram meus sobrinhos. Acho que os dois me tomam por uma espécie de bruxa. — Ela olhou para o teto, cujo reboco parecia a ponto de despencar em cima do seu penteado. — Não, provavelmente eles me tomam por alguém muito entediante — ela murmurou, e deu mais uma vez o seu sorrisinho triste. — Eu gostaria realmente de encontrar uma criança que combinasse comigo.

Victor e Ida trocaram um olhar de cumplicidade.

Esther trouxe Barbarossa de volta bem tarde naquela noite. Da janela do *salotto,* Próspero e Bo observavam como os dois atravessavam a praça, lado a lado. Barbarossa lambia um sorvete enorme sem se lambuzar. Bo gostaria muito de saber como ele conseguia. Esther estava carregada de sacolas de compras, mas na sua mão esquerda segurava Barbarossa e tinha um sorriso de felicidade nos lábios.

— Vejam só como ela está babando! — Riccio inclinou-se sobre o ombro de Bo. — E aposto que todos os pacotes são para ele. Vocês não estão arrependidos de tê-la atormentado tanto a ponto de ela não querer mais saber de vocês?

Bo balançou a cabeça energicamente, mas Próspero estava pensando em outra pessoa que se parecia com Esther. Ele estava feliz quando Victor o arrancou dos seus pensamentos.

— Que tal, hein, os dois não combinam perfeitamente? — ele cochichou no ouvido de Próspero. — Parecem feitos um para o outro, não?

Próspero fez que sim.

— Bem, vamos. Guarde essa cara de preocupação por um tempo — disse Victor, dando uma palmadinha nas suas costas. — Mais dois dias e a sua tia estará voando de volta para casa. E Bo não vai estar no avião.

— Só vou acreditar depois que o avião tiver decolado — murmurou Próspero.

E enquanto observava Esther limpar o sorvete da boca de Barbarossa, ele se perguntou pela centésima vez por onde andaria Scipio. Como ele gostaria de lhe contar que a sua idéia maluca parecia estar funcionando...

53

Na manhã da segunda-feira seguinte, Esther Hartlieb não voou para casa. Seu marido subiu sozinho no avião, enquanto ela visitava o Palácio dos Doges com Barbarossa. No dia seguinte ela foi buscar Ernesto novamente, para uma excursão às vidraçarias de Murano, mas antes ainda o levou para fazer compras e, à noite, quando voltou para a Casa Spavento, Barbarossa estava vestindo as roupas mais caras que se podiam comprar em Veneza para um menino da sua idade.

Ele andava pelo *salotto* todo empertigado feito um galo, enquanto os outros jogavam baralho com Ida no tapete.

— Não entendo como podem ser tão burros — ele disse para Próspero e Bo, que ainda usavam as suas velhas roupas, mas que Lúcia deixara limpas e cheirosas. — Vem o destino e oferece uma tia dessas, e os dois patetas fogem dela como o diabo da cruz. O cérebro de vocês deve ser do tamanho de um ovo de codorna.

— E você, Ernesto — replicou Ida —, deve ter um porta-níqueis no lugar do coração.

Barbarossa deu de ombros entediado e pôs a mão no bolso interno do elegante casaco que Esther

comprara para ele.

— Por falar em porta-níqueis — ele disse, tirando do bolso uma carteira recheada. — Eu pediria a algum dos aqui presentes que desse uma olhada na minha loja nos próximos meses. Em troca de uma remuneração adequada, é claro. Ver como estão as coisas, fazer uma limpeza, bem, vocês sabem. Além disso, é preciso encontrar com urgência uma vendedora que entenda um pouco do trabalho e não fique passando a mão na caixa. Sei que vai ser difícil, mas confio plenamente em vocês.

— Agora você deu para achar que somos seus criados? — perguntou Riccio rispidamente. — Por que não faz isso você mesmo?

Barbarossa virou os lábios com desdém.

— Porque, seu descabelado ignorante, amanhã vou subir a bordo de um avião com a *signora* Hartlieb — ele replicou — e a partir de então residirei fora do país. Ainda hoje à noite, minha futura mãe adotiva dará um telefonema à irmã Ida solicitando a permissão de adoção. Ela até mesmo já contratou um advogado, que cuidará de todos os problemas legais. Meus futuros pais não sabem nada sobre a minha loja, e devem continuar sem saber. Vou tentar abrir uma conta bancária para que vocês me enviem os lucros. Afinal de contas, não tenho a intenção de viver de mesada.

Riccio ficou tão espantado que deixou as suas cartas caírem. Mosca não deixou escapar a oportunidade para espiar a mão de Riccio.

— Muitas felicidades, Barbarino — disse Vespa. — Agora você tem uma vida cheia de luxos pela frente, não é?

Barbarossa deu de ombros com desprezo.

— Bem — ele disse, e lançou um olhar de deboche para o *salotto* de Ida —, com certeza mais confortável do que a de vocês.

Então ele girou nos calcanhares e saiu com passos pesados. Bo mostrou a língua para ele pelas costas. Os outros olhavam pensativos para as suas cartas.

— Ida — disse Mosca finalmente —, Riccio e eu também queremos ir embora. Lá pelo final da semana. Riccio descobriu um armazém abandonado no Castello. Dá direto para a água. Tem até um cais para o meu barco.

Ida brincava com seus brincos. Hoje eram peixinhos dourados com olhos de vidro vermelho.

— E como pretendem se virar? — ela perguntou. — A vida em Veneza é cara. O Senhor dos Ladrões agora é adulto e não vai mais cuidar de vocês. Vocês estão pensando em voltar a roubar?

Riccio começou a brincar com suas cartas como se não tivesse ouvido a pergunta de Ida, mas Mosca balançou a cabeça.

— Não, nada disso. Para o começo, temos bastante dinheiro do último negócio que fizemos com Barbarossa. Se não for dinheiro falso também.

Ida concordou e olhou para os outros três: Próspero, Bo e Vespa, um após o outro.

— E vocês? — ela perguntou. — Vão me deixar todos de uma vez? Quem é que vai dar cabo de todas provisões que Lúcia comprou? Quem vai atazanar os cães de Lúcia, quem vai ler os meus livros, jogar cartas comigo?

Vespa sorriu, mas Bo se levantou e se agachou ao lado de Ida.

— Vamos ficar com você — ele disse, e pôs um gato no seu colo. — Vespa já disse que por ela moraria aqui para sempre.

— Bo! — Vespa ficou vermelha de vergonha. Mas Ida deu um suspiro profundo.

— Bem, agora estou aliviada — ela disse. Então se aproximou de Bo e sussurrou: — E o seu irmão mais

velho?

Próspero olhou encabulado para os dois.

— Ele também quer ficar aqui — murmurou Bo. — Mas está sem coragem de pedir.

Próspero suspirou e escondeu o rosto nas mãos.

— Ainda bem que Próspero tem um irmão para fazer esses pedidos por ele — disse Ida. Ela arrumou suas cartas e segurou de um jeito que Bo não pudesse vê-las. — Ida e Vespa, Próspero e Bo. Isso dá quatro! Um bom número. Sobretudo para jogar cartas. Mas acho que precisamos explicar a Bo mais uma vez que ele não pode ficar inventando suas próprias regras o tempo inteiro.

No dia seguinte, conforme havia anunciado, Barbarossa subiu no avião com Esther Hartlieb. Ida naturalmente autorizou a adoção sem delongas, e o advogado de Esther tratou do resto.

No aquatáxi para o aeroporto, Barbarossa permaneceu calado e, quando Veneza desapareceu no horizonte, ele suspirou. Porém quando Esther lhe perguntou preocupada o que estava sentindo, ele apenas balançou a cabeça e disse que não suportava andar de barco. E assim Barbarossa se despediu de Veneza, mas no fundo do seu coração ganancioso ele prometeu a si mesmo que voltaria. Em algum momento da sua vida novinha em folha.

Dois dias e duas noites depois, quando o sol já se escondia atrás dos telhados, Riccio e Mosca puseram no barco de Mosca os poucos pertences que haviam salvo do esconderijo das estrelas. Depois despediram-se de Próspero, Bo e Vespa, de Ida e de Lúcia, que ainda lhes deu duas sacolas cheias de comida, e saíram remando em direção ao Castello, o bairro mais pobre de Veneza, com a promessa de dar notícias assim que tivessem encontrado um paradeiro fixo.

Os outros três sentiram a falta deles. Sobretudo Bo, que chorou muito, mas Vespa o consolou dizendo que

não era o fim do mundo; afinal de contas eles ficariam na cidade. E Victor foi alimentar os pombos com Bo na praça São Marcos para distraí-lo. Ida mostrou a Vespa a escola que ela e Próspero deveriam freqüentar quando chegasse a primavera. E toda noite, antes de dormir, Próspero olhava pela janela e se perguntava o que Scipio estaria fazendo.

Mas não foi ele, e sim Victor, o primeiro que tornou a ver o Senhor dos Ladrões. Uma noite, quando voltava para casa depois de vigiar uma pessoa, Victor passou na loja de Barbarossa para colar na porta um cartaz que Ida havia feito:

PROCURA-SE VENDEDOR OU VENDEDORA,
SE POSSÍVEL COM EXPERIÊNCIA.
TRATAR COM IDA SPAVENTO,
CAMPO SANTA MARGHERITA, 423.

A fita adesiva grudava no seu polegar a toda hora, e Victor xingou baixinho, quando de repente uma figura esguia apareceu ao seu lado.

— Olá, Victor — disse o estranho. — Como vai? E como vão os outros?

Victor olhou para ele espantado.

— Meu Deus, Scipio, precisava me dar esse susto? — ele reclamou. — Aparecer de repente como um fantasma na escuridão. Quase não o reconheci com esse chapéu.

Scipio não usava mais a capa do *conte,* mas sim um sobretudo escuro.

— Pois é, o chapéu foi a primeira coisa que comprei — ele disse, e o tirou de cima dos cabelos negros. — Se não estiver com ele, sou chamado de *dottor* Massimo duas ou três vezes por dia.

— Ida escreveu um bilhete para seu pai. — Victor tentou mais uma vez colar o cartaz na porta da loja.

Dessa vez deu certo. — Ela escreveu que você está bem e que ainda não quer ir para casa. Você leu o apelo do seu pai nos jornais?

Scipio fez que sim.

— Sim, sim — ele murmurou. — Um filho desses é realmente um grande fardo. E agora ainda por cima está desaparecido. Ontem à noite, estive em casa. Fui pegar o meu gato. Mas por sorte ninguém me viu.

Por alguns momentos, os dois ficaram em silêncio, olhando para a lua. Então Victor disse:

— Sua idéia... sabe, com Barbarossa, funcionou.

— Verdade? — Scipio pôs novamente o chapéu e o enterrou na cabeça. — Eu sabia, foi uma idéia genial. Como estão os outros? Ainda estão na casa de Ida?

— Próspero, Vespa e Bo estão — respondeu Victor. — Mosca e Riccio estão morando num armazém abandonado no Castello. Mas e você, como vai?

Curioso, ele olhou para o rosto de Scipio. O Senhor dos Ladrões não parecia muito feliz, pelo que Victor conseguiu perceber na escuridão. Ele parecia um tanto cansado.

— Se você não tiver nada melhor para fazer — disse Victor, quando viu que Scipio não respondia —, me acompanhe por um trecho do caminho e me conte o que tem feito. Está muito frio para ficarmos aqui parados, e eu preciso ir para casa, andei o dia inteiro e estou morto de fome. Scipio deu de ombros.

— Não tenho nada de especial para fazer — ele respondeu. — E meu quarto de hotel não é tão aconchegante a ponto de eu ficar com saudades.

Então os dois se puseram a caminho do apartamento de Victor e, por um tempo, andaram lado a lado em silêncio. Ainda estava cheio de gente nas vielas entre a praça São Marcos e o canal Grande, pois não fazia tanto frio como nas noites anteriores, e o céu sobre a velha cidade estava cheio de estrelas.

Scipio rompeu o silêncio quando chegaram à ponte do Rialto.

— Na verdade, não tenho feito nada de especial — ele disse quando começaram a subir os degraus.

Milhares de luzes refletiam-se na água: as luzes dos restaurantes na margem, as luzes das gôndolas, as luzes claras dos *vaporetti,* que balançavam pelo amplo canal. A luz brilhava na água escura, deslizava entre os barcos e batia na margem de pedra. Era uma luz que nadava, e era difícil desviar o olhar. Victor apoiou-se no para-peito. Scipio cuspiu no canal.

— O que os adultos fazem o dia inteiro, Victor? — ele perguntou.

— Trabalham — respondeu Victor. — Comem, fazem compras, pagam contas, falam ao telefone, lêem o jornal, tomam café, vão dormir.

Scipio suspirou.

— Nada muito emocionante — ele murmurou, apoiando os braços no parapeito.

— Pois é — murmurou Victor. Não lhe ocorreu mais nada.

Os dois desceram a ponte devagar e se enfiaram novamente no emaranhado de ruelas no qual todos os estrangeiros se perdiam pelo menos uma vez.

— Vou ter alguma idéia diferente — disse Scipio num tom desafiador. — Alguma coisa maluca, com muita emoção. Talvez eu devesse simplesmente ir até o aeroporto e embarcar num avião, ou então me tornar caçador de tesouros, já li uma vez sobre isso. Também poderia aprender a mergulhar...

Victor não pôde conter um sorriso, e Scipio notou.

— Você está rindo de mim — ele disse zangado.

— Que nada! — murmurou Victor.

Caçador de tesouros, mergulhador, ele nunca quisera ser nada disso.

— Admita que você também gosta de aventuras! — disse Scipio. — Afinal de contas, você é um detetive.

Victor não disse nada. Seus pés doíam, ele estava cansado e gostaria de se sentar no sofá de Ida. Por que demônios ele não fazia isso? Mas não. Ficava perambulando pela cidade no meio da noite.

— Você deveria dar as caras e ver seus velhos amigos de vez em quando — ele disse quando atravessavam a ponte, da qual já se via a sua sacada. — Ou você se incomoda que agora eles sejam um tanto mais baixos do que você? Acho que eles se perguntam bastante por onde anda o velho Scipio.

— Vou fazer isso, vou fazer isso — disse Scipio, distraído, como se seus pensamentos estivessem em outro lugar. Então, de repente, ele parou. — Victor! Acho que estou tendo outra idéia genial.

— Deus meu! — murmurou Victor, e se arrastou até a porta da sua casa. — Me conte amanhã, está bem? Por que você não vai tomar o café-da-manhã na casa de Ida? Eu estarei lá, vou quase todos os dias.

— Não, não! — Scipio balançou a cabeça energicamente. — Vou contar agora mesmo.

Ele respirou fundo e por um momento pareceu novamente o menino que havia sido até bem pouco tempo atrás. Então continuou:

— Preste atenção. Você não é mais tão jovem...

— O que significa isso? — Victor virou-se, zangado. — Se está querendo dizer que não sou mais uma criancinha andando por aí no corpo de um adulto, então você tem razão...

— Não, besteira! — Scipio balançou a cabeça impaciente. — Mas já faz muitos anos que você trabalha como detetive. Às vezes os seus pés não doem, depois de passar horas a fio perseguindo alguém? Lembra como foi cansativo perseguir a gente...

Victor olhou para ele constrangido.

— Não quero me lembrar disso — ele resmungou, e fechou a porta.

— Está bem, está bem — Scipio passou à sua frente. Ele subiu a escada tão rapidamente que Victor começou a ofegar quando tentou acompanhá-lo. — Mas imagine só, toda essa correria para lá e para cá, as perseguições noturnas, tudo isso que faz seus pés doerem, imagine se outra pessoa assumisse. Alguém... — Scipio parou na frente da porta do apartamento e abriu os braços com ar triunfante — ...alguém como eu!

— O quê? — quase sem conseguir respirar, Victor parou na sua frente. — O que está querendo dizer? Você quer trabalhar para mim?

— Mas é claro. Não é uma idéia fantástica? — Scipio apontou para a placa de Victor, que precisava ser polida novamente com urgência. — Getz naturalmente poderia vir em primeiro lugar, mas embaixo viria o meu nome...

Victor ia responder, mas então a porta do apartamento da frente se abriu e sua vizinha, a velha *signora* Grimani, pôs a cabeça para fora.

— *Signor* Getz — ela sussurrou, e olhou curiosa para Scipio com o canto do olho. — Que bom que o encontrei. O senhor faria a gentileza de trazer pão para mim amanhã quando for à padaria? Sabe, para mim é tão custoso subir as escadas nesses dias úmidos.

— Mas é claro, *signora* Grimani — respondeu Victor, polindo a placa com a manga do casaco. — Quer que traga mais alguma coisa?

— Não, não! — A *signora* Grimani balançou a cabeça e olhou furtivamente para Scipio, como quem olha para alguém cujo nome esqueceu. Ela se segurou na maçaneta e exclamou de repente: — *Dottor* Massimo! Eu vi sua foto no jornal, e também já vi o senhor na televisão. Sinto muito pelo seu filho. Ele já reapareceu?

— Infelizmente não, *signora* — respondeu Scipio com uma cara séria. — É justamente por isso que estou aqui. O *signor* Getz vai me ajudar na busca.

— Oh, isso é bom! *Benissimo!* O *signor* Getz é o melhor detetive da cidade! O senhor vai ver!

A *signora* Grimani olhou para Victor com um olhar radiante, como se tivessem despontado nele um par de asas brancas de anjo.

— *Buona notte, signora* Grimani — resmungou Victor, e puxou Scipio para dentro do apartamento, antes que ele espalhasse mais boatos.

— Fantástico! — ele reclamou enquanto lutava para tirar o sobretudo. — Agora Veneza inteira vai saber que Victor Getz está procurando o filho do *dottor* Massimo. Por que diabos você disse aquilo?

— Oh, foi só uma idéia — Scipio pendurou seu chapéu no cabideiro de Victor e olhou o apartamento ao seu redor. — Bastante apertado.

— Pois é, nem todos têm fontes particulares e tetos quase tão altos como o do Palácio dos Doges — murmurou Victor. — Mas para mim e para as minhas tartarugas está mais do que bom.

— Suas tartarugas, é mesmo — Scipio andou até o escritório de Victor e se sentou numa das cadeiras dos clientes.

Victor foi até a cozinha buscar alface para as tartarugas.

— Você não achou estranho eu aparecer tão de repente na sua frente, na loja de Barbarossa? — Scipio disse em voz alta. — Você passou por mim na ponte da Accademia, mas estava tão absorto em seus pensamentos que nem me notou. Então decidi segui-lo. Só por diversão. Admita que não notou nada. Isso prova que eu daria um detetive de primeira.

— Isso não prova absolutamente nada — resmungou Victor, e agachou-se ao lado da caixa das

tartarugas. — Isso apenas prova que você imagina que o trabalho de um detetive é uma série de aventuras maravilhosas e emocionantes. Mas na maioria das vezes é chato. Além disso, não posso pagar muito.

Victor deu a alface para as tartarugas e se levantou novamente.

— Não faz mal. Não preciso de muito dinheiro.

— Você vai se aborrecer.

— Vamos ver.

Com um suspiro, Victor soltou o corpo na poltrona da escrivaninha.

— E o seu nome não vai aparecer na minha placa.

Scipio deu de ombros.

— Eu preciso de um novo nome mesmo. Ou você acha que eu vou continuar a andar por Veneza como Scipio Massimo?

— Bem, então a próxima condição é a seguinte. — Victor tirou uma bala da gaveta da escrivaninha e pôs na boca. — Você vai escrever para o seu pai.

O rosto de Scipio se fechou.

— Escrever o quê?

Victor deu de ombros.

— Que você está bem. Que vai se mudar para os Estados Unidos. Que em dez anos vai aparecer novamente. Pense em alguma coisa.

— Droga! — murmurou Scipio. — Está bem, vou escrever. Se você me ensinar a ser um detetive.

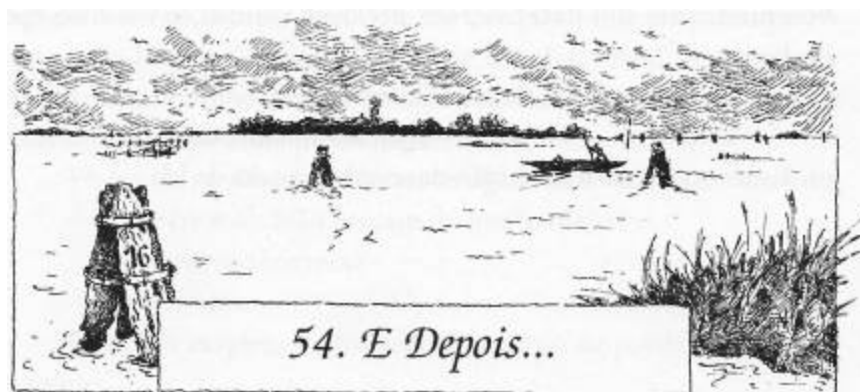
Com um suspiro, Victor cruzou os braços atrás da cabeça.

— Você não prefere cuidar da loja de Barbarossa? — ele perguntou cheio de esperanças. — Ida e eu ainda estamos procurando alguém. Você receberia metade dos lucros. A outra metade teria de mandar para o barbinha-ruiva na sua nova pátria. Foi o que combinamos com ele.

Mas Scipio torceu o nariz.

— Ficar de pé o dia inteiro na loja vendendo as bugigangas de Barbarossa? Não, muito obrigado. Gosto muito mais da minha idéia. Vou me tornar um detetive, um detetive famoso, e você vai me ajudar.

O que Victor podia dizer em contrário?

— Está bem — ele disse —, então amanhã cedo você começa. E eu vou tomar o meu café-da-manhã na casa de Ida.

54

Meio ano mais tarde, Victor pôs o nome de Scipio na sua placa, embora em letras um pouco menores do que as do seu próprio.

Ninguém, nem mesmo Próspero, jamais perguntou a Scipio se ele havia se arrependido de ter andado no carrossel, mas talvez seu novo nome, que ele mandara gravar na placa de Victor, fosse a resposta: Scipio Fortunato, o felizardo.

De vez em quando, conforme o combinado com Victor, ele escrevia um cartão para o pai. Sem que o *signor* Massimo sequer suspeitasse que o seu filho morava a apenas algumas ruas, num apartamento que não era muito maior do que o seu escritório, e no qual era muito mais feliz do que jamais fora na Casa Massimo. De vez em quando, ele visitava Mosca e Riccio no esconderijo deles no bairro do Castello. Na maior parte das vezes, deixava algum dinheiro com eles, embora os dois parecessem estar se virando muito bem. Scipio nunca conseguiu que lhe contassem quanto ainda lhes restava do dinheiro falso do *conte.*

— Afinal de contas, você é um detetive — dizia Riccio.

Mosca arrumara trabalho com um pescador na laguna. Mas Riccio, bem... Scipio desconfiava que ele voltara a roubar.

Vespa, Próspero e Bo ele via com mais freqüência. Pelo menos duas vezes por semana, Scipio fazia uma visita a eles e a Ida, junto com Victor.

Uma noite, quando já era outono novamente, Scipio e Próspero decidiram ir mais uma vez à *Isola Segreta.* Ida emprestou-lhes seu barco, e dessa vez Scipio não se perdeu na laguna. A ilha parecia estar do mesmo jeito. O anjos continuavam no muro, mas não havia nenhum barco no ancoradouro e, quando Próspero e Scipio pularam o portão, nenhum cachorro latiu. Na casa e no estábulo, eles chamaram em vão por Renzo e Morosina. Até os pombos pareciam ter ido embora e, quando finalmente conseguiram atravessar o labirinto e chegar à clareira, não encontraram nada além de um pequeno leão de pedra quase totalmente coberto pelas folhas de outono.

Próspero e Scipio nunca souberam se Renzo e sua irmã haviam partido na noite daquele dia em que Barbarossa havia quebrado o carrossel. Nos anos seguintes, eles se perguntaram muitas vezes se Renzo não teria encontrado uma maneira de consertar o carrossel — e, se em algum outro lugar, não estariam girando novamente o leão, o tritão, a sereia, o cavalo com escamas e o unicórnio...

Mais alguma coisa? Ah, sim. Barbarossa.

Por um tempo, Esther achou que ele fosse a criança mais maravilhosa que já havia encontrado. Até que o apanhou enfiando seus brincos mais caros nos bolsos das calças e encontrou no quarto dele toda uma coleção de objetos valiosos que haviam desaparecido de maneira misteriosa. Depois de muito chorar, ela o levou para um

conceituado internato, onde Ernesto se converteu no horror dos colegas e de todos os professores. Contavam-se coisas terríveis a seu respeito: que ele obrigava as outras crianças a fazerem as suas lições, a limparem os seus sapatos, que até mesmo os incitava a roubar e que escolhera um nome com o qual deveriam se dirigir a ele. Ernesto Barbarossa se fazia chamar de “Senhor dos Ladrões”.

Scipio ainda não chegou à adolescência mas já se considera o maior e mais esperto de todos os ladrões de Veneza. Com uma máscara de nariz pontudo e botas que o fazem parecer mais alto, o Senhor dos Ladrões percorre as vielas da "cidade da lua" e faz visitas noturnas a casas e palácios em busca de jóias e antigüidades de valor. Generoso, ele usa o produto dos roubos para sustentar um pequeno grupo de amigos que moram num velho cinema desativado.

Uma encomenda incomum, que um anônimo lhe faz — o roubo de uma asa de madeira — usando um pombo-correio como meio de comunicação, lança o Senhor dos Ladrões numa aventura inesperada. Sem saber, ao aceitar o serviço ele passa a ter em suas mãos o destino dos amigos que moram no cinema abandonado — e se envolve numa história antiga que até hoje tem seus desdobramentos: numa ilha protegida pelas águas negras da laguna, um velhinho e sua irmã tramam um plano fantástico para recuperar a infância perdida.

Com *O Senhor dos Ladrões*, best-seller premiado em diversos países, Cornelia Funke consolidou-se como uma das grandes autoras da literatura infanto-juvenil contemporânea, ao lado de Astrid Lindgren e J. K. Rowling.

Tradução de Sonali Bertuol

ISBN 85-359-0530-8

9 788535 905304